



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL**

**CAMPI
CHAPECÓ E ERECHIM**

Mestrado em Geografia

TIAGO WILIAN ROCHA DALMORA

**REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA:
ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA E VULNERABILIDADES
TERRITORIAIS**

CHAPECÓ E ERECHIM

2024

TIAGO WILIAN ROCHA DALMORA

**REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA:
ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA E VULNERABILIDADES
TERRITORIAIS**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma

CHAPECÓ E ERECHIM
2024

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Dalmora, Tiago Wilian Rocha
REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA:
ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA E VULNERABILIDADES
TERRITORIAIS / Tiago Wilian Rocha Dalmora. -- 2024.
170'' f.:il.

Orientador: Doutor Ricardo Alberto Scherma

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da
Fronteira Sul, Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Chapecó,SC; Erechim,RS, 2024.

1. Regiões Competitivas. 2. Vulnerabilidade
Territorial. 3. Avicultura. 4. Brasil. 5. Argentina. I.
Scherma, Ricardo Alberto, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

TIAGO WILIAN ROCHA DALMORA

**REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA
ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA E VULNERABILIDADES
TERRITORIAIS**

Dissertação apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 05/12/2024

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Alberto Scherma
Universidade Federal da Fronteira Sul
Orientador

Profª. Dra. Martine Guibert
Université Toulouse Jean Jaurès
Avaliador



Prof. Dr. Samuel Frederico
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Avaliador

Dedico este trabalho aos meus estimados e antigos professores da Escola de Educação Básica Princesa Isabel (Palmitos SC). Minha gratidão por terem proporcionado uma base sólida e por terem sido o ponto inicial de minha jornada acadêmica.

E mais;

Também ao meu pai, seu Pedro Léo, aquele servente de pedreiro que entre lajes, vigas e pilares sempre lutou, acreditou e permitiu que eu chegasse a este dia, entre livros, canetas e manuscritos

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a meu pai, Pedro Léo Dalmora, servente de pedreiro, meu grande incentivo e incentivador para os estudos, sua dedicação e apoio foram fundamentais para obtenção do mestrado. Agradeço também às minhas duas mães Irací (adotiva) e Ivone (biológica), esta última, infelizmente, em memória. Ambas ocuparam um papel essencial em minha vida.

Nestas breves palavras, gostaria de expressar minha sincera gratidão por todo apoio, carinho, amor e incentivo vindo de minha companheira Ana Hoppe, sua ajuda foi de imensa importância para que eu concluísse este trabalho. Serei sempre grato por isso.

Gostaria de expressar minha profunda e imensa gratidão ao meu orientador Ricardo Alberto Scherma, por seu apoio e orientações ao longo dos últimos seis anos. Desde o início da minha jornada acadêmica, durante a Iniciação Científica até a conclusão de meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e agora, no mestrado. Sua orientação foi de suma importância, suas instruções e conselhos foram fundamentais para meu crescimento tanto acadêmico quanto profissional. Sou grato por sua dedicação e paciência me incentivando a ir além e desafiando-me constantemente a alcançar novos horizontes, obrigado professor, por direcionar o meu percurso e me preparar para um futuro de possibilidades.

Aproveito também para agradecer à banca avaliadora deste trabalho, que se dispôs a Lê-lo e avaliá-lo, trazendo certamente, inúmeras contribuições para seu enriquecimento. Obrigado professores, Dr. Samuel Frederico (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho-UNESP - Rio Claro-Brasil) e Dra Martine Guibert (Université Toulouse Jean Jaurès - Toulouse-França).

Gratidão também, aos mestres que compuseram minha trajetória acadêmica, do Ensino Fundamental e Médio na E. E. B. Princesa Isabel (Palmitos SC), Graduação na UFFS até o presente momento no Mestrado, com especial agradecimento ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, sobretudo aos que Cursei Componentes Curriculares, Professores: Roberto Antônio Finatto, Éverton de Moraes Kozenieski, Adriana Maria Andreis, Helena Copetti Callai, Ederson do Nascimento, Pedro Murara, Marlon Brandt, Ricardo Alberto Scherma, Fernando Rosseto Gallego Campos e Camila Caracelli Scherma (PPGE-Mestrado em Educação UFFS)

Ainda agradeço, enormemente, à Universidade Federal da Fronteira Sul e a todos que lutaram por ela, pelos espaços e momentos vividos durante a graduação e pós-graduação, sendo uma universidade pública, popular, gratuita e de qualidade. Sua (re)existência foi fundamental em minha vida.

Agradeço, ao grupo de Estudos da Obra do Milton Santos e com muito carinho e admiração à professora coordenadora, Dra. Lídia Lúcia Antongiovanni, pelos momentos de discussão e aprendizado.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Usos do Território e Dinâmicas Socioespaciais (GETESE-UFFS) e ao Laboratório de Estudos Territoriais e Ambientais (LAETA-UFFS).

Agradeço as avaliações realizadas pela banca do Seminário de Projetos de Pesquisa, realizada no primeiro semestre do curso de pós-graduação, composta pelos professores Dr. Ederson do Nascimento e Dr. Éverton de Moraes Kozenieski. Suas colocações foram essenciais para o início e o andamento deste trabalho.

Aos meus colegas de mestrado, em especial à Shara, Tais, Tayane e Vilma pelos momentos de aconselhamentos e diversos momentos de risos durante os semestres, momentos esses cruciais para o andamento das atividades do curso.

Expresso minha gratidão aos amigos Paula Noetzold, Daniel Picoloto, Andiará Aline Bock, Naisa Spagnol, Tais Ramme e Shara Brunetto, por todos os momentos compartilhados durante a graduação e pelo apoio que, muitas vezes, vocês nem sabiam que estavam oferecendo, mas que, de forma indireta, foi essencial ao longo do mestrado.

Agradeço de maneira especial aos meus queridos amigos e compadres, Daniel Dalla Zen e Leticia Venson, pessoas extraordinárias que tornaram minha jornada mais leve e rica. Os churrascos animados, as cervejas no Alfredo, as conversas descontraídas, as dicas de leitura e até sugestões de novelas do Daniel, serão sempre lembrados com carinho. Esses momentos de descontração e boas conversas, cheios de amizade e aprendizado, deixaram lembranças marcantes e tornaram a caminhada muito mais especial.

Agradeço de coração às minhas irmãs, Joci, Juli, Luci, Clausi e Daia, pelo carinho e apoio constante. Também agradeço à minha sogra pela companhia que tornaram muitos momentos mais leves e especiais. Um agradecimento especial ao meu cunhado, Adenir, pelas inúmeras vezes em que me ajudou com problemas de informática, incluindo a formatação do meu PC; sua disposição para me ajudar sempre fez a diferença.

Preciso expressar minha profunda gratidão à família avicultora que me recebeu em sua propriedade. Foi com a ajuda e apoio deles que consegui integrar o texto, e sou realmente muito, mas muito grato por essa oportunidade.

Por fim, agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESC) pelo financiamento concedido para minha pesquisa de mestrado, sob uma bolsa, durante dezoito meses. Sua contribuição foi fundamental para o desenvolvimento de meu projeto e para o avanço da ciência.

“Podemos pensar na construção de um outro mundo mediante uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir a globalização perversa [...]. Mas, essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos”

Milton Santos (2010)

RESUMO

No atual período, marcado pelo crescente processo de globalização, o uso corporativo do território por parte de grandes redes de cadeias agropecuárias resulta em crescentes especializações produtivas e formulam na constituição de verdadeiras regiões competitivas. Nesse processo, alguns países Latino-Americanos emergem enquanto exemplos da periferia da Divisão Internacional do Trabalho (DIT), podendo ser caracterizada pela dependência em torno da produção de *Commodities*, que aliado aos processos de especialização regional, resultam em eventos de vulnerabilidade. Uma dessas cadeias produtivas amplamente ligadas aos fluxos da globalização é a avícola, setor esse entendido como a criação de aves, sobretudo frangos, para alimentação humana ou animal. Setor esse, em que se destaca Brasil e Argentina como exemplos de países da América Latina que figuram como protagonistas entre os maiores produtores globais de proteína avícola. Dessa forma, o objetivo do trabalho é estudar a dinâmica recente das regiões produtivas especializadas na avicultura no Brasil e na Argentina, investigando como o processo de globalização e a atuação de redes agroindustriais condicionam o ordenamento territorial e a especialização produtiva, além de identificar as vulnerabilidades territoriais resultantes dessas dinâmicas no atual contexto da Divisão Internacional do Trabalho, especialmente em resposta a eventos geográficos que alteram as condições locais. Como caminho metodológico, a pesquisa apresenta um caráter qualiquantitativo através de análise bibliográfica, de dados estatísticos, além de produção e visualização cartográfica para a mensuração desses dados, usando-se da cartografia como instrumento através dos *softwares Philcarto, Khartis e Qgis*.

Palavras-Chave: Regiões Competitivas; Vulnerabilidade Territorial; Avicultura; Brasil; Argentina.

RESUMEN

En el período actual, marcado por el creciente proceso de globalización, el uso corporativo del territorio por parte de grandes redes de cadenas agropecuarias resulta en crecientes especializaciones productivas y formula la constitución de verdaderas regiones competitivas. En este proceso, algunos países latinoamericanos emergen como ejemplos de la periferia de la División Internacional del Trabajo (DIT), caracterizada por la dependencia en torno a la producción de commodities, lo que, sumado a los procesos de especialización regional, genera situaciones de vulnerabilidad. Una de estas cadenas productivas ampliamente vinculadas a los flujos de la globalización es la avícola, sector que se entiende como la cría de aves, especialmente pollos, para el consumo humano o animal. Este es un sector en el que Brasil y Argentina se destacan como ejemplos de países de América Latina que figuran entre los mayores productores mundiales de proteína avícola. De esta manera, el objetivo del trabajo es estudiar la dinámica reciente de las regiones productivas especializadas en avicultura en Brasil y Argentina, investigando cómo el proceso de globalización y la actuación de redes agroindustriales condicionan el ordenamiento territorial y la especialización productiva, además de identificar las vulnerabilidades territoriales resultantes de estas dinámicas en el contexto actual de la División Internacional del Trabajo, especialmente en respuesta a eventos geográficos que alteran las condiciones locales. Como camino metodológico, la investigación presenta un carácter cualitativo y cuantitativo a través del análisis bibliográfico, de datos estadísticos, además de la producción y visualización cartográfica para la medición de estos datos, utilizando la cartografía como instrumento a través de los softwares Philcarto, Khartis y QGIS.

Palabras-clave: Regiones Competitivas; Vulnerabilidad Territorial; Avicultura; Brasil; Argentina.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES

ABPA	Associação Brasileira de Proteína Animal
ALA	Asociación Latinoamericana de avicultura
ALC	América Latina e Caribe
BCB	Banco Central do Brasil
BRF	Corporação BRF
DIT	Divisão Internacional do Trabalho
DST	Divisão Social do Trabalho
DTT	Divisão Territorial do Trabalho
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAO	Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura
GOBER	Gobierno de Entre Ríos
GTA	Granja Tres Arroyos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IGN	Instituto Geográfico nacional
INDEC	Instituto Nacional de Estadística y Censos
JBS	Corporação JBS
MAGYP	Ministerio de Agricultura Ganadería y Pesca
NG	Norte Global
SENASA	Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria
SG	Sul Global
UE	União Europeia
UNCTAD	Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 Argentina: Mapa Político	20
Mapa 2 Brasil: Mapa Político	21
Mapa 3 América Latina: Coleção De Mapas Da Porcentagem Dependência De Exportações De Commodities De Países Latino-Americanos 2019-2021	40
Mapa 4 América Latina: Rebanho Avícola de galinhas em 2018	44
Mapa 5 Brasil: Desenvolvimento dos efetivos produtivos avícolas brasileiro (1990, 2000, 2010 e 2020)	57
Mapa 6 Brasil: Dinâmica da produção avícola (1994-2018).....	60
Mapa 7 Brasil: Produção avícola por Mesorregião e Número de Abates em 2017.....	61
Mapa 8 Centro-sul do Brasil: Localização das Atividades Industriais de Abate e do Rebanho Avícola	62
Mapa 9 Brasil: Investimentos em Granjas AVÍCOLAS - 2018/19	64
Mapa 10. Brasil: Pessoal Ocupado na Criação de aves e no Abate e Fabricação de Produtos de Carne em 2017.....	65
Mapa 11 Brasil: Produção de Galinhas e ovos (2019)	66
Mapa 12 Região Sul do Brasil: Localização das Atividades Industriais de Abate e do Rebanho Avícola	69
Mapa 13 Região Sul do Brasil: Incubatórios e quantidade de ovos para incubação, 2018.....	73
Mapa 14 Região Sul do Brasil: Investimentos (R\$) em granjas avícolas- 2018/2019	74
Mapa 15 Região Centro-oeste do Brasil: Efetivo dos Rebanhos avícolas em 2022.....	79
Mapa 16 Argentina: Abate Nacional de Aves por Província (2008-2020)	88
Mapa 17 Argentina: Distribuição de granjas e estabelecimentos avícolas, 2015.....	89
Mapa 18 Argentina: Plantas de Abate de Aves e Abate de aves por Província em 2021	90
Mapa 19 Destino das Exportações argentinas de frango em 2018	91
Mapa 20 Região Pampeana/central da Argentina: Plantas de Abate Granja Tres Arroyos 2023	93
Mapa 21 Província de Entre Ríos Argentina: Porcentagem de Abate Anual de Frangos por Departamento em 2020.....	96
Mapa 22 Topologia das Empresas de Elaboração de Alimentos de Rápida Preparação a Base de Frango em 2017	109
Mapa 23 BRASIL: Área de Atuação da Corporação BRF S.A.	113
Mapa 24 Destino das Exportações de carne de frango brasileira em 2022	118
Mapa 25 Centro-Oeste do Brasil: Crescimento da Produção de Milho e Imagens de Satélite da Região (1990-2020).....	136
Mapa 26 Província de Córdoba na Argentina: Produção de Aves de Abate por Departamento - 2018	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Estados Dependentes de Commodities Na América Latina	38
Tabela 2 Tabela Dependência de Commodities ao longo do Tempo	39
Tabela 3 Produção de Galináceos para Abate por Grande Região do Brasil	57
Tabela 4 Número de Granjas Avícolas em Entre Ríos- 2018.....	97

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Centros de Formação de Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia- 2023.....	71
Quadro 2 Variáveis de especialização regional produtiva no Sul do Brasil.....	75
Quadro 3 Quadro de Lazzari (2004) Sobre os Itens Comparativos entre es Empresas Avícolas das Regiões Sul e Centro-Oeste no Brasil — 2003	78
Quadro 4 Frigoríficos Avícolas de Entre Ríos em 2023	98
Quadro 5 Trechos selecionados de Entrevista dada ao FAEP PR.....	124
Quadro 6 Potenciais Impactos Ambientais Negativos Oriundos da Avicultura.....	134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Produção avícola em unidades territoriais selecionadas do sul do brasil- 2022	68
Gráfico 2 Efetivo dos rebanhos por unidade territorial selecionada em 2023.....	76
Gráfico 3 Saldo empregos nas atividades econômicas que empregam trabalhadores na avicultura e cunicultura- Campo Verde MT (2003-2021).....	130
Gráfico 4 Produção de ração Animal no Brasil (ton)	135

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 "Tree Mapp" Exportações e Importações Brasileiras e Argentinas (2021)	42
Figura 2 Organização da Cadeia Produtiva Avícola Brasileira.....	56
Figura 3 Mato Grosso do Sul: Histórico de atuação agentes econômicos avicultura.....	81
Figura 4 Políticas comerciais e seus principais efeitos sobre o setor de aves (1980-2015)	86
Figura 5 Cadeia produtiva avícola argentina.....	87
Figura 6 Estruturas produtivas (aviários) paralisadas Oeste catarinense – 2018	122
Figura 7 Instalações do aviário convencional (não modernizado)	127
Figura 8 Instalações do aviário modernizado	127
Figura 9 Aviários Paralisados, Campo Verde – 2019	132
Figura 10 Organização de trabalhadores contra demissão na Argentina 2018.....	143
Figura 11 Manifestações contra movimento de demissões (2016 e 2018).....	144

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO EM ESCALA INTERNACIONAL.....	23
1.1 DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO: UMA BREVE REVISÃO DE ALGUNS PARADIGMAS	23
1.1.1 A Divisão Territorial do Trabalho.....	24
1.1.2 A Divisão Territorial do Trabalho em Escala Internacional: Algumas considerações sobre a Semiperiferia.....	26
1.1.3 O processo de Globalização e a Complexificação da Divisão Territorial do Trabalho: As novas relações de poder e o papel do Sul-Global.....	29
1.2 DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO E A AMÉRICA LATINA	35
1.2.1 América Latina e a Produção de <i>Commodities</i>	37
1.2.2 A Avicultura Latino-americana: Um breve Panorama	43
2. REGIÕES PRODUTIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA:	
GLOBALIZAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA	46
2.1 ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA E A VULNERABILIDADE TERRITORIAL EM REGIÕES COMPETITIVAS AGROPECUÁRIAS: ALGUMAS REFLEXÕES.....	47
2.2 REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL	53
2.2.1 Avicultura Brasileira: Desenvolvimento da produção e a organização do circuito espacial produtivo	53
2.2.2 Especialização Regional Produtiva Avícola no Sul do Brasil.....	67
2.2.3. “Novas” Regiões Competitivas Avícolas Brasileiras, O Caso Do Centro-Oeste	77
2.3 REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS ARGENTINAS	84
2.3.1 Produção Avícola Argentina: Desenvolvimento da produção e a organização do circuito espacial produtivo	84
2.3.2 Região Produtora Avícola de Entre Ríos	94
2.3.3 Outras Regiões Produtoras avícolas na Argentina: o caso de Córdoba	100

3 OLIGOPÓLIOS TERRITORIAIS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA: TRANSNACIONAIS, USO DO TERRITÓRIO E VULNERABILIDADES TERRITORIAIS.....	102
3.1 USO DO TERRITÓRIO, OLIGOPOLIZAÇÃO E AS VULNERABILIDADES TERRITORIAIS	103
3.2 Redes Agroindústrias do Frango no Brasil e Argentina: As dinâmicas territoriais e topologias empresariais	106
3.2.1 Processo de expansão espaço-temporal da BRF no Brasil e Argentina	110
3.3 AS VULNERABILIDADES DAS REGIÕES AVÍCOLAS: O CASO DE CAMPO VERDE, RÍO CUARTO E DA REGIÃO OESTE DE SC.....	117
3.3.1 Dependência do Mercado Externo e a Avicultura de Santa Catarina: Estudo de Caso sobre o Impacto do Fechamento Temporário das Unidades da BRF no Oeste Catarinense e a Vulnerabilidade Local	117
3.3.1.1 Agricultura Globalizada e a Avicultura no Oeste de SC: Um Estudo de Campo sobre a Modernização dos Produtores e a Vulnerabilidade Diante do Mercado Externo	122
3.3.2 Seletividade Espacial e Marginalização Territorial: O Caso da BRF em Campo Verde MT e a Questão ambiental na Região Centro-Oeste	128
3.3.2.1 A avicultura e a Questão Ambiental na Região Centro-Oeste	133
3.3.3 Seletividade Espacial e Marginalização Territorial: O Caso de Río Cuarto e o Impacto da Curta Estadia da BRF (AVEX) na Argentina	138
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	146
5. REFERÊNCIAS	149

INTRODUÇÃO

“A complexa realidade contemporânea da América Latina impõe ao pensamento geográfico uma instigante encruzilhada. vivemos em um continente e no qual os processos da globalização alcançaram velocidades nunca vistas antes, graças a força dos agentes envolvidos e a criação de condições internas propícias a essa dinâmica (Silveira, 2006, p. 85)”

Hodiernamente, tem-se aprofundado, sobretudo após a década de 1990, um crescente processo de conformação de uma agricultura globalizada. Ao mesmo tempo, se aprofundam o imperativo processo de globalização e se consolida um meio técnico-científico-informacional, ocasionando em profundas transformações nas diversas relações do espaço geográfico (Santos, 2010).

Com o processo de globalização, as áreas de agricultura globalizada reivindicam um conjunto de objetos e ações, agora mais demandantes em termos tecnológicos, para sanar as necessidades de um mercado global. Esse processo, também é marcado entre outras coisas pela consolidação de diferentes especializações regionais produtivas, em que a organização territorial é realizada, em grande medida, de fora para dentro (Santos, 2010).

Nesses subespaços, comumente ocorre um elevado uso do território por grandes agentes econômicos transnacionais e há a presença de elevada densidade de sistemas de engenharia, que possibilitam o desenvolvimento de distintos ramos e empresas, tanto no campo como nas cidades (Santos e Silveira, 2016). Esse uso do território é realizado através da atuação de diferentes empresas multinacionais que usam o território de modo extremamente vertical, a fim de atender o atual mercado global.

Frederico (2013) disserta como, em meados do século XIX, o termo de *Commodity* surge como uma invenção econômica e financeira com importante expressão política e geográfica. Assim, refere-se às mercadorias primárias ou com pouco valor agregado, normalmente minerais ou agrícolas, padronizadas mundialmente, em que os preços são cotados e negociados nas principais bolsas de valores, acentuando especializações produtivas e submetendo os produtores a lógicas globais.

O autor destaca como “Ao normatizar o mercado mundial de determinadas mercadorias, a lógica das commodities submete os agentes próprios do lugar ou região [...] aos desígnios dos agentes que atuam em rede na escala mundial [...] acarretando numa vulnerabilidade produtiva local” (Frederico, 2013, p. 98). Um dos setores agroalimentares intrinsecamente ligados às lógicas da globalização e das commodities é a avicultura.

A avicultura pode ser compreendida como o processo ou atividade de criação de aves, principalmente galináceos, com o objetivo de gerar fornecimento de alimentação humana e

animal. Segundo a Academia de Agricultura Francesa (AAF, 2024), a carne de frango configura-se como sendo a principal proteína animal produzida e consumida do mundo, bem como a produção com maior crescimento entre as demais, estando a frente da carne suína e bovina.

Os fatores que explicam essa preferência são vários, mas destacam-se o preço mais atrativo, a facilidade na produção e a ausência de questões religiosas impondo a proibição ao consumo (AAF, 2024). Ademais, “A carne de frango continua a ser, em grande parte, um produto de base no mercado global, e os principais exportadores são também os países com os custos de produção mais baixos, ligados à disponibilidade de milho e soja e à mão-de-obra barata” (AAF, 2024. tradução nossa).

Nesse sentido, os países da América Latina, como Brasil e Argentina, despontam como grandes produtores e exportadores da proteína avícola. Quando se analisa os dados é possível perceber de modo introdutório, como o setor nesses países acima elencados apresentam grande efetivo produtivo, sendo os maiores produtores da América do Sul. Em 2021, segundo a EMBRAPA (2022), o Brasil no ano de 2021 foi o terceiro maior produtor de carne de frango, o terceiro maior consumidor e o maior exportador da proteína no cenário mundial, ou seja, o país apresenta elevado efetivo produtivo e número de empresas, que consequentemente, emprega um expressivo número de pessoas.

Segundo dados do IBGE (2020), o Brasil produziu aproximadamente um total de 1,217 bilhão de cabeças de galináceos para abate em 2019, apresentando também um notável número de empresas e de mão de obra empregada, por exemplo, em 2018 o setor de criação de aves ocupou cerca de 51 mil pessoas (IBGE, 2020). Dentre os maiores agentes econômicos que atuam no país e usam o território brasileiro, destacam-se três, sendo a JBS S/A, a BRF S/A e a Cooperativa Central Aurora Alimentos (AuroraCoop) os principais atores econômicos do setor, todas com relações com o mercado global.

No caso da Argentina, em 2021 o país ocupava a posição de 8º maior produtor, 8º maior consumidor, e o 11º maior exportador de carne avícola, produzindo aproximadamente 2,06 milhões de toneladas de carne de frango em 2018 (FAO, 2020). Na Argentina destaca-se a atuação das empresas, Granja Tres Arroyos, e Las Camelias S/A.

A pesquisa assume importância, relacionando-se a investigação em torno dos processos nos ordenamentos territoriais que acompanham o processo de globalização e a constituição de regiões competitivas avícolas, especialmente porque, nos últimos trinta anos, percebe-se um aprofundamento e intensificação dos usos do território por grandes agentes econômicos, como acontece na avicultura brasileira e argentina.

Ademais, devido esses Estados apresentarem um elevado contingente produtivo, que os coloca entre os principais produtores mundiais, o estudo assume importância ao abordar um setor econômico ligado à lógica das commodities e por ser muito expressivo nos países e necessitar de grandes quantidades de recursos naturais, técnicos e sociais, de modo a sanar as exigências de um mercado globalizado.

Sendo assim, considerando que o uso corporativo do território cuja atuação é extremamente vertical, gera especializações regionais produtivas e conseqüentemente a vulnerabilidades territoriais, procurou-se realizar essa pesquisa, respondendo a seguinte pergunta.

Como o processo de globalização e a atuação de redes transnacionais de produção avícola, atuam no ordenamento territorial e intensificam processos de especialização regional produtiva e vulnerabilidades territoriais no Brasil e Argentina?

Dessa forma, como objetivo geral, a pesquisa busca estudar a dinâmica recente das regiões produtivas especializadas na avicultura no Brasil e na Argentina, investigando como o processo de globalização e a atuação de redes agroindustriais condicionam o ordenamento territorial e a especialização produtiva, além de identificar as vulnerabilidades territoriais resultantes dessas dinâmicas no atual contexto da Divisão Internacional do Trabalho, especialmente em resposta a eventos geográficos que alteram as condições locais.

Com esse propósito organiza-se os seguintes objetivos específicos:

- i. Compreender o papel do ramo avícola da América Latina, especialmente, da Argentina e Brasil, na atual Divisão Internacional do Trabalho;
- ii. Identificar as regiões com maior densidade técnica e produtiva do setor avícola no Brasil e Argentina;
- iii. Mapear as principais regiões produtoras, bem como reunir e compor um banco de dados cartográfico sobre a temática nos dois países.
- iv. Reconhecer e compreender os papéis desempenhados pelas redes agroindustriais avícolas, assim como dos principais agentes e processos envolvidos na estruturação das regiões especializadas na produção de frango, nos dois países.
- v. Analisar a atuação de redes agroindustriais avícolas e investigar como o uso do território resultante dessas redes gera vulnerabilidades territoriais, especialmente após eventos geográficos que alteram as condições locais (Oeste de Santa Catarina, Campo Verde MT e Río Cuarto – Arg.), compreendendo as implicações dessas vulnerabilidades para as regiões produtivas no Brasil e na Argentina.

Para atingir tais objetivos, a pesquisa percorreu um caminho metodológico através de diferentes dimensões, caracterizando uma abordagem mista, que mescla análises qualitativas e quantitativas (Crewell e Clark, 2013). Através dessa triangulação de diferentes abordagens e meios, como revisões bibliográficas, análise e observação de dados estatísticos e tabulares, visualização e interpretação cartográfica, além da análise de documentos e periódicos.

Inicialmente, foi realizado o levantamento de um referencial teórico, partindo principalmente dos textos de Milton Santos (2006 e 1998) Maria Laura Silveira (2010 e 2011) Ricardo Castillo e Samuel Frederico (2010), Roberto I. Corrêa (1992 e 2000) e Márcio Pochmann (2000) Carlos Espíndola (2008), entre outros. Tal esforço de revisão bibliográfica se deu pela necessidade de se compreender e discutir diferentes teorias e categorias de análise, como divisão internacional do trabalho, especialização regional produtiva, ordenamento territorial, vulnerabilidade territorial e usos do território.

Além dessa revisão teórica, realizou-se a análise de artigos e livros que abordam questões intrínsecas à pesquisa nos dois países. Para isso, partiu-se da pesquisa por palavras-chave – como, avicultura, avícola, setor avícola, produção de aves, especialização regional, etc – junto a banco de dados como o Banco de Teses e Dissertações da Capes, Repositórios de Universidades brasileiras e argentinas, Google Acadêmico (brasileiro e argentino) e outros.

A segunda dimensão da pesquisa partiu da análise de dados estatísticos e tabulares de diferentes instituições e associações dos dois países, dados esses acerca do efetivo produtivo, número de empresas, número de objetos técnicos produtivos, e mão de obra empregada. Dentre as principais instituições que se apresenta, cita-se: IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; ABPA-Associação Brasileira de Proteína Animal, EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, BCB-Banco Central do Brasil, FAO-Organização das nações Unidas Para Alimentação e agricultura, INDEC- Instituto Nacional de Estadísticas y Censos de Argentina, ALA-Asociación Latinoamericana de Avicultura, MAGYP-Ministerio de Agricultura, Ganadería y Pesca de Argentina; GOBER-Gobierno de Entre Ríos, SENASA-Servicio Nacional de **Sanidad** y Calidad Agroalimentaria, e outras.

Além disso, realizou-se um levantamento dos principais agentes econômicos dos países, dos quais, no caso brasileiro, as empresas BRF S.A., JBS S.A. e a cooperativa AuroraCoop são as maiores e, no caso argentino, a Granja Tres Arroyos e a Las Camelias são as maiores. O objetivo foi identificar questões ligadas ao efetivo da produção, uso de recursos técnicos, distribuição espacial de unidades produtoras, número de empregados, efetivo exportado, histórico de atuação nas regiões e países, entre outros.

A análise dos dados obtidos através das plataformas oficiais das instituições, associações e agentes econômicos acima apresentados partiu da visualização cartográfica, entendida em Girardi (2011) como,

Visualização cartográfica consiste em descobrir e gerar novas informações através do mapeamento. Ela é resultado da evolução das técnicas de exploração de informações com o uso do computador no mapeamento, o que permitiu maior agilidade no trabalho com grandes volumes de dados. [...] a visualização cartográfica está inserida no desenvolvimento da exploração de informações através da visualização científica e **implica em desenvolver imagens de informações não visíveis anteriormente**; descobrir através do imageamento. A visualização não é o resultado de um processo, mas o processo em si. As possibilidades da visualização cartográfica conferem ao mapa um outro papel no interior da Geografia. Antes, o mapa estava ligado quase exclusivamente ao armazenamento e comunicação das informações espaciais, hoje, porém, com a visualização cartográfica, ele se tornou um instrumento de pesquisa que não se limita à álgebra de mapas e possibilita novas descobertas, revela padrões, formas, relações e dissimetrias no espaço. Neste contexto, a visualização cartográfica reafirma a necessidade e a potencialidade do mapa na Geografia (Girardi, 2011, p. 10 e 11, grifo nosso).

O tratamento cartográfico foi realizado através da elaboração de um conjunto de mapas temáticos com o uso dos softwares de uso livre, PHILCARTO, KHARTIS, INKSCAPE e QGIS. Tal mapeamento assume importância dado o projeto possuir como objetivo o mapeamento da produção avícola brasileira e argentina, e apresentar ampla disponibilidade de dados estatísticos, tabulares e relatados. Assim, para realização da pesquisa, salienta-se a importância da cartografia, por tratar-se de um grande ramo científico, com conhecimentos teóricos, metodológicos e práticos, que auxiliam na tarefa de interpretação espacial de dados, sociais, ambientais, políticos e econômicos.

De acordo com Duarte (1991, p. 135), “Cartografia pode-se constituir numa técnica do mais alto significado para uma ciência, [...] surge como um meio de expressão indispensável para fazer aparecer elementos que poderão orientar [...] trabalho em qualquer campo do conhecimento humano.” Ademais, para Salichtchev, (1973 Apud. MARTINELLI, 2016, p.28) a “cartografia é a ciência da representação e o estudo da distribuição espacial dos fenômenos naturais e sociais, [...] por meio de representações gráficas em mapas”, e do mesmo modo, Martinelli (2016, p.30) disserta sobre como a cartografia temática possui como objetivo, tratar e registrar dados, mas além disso revelar informações, que parafraseando Duarte (1991, p. 137), pode-se afirmar que essas informações ou conhecimentos são retratadas através de um mapa de fundo, que funcionaria como um suporte para informação *a ser dada sobre determinado tema através de simbologia adequada*. Por consequência, a proposta metodológica pela qual optou-se na realização do projeto de pesquisa evoca a relevância de trabalhos desta especificidade.

Durante a pesquisa foram organizados mapas, utilizando diferentes métodos de implantação, variáveis visuais e níveis de raciocínio, a seguir apresenta-se as principais formas de representação cartográficas que foram realizadas:

- Mapas qualitativos: de acordo com Martinelli (2016) são representações que buscam expressar a existência, localização e extensão de diferentes fenômenos, segundo a sua diversidade;
- Mapas ordenados: segundo o mesmo autor supracitado, essa categoria de mapas procura representar fenômenos que indiquem uma sequência contínua;
- Mapas quantitativos: essas representações expressam alguma proporcionalidade entre fatos, objetos ou fenômenos, estes mapas segundo Martinelli (2016) expõe diferentes maneiras de manifestação dos dados, as quais nomeia-se a seguir:
 - Método de figuras proporcionais: Método utilizado para “representação quantitativa e fenômenos localizados [...] ideal para valores absolutos” (MARTINELLI, 2016, p.63).
 - Método dos pontos de contagem ou nuvem de pontos: “Esse método é mais adequado para representação de fenômenos com um padrão de distribuição disperso.” Neste método cada ponto representado no mapa representa um valor absoluto;
 - Método Coroplético: Este método é construído através da constituição de matizes de cores claras e escuras, nas quais cada uma assume um valor, normalmente utiliza-se valores relativos referentes aos territórios representados.

Outrossim, para compreender a atuação das redes agroindustriais avícolas e investigar o uso do território, precisou-se realizar um levantamento documental, em fontes jornalísticas e websites das empresas e da imprensa. A análise desses documentos jornalísticos partiu de um processo de leitura detalhada do texto e buscou identificar questões e eventos relativos a problemas e crises de ordem técnica produtiva, falta de insumos, impactos no meio natural, desemprego, crises produtivas, entre outros impactos socioespaciais que se ligam à produção avícola, no Brasil e Argentina. Um dos aspectos de análise foi a busca por depoimentos e entrevistas dadas por representantes e trabalhadores do setor, a fim de entender a percepção desses em meio aos eventos ocorridos.

Por fim, para entender as especificidades da vulnerabilidade territorial no Oeste Catarinense, foi possível a realização de trabalhos de campo de observação e análise da paisagem, objetivando a integração de um dos estudos de caso apresentado na dissertação.

Segundo Chizzotti (2010, p. 103) o trabalho de campo tem por objetivo a reunião e organização de um “conjunto comprobatório de informações”, para o autor,

O trabalho de campo visa reunir e organizar um conjunto comprobatório de informações. A coleta de informações em campo pode exigir negociações prévias para se aceder a dados que dependem da anuência de hierarquias rígidas ou da cooperação das pessoas informantes. As informações são documentadas, abrangendo qualquer tipo de informação disponível, escrita, oral, gravada, filmada que se preste para fundamentar o relatório do caso que será, por sua vez, objeto da análise crítica pelos informantes ou por qualquer interessado (Chizzotti, 2010, p. 103).

Nesse sentido, o trabalho de campo ocorreu junto a uma propriedade rural, com produção avícola integrada à BRF S. A. Durante a pesquisa de campo, observou-se o padrão de modernização das explorações avícolas (aviários), o histórico de atuação da propriedade na avicultura, as fontes de renda e insumos para produção, os financiamentos, o uso de mão de obra, o contexto regional e sinais de vulnerabilidade, como endividamento, dependência do frigorífico e outros.

Além disso, para auxiliar a compreensão dos capítulos da dissertação, foram incluídos dois mapas políticos, como um recurso visual, permitindo uma melhor compreensão das dinâmicas espaciais e das interações entre as regiões produtoras de ambos os países: o primeiro exhibe a localização das províncias argentinas, enquanto o segundo mostra os estados brasileiros. Ademais, faz-se uma breve explicação da organização territorial administrativa dos países.

No caso argentino, o país é composto por níveis de diferentes ordens administrativas sendo Províncias, Departamentos e em alguns casos as cidades de *cabeceras*:

A República Argentina é composta por divisões de seu território de diferentes ordens. As províncias, como divisão primária, se subdividem, por sua vez, em unidades menores, denominadas partidos na província de Buenos Aires e departamentos no restante das províncias. Esta divisão secundária, de caráter jurídico-administrativo, cobre de forma abrangente o território provincial e, portanto, todo o território nacional. A divisão departamental é, nesse sentido, a segunda forma de subdivisão territorial da Argentina. No território dos departamentos, encontra-se a cidade *cabecera*, que funciona como sede das autoridades locais ou das delegações provinciais. Em certos casos, as divisões de segundo nível não têm cabeceras, como ocorre nas comunas da Cidade de Buenos Aires, ou não apresentam uma localidade estabelecida como tal (IGN, 2019).

No caso brasileiro, o país é dividido em, Grandes Regiões, Estados e Distrito Federal, Municípios e Distritos (IBGE EDUCA, 2024). Segundo a Constituição da República Federativa do Brasil (1988, Art. 18), “A organização político-administrativa da República Federativa do Brasil compreende a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, todos autônomos, nos termos desta Constituição.”

MAPA 1 ARGENTINA: MAPA POLÍTICO



Fonte: Ministério Educação Argentina (2024)

MAPA 2 BRASIL: MAPA POLÍTICO



Fonte: IBGE (2024)

Dessa forma, o texto desta dissertação está organizado em três capítulos sequenciais. O Primeiro capítulo, intitulado “Divisão Territorial do Trabalho em Escala Internacional”, busca inicialmente realizar uma breve revisão sobre diferentes paradigmas em torno do conceito de Divisão Internacional do Trabalho, para depois, analisar o papel do Brasil e Argentina na atual fase da DIT.

O Segundo Capítulo, “Regiões Produtivas Avícolas no Brasil e Argentina: Globalização e Especialização Regional Produtiva” apresenta três subcapítulos principais. O primeiro subitem objetiva a compreensão dos processos de especialização regional produtiva e constituição de regiões competitivas e vulnerabilidades territoriais, para então, nos subitens

seguintes discutir e analisar o panorama da produção avícola no Brasil e Argentina e identificar as principais regiões competitivas da avicultura nos países, seus processos e agentes envolvidos.

Por fim, no último capítulo, intitulado “Oligopólios Territoriais Avícolas no Brasil e Argentina: Transnacionais, Uso do Território e Vulnerabilidades Territoriais”, busca-se discutir o papel desempenhado pelas redes agroindustriais na conformação das regiões competitivas e como o uso do território por essas redes resulta em processos de oligopolização territorial, os quais, por sua vez, geram situações de vulnerabilidade territorial. Para analisar essas vulnerabilidades, são realizados três estudos de caso em áreas de intenso uso do território por empresas organizadas em rede, onde eventos geográficos evidenciaram a vulnerabilidade desses territórios.

1 DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO EM ESCALA INTERNACIONAL

“Ao mesmo tempo que se estreita a noção de vizinhança, ao mesmo tempo que se impõe a criação de instituições de coordenação e, sobretudo, de unificação, aumentam as diferenças de riqueza, de equipamento, de meios de produção, de níveis de vida. Jamais os povos estiveram, materialmente, tão perto um dos outros e jamais foram tão desiguais. E não existe a menor razão para procurar como necessidade inadiável as soluções para o problema desta crescente desigualdade” (Pierre George, 1970 p. 71).

As assimetrias entre os diferentes países e regiões do globo, efeito da Divisão Internacional do Trabalho, resulta em uma crescente desigualdade de riqueza, tecnologia, insumos e qualidade de vida. Dessa forma o primeiro capítulo desta dissertação procura compreender como se dão essas desigualdades em escala internacional, procurando debater, mesmo que brevemente, alguns paradigmas em torno da Divisão Internacional do Trabalho.

Para isso, inicialmente o primeiro subtópico “1.1 Divisão Territorial do Trabalho: Uma breve revisão de alguns paradigmas”, busca compreender diferentes interpretações acerca da organização da DIT. Primeiro em torno das contribuições de Neil Smith (2020), reconhecendo a Divisão Territorial do Trabalho (DTT) como fruto de uma Divisão Social do Trabalho, cujo efeito se dá em diferentes escalas.

Posteriormente em torno dos debates sobre a semiperiferia, levando em consideração pontos elencados por Arrighi (1997) e Pochmann (2000). Para por fim, debater como o processo de globalização complexifica a Divisão Internacional do Trabalho e o papel do então “Sul global”, com base nos textos de Santos (2013), Arroyo (2006) e Harvey (2016).

O segundo Subtópico “1.2 Divisão Internacional do Trabalho e a América Latina”, indaga acerca do papel desempenhado pela América Latina na Divisão Internacional do Trabalho, desde a introdução da região na economia mundial até a atualidade. Inicialmente, discute-se a dependência dos países latinos na produção e exportação de *commodities*, levando em consideração os estudos e dados da Conferência das Nações Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2021).

Por fim, reconhecendo a avicultura enquanto uma *commodity* e os países latino-americanos enquanto dependentes da exportação de *commodities*, procura-se identificar os principais países produtores de aves na América latina e suas dinâmicas resultantes.

1.1 DIVISÃO TERRITORIAL DO TRABALHO: UMA BREVE REVISÃO DE ALGUNS PARADIGMAS

Pochmann (2000) entende como o desenvolvimento capitalista nos últimos dois séculos acabou por produzir uma recorrente desigualdade na distribuição do trabalho pelo globo. “A partir disso, o conceito de Divisão Internacional do Trabalho assume relevância como expressão do grau de assimetria geográfica no uso e rendimento da mão-de-obra em distintas fases históricas da evolução da economia mundial.” (Pochmann, 2000, p.3)

É de suma importância entender que o processo da divisão do trabalho deve ser compreendido como uma divisão territorial do trabalho, entendida assim de acordo com Santos, como o processo de distribuição dos recursos, social e geograficamente, que juntos constituem uma totalidade (Santos, 2017). Além disso, é importante ressaltar que os recursos não se dão de forma isoladas no espaço geográfico, eles obtêm valor e significação por serem parte de um lugar, “fora dos lugares, produtos, inovações, populações e dinheiro, por mais concretos que pareçam, são abstratos” (Santos, 2017, p. 132).

A divisão social do trabalho é frequentemente considerada como a repartição (ou no mundo, ou no lugar) do trabalho vivo. Essa distribuição, visto através da localização dos seus diversos elementos, é chamada de divisão territorial do trabalho. Essas duas formas de considerar a divisão do trabalho são complementares e interdependentes. Esse enfoque, todavia, não é suficiente, se não levarmos em conta que, além de divisão do trabalho vivo, há uma divisão territorial do trabalho morto, o trabalho morto, na forma de bairro ambiente construído (*built environment*), tem papel fundamental na repartição do trabalho vivo. (Santos, 2017, p.139)

Smith (2020, p. 149), entende como “[...]a pergunta sobre a divisão do trabalho é tão complexa que tem sido descuidada e por isso quando tentamos colocar a divisão territorial do trabalho dentro deste marco geral da realidade agregamos uma nova trama de complexidades”. Dessa forma, nas subseções seguintes, apresentam-se algumas discussões realizadas acerca do conceito de divisão do trabalho por diferentes correntes de pensamento que procuraram debater o conceito.

1.1.1 A Divisão Territorial do Trabalho

Para Neil Smith (2020) é preciso entender que o processo de divisão do trabalho deve ser levado como a base histórica da diferenciação espacial das condições e níveis de desenvolvimento, estando intrinsecamente ligado à Divisão Territorial do Trabalho (Smith, 2020, p. 142).

Smith (2020) compreende como na maior parte da história da humanidade a divisão do trabalho esteve relacionada às distintas condições naturais, condicionando a produção em torno

de certos produtos, mas disserta sobre como a divisão do trabalho mais avançada é resultado de uma dinâmica social, mesmo quando o meio natural ainda exerce certa influência.

Isso ocorre segundo o autor, pois com o desenvolvimento das forças produtivas no capitalismo, a tendência por trás das vantagens naturais condicionando a localização das atividades econômicas deixa de ser o imperativo, primeiro pelo desenvolvimento dos meios de transportes que possibilita o maior distanciamento das fontes de matérias primas e segundo pelo fato de que as matérias primas serem hoje o resultado de trabalhos prévios, “[...] a matéria prima é um produto industrial cuja localização está determinada pela localização das forças produtivas e não da natureza” (Smith, 2020, p.146-147, tradução nossa).

A Diferenciação Espacial entendida reiteradamente por Smith (2020) como sinônimo de Divisão Territorial do Trabalho (DTT), é resultado de uma divisão social do trabalho (Smith, 2020, p.149). Por isso, o autor infere sobre como há a necessidade de se entender que esta divisão social do trabalho se dá sob três escalas, sendo seus entendimentos necessários para se compreender os processos de Diferenciação Espacial. Junto com essas escalas de divisão do trabalho estão imbricadas escalas de divisões de capital.

Dessa forma, se a divisão do trabalho e do capital estão unidas, a diferenciação espacial se dá sob diferentes escalas, que não exercem a mesma importância na diferenciação da paisagem. Assim Smith (2020, p.151) identifica quatro escalas em que acontece processo e diferenciação social:

- “A divisão social geral do trabalho (e o Capital) em diferentes setores” (Smith, 2020, p.151);
- “A divisão do trabalho (e o Capital) em diferentes subsetores particulares” (Smith, 2020, p.152);
- “A divisão do capital social em diferentes capitais individuais” (Smith, 2020, p.152);
- “A divisão detalhada do trabalho dentro da oficina ou fábrica” (Smith, 2020, p.152);

Para Smith (2020), a escala geral do trabalho sempre foi fundamentada nas distinções entre agricultura e indústria, nesse processo, ao tomar a escala mundial na análise o autor também apresenta como a concentração seletiva de setores teve uma forte importância sobretudo nas especializações das primeiras economias coloniais, que tinham como função o

fornecimento de matéria prima para Europa, Smith ressalta que na atualidade, uma explicação centrada apenas em setores industrial ou agrário é insuficiente.

O impulso dessa especialização global para atividades do setor é social. Não há nada natural em destruir essa máquina competitiva; embora na prática a especialização social se baseasse na diferenciação natural da superfície terrestre. Aqui pode-se dizer que atualmente não é mais correto sustentar a divisão rudimentar entre o mundo subdesenvolvido e o mundo desenvolvido sob o argumento de que o primeiro fornece a matéria-prima para o segundo. Se deve a contínua emancipação da produção social dos ditames da natureza. Torna os padrões naturais de diferenciação cada vez menos relevantes para governança da diferenciação espacial dos múltiplos setores econômicos de produção. Como as matérias-primas são cada vez mais o produto de inúmeros processos de trabalho, como vimos no caso dos plásticos, as nações subdesenvolvidas estão cada vez menos atadas à produção exclusiva de matérias-primas e tem experimentado um desenvolvimento industrial considerável em algumas áreas. Desse modo, a diferenciação entre setores da economia mundial é uma explicação insuficiente da divisão do mundo desenvolvido e subdesenvolvido. (Smith, 2020, p. 155-156, tradução nossa)

Dessa forma, para entender a diferenciação entre o mundo desenvolvido e subdesenvolvido, Smith (2020, p 156) recorre a Samir Amim (1974), que distingue o mundo desenvolvido do subdesenvolvido em função de setores que apresentam estruturas bastante diferentes na periferia e no centro do capitalismo.

De acordo com Amin (1974 *Apud*. Smith 2020, p.156) no centro do capitalismo, o desenvolvimento é baseado na produção de bens de capital e no consumo das massas, enquanto, na periferia o subdesenvolvimento gira em torno na produção para exportação, resultando em uma estrutura desigual. Ressalta também que, mesmo que o mundo subdesenvolvido tenha apresentado um certo grau de industrialização, esta teve como objetivo a exportação sem alterar a estrutura econômica desequilibrada da periferia do capitalismo.

1.1.2 A Divisão Territorial do Trabalho em Escala Internacional: Algumas considerações sobre a Semiperiferia

Para Pochmann (2000) o desenvolvimento do capitalismo nos dois últimos séculos, resultou em uma disparidade na repartição do trabalho pelo globo. Para o autor, em relação às diferentes divergências entre distintas interpretações acerca do desenvolvimento do capitalismo, prevalece uma convergência sobre a desigualdade na repartição do trabalho no mundo, e assim, a fim de melhor estratificar o trabalho adota-se a noção de que a economia mundial se estrutura em relações de centro e periferia.

O centro é caracterizado por representar o “[...] lócus do poder de comando, sendo predominante as atividades de controle do excedente das cadeias produtivas, bem como de

produção e difusão de novas tecnologias” (Pochmann, 2000, p. 4). Já a periferia, assume “[...] um papel secundário na estrutura de poder mundial, sendo lócus subordinado na apropriação do excedente econômico e dependente na geração e absorção tecnológica” (Pochmann, 2000, p. 4).

Para Arrighi (1997) todos os Estados apresentam atividades típicas do centro – “Núcleo orgânico” – e típicas da periferia. Dessa forma, “Consequentemente, os primeiros tendem a ser o lócus de acumulação e poder mundiais, e os segundos, o lócus da exploração e da impotência” (Arrighi, 1997, p.140).

Além desses dois grupos de países, Pochmann (2000) e Arrighi (1997), entendem que recentemente é introduzido o conceito de semiperiferia, composta por dois grupos de países. Um grupo de países de economia planificada, que não se apresentam como dependentes tecnologicamente ou dominados pelo poder central e não apresentaram índices de desenvolvimento socioeconômico equiparados ao centro. E um pequeno grupo de países de economia de mercado caracterizados por serem tecnologicamente dependentes e geopoliticamente subordinados, mas que apresentaram uma posição socioeconômica intermediária (Pochmann, 2000, p.5).

Arrighi (1997), explica como o conceito de semiperiferia não é reconhecido segundo alguns autores, assim ele disserta:

A existência de um grupo intermediário relativamente estável de Estados discrepa das expectativas tanto da teoria da modernização quanto da teoria da dependência. De acordo com a teoria da modernização, as posições intermediárias são temporárias porque são transitórias: o Estado só passa a ocupar posições intermediárias no caminho do atraso à modernidade. Em contraste, de acordo com a teoria da dependência, as posições intermediárias são temporárias porque são residuais: as tendências polarizadoras da economia mundial acabarão por empurrar os Estados que ocupam posições intermediárias em direção ao centro ou em direção à periferia. Partindo dessas premissas diferentes, na verdade opostas, as teorias da modernização e da dependência concordam, assim quanto à instabilidade essencial das posições intermediárias. (Arrighi, 1997, p. 138)

Mas o autor ressalta mais adiante em seu texto que, tanto nos teóricos da modernidade quanto nos da dependência, o surge a consideração de algumas posições intermediárias, especialmente ao se referir à definição de países subimperiais ou de nações mediadoras

Segundo Arrighi (1997), a semiperiferia é composta por países que engendram atividades centrais e periféricas, estando entre os dois, resistindo à periferia e não alcançando o centro.

A legitimidade e estabilidade desse sistema altamente desigual e polarizador são reforçadas pela existência de países semiperiféricos, definidos como aqueles que incluem, dentro de suas fronteiras, uma combinação mais ou menos igual de atividade de núcleo orgânico [centrais] e periféricas. Exatamente devido a essa combinação mais

ou menos igual de atividades de núcleo orgânico e atividades periféricas, desenvolvidas dentro de suas fronteiras, supõe-se que os Estados semiperiféricos têm o poder de resistir à periferização, **embora não tenham poder suficiente para superá-la completamente** e passar a fazer parte do núcleo orgânico. (Arrighi, 1997, p.140, Grifo Nosso)

Mesmo reconhecendo esse papel desempenhado pela chamada Semiperiferia, ressalta-se que é importante entender como esses Estados mantêm uma grande subordinação em relação ao centro, dada a crescente dependência das finanças internacionais, importante componente na atual fase da Divisão Internacional do Trabalho. Isso pode ser entendido com base em Arroyo (2006, p.184), que afirma, “Mesmo aqueles países mais industrializados do Terceiro Mundo (quer latinos ou asiáticos) que diversificaram o quadro de suas exportações mantêm uma forte dependência das finanças internacionais. Formas renovadas de desvendar a sua condição periférica”.

Para Pochmann (2000), a primeira fase da DIT, marcada pela dicotomia entre centro industrial e periferia agrária, compreende o Período da Primeira Revolução Industrial, em que a Inglaterra assumiu o papel de centro do capitalismo mundial, devido ao pioneirismo na atividade industrial e seu poderio militar e, em consequência disso, a periferia consagra a dependência por bens manufaturados e a especialização na produção de bens primários. (Pochmann, 2000).

A segunda fase da Divisão Internacional do Trabalho, segundo Pochmann (2000), é marcada pela perda do protagonismo inglês no início do século XX enquanto potência hegemônica do sistema capitalista global da época e o aparecimento dos Estados Unidos da América.

Após a Segunda Guerra Mundial, em um cenário geopolítico diferente, bipolar, na presença de um quadro capitalismo versus socialismo, ocorre acabando por consagrar a reformulação do centro capitalista e o surgimento de um grupo de países semiperiféricos, tanto de economia planificada (de estratégia antissistêmica, socialistas), quanto de economia de mercado, porém subdesenvolvidos (de estratégia pró-sistêmica), consolidados a partir de sua incompleta industrialização, associados à promoção da independência das antigas colônias do Reino Unido, França, Bélgica, Holanda e Portugal, além disso, o autor infere que,

Dessa forma, o conjunto dos países periféricos dependentes da relação tradicional de produtores e exportadores de bens primários e importadores de produtos manufaturados, teve um pequeno subconjunto de nações que ingressaram no estágio de produtores e até exportadores de produtos manufaturados. O surgimento de um bloco de países semi-periféricos se deu a partir da combinação do forte esforço das elites internas com a oportunidade de ter o seu espaço geográfico nacional privilegiado pela concorrência das grandes empresas transnacionais. A periferização da indústria

ocorreu, em grande medida, sob a liderança do Estado, através da expansão e proteção do mercado interno, o que permitiu a rápida passagem da fase agrária-exportadora para a de desenvolvimento industrial. Aproveitando-se da existência de um período de relativa estabilidade tecnológica e de um contexto de bipolaridade nas relações internacionais, alguns países africanos (África do Sul), latino-americanos (Brasil, México, Argentina, Venezuela e Chile) e do leste-asiático (Coréia, Singapura e Taiwan) avançaram na implantação completa ou não de sistemas industriais. O Brasil e a Coréia foram os países que mais se destacaram dentro da estratégia pró-sistêmica de alcançar uma etapa mais avançada de industrialização, sendo o primeiro sustentado pelo maior aproveitamento do mercado interno, com forte apoio de empresas multinacionais, e o segundo fundado no mercado externo, com apoio de grandes empresas nacionais (Pochmann, 2000, p. 9-10)

Já a atual organização da Divisão Internacional do Trabalho passa a ser impulsionada por dois vetores principais: o primeiro marcado pela reestruturação empresarial através de uma efetiva atuação de corporações multinacionais; e o segundo, ligado ao aumento de Investimentos Diretos no Exterior.

É importante ressaltar que, para Pochmann (2000), no início do século XXI o mundo é dividido em países centrais, semiperiféricos e periféricos.

Nesses termos, a nova Divisão Internacional do Trabalho parece referir-se mais à polarização entre a produção de manufatura, em parte nos países periféricos, e a produção de bens industriais de informação e comunicação sofisticados e de serviços de apoio à produção no centro do capitalismo. Nas economias semiperiféricas, a especialização em torno das atividades da indústria de transformação resulta, cada vez mais, proveniente da migração da produção de menor valor agregado e baixo coeficiente tecnológico do centro capitalista, que requer a utilização de mão-de-obra mais barata possível e qualificada não elevada, além do uso extensivo de matéria-prima e de energia, em grande parte sustenta em atividades insalubres e poluidoras do ambiente, não mais aceitas nos países ricos. (Pochmann, 2000 p.15).

Pochmann (2000) explica que após a década de 1970, ocorre uma onda de expansão de multinacionais para economias semiperiféricas e periféricas, ocasionando no processo de industrialização dessas economias e tornando o mundo um espaço importante para suas decisões produtivas, o que gera a reestruturação do processo produtivo sob amplas extensões territoriais. Assim, compreende-se como a atuação dessas empresas multinacionais e multilocalizadas condicionam a organização produtiva de diferentes regiões do planeta.

1.1.3 O processo de Globalização e a Complexificação da Divisão Territorial do Trabalho: As novas relações de poder e o papel do Sul-Global

Reconhecendo a Divisão Territorial do Trabalho (DTT) como o processo e repartição do trabalho morto, que distribui desigualmente recursos pelos diferentes locais, e com base em Santos (2013), Arroyo (2006) e Harvey (2016), é possível compreender como o processo de globalização passa a complexificar as dinâmicas dessa divisão territorial do trabalho. Segundo

Harvey (2016, p. 111), “O capital se apoderou da divisão do trabalho, reconfigurando-a radicalmente para seus propósitos ao longo de sua história”.

David Harvey (2014, p. 80), também afirma que a globalização deve ser compreendida como um processo no qual se desfaz a noção da globalização como algo “natural” e sim surgido por “agentes discerníveis trabalhando para promovê-la”. Também mostra como o capitalismo objetiva sempre a aceleração do tempo de giro do capital e a eliminar as barreiras espaciais, produzindo “uma paisagem geográfica [...] apropriada à sua própria dinâmica de acumulação num momento particular de sua história.” (Harvey, 2014, p. 86-87).

Nesse processo, o autor compreende como há alguns aspectos ressaltáveis no atual período, como o de redução do custo e tempo de deslocamento no espaço, a construção de sistemas de engenharia fixas para possibilitar a maior circulação e o papel de um Estado possibilitador desses desenvolvimentos (Harvey, 2014, p. 87). Isso permite entender o processo de globalização como um “[...] processo de produção de desenvolvimento temporal e geográfico desigual” (Harvey, 2014, 88).

Além do mais, Harvey (2014, p. 89-92) ratifica que no atual período, ocorrem algumas mudanças marcantes no processo de globalização, como a desregulamentação financeira, ondas de grande desenvolvimento tecnológico, desenvolvimento dos sistemas midiáticos e de comunicações e a redução dos custos de transportes.

O mesmo pode ser assinalado com Santos (2013, p.45 e 2010, p.23) que reconhece como o processo de globalização institui-se como a etapa máxima do processo de internacionalização do mundo capitalista. Para Santos (2010, p. 23-24), no fim do século XX ocorre, por conta dos avanços científicos, um grande crescimento nas técnicas de informação que resultam em um verdadeiro sistema técnico global, acompanhado também, como resultado de ações que comprovam o surgimento de um mercado mundial.

Reconhecendo isso, e considerando a Divisão Territorial do Trabalho como resultado da organização do período globalizado, a atual divisão do trabalho apresenta três principais características:

Em primeiro lugar, ao fato de como na atualidade há uma verdadeira superposição de divisões do trabalho, divisões internacionais, nacionais e locais se ligam cotidianamente redefinindo os diferentes níveis de organização do espaço. Essa superposição de divisões do trabalho ocorre através da atuação de grandes empresas transnacionais, que junto consigo, arrastam cada uma, uma divisão do trabalho diferente. (Santos, 2013),

Em segundo lugar, no atual período, a Divisão do trabalho é resultado de uma organização pré-definida por organizações de escala global, isso é visto no processo de como

uma organização preside e precede a organização do trabalho partindo do nível mundial e ditando as formas de vida do nível local. Como por exemplo, a atuação do fórum econômico mundial e das bolsas de valores na financeirização planetária (Santos, 2013).

Por fim, em terceiro lugar, é importante ressaltar o papel das diferentes formas de circulação na reorganização da Divisão Internacional do Trabalho, não se definindo apenas pelo transporte e telecomunicações, mas também pelo subsistema da regulação. (Santos, 2013, p. 95).

Ainda, o autor entende que o processo de Divisão Territorial do Trabalho deve ser compreendido como uma totalidade,

A divisão do trabalho pode, também, ser vista como um processo pelo qual os recursos disponíveis se distribuem social e geograficamente. Os recursos do mundo constituem, juntos uma totalidade. Entendemos, aqui, por recurso, toda possibilidade, material ou não, de ação oferecida aos homens (indivíduos, empresas, instituições). Recursos são coisas, naturais ou artificiais, relações compulsórias ou espontâneas, ideias, sentimentos, valores. É a partir da distribuição desses dados que os homens vão mudando a si mesmos e a seu entorno. Graças a essa ação transformadora, sempre presente a cada momento, os recursos são noutros, isto é, se renova, criando outra constelação de dados, outra totalidade. (Santos, 2017 p. 132)

Dessa forma, esse processo de distribuição dos recursos de modo desigual, isto é, de Divisão Territorial do Trabalho, cria uma hierarquia entre os lugares que redefine a atuação de instituições, firmas ou pessoas, de tal maneira que se compreende o conceito de Divisão Internacional do Trabalho (DIT), como o de distribuição desigual dos recursos dentre os diversos países do globo, criando uma hierarquia entre esses territórios (Santos, 2017, p.135).

A divisão internacional do trabalho é uma construção histórico-geográfica que mostra o caráter desigual do processo de desenvolvimento capitalista, isto é, a existência de relações de subordinação entre países. Esse caráter desigual é permanente, mudando sua feição segundo o período histórico (Arroyo,2006, p. 183)

Fernández e Moretti (2020), também entendem como a economia - mundo capitalista no período histórico atual apresenta elementos que explicam essas dinâmicas, estruturando-se sob um sistema interestatal que buscam e competem por recursos e territórios, e implanta cadeias de produção globais que reconfiguram territórios e dão origem a “[...] uma hierarquia de riqueza e poder, qualitativamente diferentes, dentro de uma divisão internacional do trabalho” (Fernández e Moretti, 2020, p. 316, tradução nossa).

Dessa forma, recorrendo ao que Arroyo (2006) apresenta sobre a mudança da feição da divisão internacional do trabalho segundo o período histórico, e a Harvey (2016), que entende como a rápida complexificação da divisão do trabalho torna-se característica da atual economia

capitalista globalizada, realiza-se uma breve explicação desses diferentes processos que complexificaram a organização da divisão territorial do trabalho em escala internacional.

Harvey (2016, p. 119) entende que a partir da década de 1970, ascendeu no debate global a questão da “nova divisão internacional do trabalho”, segundo ele muito ancorada nas ideias ricardianas das vantagens comparativas, que para David Harvey, deveria ser complementada para além das condicionantes naturais. Mas o autor reconhece que a partir desse período (1970/80) o mapa global da DIT obteve uma série de mutações.

Distritos industriais que foram centro do domínio global do capital depois de 1850 foram desmantelados e abandonados. O capital produtivo foi canalizado para fora, e as fábricas do Japão, da Coreia do sul, de Cingapura, de Taiwan e, depois de 1980, talvez ainda mais espetacularmente, da China juntaram-se aos novos centros de trabalho fabril no México, em Bangladesh, na Turquia e em muitas outras partes do mundo. O ocidente se desindustrializou amplamente, enquanto o Sul e o Oriente se tornaram centros de produção de valor industrial, além do papel mais tradicional de produtores de mercadorias primárias e extratoras de recursos para o mundo em vias de industrialização. (Harvey, 2016, p. 120).

Ao mesmo tempo, o autor reconhece como esse crescente processo de industrialização, diferente do que ocorria no passado no antigo centro do capitalismo aumentando a *renda per capita*, não ocorreu nesses países recentemente industrializados. Acompanhado disso, o chamado “ocidente” concentrou suas atividades em outros aspectos “[...] cada vez mais na extração de renda pelo desenvolvimento das finanças, dos seguros e da propriedade imobiliária, assim como de um regime consolidado de direito de propriedade intelectual, produtos culturais e monopólios empresariais” (Harvey 2016, p. 120).

Para além disso, Fernández e Moretti (2020) assinalam como o século XX foi marcado pela centralidade realizada pelos Estado Unidos e o Norte global (Países Centrais), mas que a partir do século XXI, a DIT se depara com uma mudança e reorganiza a hierarquia até então presente, com a ascensão do mundo periférico ou o então chamado “Sul Global”¹.

Segundo Fernández e Moretti (2020, p. 324-326), a partir da segunda metade do século XX, os países do Sul Global mantiveram um crescimento econômico importante, que resultou, dentre outras coisas, no aumento também de investimentos externos diretos, muitos com origem no próprio Sul Global.

¹Para Fernández e Moretti (2020, p. 320) o “Sul Global” pode ser entendido “[...] o conjunto de regiões e países que compõem a periferia do sistema mundial, ou seja, aqueles que não faziam parte do cenário europeu dos séculos XV e XVI onde surgiu o capitalismo. Representa aquele imenso espaço onde, a partir daquele momento, não se fundaram as atividades centrais das redes de produção, circulação e valorização do capital, nem ali residiram as agências estatais que hegemonizaram o sistema interestatal erigido ao longo dos sucessivos ciclos capitalistas de acumulação”

Assim como Harvey (2005) descreve mudanças na economia mundial a partir da década de 1970, ligadas ao desenvolvimento de políticas influenciada pelo então “Consenso de Washington”, Fernández e Moretti (2020) apontam a convergência de investimentos externos diretos para a periferia do planeta.

Esse fenômeno é, em parte, resultado da estratégia de offshoring do capital do NG [norte global] como fase de reconfiguração do sistema capitalista e sua estratégia de superação da crise. Por meio desse processo, a produção foi descentralizada e globalizada, deslocando esses elos intensivos em mão-de-obra da cadeia de valor para a periferia, particularmente no Sudeste Asiático [...] A regulação frouxa do mundo do trabalho na periferia e os baixos custos salariais associados possibilitaram que as ETS [Empresas Transnacionais] reduzissem custos e multiplicassem seus excedentes. Isso, juntamente com Estados capazes de disciplinar o mundo do trabalho, foram estímulos importantes para que o capital transnacional decidisse se instalar nos países do SG [Sul global] (Fernández e Moretti, 2020, p. 327, tradução nossa)

Acompanhado disso, o “Sul global” obteve um aumento em suas capacidades manufatureiras, ganhando destaque no cenário global, mas é importante salientar que tal industrialização não se traduziu em modernização e redução das desigualdades na maioria dos países (Fernández e Moretti, 2020). Segundo os autores, essa modernização ocorre sobretudo nos países do leste e sudeste asiático, que se tornaram o centro dinamizador desse processo.

Em contraste a isso,

[...] América Latina e a África, cujos projetos de industrialização e desenvolvimento foram obturados em parte pelas mudanças na fase do ciclo de acumulação que produziu a captura de suas economias por parte do capital financeiro e em parte pela ação das elites locais e dos Estados-nação que não tiveram capacidade de configurar uma resposta autônoma de base endógena aos embates da economia mundo capitalista. É por isso que a crescente articulação ao interior do SG e seu progressivo domínio e o controle e dinamismo do processo cumulativo, apresenta heterogeneidades internas que colocam o Leste asiático no centro do processo de reemergência econômica do Sul. (Fernández e Moretti, 2020, p. 335)

Isso evidencia outra característica que marca a atual organização da Divisão Internacional do Trabalho, no atual momento as relações de poder e assimetria entre os diferentes países passam a ser condicionados pelo processo de dominação financeira empregado pelo centro aos andares inferiores da economia mundo.

Tal processo de financeirização, ocorre também nos espaços de agricultura globalizada, em que as finanças se envolvem nos diferentes enclaves da cadeia produtiva agrícola, “[...] desde a compra de terras, na produção, indústria de insumo e defensivos agrícolas (agrotóxicos) até a comercialização e construção do controle de infraestrutura de escoamento dos produtos.” (Carrascal, Carvalho e Nhaslambé, 2023, p. 3).

Bühler, Guibert e Carvalho (2016) compreendem que o processo de financeirização agropecuária no Brasil, América do Sul e no mundo efetiva-se através do financiamento à produção. “Os recursos utilizados são provenientes de empresas financeirizadas, auxiliadas na sua atuação pela criação de títulos de créditos [...] e através do desenvolvimento dos mercados futuros de *commodities*” (Bühler, Guibert e Oliveira, 2016, p.10).

Assim, no atual período, as relações de assimetria da DIT são orientadas pelo processo de financeirização, o que coloca os países latino-americanos em situações de vulnerabilidade, como é explicado na subseção a seguir. Além disso,

As relações de assimetria e subordinação perduram, recriando os processos de diferenciação geográfica em escala mundial. As finanças são a força que comanda esses processos tendo os Estados Unidos como principal nó de uma rede na qual estão entrelaçados os interesses do capital financeiro de distintas origens nacionais (Arroyo, 2006, p.184).

Outrossim, o processo de financeirização se dá pela produção de *commodities*, que surge como uma característica do período. Segundo Sandroni (1999, p. 113), o termo designa “[...] um tipo particular de mercadoria em estado bruto ou produto primário de importância comercial” que são negociados e cotados nos grandes mercados financeiros.

É importante ressaltar que o papel desempenhado pelas *commodities* vai além de uma simples mercadoria cotada internacionalmente. No atual período, marcado por uma articulação entre “[...] uma política neoliberal hegemônica, uma lógica financeira mundializada e uma onipresença das novas tecnologias da informação” (Frederico, 2012, p. 6), a lógica das *commodities* reflete-se em diferentes territórios, acarretando diferentes vulnerabilidades. Nesse sentido Frederico (2012) disserta:

A lógica das *commodities* não se caracteriza apenas por uma invenção econômico-financeira, entendida como um produto primário ou semielaborado, mineral ou agrícola, padronizado mundialmente, cujo preço é cotado nos mercados internacionais, em bolsas de mercadorias. Trata-se também de uma expressão política e geográfica, que resulta na exacerbação de especializações regionais produtivas enfraquecendo e submetendo o produtor local - pelo menos quando se trata de commodity agrícola - a uma lógica única ou global e a uma situação sobre a qual não exerce nenhum controle, favorecendo os compradores ou as grandes empresas de comercialização (tradings). A lógica das *commodities* opõe agentes atrelados ao lugar ou região aos agentes que atuam em rede na escala mundial, acarretando numa vulnerabilidade social, econômica e territorial. (Frederico, 2012, p. 7).

Por conseguinte, ao analisar o mercado produtor de *commodities* global, a América latina surge como uma das principais regiões produtoras, tanto de *commodities* minerais, quanto agropecuárias. Dessa forma, devido à região apresentar grande dependência do mercado de

commodities, cujos reflexos foram apresentados linhas acima, na próxima subseção procura-se apresentar alguns dados e reflexões referentes à América Latina.

1.2 DIVISÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO E A AMÉRICA LATINA

“A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializam em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos América Latina, foi precoce: especializou-se em perder desde os remotos tempos em que os europeus do Renascimento se aventuraram pelos mares e lhe cravaram os dentes na garganta. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções. Ela já não é o reino das maravilhas em que a realidade superava a fábula e a imaginação era humilhada pelos troféus da conquista, as jazidas de ouro e as montanhas de prata. Mas a região continua trabalhando como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, de cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos que, consumindo-os, ganham muito mais do que ganha a América Latina ao produzi-los. Os impostos que cobram os compradores são muito mais altos do que os valores que recebem os vendedores” (Galeano, 2011, p. 17).

Celso Furtado, em seu livro “Economia Latino-Americana: Formação Histórica e Problemas Contemporâneos”, compreende que a partir da segunda metade do século XIX, ocorreram significativas transformações no comércio mundial. De modo geral, nesse processo de formação de um sistema econômico global, destaca-se alguns pontos: a) A presença de um pólo, núcleo com avanço considerável de capitalização (Inglaterra); b) Formação de uma Divisão Internacional do Trabalho, com o núcleo (Inglaterra) no centro hegemônico; c) Criação de uma rede de transmissão de progresso técnico subsidiária da DIT. (Furtado, 2007, p. 96)

Nesse processo, Segundo Furtado (2007, p. 97), a inserção dos países da América Latina nessas novas linhas de expansão do comércio global toma impulso após a década de 1840, sob três tipos de economias exportadoras de matérias primas, apresentados a seguir:

I. Economias exportadoras de produtos de clima temperado

- Argentina e Uruguai;
- Mercado por agricultura extensiva;
- Necessidade de estruturação de um sistema de transportes;
- Elevadas taxas de crescimento econômico.

II. Economias exportadoras de produtos de clima tropical

- Brasil, Colômbia, Equador, Centro-América, Caribe, Regiões do México e regiões da Venezuela;
- Abrigava mais da metade da população Latina;
- Se inseriu no comércio exterior como área de concorrência das regiões escravistas estadunidenses;
- Papel desempenhado pelo Café e Cacau;

- Meios Tradicionais de transportes;
 - Em algumas regiões a produção tropical se desenvolveu.
- III. Economias Exportadoras de produtos minerais;
- México, Chile, Peru e Bolívia, (Venezuela no século XX)
 - Produção de metais Industriais.

Quando se analisa os períodos seguintes, sobretudo os dois primeiros decênios do século XX, Furtado (2007) disserta sobre como a América Latina torna-se um importante componente do comércio internacional, para o autor, “em síntese, no período que estamos considerando, a América Latina transformou-se em um componente importante do comércio mundial e uma das mais significativas fontes de matérias-primas para os países desenvolvidos (Furtado, 2007, p. 103)”.

O mesmo é expresso por Becker e Egler (2010) ao considerarem a América Latina a mais antiga das periferias da economia-mundo

A América Latina é a mais antiga periferia da Economia-Mundo. Ela é parte constituinte do processo de formação e desenvolvimento do Sistema Capitalista Mundial, orientada desde o início da colonização, para produtos de alto valor para Europa[...]Seu desenvolvimento ulterior esteve intimamente associado à dinâmica dos Centros de acumulação da economia-mundo, participando da Divisão Internacional do Trabalho como economias exportadoras de matérias-primas. (Becker e Egler, 2010, p. 29).

Para Arroyo (2006, p. 181), na atual fase do capitalismo, em consequência da DIT, a esfera financeira passa a comandar o processo e a repartição da riqueza produzida na esfera produtiva, levando à crescente necessidade de fluidez do capital. Isso é possibilitado pela instituição de uma base material e uma base normativa a fim de garantir a porosidade dos Estados-nações.

Tal processo de financeirização global, “hierárquico e assimétrico” (Arroyo, 2006, p.185), chega à América Latina, sobretudo após a década de 1980/90, através de políticas neoliberais impostas pelo chamado “Consenso de Washington”, marcando uma crescente vulnerabilidade externa e uma perda de autonomia do Estados, reforçando assim, sua posição periférica na Divisão Internacional do Trabalho.

O processo de financeirização da agricultura é explicado por alguns fatores, como, por exemplo, a redução da disponibilidade de terra *per capita*, mudanças nos usos da terra, crescimento da classe média e mudanças no padrão de consumo dessas populações, com aumento do consumo de proteínas animais, entre outras. Tal processo, oriundo da esfera

financeira, deixa de ser apenas realizado pelos bancos e passa a ser influenciado por agentes como empresas que atuam no mercado de *commodities* (Carrascal, Carvalho e Nhaslambé, 2023, p. 5). Ademais,

Assim, vemos que a inserção da agricultura nos circuitos financeiros ampliados trouxe mudanças na atividade e, conseqüentemente, nas formas de gestão da produção. Novos modelos de gestão, ancorados em novos artefatos tecnológicos e informacionais, têm favorecido o controle dos agentes financeiros, que começam a incentivar a adoção de práticas cada vez mais complexas (Carrascal, Carvalho e Nhaslambé, 2023, p. 6).

Portanto, é possível inferir que no período atual, a esfera financeira passa a comandar as relações de poder da Divisão Internacional do Trabalho. Além disso, a financeirização dos territórios latino-americanos e, por consequência, de seus setores agropecuários, amplia a dependência desses países em relação ao mercado global, sobretudo de *commodities*. Dessa forma, o próximo item desta dissertação procura tratar da alta dependência em torno da produção de *commodities* – nesse contexto a produção da *commodity* avícola – que os países da América Latina possuem.

1.2.1 América Latina e a Produção de *Commodities*

Assim como expresso nas seções anteriores, a América Latina sempre esteve ligada à produção de matéria prima para o centro do capitalismo, Segundo Iten (2021, p.14), “a história econômica da ALC é marcada por suas *commodities*: de ouro e prata nos tempos dos primeiros exploradores a açúcar, café, cobre e petróleo bruto no século 20,”. E mais do que isso, o autor entende como foram as exportações de *commodities* que impulsionaram a economia dos países e serviu como elo de conexão com o mercado global (Iten, 2021, p. 14).

Entretanto, é importante compreender que ao mesmo tempo em que a produção voltada a esse tipo de mercadoria, impulsionou inicialmente as economias regionais, os países latino-americanos encontram-se também em caráter de dependência em torno desses produtos. Segundo a Conferência das Nações Unidas Sobre Comércio e Desenvolvimento (UNCTAD, 2021, p. 1, Tradução Nossa) “Um país é considerado dependente da exportação de *commodities* quando mais de 60% do seu total de mercadorias exportadas são compostas por *commodities*”.

Segundo Iten (2021, p. 20), a dependência por *commodities* vai afetar sobretudo os países de economia em desenvolvimento sem litoral, predominantemente africanos e sul-americanos.

A dependência de *commodities* afeta particularmente os países em desenvolvimento vulneráveis e sem litoral e é mais predominante em termos regionais na África

Subsaariana e na América do Sul. Na América Latina e no Caribe, 52% de todos os seus países foram classificados como dependentes de commodities no mesmo período. Em comparação com outros continentes, a América Latina destaca-se pelo elevado número de países dependentes das exportações agrícolas. Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Equador são todos dependentes das exportações agrícolas: Bolívia, Equador, Venezuela, Colômbia e Trinidad e Tobago das exportações de energia; e Chile, Peru, Guiana e Suriname sobre as exportações de minerais, minérios e metais (Iten, 2021, p. 20. Tradução nossa).

Para a UNCTAD (2021), a América do Sul é a sub-região do continente Americano mais dependente por commodities, com uma média de 75,2% em 2018-2019, o que configura aumento de 2,7 pontos percentuais em comparação a 2008-2009. “Em 2018–2019, todos os 12 países da sub-região tiveram um nível de exportações de *commodities* [...] superior a 60 por cento e três quartos tinha um nível superior a 80 por cento.” (UNCTAD, 2021, p. 12, tradução nossa).

Com base nas tabelas a seguir é possível verificar, primeiro, os países de maior dependência por *commodities* na América Latina de 2013 a 2017. Segundo, as Exportações de Commodities em percentagem do total das exportações de mercadorias, em 1995, 2013-2017 e em 2017 de alguns países selecionados

TABELA 1 ESTADOS DEPENDENTES DE COMMODITIES NA AMÉRICA LATINA

PAÍS	EXPORTAÇÃO DE COMMODITIES EM %	EXPORTAÇÃO DE COMMODITIES	AGRICULTURA	MINERAIS	ENERGIA	DEPENDÊNCIA SETORIAL	MAIOR PRODUTO EXPORTADO	PARTICIPAÇÃO
BOLÍVIA	27,8	95,4	17,8	31,4	46,2	Energia	Gás Natural	42,7
EQUADOR	19,7	93,6	45,9	3,4	44,3	Agricultura	Petróleo Bruto	42
VENEZUELA	12,2	92,7	0,7	1,7	90,2	Energia	Petróleo Bruto	73,6
GUIANA	36,6	90,7	34,9	55,7	0,1	Minerais	Ouro	44,6
PARAGUAI	28,2	90,7	69,9	1,3	19,5	Agricultura	Semente/frutas Oleaginosas	26,4
PERU	14,4	88,8	20,5	58,8	9,5	Minerais	Minério de cobre	21,5
CHILE	22,8	86,3	30	55,4	0,9	Minerais	Cobre	27,2
COLÔMBIA	10,7	81	16	5	59	Agricultura	Petróleo Bruto	39
URUGUAI	11,4	78	76	1	1	Agricultura	Carne Bovina	17
SURINAME	31	74	12	53	10	Minerais	Ouro	47
ARGENTINA	7,3	69	59	6	4	Agricultura	Alimentos para animais	18
BRASIL	6,3	63	40	15	8	Agricultura	Sementes/frutas Oleaginosas	11

Fonte: Iten (2021, p. 72) Adaptado pelo Autor (2024, tradução nossa)

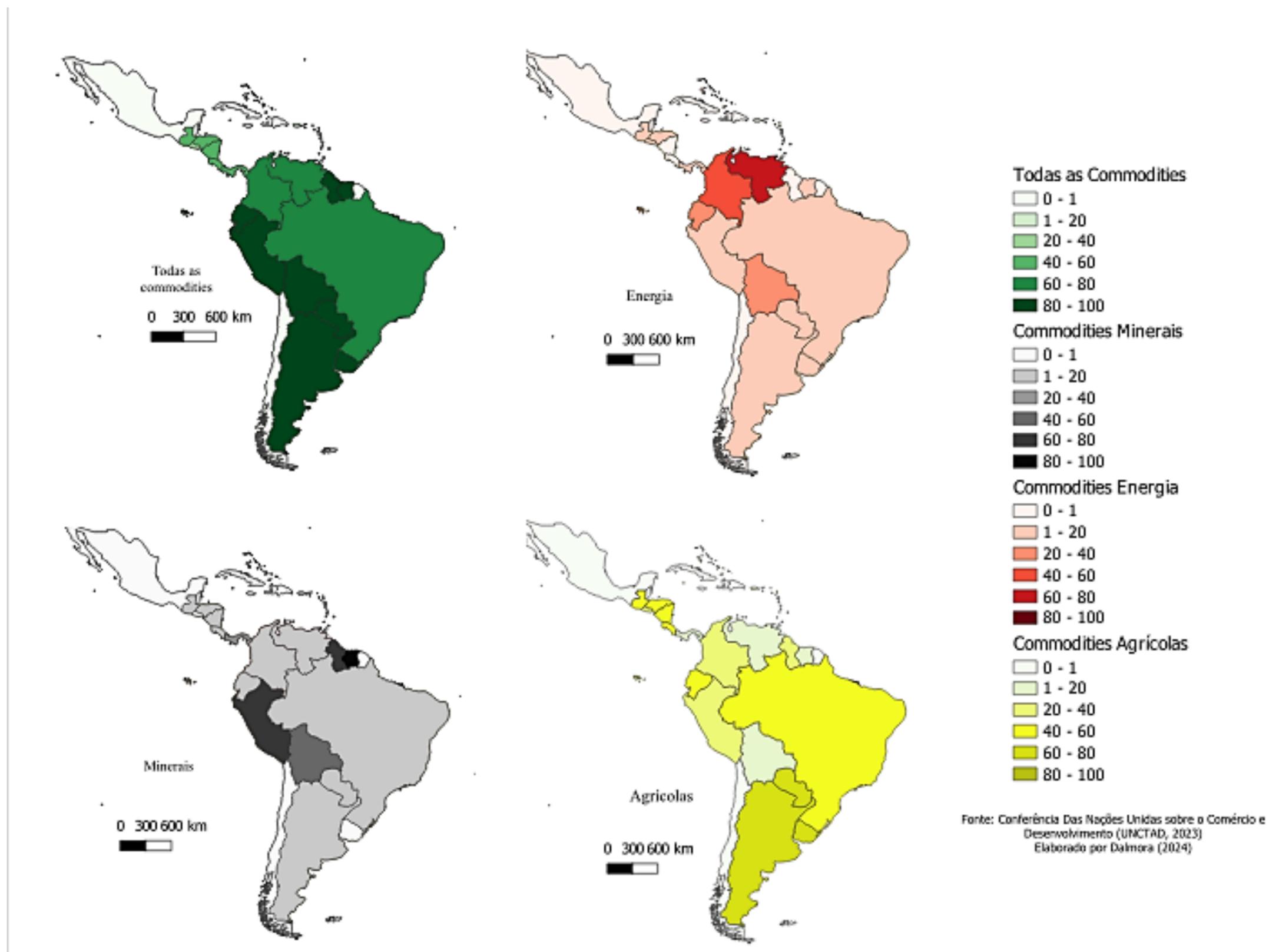
TABELA 2 TABELA DEPENDÊNCIA DE COMMODITIES AO LONGO DO TEMPO
EXPORTAÇÕES DE COMMODITIES EM % DO TOTAL DAS
EXPORTAÇÕES DE MERCADORIAS

PAÍS	1995	2013-2017	2017
BOLÍVIA	84	95,4	95
EQUADOR	92	93,6	94
VENEZUELA	84	92,7	82
GUIANA	89	90,7	85
PARAGUAI	83	90,7	90
PERU	86	88,8	91
CHILE	87	86	87
COLÔMBIA	70	81	80
URUGUAI	61	78	81
SURINAME	95	74	97
ARGENTINA	66	69	71
BRASIL	45	63	63
TRINIDAD E TOBAGO	61	61	55

Fonte: Iten (2021, p. 72) Adaptado pelo Autor (2024, tradução nossa)

Com base nas informações contidas nas tabelas apresentadas e na coleção de mapas a seguir, infere-se que na América Latina, sobretudo na América do Sul, os países dependem de suas exportações de *commodities*, ou energéticas, como a Venezuela (90,2%); minerais como o Peru (58,8%); ou oriundas da agricultura como o caso do Brasil (40%) e Argentina (59%). Infere-se também como que ao longo dos anos, o grau de importância desempenhado pelo setor de *commodities* aumenta em todos os países sul-americanos.

MAPA 3 AMÉRICA LATINA: COLEÇÃO DE MAPAS DA PORCENTAGEM DEPENDÊNCIA DE EXPORTAÇÕES DE COMMODITIES DE PAÍSES LATINO-AMERICANOS 2019-2021



Fontes: UNCTAD (2023) Elaborado pelo Autor (2023)

Partindo para uma análise do Brasil e da Argentina como sendo de interesse para este trabalho, esses países, assim como os demais vizinhos, apresentam forte dependência em torno da produção de *commodities*. De acordo com a figura a seguir, é possível analisar o grau de dependência em relação às exportações de *commodities* agrícolas e o papel desempenhado pela necessidade de importações de produtos de maior valor agregado, como produtos químicos, veículos, maquinários e eletrônicos.

Dessa forma, com base nas informações apresentadas no *treemap*¹ na sequência (Figura 1), pode-se mensurar, além do grau de dependência em relação às de *commodities*, também o papel desempenhado pelos respectivos países na Divisão Internacional do Trabalho, no qual os países reforçam suas posições periféricas, de dependência tecnológica e vulnerabilidade aos mercados financeiros globais.

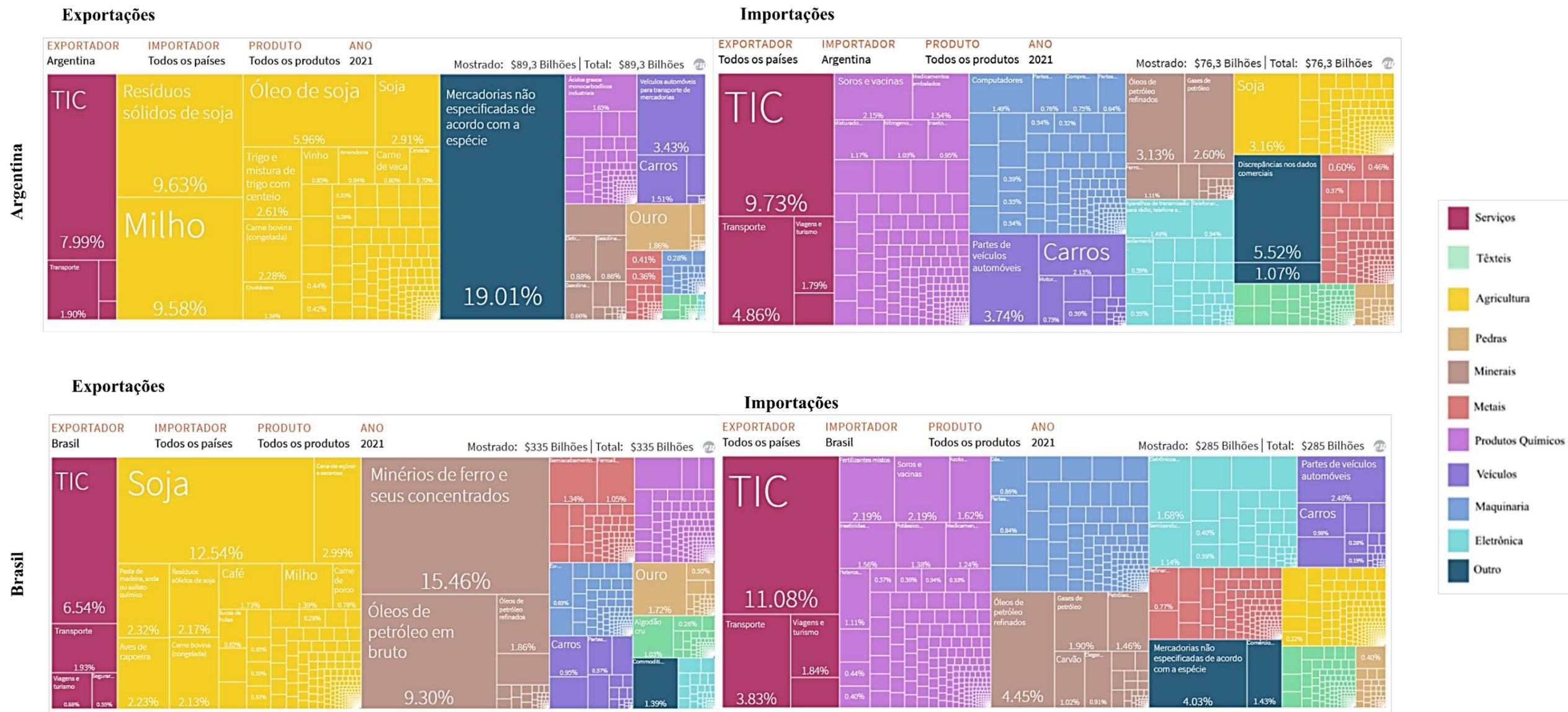
Isto posto, é importante compreender como uma das diversas mercadorias cotadas em bolsas de valores, é a *Commoditie* Avícola. A Avicultura enquanto atividade econômica, é compreendida como a criação de aves, sobretudo frangos, com objetivo de produzir carne e ovos para alimentação humana e animal. Enquanto *commodity*, o produto se dá em frango *in natura*, diferentemente de seus derivados, como *nuggets* e salsichas, devido ao grau de processamento industrial dos produtos (Castro, 2016).

Segundo a Embrapa (2023), partindo do planeta enquanto escala de análise, é possível perceber que os maiores produtores globais de carne de frango em 2022 foram, em ordem decrescente: Estados Unidos, Brasil, China, União Europeia, Rússia, México, Tailândia, Turquia, Argentina e Colômbia. Já ao analisar o mercado de exportação de carne de frango, os três maiores exportadores são Brasil, Estados Unidos e União Europeia.

Nota-se também como a América Latina é uma das principais regiões produtoras de carne aves e carne de frangos, em especial Brasil, México e Argentina. Assim, na subseção a seguir, se procurará realizar um breve panorama da produção avícola Latino-Americana e em relação à produção dos maiores produtores, sobretudo a produção aviar brasileira e argentina.

¹ *Treemaps* ou Mapas Árvores, são “[...] uma representação visual de dados hierárquicos, onde os dados são organizados em retângulos aninhados. Cada retângulo representa uma categoria, e seu tamanho é proporcional ao valor da métrica que está sendo analisada. Essa visualização é especialmente útil para mostrar a relação entre partes e o todo, permitindo que os usuários identifiquem rapidamente padrões e anomalias nos dados” (Aprender..., 2024). Dessa forma na figura apresentada na página seguinte, o tamanho dos retângulos correspondem a porcentagem das exportações e importações, por produto, de cada um dos países, além disso a cor dos retângulos corresponde ao ramo econômico.

FIGURA 1 "TREE MAPP" EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES BRASILEIRAS E ARGENTINAS (2021)



Fonte: GrowthLab - Harvard (2023)

1.2.2 A Avicultura Latino-americana: Um breve Panorama

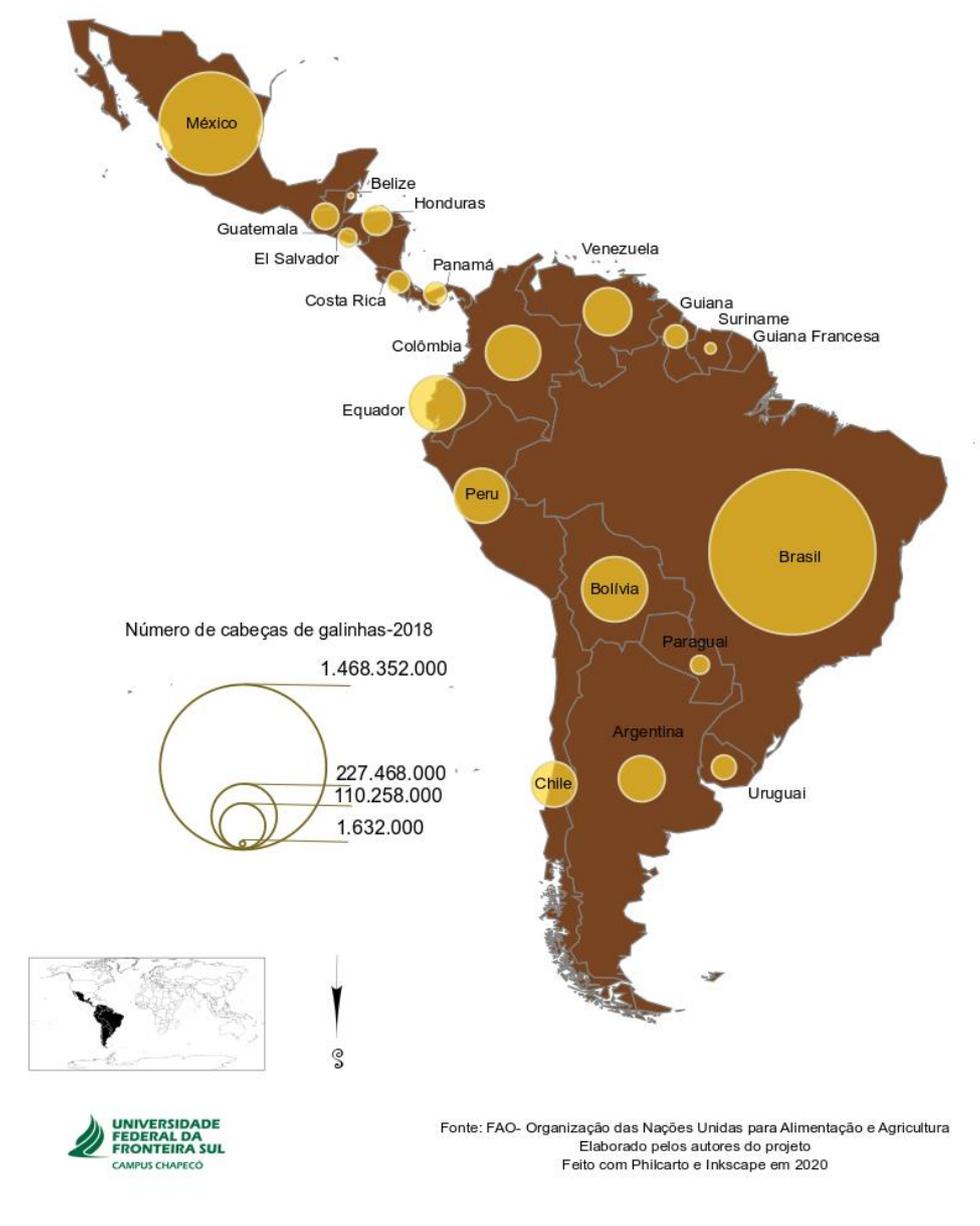
Ao observar a produção de carne de frango em escala planetária, é interessante entender como o continente americano, como um todo, corresponde a aproximadamente 41,2 % da produção de carne de frango global em 2021¹. No entanto, ao observar e localizar a produção continental, é visível como concentra a produção em alguns países e regiões, no mesmo ano de 2021, dos aproximados 50 milhões de toneladas produzidas no continente cerca de 22 milhões de toneladas foram produzidas na América do Sul e ali, cerca de 14,6 milhões de toneladas no Brasil (FAOSTAT, 2023).

Outros grandes produtores de proteína avícola latino-americana são o México, cerca de 3,3 milhões de toneladas, e a Argentina, com aproximadamente 2,3 milhões de toneladas. Sendo assim, os maiores produtores Sul-Americanos são Brasil e Argentina. (FAOSTAT, 2023)

Brasil e Argentina são também os maiores exportadores de carne de frango da região, Em 2021 o Brasil, exportou cerca de 4,2 milhões de toneladas, e a Argentina 156, 5 mil toneladas de carne de frango – em escala mundial, Brasil e Estado Unidos são respectivamente os grandes exportadores – já o México, outro grande produtor Latino-americano, não aparece entre os principais exportadores da proteína. Com base no mapa a seguir, é possível analisar e mensurar quais foram, no ano de 2018, os maiores produtores de galinhas no continente.

¹ Segunda a FAO em 2021 o globo produziu 121 588 358,46 Toneladas, produção distribuída pelos continentes, em ordem decrescente: Américas (50 175 664,32 T), Ásia (43 126 832,99 T), Europa (19 479 424,23 T), África (7 250 986,55 T) e Oceania (1 555 450,36 T) (FAOSTAT, 2023)

MAPA 4 AMÉRICA LATINA: REBANHO AVÍCOLA DE GALINHAS EM 2018



Fonte: Elaborado pelo Autor (2020)

Enquanto atividade industrial e dinâmica, a avicultura surge nos Estados Unidos na década de 1920 através do desenvolvimento de pesquisas e de associações produtivas setoriais, Espíndola (2009) entende como a produção avícola estadunidense ocorre a partir da,

[...] a constituição da American Poultry Association e desenvolvimento de pesquisas visando à seleção de pintos e à extensão do conceito mendeliano de gene e das características de variação contínua. A partir de 1935, o governo norte-americano instituiu o programa de controle sanitário em aves e promoveu as provas de desempenho mediante o Chicken of Tomorrow. Nas décadas de 1960/70/80, os programas de melhoramento genético avaliaram o número de ovos incubáveis, a taxa de eclosão e a capacidade de conversão alimentar. Contudo, foi a partir dos anos 1990 que as pesquisas foram direcionadas para o aumento do rendimento das partes nobres do frango e para sua capacidade de agregação de valor (Espíndola, 2009, p 2).

Segundo o autor, a produção industrial nos países da América do Sul passou a ser internalizada a partir da década de 1940 desenvolvendo-se sob três grandes fases, que serão detalhadas na próxima seção do trabalho.

Dessa forma, Espíndola (2009) conclui, que em primeiro lugar, além da industrialização da avicultura ter ocorrido após 1940, é importante compreender como a atividade era bastante nacionalizada, principalmente no Brasil e na Argentina até a década de 1990, onde inicia o processo de mundialização da economia nesses países.

Em segundo lugar, o autor disserta sobre como o desenvolvimento da atividade ocorreu sob significativa introdução de inovações tecnológicas por parte das empresas.

Esses esforços também foram verificados no sistema de criação, objetivando à redução dos custos e ampliação das margens do setor. Nesse aspecto, merecem destaque a automatização dos galpões, a produção em alta densidade e a internalização das fábricas de rações. A minimização dos custos produtivos contou ainda com as estratégias de dispersão geográfica para áreas com melhores oportunidades de mão-de-obra e oferta de matéria-prima (Espíndola, 2009, p 12).

Entre os resultados desse processo, destaca-se o barateamento dos produtos em comparação a outras proteínas. Uma terceira conclusão obtida por Espíndola (2009) refere-se ao fato de que mesmo nos países em que não houve a instituição de sistemas de integração Produtor-Agroindústria tão consolidados, surgiram produtores rurais capitalizados e organizados. “Em todos os países investigados, verifica-se a presença de associações de produtores que exercem pressões sobre o governo para a implantação de políticas em defesa da avicultura” (Espíndola, 2000, p.12)

Por último Espíndola (2009) ressalta, como quarta conclusão, que o desenvolvimento da avicultura sul-americana depende da introdução de suas cadeias produtivas nos *players* globais e na resolução de problemas sanitários e de infraestrutura de transportes.

Por fim, levando-se em consideração o exposto e reconhecendo o papel desempenhado pelo Brasil e pela Argentina como maiores produtores e exportadores de carne de frango da América do Sul, o capítulo a seguir procura oferecer um breve panorama da produção nesses dois países, identificando os diferentes agentes e processos envolvidos na produção e na identificação das regiões competitivas que apresentam forte especialização na produção de frango de corte.

2. REGIÕES PRODUTIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA: GLOBALIZAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA

“Os lugares se especializam, em função de suas virtualidades naturais, de sua realidade técnica e de suas vantagens de ordem social. Isso responde à exigência de maior segurança e rentabilidade para capitais obrigados a uma competitividade sempre crescente” (Milton Santos, 2017, p.248).

O atual período da globalização, como já debatido na seção anterior, resulta em diferentes processos que causam distintas transformações em diversos territórios. Silveira (2010, p. 75), observa que “no período da globalização, ocorrem bruscas mudanças de funções no território, que significam, ao mesmo tempo, transformações regionais. Rompem-se os equilíbrios precedentes e muda o conteúdo dos lugares e do território como um todo”.

Dentre essas mudanças que caracterizam os espaços globais, destaca-se a crescente necessidade de fluidez dos territórios, sobretudo fluxos de dinheiro, informação, mercadorias, pessoas e ordens (Silveira, 2010, p. 79). Acompanhadas desses crescentes fluxos, as grandes corporações transnacionais adentram os territórios e instalam-se, utilizando os diferentes sistemas de engenharia presentes nos territórios nacionais (Santos e Silveira, 2016, p. 291).

Na medida em que essas grandes empresas, arrastam na sua lógica outras empresas industriais agrícolas e de serviços, e também influenciam fortemente o comportamento do poder público, na União dos estados e nos municípios, indicando-lhe formas de ação subordinadas não será exagero dizer que estamos diante de um verdadeiro comando da vida econômica e social e da dinâmica territorial por um número limitado de empresas. Assim o território pode ser adjetivado como um território corporativo (Santos e Silveira, 2016, p.291).

Nesse sentido, com base em Santos, *et.al.* (2000, p. 12), pode-se perceber como o território, para esses grandes agentes econômicos, é visto com um recurso, o que ocasiona seu uso de forma corporativa.

Para os atores hegemônicos o *território usado* é um recurso, garantia da realização de seus interesses particulares. Desse modo, o rebatimento de suas ações conduz a uma constante adaptação de seu uso, com adição de uma materialidade funcional ao exercício das atividades exógenas ao lugar, aprofundando a divisão social e territorial do trabalho, mediante a seletividade dos investimentos econômicos que gera um uso corporativo do território. (Santos, *et. al.*, 2000, p. 12)

Mais do que apenas um uso corporativo, ocorre um uso competitivo dele por partes desses agentes, sendo que o poder de uso varia conforme o poder de atuação e importância de cada empresa. Assim, “O uso competitivo do espaço acaba por se mostrar um uso hierárquico, na medida em que algumas empresas dispõem de maiores possibilidades para utilização dos

mesmos recursos territoriais " (Santos e Silveira, 2016, p.295). Nesse processo, as maiores corporações desempenham papéis centrais na produção e funcionamento da economia e do território. (Santos e Silveira, 2016).

Isso resulta também em uma competitividade entre lugares e regiões, uma vez que essas empresas estão sempre à procura de locais mais atrativos para a extração de sua mais-valia. Essa atuação empresarial resulta na amplificação de diferentes especializações regionais produtivas e de diferentes Divisões do Trabalho superpostas.

Silveira (2007, p. 3), explica como o uso do território por parte dessas corporações configura diferentes divisões do trabalho:

Cada empresa constrói sua base material ou utiliza a que já existe para levar a cabo seu trabalho, para cumprir os mandamentos da sua vida corporativa. Cada uma tem uma forma particular de combinar os objetos que necessita para o exercício de sua ação é uma forma particular de organizar as ações para por funcionar tais objetos. Se trata de pontos e áreas que a empresa seleciona e que conformam sua base material de existência. É sua própria divisão do trabalho: uma verdadeira topologia, tantas vezes confundida com as necessidades da Nação. Não haveria, então, uma única divisão territorial do Trabalho em nossos países e regiões se não uma superposição e um enredo de divisões do trabalho. Portanto estamos em frente a um conceito plural. (Silveira, 2007, p.3, tradução nossa)

Dessa maneira, este capítulo procura compreender e discutir diferentes dinâmicas que compõem a organização de regiões competitivas e os processos que levam a especialização regional produtiva avícola, que como consequência, levam a quadros de vulnerabilidade territorial.

2.1 ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA E A VULNERABILIDADE TERRITORIAL EM REGIÕES COMPETITIVAS AGROPECUÁRIAS: ALGUMAS REFLEXÕES

No atual período, marcado expressivamente pelo processo de globalização, o uso corporativo dos territórios surge como uma das características intrínsecas ao período. Nesse processo, a atuação de grandes corporações, aliadas a uma expressiva Divisão Internacional do Trabalho e a diferentes formações socioespaciais, condicionam diferentes especializações regionais produtivas tornando uma das marcas do atual momento.

Santos e Silveira (2016, p. 291) compreendem que devido a atuação intensa de grandes agentes econômicos, que carregam consigo uma lógica própria e, assim, condicionam a atuação de outras empresas e do Estado, ocorre um “comando da vida econômica e social e da dinâmica territorial” por parte dessas grandes corporações.

Os autores complementam dissertando sobre como o território comumente acolhe uma tipologia de atividades, que, em alguns casos, se relacionam ao próprio território, porém, o papel de comando do território passa a ser reservado às grandes corporações, que detém maior poder político e econômico, no qual os diferentes pontos de alocação passam a ser as bases de suas reproduções (Santos e Silveira, 2016, p. 291)

De acordo com Corrêa (1992), essas grandes corporações, por meio de suas práticas espaciais produtivas, voltadas para a gestão de seus territórios, condicionam o ordenamento territorial regional. O mesmo define a gestão do território como, um conjunto de práticas que objetiva o controle da organização espacial, nesse sentido, na fase atual capitalista, esse processo é exercido fortemente por grandes empresas.

Na fase atual do capitalismo as grandes corporações multifuncionais e multilocalizadas desempenham papel fundamental na organização espacial, exercendo determinado controle sobre amplo e diferenciado território. Este controle constitui-se em um dos meios através do qual a corporação garante com máxima eficiência a acumulação de capital e a reprodução de suas condições de produção (CORRÊA, 1992, p. 35).

Para mais, Santos e Silveira (2016, p. 292) entendem como cada empresa, como cada ramo da produção, gera paralelamente uma organização territorial, visível na topologia das empresas, ou seja, na distribuição do território.

A presença numa localidade de uma grande empresa global incide sobre a equação do emprego, a estrutura do consumo consumptivo e do consumo produtivo, o uso das Infraestruturas materiais e sociais, a composição dos orçamentos públicos, a estrutura do gasto público e o comportamento das outras empresas, sem falar na própria imagem do lugar e no impacto sobre os comportamentos individuais e coletivos, isto é, sobre a ética (Santos e Silveira, 2016, p. 295).

É importante ressaltar com base nos autores, como a atuação desses agentes econômicos objetiva a localização e a busca por lugares produtivos, o que ocasiona na constituição de verdadeiras regiões competitivas e especializadas. Silveira (2011, p. 7), entende como com o processo de globalização e o imperativo mercado global, certas áreas dos países consagram atividades mais competitivas, ligadas ou não a exportação, mas substancial ao desenvolvimento do circuito total da produção.

As condições nelas presentes, ou que podem ser adrede introduzidas, favorecem uma rentabilidade maior a certas atividades ou produtos, recomendando a instalação das respectivas empresas mais exigentes de produtividade. É por isso que há uma tendência à agregação de atividades similares ou complementares sobre um mesmo lugar, criando verdadeiras especializações produtivas, seja no campo, com novos lençóis agrícolas globalizados, monoprodutores ou não, seja nas cidades consagradas

a certo tipo de produção industrial ou a um conjunto de produções (Silveira, 2011, p. 7).

Para a autora, a criação dessas regiões resulta em efeitos como: 1º a Criação de um efeito de massa, que reduz os custos individuais e globais, devido a acumulação de atividades semelhantes e complementares; 2º a produção de um efeito de vizinhança implicando na difusão de informações (círculos de cooperação), constituindo uma vantagem comparativa; 3º a implantação de serviços especializados locais (Silveira, 2011, p. 7).

Salienta-se como o processo de especialização regional produtiva leva à constituição de regiões competitivas, dado que diferentes regiões nos territórios nacionais acabam atraindo mais ou menos investimentos e fluxos globais.

Os novos subespaços não são igualmente capazes de rentabilizar uma produção. Cada combinação tem sua própria lógica e autoria forma de ação específica de agentes econômicos e sociais específicos. Já vimos, por exemplo, que as ações hegemônicas se estabelecem e se realizam por intermédio de objetos hegemônicos, privilegiando certas áreas. Então, como num sistema de sistemas, o resto do espaço e o resto das ações são chamados a colaborar. Os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos. Essa rentabilidade é maior ou menor, em virtude das condições locais de ordem técnica organizacional (Santos, 2017, p. 247).

Para Frederico (2012), as regiões, ao buscarem atrair fluxos de capital privados e públicos, bem como reunir sistemas de infraestrutura e normas que as tornam funcionais ao mercado globalizado, constituem a criação de regiões competitivas, ou seja, de “um compartimento do espaço geográfico caracterizado pela reunião de fatores produtivos de ordem técnica e normativa e pela inserção proeminente nos mercados internacionais” (Frederico, 2012, p. 6).

Castillo e Frederico (2010, p. 18), partem de uma concepção de competitividade que passa de ser apenas atributo das empresas para ser também uma condição dos lugares e regiões. Os autores entendem que a distribuição desigual de densidades técnicas e normativas ocasiona a obtenção de distintas capacidades de competitividade entre as regiões. Para os autores, o conceito pode ser definido e deriva da ideia de coesão regional:

O conceito de região competitiva deriva diretamente da ideia de coesão regional decorrente de vetores externos e fundamentada em arranjos organizacionais, proposta por Santos (1994). Trata-se de um compartimento geográfico caracterizado pela especialização produtiva obediente a parâmetros externos (em geral internacionais) de qualidade e custos. Essas regiões, preferencialmente, são as que atraem os investimentos públicos e privados, transformando grandes porções do território em áreas de exclusão. Assim, a ideia de região competitiva pode ser entendida como a expressão geográfica da produção na era da globalização. (Castillo e Frederico, 2010, p. 20).

Nesse sentido, segundo os autores, uma região competitiva agrícola pode ser entendida como uma área produtiva do espaço geográfico, cuja produção está atrelada à produção agrícola moderna. Assim, as regiões competitivas agrícolas podem ser compreendidas como as que reúnem “[...] uma forte densidade técnica (infraestrutura de transporte e comunicação, sistemas de armazenamento, centros de pesquisa, agroindústrias) e normativa (desoneração fiscal, normas [...], selos de denominação de origem etc.) vinculada à atividade agrícola dominante” (Castillo e Frederico, 2010, p. 20).

Portanto, observa-se a constituição de regiões de agricultura globalizada formando verdadeiras regiões competitivas (Santos 2010; Frederico 2013). Nessas áreas, propala-se comumente um conjunto de investimentos públicos e privados em sistemas de engenharia ligados à produção, conjuntamente a uma série de aparatos normativos, objetivando fluidez e eficiência da produção (Castillo e Frederico, 2010, p. 470).

De acordo com Frederico (2013), a agricultura científica globalizada resulta em duas faces, tanto a competitividade quanto a vulnerabilidade, sendo que o processo de aprofundamento de competitividade regional amplia a sua vulnerabilidade, pois os locais de comando da organização territorial perpassam a região. Nesse sentido, Frederico (2013) explica:

[...] Além do uso dos novos sistemas técnicos informacionais, a agricultura científica globalizada também se caracteriza por uma nova forma de regulação política da produção. Na fronteira agrícola moderna, o poder das grandes empresas (*tradings*, agroindústrias, sementes, fertilizantes e agrotóxicos) se expressa através da regulação das inovações tecnológicas, do financiamento de custeio, do fornecimento de insumos, do comércio e da logística de circulação dos grãos. Somado à ação das empresas, os produtores e regiões produtoras também são vulneráveis às aplicações financeiras realizadas pelos especuladores internacionais, que aumentam a volatilidade dos preços, decorrente da criação de uma demanda fictícia por *commodities* agrícolas. A competitividade e a vulnerabilidade são as duas faces da agricultura científica globalizada. O aprofundamento da especialização regional produtiva, característica *sine qua non* do atual paradigma agrícola, ao mesmo tempo em que possibilita uma inserção competitiva das regiões no mercado internacional, também cria uma maior vulnerabilidade, uma vez que as decisões políticas são cada vez mais estranhas aos lugares da produção propriamente dita (Frederico, 2013, p. 13).

Dessa maneira, é importante compreender, ainda que brevemente, o significado do conceito de vulnerabilidade, segundo Alves (2013, p. 354), o termo apresenta diferentes significações e usos. “[...] diferentes acepções de vulnerabilidade são utilizadas em áreas tão diversas quanto o direito, segurança alimentar, macroeconomia, psiquiatria, saúde e prevenção de desastres naturais. [indicando] que não existe uma única definição de vulnerabilidade”.

Partindo da análise de seu significado, a palavra vulnerabilidade refere-se à “Qualidade ou estado do que é vulnerável” (Michaelis, 2024, [S.D.]), que, por sua vez, significa aquilo “que é suscetível de ser ferido ou atingido [...] Que está sujeito a ser atacado ou criticado.” (Michaelis, 2024, [S.D.]).

Para além do significado literal, pode-se compreender com base em Alves (2013, p. 353), que o conceito de vulnerabilidade é definido em um contexto no qual há a presença de três componentes constituintes: “exposição ao risco; incapacidade de reação; e dificuldade de adaptação diante da materialização do risco”.

Dessa forma, a vulnerabilidade territorial é entendida no presente estudo como: 1º a exposição do território regional a riscos (embargos, crises produtivas, deslocalização de empresas, oligopolização do território, impactos no meio natural, etc); 2º a incapacidade de reação dos agentes constituintes das regiões (exemplos de desemprego, *layoff*, estagnação e contração da economia de municípios e regiões); 3º a dificuldade de contorno em relação aos eventos ocorridos.

Para mais, toma-se como prerrogativa o que Santos e Castillo (2020, p.512) explicam sobre como o processo de constituição de especializações regionais voltadas a atender à produção agropecuária hegemônica causa. Em que “O “engessamento” do uso dos territórios municipais, por esse viés, leva ao aumento da dependência da economia urbano-regional (e suas atividades secundárias e terciárias) a praticamente um único setor produtivo” gerando diferentes implicações socioespaciais:

Esse modelo de produção tem gerado, no entanto, implicações socioambientais diversas, drástica redução da diversidade produtiva no campo (e também nas pequenas cidades) e forte alienação e dependência dos lugares aos mercados recorrentemente instáveis das commodities agrícolas, revelando um quadro de vulnerabilidade territorial [...]. Essa vulnerabilidade está muito associada ao contexto neoliberal de acumulação por espoliação/despossessão [...] e podemos entendê-la, ainda preliminarmente, como a propensão dos lugares a transtornos ou danos (econômicos, sociais, ambientais) decorrentes de crises (setoriais ou macroeconômicas) ou a implicações socioambientais de alguma atividade econômica (Santos e Castillo, 2020, p. 512-513).

Nesse contexto, regiões competitivas agrícolas, caracterizadas por intenso processos de especialização regional produtiva, frequentemente estão expostas a eventos que podem gerar estados de vulnerabilidade territorial. Eventos são processos que geram transformações na organização socioespacial em que “Onde ele se instala, há mudanças, pois o evento é uma brutalidade eficaz [...] Por isso, a cada novo acontecer as coisas preexistentes mudam seu conteúdo e também mudam sua significação” (Santos, 2017, p. 146).

Para Miton Santos (2017, p. 144), ao considerar o “mundo como um conjunto de possibilidades” o evento torna-se o vetor de tais possibilidades existentes em determinada formação socioespacial. Além disso, o autor entende a necessidade de classificação dos eventos, dividindo-os em eventos naturais e históricos.

Uma primeira distinção a estabelecer separaria os eventos naturais (a queda de um raio, o começo de uma chuva, um terremoto) dos eventos sociais ou históricos (a chegada de um trem, um comício, um acidente de automóvel fecham). Os primeiros resultam do próprio movimento da natureza, isto é, da manifestação diversificada da energia natural. É assim que a natureza muda pela sua própria dinâmica. Já os eventos sociais resultam da ação humana, da interação entre os homens, dos seus efeitos sobre os dados naturais. Aqui, é um movimento da sociedade que comanda, através do uso diversificado do trabalho e da informação. (Santos, 2017, p. 147)

Outrossim, eventos podem ser finitos (o tempo de cada sujeito, a disponibilidade de dinheiro, de recursos, de população) ou infinitos (Informação democracia, liberdade) e planejados ou não (Santos, 2017, p.148).

Santos (2017, p. 152) compreende que a noção de escala também deve-se levar em consideração nas análises dos eventos, para o autor, a escala se aplica sob duas acepções, a escala das forças operantes, ou seja, a origem das variáveis que constituem o evento, e a escala de seu impacto ou de sua realização.

Quanto a escala das forças operantes devemos levar em conta o lugar geográfico, econômico ou político de onde atuam as variáveis. Por exemplo, um evento mundial se origina em uma empresa multinacional, num banco transnacional, numa instituição supranacional. O Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional criam eventos mundiais. E nas respectivas dimensões territoriais, há eventos nacionais, regionais, locais (Santos, 2017, p. 152).

Além disso, para Santos (2017, p. 154), é importante compreender que os eventos não ocorrem de forma isolada, deve-se considerar uma verdadeira superposição de eventos que acontecem conjuntamente, em que a ordem e a duração não são as mesmas. Dessa forma o autor entende que:

Os eventos são atuais, absolutos individualizados, finitos, sucessivos, mas na medida em que se estendem uns sobre os outros, participando uns dos outros, eles estão criando a continuidade do mundo vivente e em movimento, ou, em outras palavras, a continuidade temporal e a coerência espacial. É assim que as situações geográficas se criam e recriam (Santos, 2017, p. 156)

Dessa maneira, acontecimentos como o fechamento e a abertura de unidades produtivas, a fusão e a aquisição de empresas, originando monopólios e oligopólios, embargos comerciais, crises de produção de matéria-prima e impactos ambientais derivados do mau manejo produtivo

podem ser alguns desses exemplos que marcam eventos que promovem mudanças significativas que demandam novos desdobramentos.

Além disso, essas transformações expõem o território a riscos, impossibilitam a sua reação e dificultam seu contorno, deixando o território vulnerável. Portanto, considerando o conceito de “região competitiva agrícola” e as conclusões obtidas durante os capítulos anteriores referentes ao processo de globalização e o uso do território, bem como da DIT, os próximos subcapítulos buscarão oferecer um panorama da produção avícola no Brasil e na Argentina além de identificar os diferentes processos que organizam suas regiões competitivas avícolas, como resultado, entre outros fatores, de um uso corporativo do território e de uma Divisão Internacional do Trabalho.

2.2 REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS NO BRASIL

Reconhecendo os diferentes processos envolvidos na Divisão Territorial do Trabalho em Escala Internacional, bem como os diferentes fatores que configuram especializações regionais produtivas e a formação de regiões competitivas avícolas, o presente capítulo procura compreender a organização da produção avícola no Brasil, identificando as regiões competitivas avícolas e as distintas dinâmicas que as constituem.

Inicialmente, apresenta-se um panorama sobre o processo de desenvolvimento da avicultura no país, assim como a espacialização da produção pelo território nacional. Uma vez identificadas as regiões de maior produção, procura-se compreender quais as principais dinâmicas que organizam o território desses subespaços, como o Sul do Brasil e a região Centro-Oeste.

2.2.1 Avicultura Brasileira: Desenvolvimento da produção e a organização do circuito espacial produtivo

Como já exposto no capítulo anterior e de acordo com Espíndola (2009), a produção em caráter industrial da avicultura inicia-se na América do Sul após a década de 1940, isso não difere no caso brasileiro. Segundo Espíndola (2009) e Canever, *et. al.* (1997), como uma atividade dinâmica e agroindustrial, a avicultura brasileira surgiu após a década de 1950 e organiza-se em três grandes períodos, cada um com características e eventos próprios.

De acordo com Costa (2011, p. 21), em 1913 foi fundada a Sociedade Brasileira de Avicultura com o objetivo de profissionalizar o setor, mas a comercialização do produto representava um obstáculo na época, pois não era costumeiro a comercialização de animais

abatidos até meados da década de 1920. Costa (2011) destaca que apenas após a década de 1930 a produção ganhou escala para atender as demandas da crescente população brasileira.

Existia uma necessidade de organização para profissionalizar a forma com que eram abastecidos os mercados na época, que consistia na atividade de vários intermediários que, nas zonas rurais, adquiriam a produção de milhares de pequenos produtores. Essas criações, sem finalidade zootécnica ou grandes interesses econômicos, eram constituídas de aves crioulas, mestiças, com baixo rendimento tanto em carne como em ovos, dada a falta de uma assistência técnica que orientasse esses produtores (Costa, 2011, p.25)

Além dessa necessidade de modernização e ampliação do setor no território nacional, a expansão do setor, liga-se ao processo de imigração europeia e japonesa ocorrida no Brasil, sendo esses migrantes agentes ativos no aumento da produção (Costa, 2011, p.27).

Dessa forma, o primeiro período industrial da atividade, anterior a década de 1950, apresenta algumas características, como a introdução de novas linhagens de raças de aves, acompanhados de investimentos em pesquisas genéticas do Instituto de Pesquisa e Experimentação Agropecuária do Centro Sul-IPEACS. Essas pesquisas foram fundamentais para o aumento da produtividade, pois diminuíram as taxas de mortalidade, melhoraram a conversão alimentar e aceleraram o crescimento dos animais para o abate (Espíndola, 2009, p. 3).

O segundo período, ou segunda fase da avicultura industrial brasileira, se estende de 1960/70 – 1990, marcada por efetivo aumento nos índices produtivos, com instalação de novas plantas produtivas e do início de centralização de capitais (Espíndola, 2009). Esse crescimento das plantas produtivas no país foi acompanhado de um forte investimento em tecnologia, através da internalização de linhagens de animais, equipamentos e máquinas de criação e abate, além da fundação da Embrapa/Aves na cidade de Concórdia SC (Espíndola, 2009).

A combinação dessas estratégias com o aporte Estatal resultou em um aumento significativo da produção de carne de frango no país até 1985, que territorialmente concentrava-se nos estados, de São Paulo (38%), Santa Catarina (22,9%), Rio Grande do Sul (12,3%) e Paraná (3,9%). Outro fator importante para o desenvolvimento da produção brasileira foi a introdução, em 1950/60, do Sistema de Integração Produtor-Agroindústria¹, que possibilitou a melhor gestão das cadeias produtivas (Espíndola, 2009).

Com o desenvolvimento técnico produtivo ocorrido durante a segunda fase da produção, pós 1990, inicia-se o terceiro período, caracterizado pela abertura econômica dos territórios

¹ Segundo Espíndola (2009, p.8) “O sistema consiste em uma relação contratual entre a agroindústria e o produtor, em que a empresa garante a compra de toda a produção, fornecendo ao produtor a assistência técnica e parte dos insumos”

latino-americanos e a porosidade desses frente ao neoliberalismo, como nos informa Arroyo (2006). Para Espíndola (2009), os anos 1990 foram marcados pela necessidade de as empresas realizarem diferentes reestruturações produtivas, tanto em ordens de processos quanto de produtos, resultando em rápido crescimento dos plantéis produtivos.

Para Espíndola e Bastos (2005, p. 39), durante a década de 1990 as agroindústrias de carne do sul do Brasil, por exemplo, realizaram uma série de estratégias: implantação de novas tecnologias com ampliação dos portfólios de mercadorias, reestruturações na organização administrativa do setor, novos investimentos produtivos com deslocamento de plantéis para o centro-oeste, dinamizando assim mais a cadeia produtiva avícola do país.

É importante compreender, que no Brasil a cadeia produtiva da carne de frango organiza-se em sua maioria em três escalões, produção de insumos, industrialização e comercialização (Schmidt e Silva, 2018),

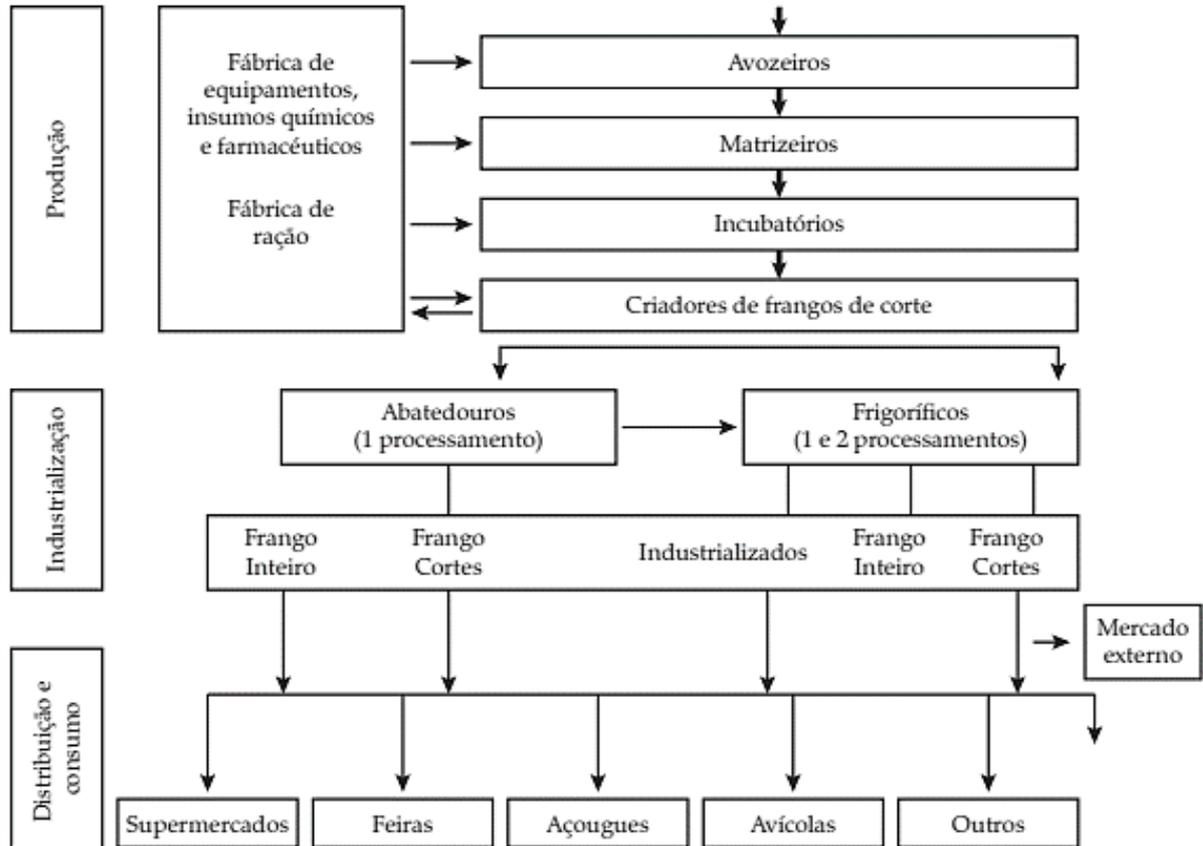
A primeira escala produtiva, compreende a etapa de produção de avozeiros¹ e empresas que compõem o círculo de cooperação da cadeia produtiva, com fornecedores de equipamentos técnicos, de sanidade, genética e alimentação. A segunda etapa, corresponde ao processo de abate ocorrido nos abatedouros e frigoríficos, onde ocorre o abate e processamento dos animais. Por fim, a última etapa compreende o processo de comercialização, tanto no mercado nacional quanto internacional (Schmidt e Silva, 2018, p. 474).

É importante ressaltar dois aspectos. Primeiro, compreender que o processo de criação dos animais ocorre, em quase sua totalidade, através do sistema de integração, no qual os avicultores realizam o trabalho de criação dos animais e o frigorífico responsabiliza-se com os insumos produtivos necessários. Segundo, que a avicultura industrial no país apresenta algumas particularidades, dependendo da região em que ocorre a produção, aspecto que será debatido nas subseções seguintes.

Com base no organograma apresentado a seguir é possível observar a organização da cadeia produtiva avícola brasileira.

¹ Segundo Schmidt e Silva (2018, p. 474) os avozeiros compreendem aqueles que “importam os ovos das linhagens avós que produzem as matrizes, nos matrizeiros, que gerarão os pintinhos comerciais”.

FIGURA 2 ORGANIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA AVÍCOLA BRASILEIRA

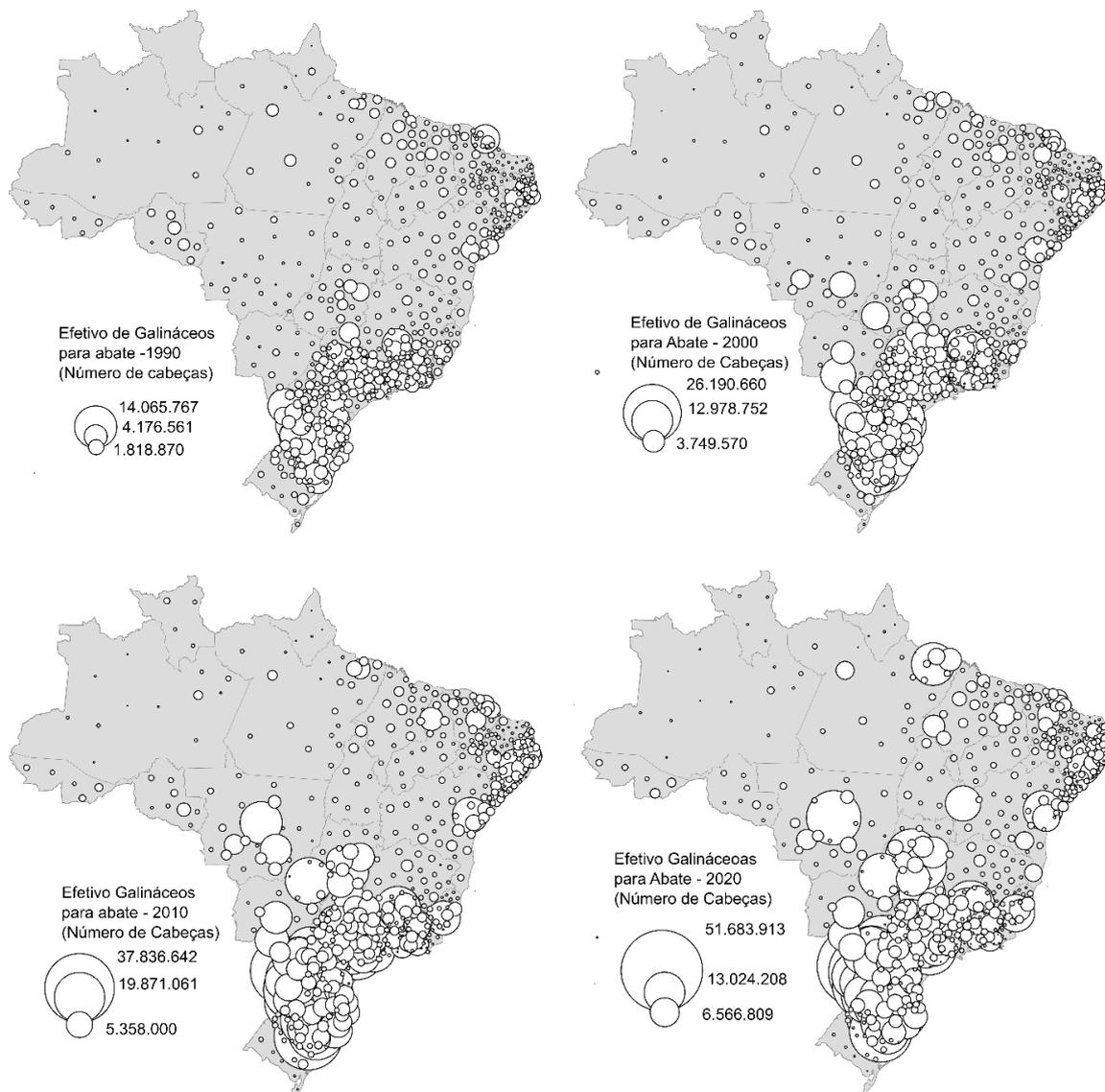


Fonte: Adaptado de Schmidt e Silva (2018)

O período após 1990 também foi marcado por um crescimento expressivo dos efetivos produtivos, a título de exemplo, com base nos dados da Pesquisa Pecuária Municipal do IBGE, é possível mensurar como ocorreu esse aumento nos efetivos dos rebanhos de galináceos no país. Traçando como recorte decenal de 1990 a 2020, percebe-se que a produção passou de aproximadamente 546.235.505 cabeças de galináceos, em 1990, para um total de 842.740.173 cabeças em 2020, 1.238.912.537 cabeças em 2010, chegando a um pico de 1.478.424.361 cabeças em 2020 (IBGE, 2023).

Com base na coleção de mapas e tabelas apresentados a seguir é possível observar o padrão territorial de crescimento dessa produção. Além disso, percebe-se como as regiões de maior crescimento da produção avícola brasileira, foram as regiões do Centro-Sul com destaque para a região Centro-Oeste, seguida pelas regiões Sul e Sudeste.

MAPA 5 BRASIL: DESENVOLVIMENTO DOS EFETIVOS PRODUTIVOS AVÍCOLAS BRASILEIRO (1990, 2000, 2010 E 2020)



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

TABELA 3 PRODUÇÃO DE GALINÁCEOS PARA ABATE POR GRANDE REGIÃO DO BRASIL

Produção de Galináceos para abate por grande região do Brasil

	1990	2000	2010	2020	2022	Diferença 2022-1990	Variação%
Norte	16.746.721	18.972.976	18.279.456	37.551.623	39.859.651	23.112.930	138,
Nordeste	62.634.419	76.503.803	98.560.546	138.174.509	149.481.887	86.847.468	138,7
Sudeste	111.099.146	186.288.544	27.9237.624	273.080.326	267.602.481	156.503.335	140,9
Sul	167.218.024	326.615.968	52.7170.452	634.170.664	716.319.108	549.101.084	328,4
Centro-Oeste	14.028.840	50.864.256	104.903.399	142.675.129	153.331.749	139.302.909	993,0

Fonte: IBGE-SIDRA-Pesquisa Pecuária Municipal (2023)
Fonte: IBGE (2023), elaborado pelo autor (2023)

Nesse processo de crescimento produtivo, baseado nos mapas seguintes, percebe-se primeiro, o padrão de crescimento e retração da produção, segundo, a concentração por mesorregião e do número de abates por estado da federação e, terceiro, é possível observar a distribuição espacial da produção e dos principais agentes econômicos do setor.

Antes de explicar a dinâmica de crescimento e contração da produção é importante entender a distribuição espacial desta produção no Brasil (Mapa 6, 7 e 8). Dessa forma, e recordando que a região sul do país concentra a maior parte dos rebanhos, observa-se que a produção estrutura-se a partir de eixos que se estendem do centro do estado do Rio Grande do Sul ao Oeste Catarinense e Paranaense, chegando ao norte do Paraná, áreas onde também se distribuem as principais plantas de abate de aves do país.

Segundo Dalmora e Scherma (2019, p. 2):

Partindo do território nacional como escala de análise, no Sudeste, as maiores densidades dos plantéis de aves se desenvolvem na forma de eixos. Esses eixos têm início na região de Sorocaba e Campinas no estado de São Paulo e acompanham as rodovias Castelo Branco e Anhanguera, o eixo que se desenvolve no entorno da via Anhanguera segue em direção ao triângulo mineiro e se estende até o estado de Goiás. Já o Centro-Oeste, onde encontramos efetivos consideráveis do rebanho avícola, esses se concentram em forma de ilhas produtivas nos estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul [isso pode ser observado no próximo mapa]. Já as regiões Norte e Nordeste são regiões ainda com um campo aberto para o desenvolvimento do setor, visto que o estudo mostra uma baixa densidade dos rebanhos nessas regiões.

A produção avícola brasileira de modo industrial esteve ligada às fases de desenvolvimento dessa produção, e assim como Espíndola (2009) e Costa (2011), apresentaram em seus textos, a distribuição espacial e a maior concentração produtiva estiveram em constante dinâmica e deslocamento. No atual período, se considerarmos a fase pós 2000, ocorre um significativo deslocamento de planteis produtivos, com base no mapa a seguir, (Mapa 6), é possível mensurar e analisar o padrão tanto de crescimento como de contração produtiva.

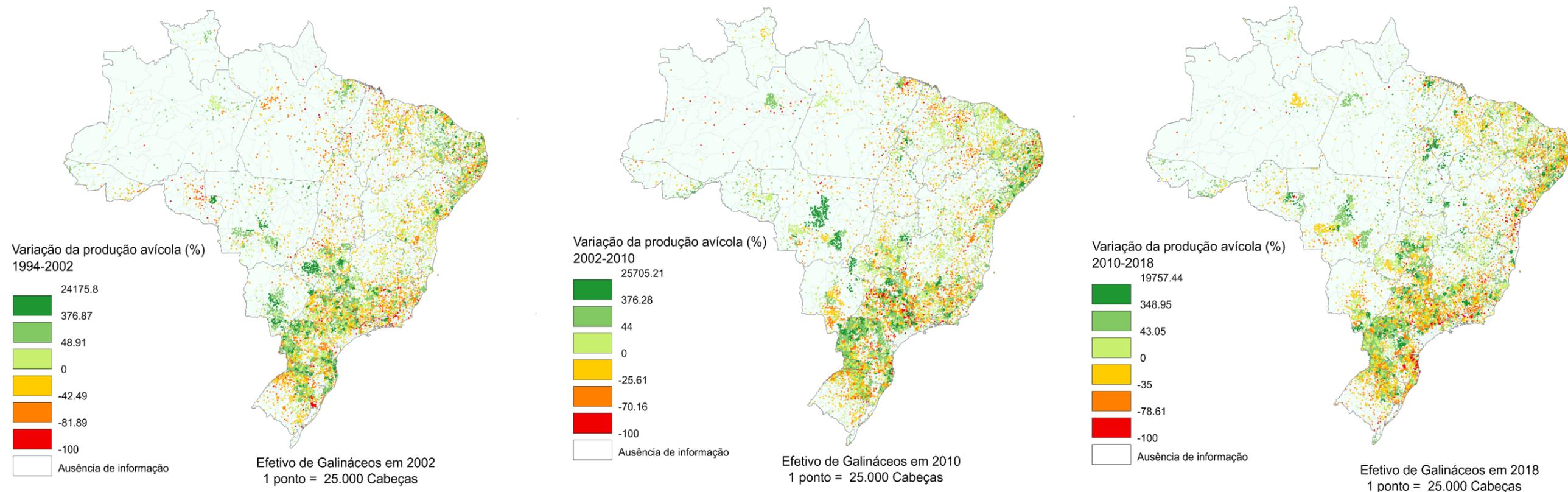
Com base na coleção de mapas a seguir (mapa 6), nota-se por exemplo, que entre 1994 e 2002 houve um crescimento da produção em todo o eixo produtivo na região Sul e no estado do Mato Grosso do Sul. De 2002 a 2010 e no período subsequente, leia-se como na região Sul ocorreu um deslocamento produtivo para as regiões do Oeste, sudoeste e Noroeste paranaense enquanto regiões tradicionalmente produtoras de aves, como o Oeste de Santa Catarina, ocorreu significativa estagnação dos planteis, e regiões do centro sul-rio-grandense contração da produção.

Na região Centro-Oeste do Brasil, no estado do Mato Grosso ocorreu os aumentos mais significativos na produção de carne de frango do país. Se selecionarmos a cidade de Sorriso MT, em 2002 a cidade produzia um contingente de aproximadamente 153 mil cabeças, em 2010 1,8 milhão, em 2018 cerca de 10 milhões cabeças.

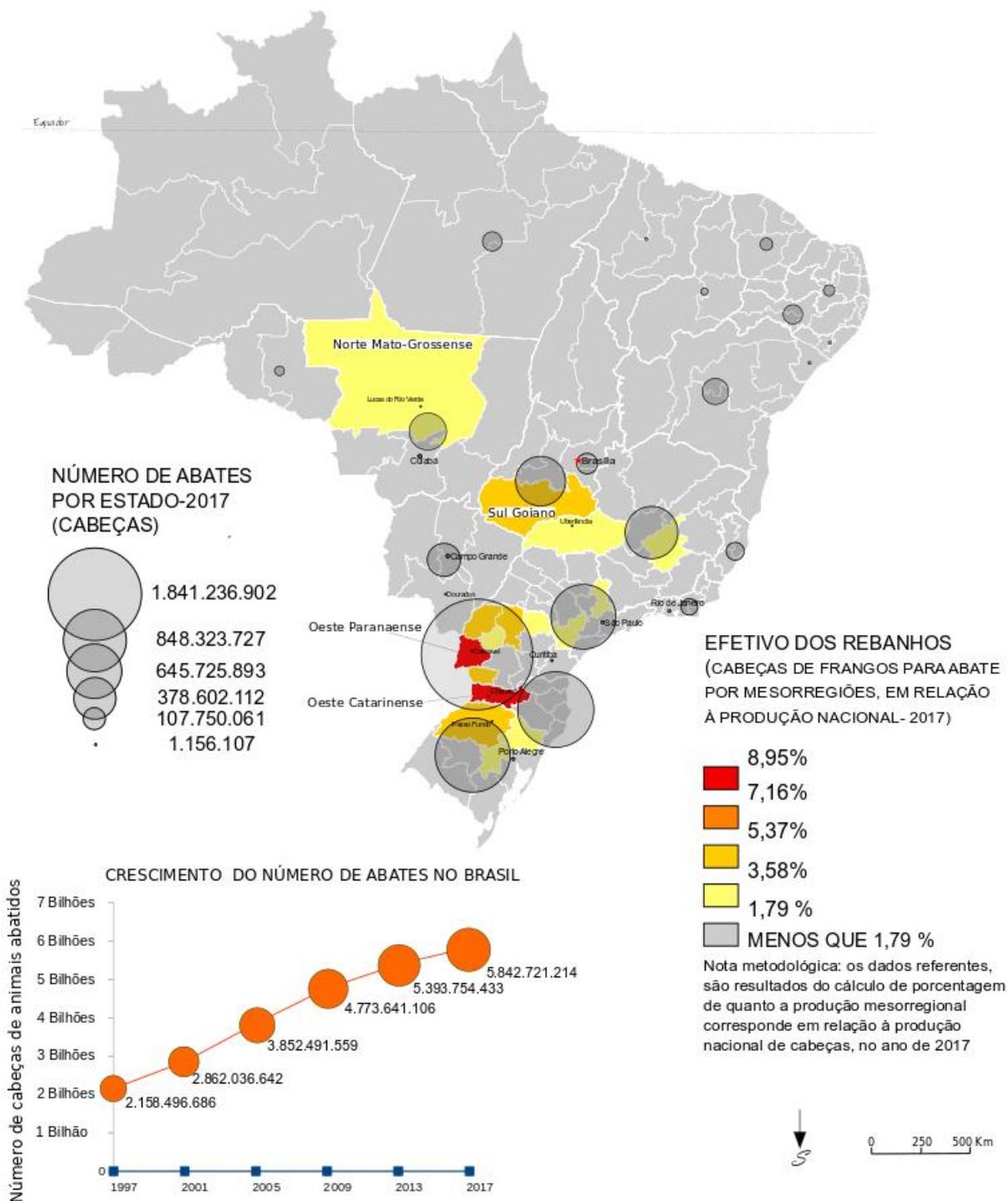
Refletindo acerca do uso corporativo do território e reconhecendo a atuação de grandes agentes econômicos na estruturação de regiões produtivas, organiza-se os mapas: “7 Produção avícola por Mesorregião e Número de Abates no Brasil em 2017”, que trata dos números de abates de aves e produção por mesorregião; mapa 8, que apresenta informações sobre a distribuição espacial e a localização das plantas de abate de aves na região Centro-Sul do país , além dos principais portos exportadores; mapa 9, que espacializa, com base em dados do Banco Central do Brasil, a distribuição dos investimentos para melhoramento de granjas avícolas no ano agrícola de 2018/2019.

Dessa forma, sabe-se que os Estados da região Sul do país apresentam a maior produção, conseqüentemente, nessas unidades da federação também estarão os maiores contingentes de abates, dado a concentração de agentes econômicos do setor, como podem ser observados nos mapas conseguintes.

MAPA 6 BRASIL: DINÂMICA DA PRODUÇÃO AVÍCOLA (1994-2018)



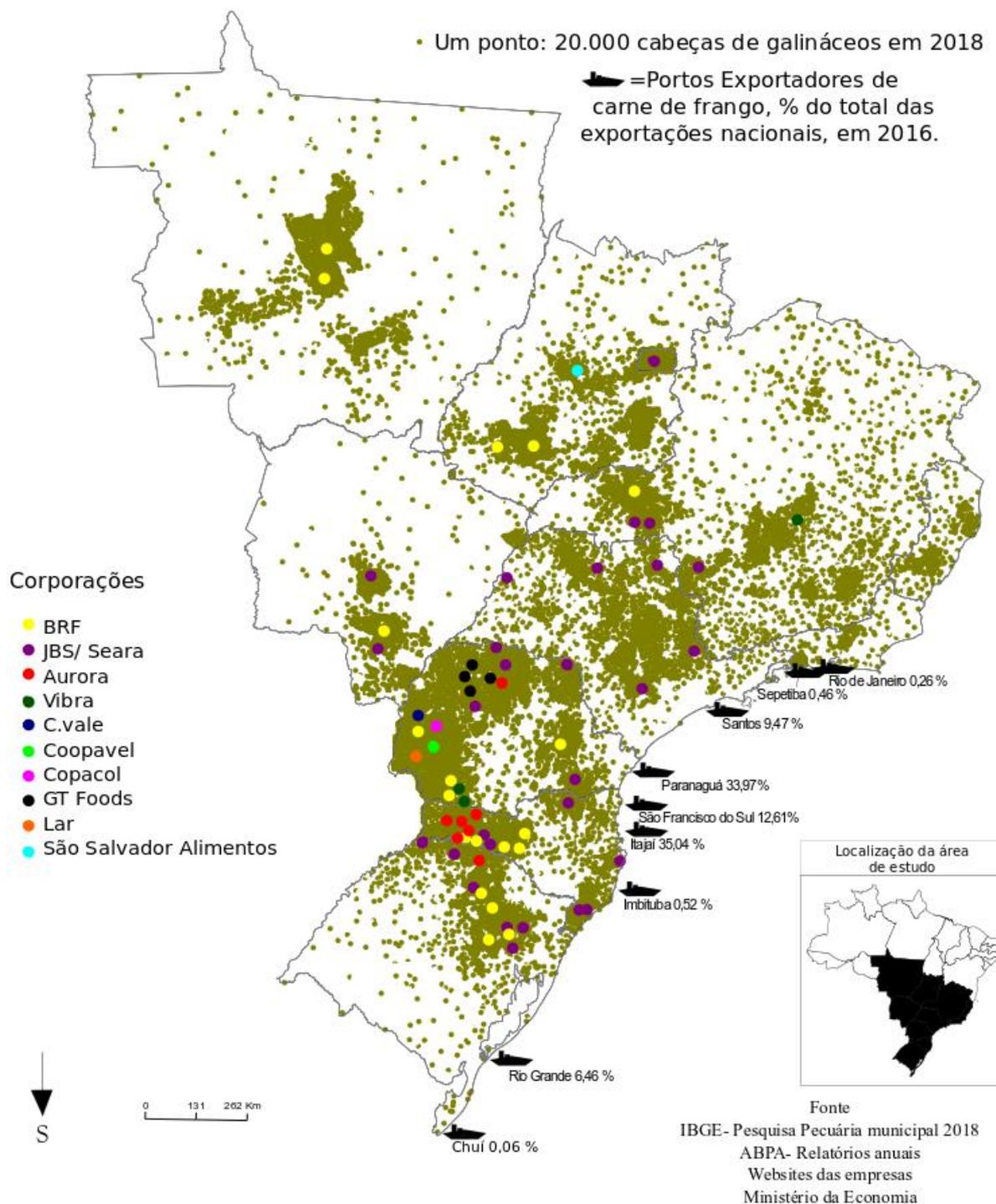
MAPA 7 BRASIL: PRODUÇÃO AVÍCOLA POR MESORREGIÃO E NÚMERO DE ABATES EM 2017



Fonte: IBGE SIDRA- Pesquisa Trimestral do abate de animais e Pesquisa Pecuária Municipal;
 Elaborado por Tiago W. R. Dalmora e Ricardo A. Scherma;
 Elaborado com Philcarto e Inkscape - 2019

Fonte: Dalmora (2021)

MAPA 8 CENTRO-SUL DO BRASIL: LOCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS DE ABATE E DO REBANHO AVÍCOLA



Elaborado com Philerto e Inkscape em 2019

Fonte: Dalmora (2021)

Dentre os maiores agentes econômicos do setor no país, de acordo com a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), estão as empresas e cooperativas JBS S.A., BRF S.A.

e AuroraCop, essas duas primeiras apresentam-se também como as maiores produtoras mundiais (Avisite, 2022).

Com base nos mapas 7 e 8 é evidente a grande quantidade de plantas frigoríficas de abate desses agentes na região Sul, o que resulta no contingente de animais abatidos. Em 2022, de acordo com a ABPA (2023, p.55), só o estado do Paraná abateu cerca de 36,15 % do total nacional, seguido por Santa Catarina (14,5%) e Rio Grande do Sul (13,77%). O que chama a atenção, é o número de unidades de abate desses três maiores agentes em relação ao restante das empresas e cooperativas, levantando a questão se no atual período não estaria ocorrendo um processo de oligopolização territorial.

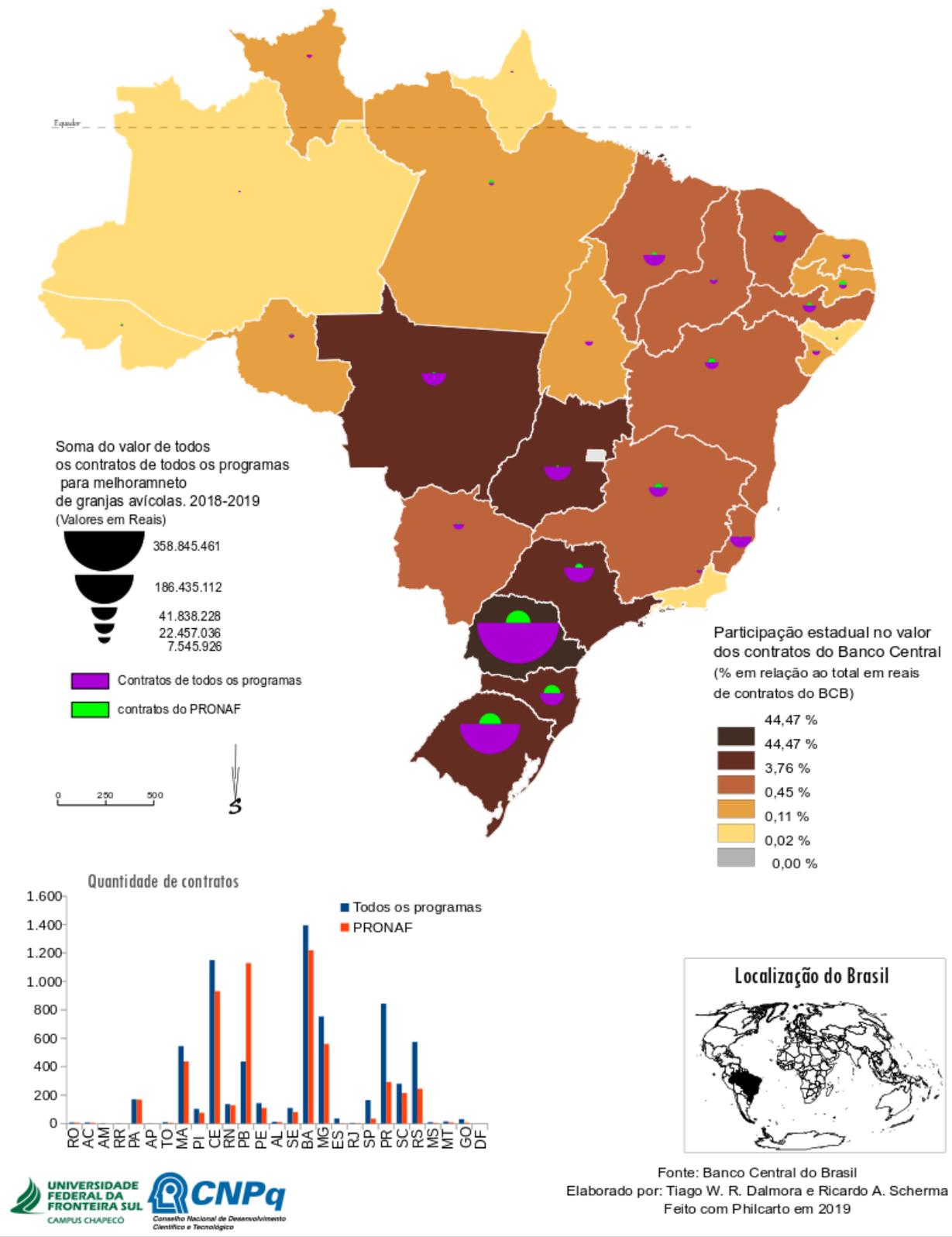
Na região Sul do país, também concentram-se as principais rotas exportadoras de carne de frango do país, onde encontra-se além dos estados que mais exportam a proteína, os principais portos de escoamento dessa produção, sobretudo para o Oriente Médio e Ásia Oriental (ABPA, 2023, p.64). Entre os principais portos exportadores em 2022, estão: Porto de Rio Grande 6,33%, Porto de Santos 9,89%, Porto de São Francisco do Sul 10,31%, Porto de Itajaí 26,91%, Porto de Paranaguá 43,40% e Outros 3,16%.

Outra questão importante a ser levantada, refere-se ao processo de investimentos em granjas que objetivam o aumento da produtividade. Dessa forma, com base no seguinte mapa (Mapa 9), é possível mensurar o contingente de investimentos em granjas avícolas no ano agrícola de 2018/2019.

Primeiro, com base no gráfico ao lado do mapa é possível analisar a quantidade de contratos por Estado, tanto de todos os programas, como do Programa de Fortalecimento da Agricultura Familiar-Pronaf, observa-se como os estados da região Nordeste do País apresentaram grande quantidade de contratos, mas quando analisamos a soma dos valores desses contratos a realidade inverte, os estados nordestinos apresentam menor soma de valores investidos.

Sobressai-se novamente as regiões Sul e Centro-Oeste. A região Sul apresenta uma quantidade significativa de contratos com valores investidos altos, além disso a participação estadual no montante nacional é muito expressiva. Se comparados às demais regiões, torna-se evidente o grau de investimentos de recursos no setor na região Sul do país. Outro ponto importante refere-se à região Centro-Oeste, que apresenta poucos contratos, mas cujo valor somado e participação estadual no montante nacional são significativas, possivelmente relacionado à organização fundiária e produtiva da região.

MAPA 9 BRASIL: INVESTIMENTOS EM GRANJAS AVÍCOLAS - 2018/19

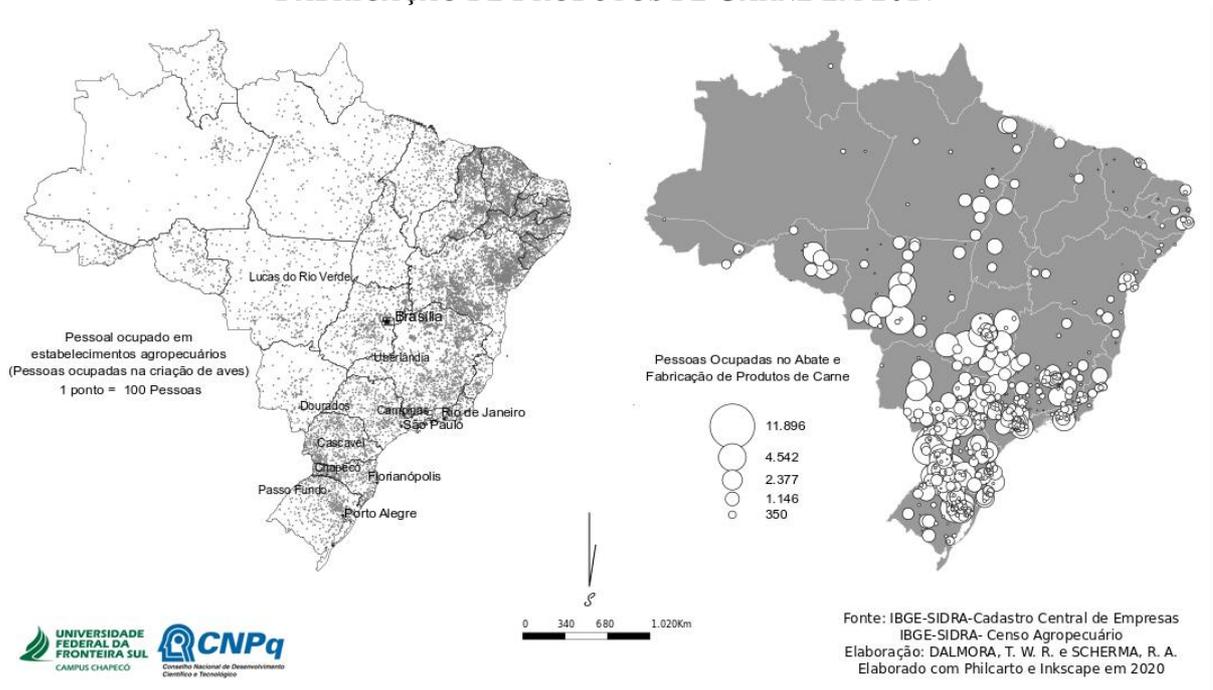


Fonte: Dalmora (2021)

Outra questão importante refere-se à mão de obra empregada no setor, desde a criação até o processamento nas plantas de abate. Segundo Dalmora (2021, p.40), o Brasil abrigava

“[...] em 2019, aproximadamente, 52.920 pessoas atuantes na criação de aves, bem como abrigava por volta de 526 mil pessoas no abate e fabricação de produtos de carne, mais cerca de 323,5 mil trabalhadores no abate de suínos, aves e outros pequenos animais”. Baseando-se na coleção de mapas a seguir, é possível observar a distribuição espacial da força laboral do setor, sendo que o primeiro mapa refere-se ao pessoal ocupado na criação de aves e o segundo ao abate e processamento de produtos de carne.

MAPA 10. BRASIL: PESSOAL OCUPADO NA CRIAÇÃO DE AVES E NO ABATE E FABRICAÇÃO DE PRODUTOS DE CARNE EM 2017



Fonte: Scherma, Ripplinger e Dalmora (2021)

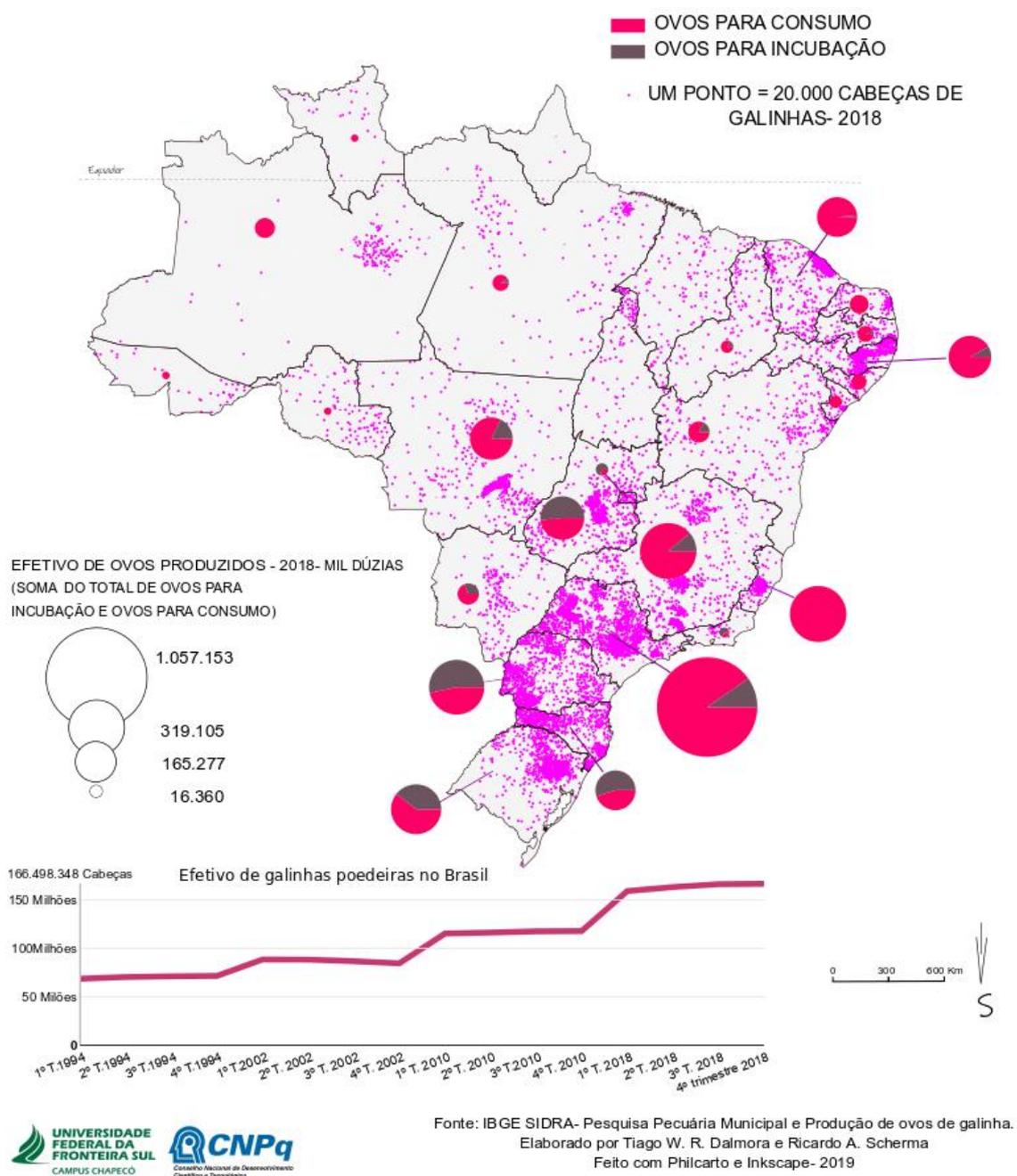
Ao analisar os mapas e dados do IBGE (2023), percebe-se também um expressivo número produtivo de galináceos na região Sudeste do Brasil, tal valor é explicado além da avicultura de corte, pela avicultura de postura, muito presente na região. Em 2022, na região Sudeste, foram produzidas cerca de 318 milhões de cabeças de galinhas poedeiras, na região, o estado de São Paulo é o maior produtor de ovos e galinhas.

Através do mapa a seguir, é possível analisar a produção de galináceos – galinhas e o efetivo de ovos produzidos por unidade federativa. Leia-se como as regiões de maior representatividade no setor são as regiões Sul, Centro-oeste, mas principalmente a região Sudeste.

Segundo dados do IBGE (2023), o estado de São Paulo produziu durante os quatro trimestres de 2022, 1. 103. 345 mil dúzias de ovos, desses em sua maioria ovos para o consumo.

Ao analisar os mapas, percebe-se como os estados da região sul do país concentram expressiva produção de ovos, sobretudo ovos para incubação, relacionando-se com a demanda por produção de aves de corte para os frigoríficos da região.

MAPA 11 BRASIL: PRODUÇÃO DE GALINHAS E OVOS (2019)



Fonte: Elaborado pelo Autor (2019)

Portanto, de acordo com que o já explicado e buscando aprofundar a discussão em torno das densidades técnicas em regiões produtivas, nas próximas subseções da dissertação se

procurará explicar o perfil setorial, primeiro na região Sul e, em seguida, na Centro-Oeste, ambas caracterizadas por serem regiões competitivas avícolas no território brasileiro.

2.2.2 Especialização Regional Produtiva Avícola no Sul do Brasil

A região Sul do Brasil configura-se atualmente por abrigar o maior plantel produtivo de aves do país, como já citado, a região apresentou, em 2022, uma produção de aproximadamente 716 milhões de cabeças de galináceos (IBGE, 2023). Além de grande estoque produtivo, a região apresenta grande densidade de objetos técnicos que cooperam com o desenvolvimento do setor.

Segundo Canever *et. al.*, a avicultura na região obteve seu desenvolvimento industrial após a década de 1970, período em que houve reestruturação produtiva e deslocamento dos plantéis do Sudeste para o Sul do país. Nesse contexto, a atividade foi introduzida em um processo de diversificação das atividades de frigoríficos de suínos já presentes no período, além disso, pode-se afirmar que a formação socioespacial descende de imigrantes de colonização alemã e italiana que, associado a estrutura fundiária regional, favoreceram a implementação da atividade e do sistema de integração produtor agroindústria, para os autores no sul do Brasil,

Empresas que já possuíam negócios na produção de suínos e outras em cereais diversificaram-se para uma atividade nova; a produção e comercialização de carnes de frango, impulsionadas pela oferta de créditos para investimentos de longo prazo, associada à utilização de tecnologias importadas, no que se refere à genética e às técnicas ambientais, sanitárias, nutricionais, de abate e processamento. Outros fatores, como a pujança do setor empresarial, a evolução da renda per capita brasileira e a estrutura fundiária regional, também, contribuíram para a consolidação da agroindústria de aves no Sul do Brasil. A predominância de colonização italiana e alemã, com grande tradição na criação de pequenos animais, favoreceu a implementação de um modo de produção, de forma contratual, entre produtores agrícolas e empresas frigoríficas, a exemplo do que já ocorria nos Estados Unidos [sistema de integração] (Canever *Et. al.*, 1997, p. 9)

Espíndola (2002, p. 52 e 53) entende que a instalação da avicultura na região se deu em um contexto de constituição de novas cadeias produtivas, nesse contexto, a atividade é introduzida no Oeste Catarinense na década de 1950 através da atuação das empresas Sadia e Perdigão, de forma semelhantes o processo ocorre nos estados do Rio Grande do Sul e Paraná. Espíndola (2002) disserta:

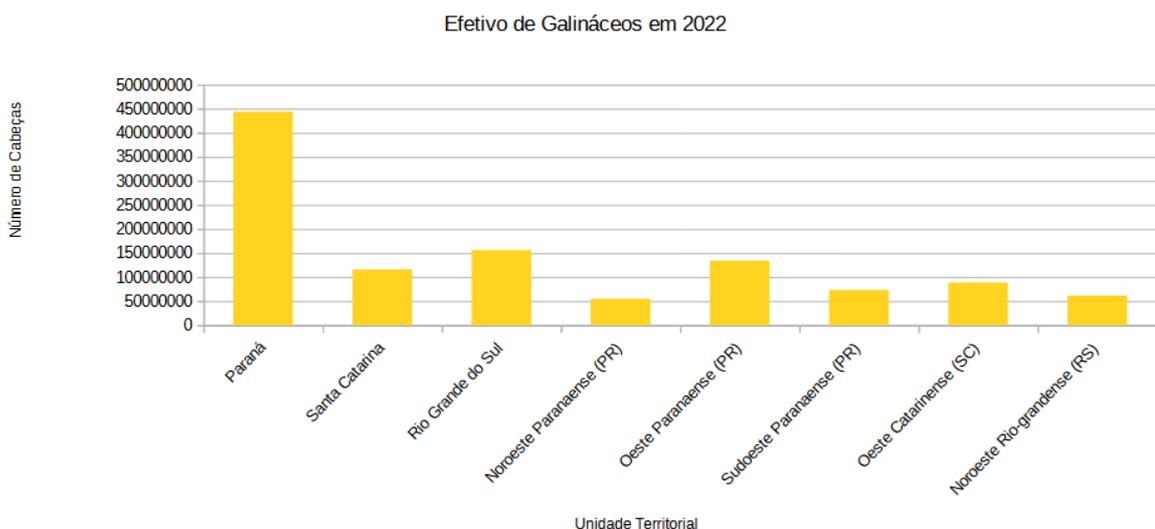
Os investimentos no início dos anos 50 constituíram novas cadeias produtivas. Dentre elas merece destaque a instalação, entre 1950-52, da avicultura no oeste catarinense através das firmas Sadia e Perdigão. No caso do frigorífico Sadia, o seu proprietário Atílio Fontana e o médico veterinário Roberto N. Gama adquiriram uma chácara de 25.000 m², mil pintinhos de um dia (raça New Hampshire), novos equipamentos e conhecimentos técnicos (Granja Guanabara/RJ e Granja Branca/RJ), e 53 deram início a avicultura em Concórdia, com um total de 11.178 aves abatidas em 195625.

Esse caráter progressivo de instalação de novos setores produtivos se fez presente também no Rio Grande do Sul e no Paraná. Em Porto Alegre, dois irmãos e mais cinco sócios, todos chineses, deram início, em 1952, ao abate de 30 a 50 cabeças/dia de aves. Em 1959, a sociedade foi desfeita, restando no controle os dois irmãos que dariam origem a firma Avipal. Já em Maringá, Paulo Ferreira Muniz (comerciante de rações que migrou de Bauru para Londrina) adquiriu uma propriedade rural com 11.000 m² e construiu, em 1958, um pequeno abatedouro. Eram abatidas 50 aves/dia. Em 1970, foi inaugurado um novo frigorífico de 200m² com capacidade para abater 1.000 aves/dia²⁶ (Espíndola, 2002, p. 52 e 53).

Dando um salto grande, através da análise do mapa a seguir (mapa 12), é possível compreender o contingente produtivo atual, o padrão espacial de distribuição dessa produção, em como a identificação dos principais agentes econômicos que compõem a região. Rememorando, segundo Dalmora e Scherma (2019), a produção avícola na região segue eixos espaciais de produção.

Esses eixos produtivos no sul do país, assim como pode ser observado no mapa a seguir, partem da região central do estado do Rio Grande do Sul, em direção ao noroeste sul-rio-grandense, passando pelo Oeste Catarinense, Sudoeste e Oeste Paranaense, e chegando ao noroeste do estado do Paraná (Dalmora e Scherma, 2019; Dalmora 2021). Nessas porções dos territórios estaduais, é visível a concentração de produção que, através do gráfico a seguir, é possível mensurar a representatividade desses subespaços em comparação à produção estadual.

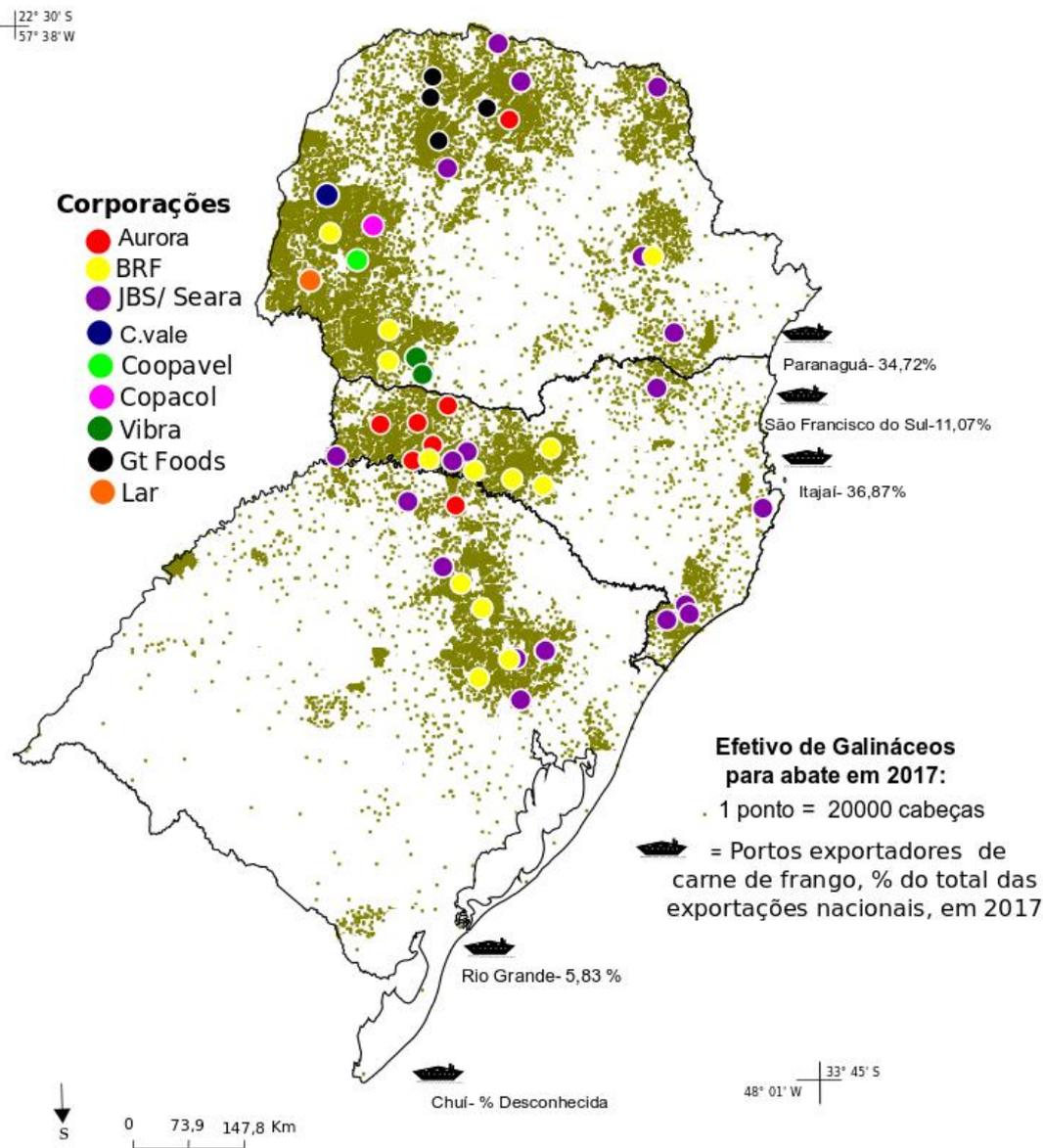
GRÁFICO 1 PRODUÇÃO AVÍCOLA EM UNIDADES TERRITORIAIS SELECIONADAS DO SUL DO BRASIL- 2022



Fonte: IBGE (2023) Elaborado pelo Autor (2023)

MAPA 12 REGIÃO SUL DO BRASIL: LOCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS DE ABATE E DO REBANHO AVÍCOLA

LOCALIZAÇÃO DAS ATIVIDADES INDUSTRIAIS DE ABATE E DO REBANHO AVÍCOLA, REGIÃO SUL, BRASIL



Fonte:
IBGE- Pesquisa pecuária municipal 2017
ABPA- Relatório anual 2017
Websites das empresas
Ministério da Economia 2018

Elaborado por Tiago W. R. Dalmora e Ricardo A. Scherma
Elaborado com Philcarto e Inkscape em 2019

Além disso, com base no mapa 12, é possível perceber também o padrão de distribuição das plantas de abates de aves dos principais agentes econômicos do setor na região, nota-se como o padrão de distribuição das regiões produtoras, bem como a localização dessas unidades agroindustriais, se sobrepõem.

Nota-se também que, o número de unidades industriais de abates de aves, em sua grande maioria, pertence aos três maiores agentes econômicos presentes na região: a BRF S.A., a JBS S.A. e a AuroraCoop. Tal concentração de objetos técnicos entre poucos agentes econômicos leva ao questionamento de possíveis processos de oligopolização territorial, questão essa debatida no último capítulo.

Além das unidades dessas agentes econômicos, percebe-se a concentração de um grande número de cooperativas atuantes na região, segundo Ripplinger (2022, p. 1), as cooperativas surgiram na região como resultado das organizações da formação socioespacial regional, segundo autora, é evidente como a presença dessas cooperativas nos estados da região “[...] tornam-se grandes influenciadoras dos subespaços regionais em que estão inseridas, atingindo principalmente a população e os cooperados de cidades pequenas, onde o setor rural é a fonte predominante de recursos econômicos” (Ripplinger, 2022, p. 11).

Ao analisar o processo de especialização regional produtiva, além da região apresentar grande efetivo de produção e de unidades de abate, concentram-se também, nessas regiões – Noroeste RS, Oeste SC, Sudoeste PR, Oeste PR e Noroeste PR – uma grande quantidade de atividades que compõe o círculo de cooperação da atividade, como por exemplo, centros de formação e pesquisa.

Na tabela¹ a seguir, lista-se as principais universidades, centros universitários e outras unidades de formação em nível superior que atuam nas regiões selecionadas, ressalta-se que, para a construção da tabela, optou-se em desconsiderar as universidades que atuam em modalidade a distância, selecionando aquelas e os campi que ofertam cursos de Agronomia e Medicina Veterinária.

É importante ressaltar, primeiro, que na região há a oferta de demais cursos ligados às ciências agrárias como: Cursos técnicos e tecnólogos, Gestão em Agronegócio, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Engenharia Florestal, Engenharia Ambiental e Sanitária e outros. Segundo, na região há também instituições privadas de menor porte e instituições que atuam no ensino a distância.

¹ Os dados da tabela são resultado de uma pesquisa exploratória identificando as principais instituições de ensino das regiões (DataViva, 2023), além disso os dados referentes aos cursos e locais de oferta são resultado de pesquisa nos *websites* das instituições.

QUADRO 1 CENTROS DE FORMAÇÃO DE AGRONOMIA, MEDICINA VETERINÁRIA E ZOOTECNIA- 2023

Centros de formação universitária/ universidades	Administração	Cidades	Cursos
UNIOESTE	Pública estadual	Marechal Candido Rondon-PR	zootecnia
UTFPR	Pública federal	Francisco Beltrão-PR	Agronomia
		Pato Branco-PR	Agronomia
URI	Comunitária	Frederico Westphalen -RS	Agronomia
		Santo Ângelo - RS	Agronomia e Medicina Veterinária
UPF	Privada	Passo Fundo – RS	Agronomia e Medicina Veterinária
UNIJUÍ	Comunitária	Ijuí- RS	Agronomia e Medicina Veterinária
UNICRUZ	Privada	Cruz Alta -RS	Agronomia e Medicina Veterinária
UFSM	Pública Federal	Palmeira das Missões- RS	Zootecnia
		Frederico Westphalen- RS	Agronomia
IFRS	Pública Federal	Sertão -RS	Agronomia e Zootecnia
IFFar	Pública Federal	Frederico Westphalen- RS	Medicina Veterinária
		Santo Augusto- RS	Agronomia
		Panambi- RS	Agronomia
UFFS	Pública Federal	Laranjeiras do Sul-PR	Agronomia
		Realeza-PR	Medicina Veterinária
		Cerro Largo- RS	Agronomia
		Erechim- RS	Agronomia
		Chapecó SC	Agronomia
IFC	Pública Federal	Concórdia- SC	Agronomia e Medicina Veterinária
UDESC	Pública Estadual	Chapecó- SC	Zootecnia
UNC	Comunitária	Concórdia- SC	Agronomia
UNOCHAPECO	Comunitária	Chapecó- SC	Agronomia e Medicina Veterinária
UNOESC	Comunitária	Campos Novos -SC	Agronomia e Medicina Veterinária
		Maravilha- SC	Agronomia
		São José do Cedro- SC	Agronomia
		São Miguel do Oeste-SC	Medicina Veterinária
		Xanxerê -SC	Agronomia, Medicina Veterinária e Zootecnia
UCEF	Privada	Chapecó- SC	Medicina veterinária
		Itapiranga- SC	Medicina Veterinária
IFSC	Pública Federal	São Miguel do Oeste- SC	Agronomia

Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Além das regiões citadas apresentarem esse grande número de cursos superiores de formação para profissionais demandantes do setor, elas empregam uma grande força laboral tanto no abate de suínos e aves, quanto na criação de aves. Segundo dados do DataViva (2023),

do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da UFMG, em 2021, as regiões apresentaram:

- Noroeste Riograndense: 23,3 mil empregos no abate de suínos e aves, correspondendo a cerca de 4,9 % de todas as atividades econômicas e 1,17 mil empregos na criação de aves;
- Oeste Catarinense: 57,2 mil empregos no abate de suínos e aves, correspondendo a cerca de 13,4 % de todas as atividades econômicas e 3,74 mil empregos na criação de aves;
- Sudoeste Paranaense: 11,6 mil empregos no abate de suínos e aves, correspondendo a cerca de 8,1 % de todas as atividades econômicas e 3,8 mil empregos na criação de aves;
- Oeste Paranaense: 48,5 mil empregos no abate de suínos e aves, correspondendo a cerca de 12,2 % de todas as atividades econômicas e 3,23 mil empregos na criação de aves;
- Noroeste Paranaense: 9,93 mil empregos no abate de suínos e aves, correspondendo a cerca de 5,9 % de todas as atividades econômicas e 1,03 mil empregos na criação de aves.

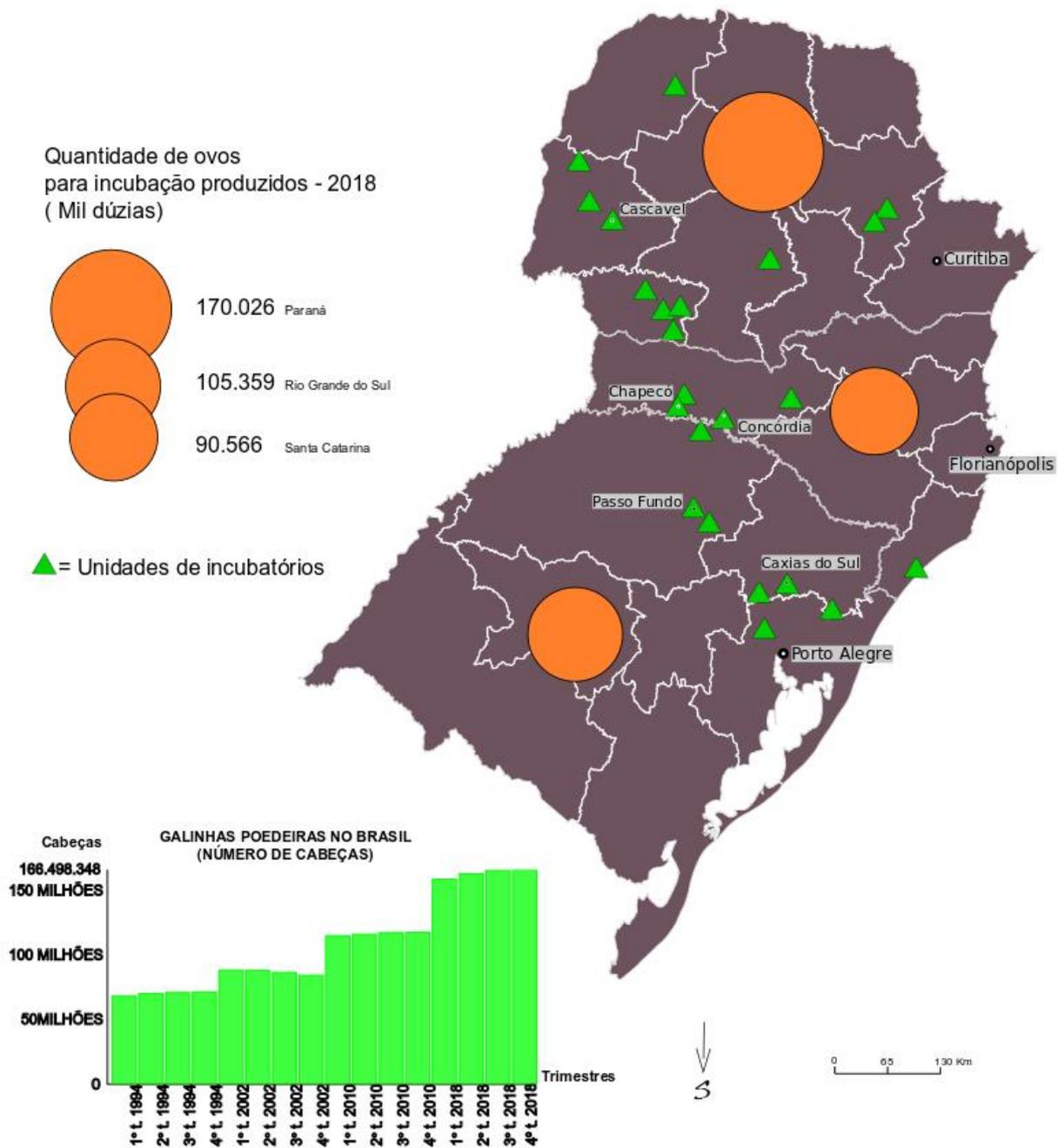
Para mais desses empregos diretos, é importante compreender, com base nos dados do DataViva (2023), que ocorre um grande número de empregos em atividades do círculo de cooperação envolvidos nas indústrias, como fabricação de máquinas agropecuárias, fábricas de ração de animais, transporte de cargas, e no setor de serviços em comércio.

Outra atividade importante do círculo de cooperação se dá no processo de incubação dos ovos e a produção de pintinhos. Para o IBGE (2023), em 2022, o Paraná produziu cerca de 219 mil ovos para incubação, Santa Catarina, aproximadamente 101 mil, e o Rio Grande do Sul, 95 mil ovos para incubação. Dessa maneira, através do mapa a seguir (Mapa 13), pode-se observar como o contingente produzido em 2018 e o número e o padrão de distribuição de unidades incubatórias de ovos¹ no sul do Brasil.

Outrossim, os estados de Santa Catarina e Paraná, conjuntamente com São Paulo, são os maiores exportadores de materiais genéticos avícolas do país, de acordo com a ABPA (2023) em 2022, só o Paraná exportou 38,95 % do material genético produzido no país. A principal forma de exportação se dá em ovos férteis, mas também ocorre a exportação de pintos de um dia e os destinos das exportações concentram-se na periferia do sistema capitalista – Américas 72,95%, África 22,01%, Oriente Médio 4,24% e o restante do globo 0,79% – o principal país importador em 2022 foi o México (ABPA, 2023, p. 143)

¹ Ressalta-se que o mapa apresenta as unidades, no ano de 2018, das empresas e cooperativas: AuroraCoop, Gt food, Grupo Vibra, Coopavel e C. Vale.

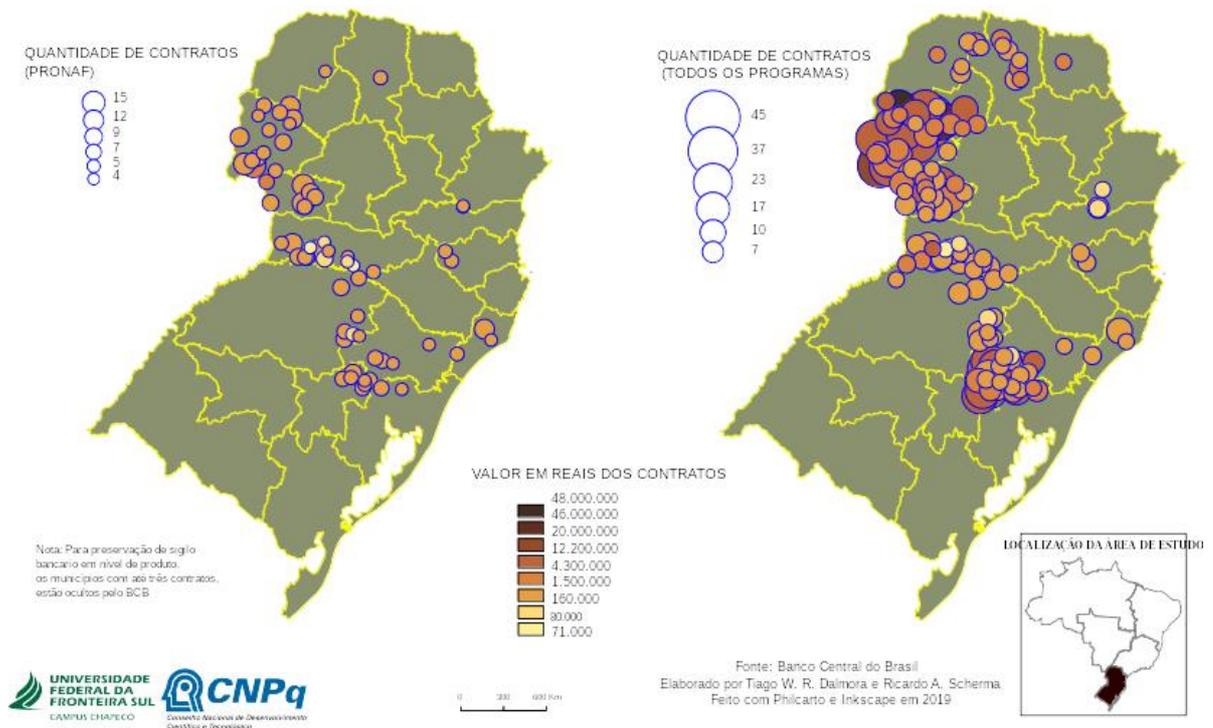
MAPA 13 REGIÃO SUL DO BRASIL: INCUBATÓRIOS E QUANTIDADE DE OVOS PARA INCUBAÇÃO, 2018



Fonte: IBGE SIDRA- Produção de ovos de galinha
Relatórios e websites de corporações
AVISITE
Google maps

O Estado desempenha um papel muito importante no processo de especialização regional produtiva. Com base nos dados do Banco Central do Brasil (2023) e no mapa a seguir, que trata dos investimentos em granjas avícolas para melhoramento das explorações no ano agrícola de 2018/19, percebe-se um número expressivo de contratos nas linhas do eixo de produção de aves apresentados anteriormente, chama atenção também o contingente de contratos provenientes do PRONAF, muito devido à formação socioespacial e à estrutura fundiária regional.

MAPA 14 REGIÃO SUL DO BRASIL: INVESTIMENTOS (R\$) EM GRANJAS AVÍCOLAS- 2018/2019



Fonte: Elaborado pelo Autor (2019)

Ao considerar os dados apresentados acima, pode-se compreender como a região Sul brasileira configura-se como sendo a região de maior densidade técnica produtiva avícola do país, apresentando grandes quantidades de sistemas de objetos e ações que buscam satisfazer as demandas dos agentes econômicos hegemônicos que comandam os territórios regionais. Percebe-se como a produção regional concentra-se e cresce seguindo um eixo produtivo que parte das regiões do centro do Rio Grande do Sul, em direção ao noroeste paranaense.

Isto posto, a seguir apresenta-se uma tabela na qual procurou-se realizar uma síntese das questões acima elencadas, enfatizando as variáveis de efetivo produtivo, mão-de-obra

empregada, agentes econômicos e mercado externo. Após, também é exposto um gráfico onde fica evidente a participação dos rebanhos avícolas nas regiões selecionadas.

QUADRO 2 VARIÁVEIS DE ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL PRODUTIVA NO SUL DO BRASIL

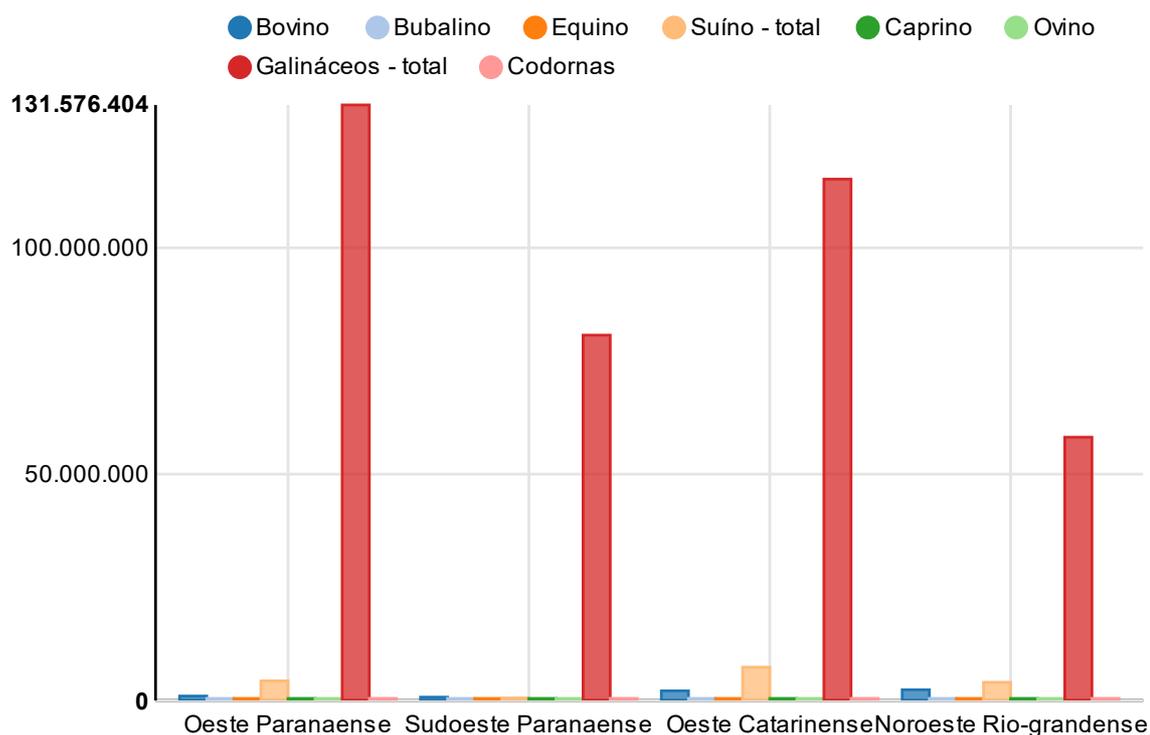
MESORREGIÃO	VARIÁVEL	DESCRIÇÃO
SUDOESTE PARANAENSE	Efetivo produtivo	○ Cabeças de galináceos em 2022: 80 445 935 cabeças (IBGE, 2024).
	Mão de obra	○ Mão de obra empregada na criação de aves: 3,8 mil Correspondendo a 2,6% dos empregos gerais e 62% dos empregos na agropecuária (dados 2021) ○ Mão de obra empregada no abate de suínos e aves: 11,6 mil, correspondendo a 8,1 % dos empregos gerais e 27,7% dos empregos da área de indústrias de transformação (dados 2021)
	Agentes Econômicos	○ Presença de agentes econômicos e corporações multinacionais, como BRF, JBS e Aurocoop; ○ Presença de empresas e cooperativas locais.
	Centros de Pesquisa	○ Instituições de ensino superior com cursos nas áreas de Ciências Agrárias.
	Mercado externo	○ Aproximadamente 69,7 % das exportações da região são de Carne de Aves em 2023.
OESTE PARANAENSE	Efetivo produtivo	○ Cabeças de galináceos em 2022: 141 687 332 cabeças (IBGE, 2024).
	Mão de obra	○ Mão de obra empregada na criação de aves: 3,3 mil empregos, sendo 22 %dos empregos na agropecuária (dados, 2021); ○ Mão de obra empregada no abate de suínos e aves: 48,5 mil, correspondendo a 12,2 % dos empregos gerais e 47, 6 % dos empregos da área de indústrias de transformação (dados 2021).
	Agentes Econômicos	○ Presença de agentes econômicos e corporações multinacionais, como BRF, JBS e Aurocoop; ○ Presença de empresas e cooperativas locais.
	Centros de Pesquisa	○ Instituições de ensino superior com cursos nas áreas de Ciências Agrárias
	Mercado Externo	○ Aproximadamente 47, 4% das exportações da região são de Carne de Aves em 2023
OESTE CATARINENSE	Efetivo produtivo	○ Cabeças de galináceos em 2022: 96 969 392 cabeças (IBGE, 2024).
	Mão de obra	○ Mão de obra empregada na criação de aves: 3,74 mil empregos, correspondendo a 22,6% dos empregos da agropecuária. ○ Mão de obra empregada no abate de suínos e aves: 57, 2 mil, correspondendo a 13,4 %

Agentes Econômicos	<ul style="list-style-type: none"> ○ Presença de agentes econômicos e corporações multinacionais, como BRF, JBS e Auroracoop; ○ Presença de empresas e cooperativas locais
Centros de Pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> ○ Instituições de ensino superior com cursos nas áreas de Ciências Agrárias; ○ Unidade EMBRAPA.
Mercado Externo	<ul style="list-style-type: none"> ○ Aproximadamente 5,8% das exportações da região são de Carne de Aves em 2023. Mas é importante entender que as exportações partem do Porto de Itajaí, cuja mesorregião registra como sendo 49,2% das exportações de carne de aves.

FONTE DOS DADOS: DATAVIVA (2024), IBGE SIDRA (2024)

Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

GRÁFICO 2 EFETIVO DOS REBANHOS POR UNIDADE TERRITORIAL SELECIONADA EM 2023



Fonte: IBGE (2024)

Vale destacar como, após o início da década de 1990, outras regiões brasileiras ampliaram suas produções de carne de frango, configurando, assim, novas frentes de expansão da avicultura no país a partir desse período. Uma dessas regiões é o Centro-oeste do Brasil, cuja dinâmica será compreendida na próxima subseção do trabalho.

2.2.3. “Novas” Regiões Competitivas Avícolas Brasileiras, O Caso Do Centro-Oeste

A produção Avícola no Centro-Oeste brasileiro caracteriza-se por apresentar uma série de particularidades em relação à região Sul do Brasil. Além disso, o crescimento dessas produções na região esteve associado a diversos fatores, nesse sentido, Belusso e Hespanhol (2010, p.33) entendem que:

A expansão das plantas industriais avícolas no Brasil é dependente de uma conjuntura que inclui política agrícola, acesso aos mercados consumidores, aptidão dos produtores, condições de transporte e, principalmente, disponibilidade de matérias-primas indispensáveis para produção de frangos: o milho e a soja.

Assim, os autores compreendem como a expansão das plantas de abate avícola para o Centro-Oeste esteve ligada a políticas empresariais de ampliação de capacidade produtiva, sem deixar de investir nas antigas estruturas localizadas no sul do país (Belusso e Hespanhol, 2010, p. 35). Dessa forma, é importante entender como ocorre a produção nos estados dessa região.

Segundo Zilli, Souza e Barros (2005, p. 10), a região Centro-Oeste apresenta uma produção em escala, a qual se apresenta em média, superior a 45 mil frangos por lote. Para os autores,

No Centro-Oeste, as propriedades são maiores e a maioria das aves é proveniente de produtores com produção superior a 45.000 frangos/lote que, na maioria das vezes, possuem atividades fora da propriedade, são empresários do meio rural. Essa característica indica que, nessa região, os impactos causados pela implantação de um sistema de produção baseado no médio/grande produtor de frango de corte teriam resultados menos alarmantes, porém preocupantes quanto à subsistência de uma economia regional voltada para a atividade pecuária (Zilli, Souza e Barros, 2005, p. 10).

Com base no quadro a seguir, “Quadro de Lazzari (2004) sobre Itens comparativos entre as empresas avícolas das Regiões Sul e Centro-Oeste no Brasil — 2003”, é possível realizar uma comparação entre a atividade no Sul do país e no Centro-Oeste. Dessa forma, uma das características que chama atenção no estudo de Lazzari (2004), é como o tamanho médio dos integrados, em metros quadrados, e principalmente o número médio de cabeças por galpão aviário, é maior na região Centro-oeste em comparação à produção sulina. Ademais, a produção no Sul situa-se mais próxima dos grandes centros consumidores do país e dos portos de escoamento para o mercado internacional.

QUADRO 3 QUADRO DE LAZZARI (2004) SOBRE OS ITENS COMPARATIVOS ENTRE AS EMPRESAS AVÍCOLAS DAS REGIÕES SUL E CENTRO-OESTE NO BRASIL — 2003

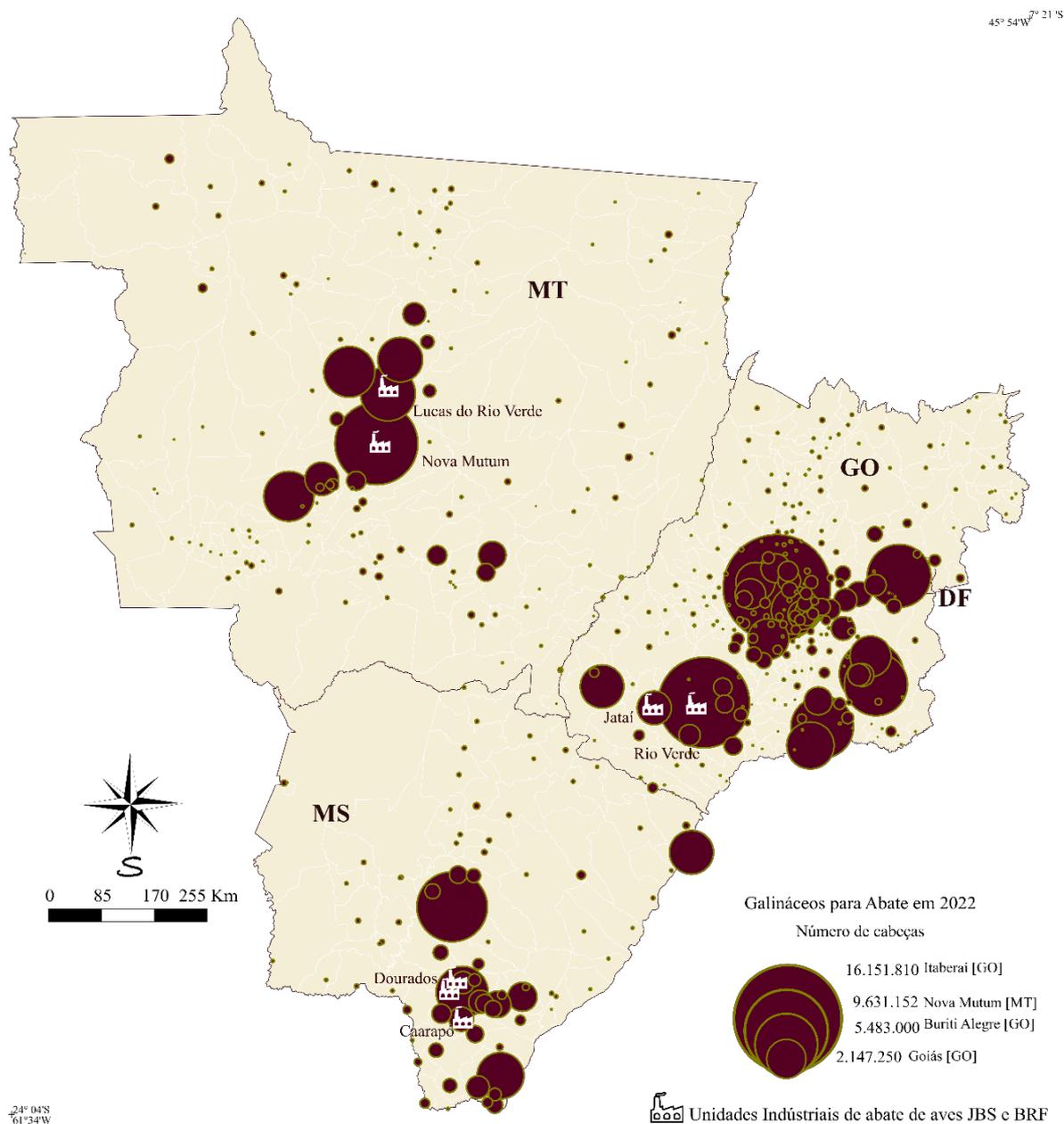
ITEM	REGIÃO SUL	REGIÃO CENTRO-OESTE
1- Capacidade de abate diário médio	263 375 aves	165 600 aves
2 - Idade média das agroindústrias	37,0 anos	11,0 anos
3 - Idade dos equipamentos industriais	9,2 anos	5,7 anos
4 - Número médio de integrados por agroindústria	936	171
5 - Tamanho médio dos integrados (m ²)	1 130	2 938
6 - Número médio de cabeças por galpão	13 877	41 000 (1)
7 - Distância média entre a indústria e os integrados	56,58km	51,75km
8 - Distância média dos grandes centros consumidores	257km (RS); 512km (SC); 354km (PR)	591km (MS); 253km (GO)
9 - Distância média dos portos marítimos utilizados	508km (RS); 460km (SC); 545km (PR)	1 273km (MS); 1 243km (GO)
10 - Distância média entre as agroindústrias e as cidades	2km	8km
11 - Média dos últimos gastos na área ambiental	R\$ 3 537 500	R\$ 1 550 000

Fonte: Adaptado de Lazzari (2004)

Atualmente a produção de aves na região concentra-se principalmente no estado de Goiás. Segundo a ABPA (2023), no ano de 2022, a produção nos três estados da região foi, em ordem crescente: Mato Grosso do Sul (173,1 milhões de cabeças abatidas - 3,07% do abate nacional), Mato Grosso (203,3 milhões de cabeças abatidas – 3,61% do abate nacional) e Goiás (461 milhões de cabeças abatidas – 8,19% dos abates nacionais).

Além do contingente produtivo, de acordo com o mapa a seguir, é possível observar o padrão de distribuição da produção avícola por município nos estados da região, percebe-se como, diferentemente da Região Sul, no Centro-oeste a produção não segue eixos entre os estados. Nesta região do país, a produção de aves está localizada principalmente na porção sul do estado do Mato Grosso do Sul, no trecho que circunda a BR- 163 Mato-grossense, e em Goiás nas regiões de Itaberaí, Jataí e Rio Verde. O mapa também apresenta as plantas de abate de aves da JBS e BRF localizadas na região.

MAPA 15 REGIÃO CENTRO-OESTE DO BRASIL: EFETIVO DOS REBANHOS AVÍCOLAS EM 2022



Sobre como ocorre a avicultura no estado do Mato Grosso do Sul, nota-se que nos últimos anos, tem ocorrido um processo intenso de reestruturação produtiva avícola (Lima e Faccin, 2019). Para os autores, a produção de aves no Estado surge desde o fim da década de 1980, através da inserção de frigoríficos oriundos do sul do país. Além disso, Segundo Cunha e Arruzzo (2021, p. 54):

[...] sobre a distribuição das atividades produtivas ligadas à produção de carne de galináceos, é possível apontar a influência que a proximidade com a matéria-prima para a ração (a produção de grãos para alimentação animal), a infraestrutura de circulação (proximidade com a BR-163), os incentivos públicos e a proximidade com núcleos urbanos se apresentam como importantes fatores locais para a avicultura no estado.

Dessa forma, ao analisar os dados produtivos da unidade federativa e com base no mapa anterior, é possível observar como a maior parte dos efetivos sul-mato-grossenses se concentram na porção centro-sul do estado. Para Lima e Faccin (2019, p. 199), esse processo é resultado da estrutura fundiária e da oferta de grãos.

Ademais, para Lima e Faccin (2019);

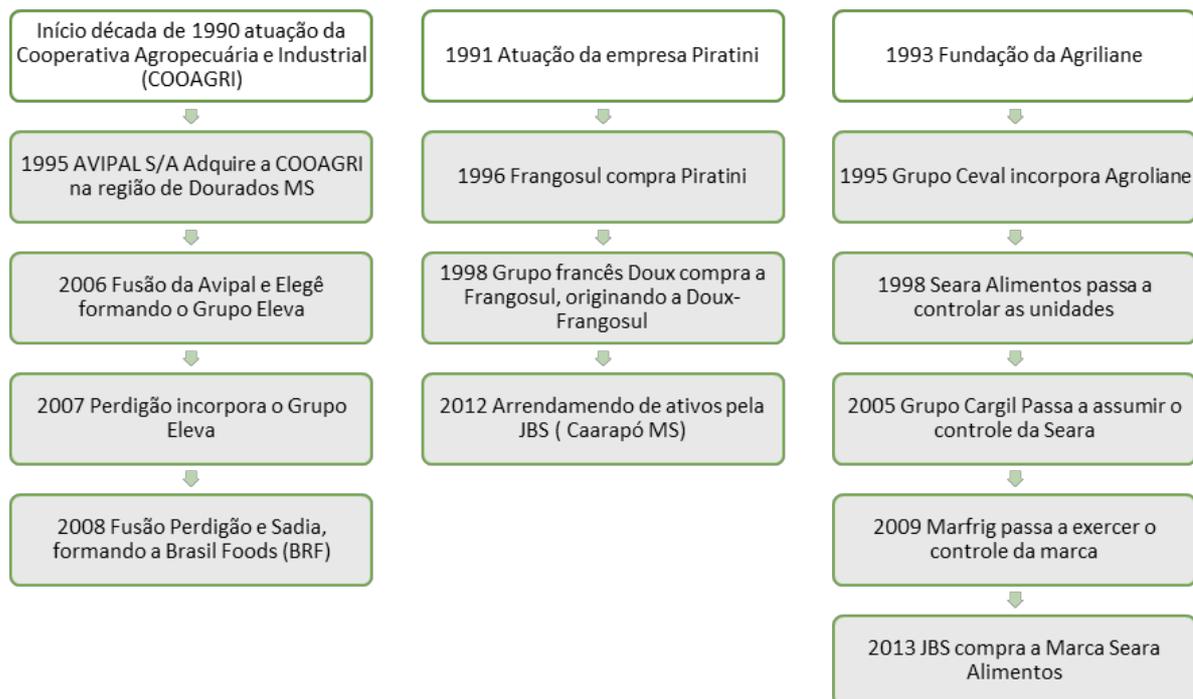
O início da instalação dos abatedouros de frangos no estado, ocorreu com impulso do capital regional, com incentivo à integração dos produtores e linhas de financiamento subsidiadas para a implantação de barracões de alojamento de pintos. Com o passar dos anos, o aumento da capacidade das plantas industriais requereu outra organização produtiva, que tem primado pelo achatamento dos preços ao produtor, favorecido pela modernização dos aviários devido a sua total automatização no processo de criação (sistema Dark House) [...]. Recentemente, a comercialização da produção de carne de frangos está sendo imposta por grupos internacionalizados que atuam no centro-sul do estado de Mato Grosso do Sul, como é o caso das empresas BRF e JBS. Estas receberam financiamentos do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) para se expandirem, o que as tornou mais competitivas no mercado internacional. (Lima e Faccin, 2019, p. 200).

Pode-se também periodizar a produção em escala estadual em três grandes fases. A primeira fase, até 1988, é marcada por produção para subsistência, com geração de pouco excedente, poucos matadouros e comercialização local. O segundo período corresponde aos anos de 1989 a 1995, início da avicultura industrial, através de empresas de capital regional. A última fase, pós 1995, inicia-se com atuação do capital monopolista, primeiro de capital nacional e depois empresas transnacionais (Lima e Faccin, 2019, p. 202-203).

As empresas do setor avícola que atuam no território sul-mato-grossense são em ordem crescente em capacidade de abate diário: a Bello Alimentos Ltda, JBS e a BRF. “A capacidade de abate por dia da JBS representa 40% do total, já a Perdigão (BRF) representa 35% e a Bello Alimentos 25% do total” (Cunha e Arruzzo, 2021, p. 55).

Para Lima e Faccin (2019, p. 201) “Sem dúvida o espaço do setor avícola sul-mato-grossense está sob domínio técnico-científico das empresas transnacionais BRF e JBS, que notadamente comandam a atividade no estado”. Dessa forma, com base no organograma seguinte, é possível analisar o histórico de atuação desses agentes econômicos da avicultura no Mato Grosso do Sul.

FIGURA 3 MATO GROSSO DO SUL: HISTÓRICO DE ATUAÇÃO AGENTES ECONÔMICOS AVICULTURA



Fonte: Elaborado por Dalmora (2023) com base em Lima e Faccin (2019, p. 204-206)

Para os autores, as duas maiores empresas, JBS e BRF, somam aproximadamente 92% dos produtores de aves integrados, indicando grande vulnerabilidade territorial, isso pois, com o desenvolvimento capitalista na região, a produção de aves em todas as etapas da cadeia produtiva passou a ser completamente controlada pela indústria de corte (Lima e Faccin, 2019, p. 208).

Assim, pode-se entender como o desenvolvimento da avicultura industrial no Mato Grosso do Sul, se mostra enquanto um processo recente, posterior a década de 1980, marcado por transformações de ordem técnica e crescente, reestruturação produtiva e processo de monopolização territorial. (Mizusaki, 2009, p. 323; Lima e Faccin, 2019).

Já no estado do Mato Grosso, assim como no vizinho ao sul, a avicultura, assim como os demais circuitos de carnes, esteve associada ao desenvolvimento do circuito de grãos, soja e milho no estado. De acordo com Felipe, Silva e Lourenço (2021, p. 18), foi a articulação entre os circuitos carne-grãos que resultou em novas estruturas produtivas.

A expansão da produção desses grãos no estado permitiu a articulação entre diferentes circuitos de produção, consolidando a cadeia carne-grãos e resultando em novas estruturas produtivas no Cerrado mato-grossense, transformando não somente a paisagem, mas também as relações produtivas, sociais e econômicas. (Felipe, Silva e Lourenço, 2021, p. 18).

Segundo os autores, tal reestruturação produtiva é ocasionada também pela entrada de grupos econômicos como a Sadia e Perdigão (BRF) e sua colocação na então chamada área concentrada do estado do Mato Grosso – Sorriso, Nova Mutum, Lucas do Rio Verde, Tapurah, Nova Ubiratã e Diamantino – além disso, no processo de instalação dessas empresas no estado ocorreu intensa guerra entre lugares visando atrair esses capitais. Para Felipe, Silva e Lourenço, (2021, p. 27),

[...] as prefeituras locais da área concentrada disputaram a instalação dessas empresas, em especial a partir do uso de instrumentos fiscais. A fricção de distâncias promovida pelo mundo globalizado permitiu ao grande capital a oportunidade de ser disputado por diversas localidades, dotando-o de poder de barganha para garantir as melhores condições de instalação em relação à sua lucratividade

Portanto, com base no mapa e nos autores citados anteriormente, é possível verificar como a produção de aves e a localização dos frigoríficos, concentram-se em forma de ilhas produtivas nas bordas da BR-163 na região concentrada. Monteiro, Soares e Matos (2021, p. 148) entendem como o marco da avicultura foi representado pela entrada da Sadia em 1992.

O marco na avicultura no estado foi representado por uma empresa catarinense. Em 1992 a Sadia Oeste implantou unidade de recebimento de grãos, fábrica de ração, incubatório e criação de aves via sistema de integração no município de Campo Verde, aproveitando, dessa forma, a matéria-prima proveniente de Rondonópolis: o farelo de soja (Monteiro, Soares e Matos, 2021, p. 148).

Por fim, o estado de maior efetivo produtivo na região é Goiás. De acordo com Peixinho, Silva e Sousa (2021, p. 89), o desenvolvimento do circuito produtivo avícola aproveitou-se da proximidade das fontes de grãos, dos incentivos fiscais e das redes de infraestruturas existentes, objetivando a produção em larga escala.

Conforme Peixinho, Silva e Sousa (2021, p. 70), avicultura no estado pode ser regionalizada em cinco núcleos principais de produção:

O núcleo da microrregião sudoeste, liderado por Rio Verde, Jataí e Mineiros, agrega, ainda, Acreúna, Santos Antônio da Barra, Quirinópolis, Serranópolis e Caiapônia. Esse núcleo soma aproximadamente 20 milhões de aves, totalizando 26% do efetivo estadual. O segundo núcleo é composto pelos municípios Pires do Rio, Orizona, Urutaí, Palmelo e Santa Cruz de Goiás, com aproximadamente 13 milhões de aves, 17% do efetivo estadual. O terceiro núcleo é formado pelos municípios de Buriti Alegre, Goiatuba e Morrinhos, com aproximadamente 12 milhões de aves, totalizando 15% do efetivo estadual. O quarto núcleo é formado pelos municípios de Itaberaí, Nova Veneza, Mossâmedes, Inhumas e Goiás, com aproximadamente 8,5 milhões de aves, totalizando 11,5% do rebanho de aves do estado. O quinto núcleo, composto pelos municípios de Alexânia e Santo Antônio do Descoberto, apresenta dois milhões de aves. Esse núcleo está integrado ao Distrito Federal, que tem um plantel de aproximadamente 16 milhões de aves. (Peixinho, Silva e Sousa, 2021, p. 70).

Para mais, os autores entendem como cada núcleo de produção apresenta a atuação de uma corporação que controla a produção. Peixinho, Silva e Sousa (2021, p. 83) entendem como a produção no estado é exercida sob o controle de quatro empresas: São Salvador Alimentos (SuperFrango), Nutrizia (Friato), Pif Paf e BRF (Perdigão).

Em consonância com os autores, a maior empresa em atuação no estado é a BRF, dessa forma, “A BRF instalou-se em Rio Verde como Perdigão, no ano de 2000, com a unidade processadora de aves e suínos e, em 2007, em Mineiros, com a unidade processadora de aves pesadas.” (Peixinho, Silva e Sousa, 2021, p. 83). Atualmente, a empresa abate aves nas plantas de Jataí e Buriti Alegre.

O grupo São Salvador Alimentos, dono da marca Super Frango, foi fundado em 1991 e atua no núcleo produtor de Itaberaí, ampliando sua capacidade de abate adquirindo plantas em Nova Veneza em 2019 (Peixinho, Silva e Sousa, 2021). O núcleo de Pires do Rio é coordenado pela atuação da empresa Nutrizia, dona da marca Friato, fundada em 1993, e além da atuação no abate de aves, também apresenta áreas de cultivo de grãos próprias. Por fim, a empresa mineira Pif Paf atua com uma unidade em Palmeiras de Goiás, iniciando sua atuação no estado em 2011 (Peixinho, Silva e Sousa, 2021, p. 83).

É importante compreender, com base nos autores mencionados, que a produção avícola na região Centro-Oeste, deve ser analisada em um contexto da cadeia carne-grãos sendo, a avicultura uma forma de agregação de valor e de diversificação dos plantéis produtivos na região. Dessa forma, com base no que foi apresentado, é possível perceber como ocorreu um expressivo aumento produtivo na região Centro-oeste do Brasil, sobretudo nos últimos trinta anos, além disso ficou evidente como a região além de possuir um grande plantel de produção, também apresenta certa densidade de objetos técnicos e agentes econômicos, alguns deles internacionais, que servem à produção de frango.

2.3 REGIÕES COMPETITIVAS AVÍCOLAS ARGENTINAS

Percebe-se que no território brasileiro, tanto na região Sul quanto Centro-Oeste, atuam corporações transnacionais que, em muitos casos, buscando atender a um mercado global acabam por gerar efeitos na escala local, tais corporações como a JBS e BRF, as maiores corporações do país e quiçá do planeta, atuam ou atuaram também em demais territórios da América Latina, como é o caso da Argentina, dessa forma o subcapítulo apresentado na sequência procura debater e estudar como ocorre a produção avícola no país.

É importante entender como a produção avícola argentina apresenta semelhanças e especificidades em diferentes aspectos em relação a avicultura brasileira, salienta-se que o trabalho que se propõe realizar não busca realizar comparações entre a produção dos dois países, mas sim, compreender quais as relações que, tanto regiões argentinas quanto brasileiras, apresentam com os fluxos da globalização e as vulnerabilidades resultantes.

2.3.1 Produção Avícola Argentina: Desenvolvimento da produção e a organização do circuito espacial produtivo

A atividade avícola argentina desenvolve-se após a criação da colônia San José em Entre Ríos, fundada em 1857, mas foi só entre as décadas de 1920 e 30 que a produção doméstica ganha um caráter comercial, com a instalação das primeiras formas de organização de produção extensiva ou semiextensiva, com animais produzidos para produção tanto de carne, quanto de ovos. (Palacios, 2003, p. 20).

Segundo Palacios (2003), a década de 1960 marca um período de transição das atividades avícolas no país, sobretudo no sistema de produção, anteriormente de modo doméstico passa a ser de maneira integrada, tornando-se a predominante de organização da produção de frangos na Argentina.

Outro aspecto que a autora apresenta é a introdução de pacotes tecnológicos que compuseram melhorias na produtividade setorial, como por exemplo, “Os avanços genéticos introduzidos possibilitaram encurtar o período de crescimento das aves, aumentando a rentabilidade da produção devido à redução do índice de conversibilidade ração para carne” (Palacios, 2003, p. 24, tradução nossa).

Canever *Et. al.* (1997, p.12 e 13) também destacam que no final da década de 1960, inicia-se a introdução de tecnologias em nutrição, manejo e sanidade, incorporação de novas linhagens de animais, além do começo de uma organização empresarial através dos primeiros esboços do sistema de integração produtor-agroindústria.

Outro fator condicionante para o desenvolvimento setorial, deu-se após a construção de sistemas de engenharia, como um túnel subfluvial no rio Paraná entre as províncias de Santa Fé e Entre Ríos, e uma ponte entre as províncias de Buenos Aires e Entre Ríos. O desenvolvimento dessas formas geográficas viabilizou tanto o transporte de grãos de Santa Fé para Entre Ríos como a circulação da produção de aves abatidas em Entre Ríos para os grandes centros consumidores em Buenos Aires (Canever, *Et. al.* 1997, p.13).

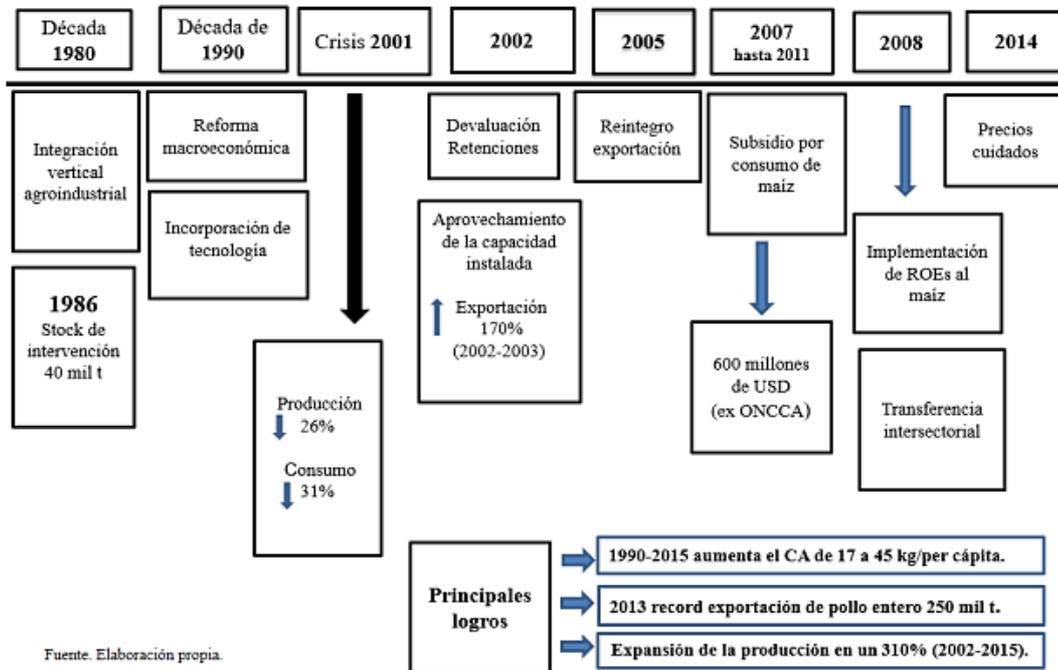
Ainda de acordo com esses autores, o desenvolvimento industrial da atividade aviar argentina se deu sob o sistema integração, que já era realizado nos Estados Unidos e Brasil, mas na Argentina deu-se através da aquisição e adaptações nas estruturas produtivas preexistentes. “Na Argentina, as mesmas estruturas produtivas como granjas de reprodutores, fábricas de rações, incubatórios, etc., utilizadas nas fases em que a produção era realizada de forma independente, serviram de base para a produção integrada” (Canever, *Et. al.* 1997, p.13).

A partir da década de 1980, o setor apresenta expressivo crescimento da produção e concentração dos abates nas principais províncias produtoras de aves do país, Entre Ríos e Buenos Aires. Com base na coleção de mapas e gráfico, apresentados na sequência do texto, é possível observar um crescimento produtivo intenso, principalmente após os anos 2000.

Ao pensar no papel desempenhado pelo Estado no desenvolvimento da cadeia produtiva, usa-se as análises de Alvaro (2020), que analisa a cadeia avícola no país e estima a magnitude e a distribuição das receitas geradas pelas políticas comerciais no setor de grãos entre 2003 e 2015. Nesse processo, a autora destaca as principais políticas comerciais do circuito aviar no país e identifica como principais resultados: o aumento do consumo de carne de frango entre 1990 e 2015 e a expansão de 310% do setor, na sequência, apresenta-se um esquema que explica as políticas comerciais empregadas no país. Destaca-se do esquema:

- I. A década de 1980 com o processo de integração resultando no aumento da produção;
- II. A reforma macroeconômica na década de 1990;
- III. A queda de 26% na produção devido à crise de 2001;
- IV. Em 2005 se reintegra a exportação no país e de 2007 a 2011 ocorre a implementação de subsídios compensatórios para que ocorra o aproveitamento de milho e soja para produção avícola;
- V. Em 2008, “as exportações de milho ficam submetida em um sistema que só permitia a exportação do remanescente estoque necessário para satisfazer o consumo interno;

FIGURA 4 POLÍTICAS COMERCIAIS E SEUS PRINCIPAIS EFEITOS SOBRE O SETOR DE AVES (1980-2015)



Fonte: Alvaro (2020, p. 23) Adaptado por Dalmora (2024)

Conforme Palacios (2003), e como pode ser interpretado com base nos mapas subsequentes, a produção de aves no país apresenta distribuição espacial ampla, mas concentrada em certas regiões argentinas. Segundo a autora, localização da produção coincide tanto com a produção de grãos, quanto junto aos grandes centros consumidores

O complexo agroindustrial avícola da Argentina se localiza em um espaço geográfico e econômico muito amplo, que coincide com a produção de cereais e oleaginosas e com os principais centros de consumo do país. A região Pampeana é a mais importante, tanto pela produção de carne como de ovos e derivados, dentro dela se encontra principalmente na província de Buenos Aires e Entre Ríos; e em menor medida Santa Fé e Córdoba (Palacios, 2003, p. 17, tradução nossa).

Com base no mapa seguinte, é possível compreender o padrão de crescimento da produção de frango entre as províncias argentinas, bem como a concentração produtivas em algumas delas, sobretudo Entre Ríos e Buenos Aires, que juntas correspondem a aproximadamente 80 % da produção nacional.

De acordo com o Anuário Avícola de 2021, do *Ministerio de Ganaderia Pecuária y Pesca* (MAGYP) o abate de aves no mesmo ano concentrou-se nas províncias de Entre Ríos

(51,2 %) e Buenos Aires (32,3 %), seguidas por Santa Fe (4,9%), Córdoba (3,8 %), Río Negro (2,7 %). Em menor medida em Mendoza, Salta, Jujuy y La Rioja (MAGYP, 2021, p. 8)

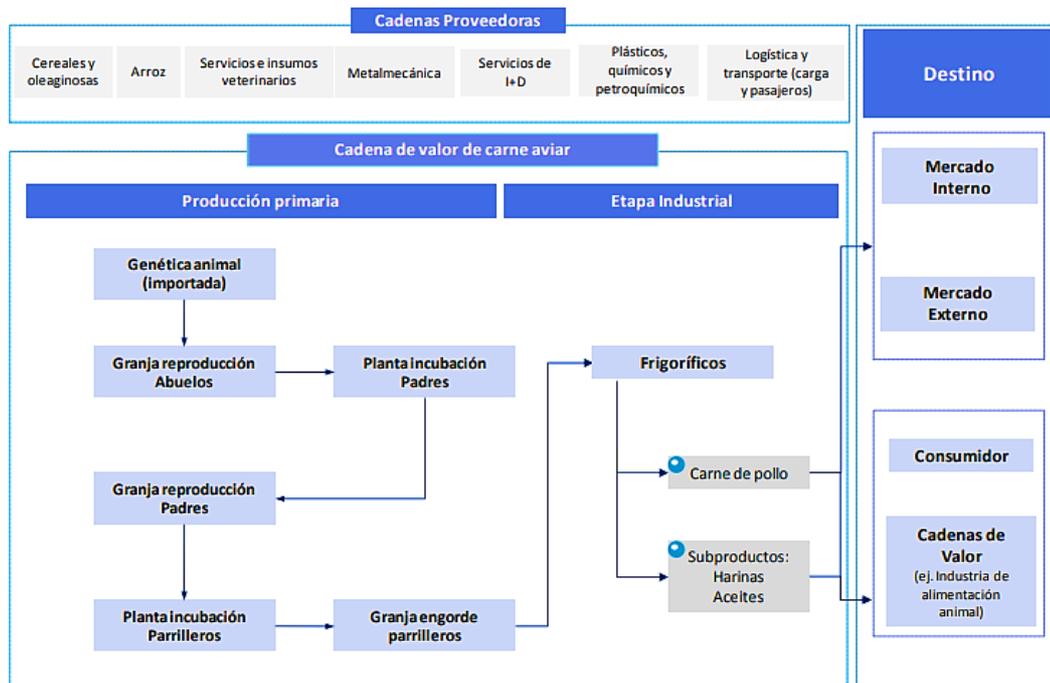
A região Pampeana, especialmente Entre Ríos e Buenos Aires, também apresenta uma certa densidade de objetos técnicos voltados às demandas setoriais, com base nos mapas (17 e 18) é possível observar e mensurar, primeiro, a distribuição de granjas com produção de carne no país em 2015 e, segundo, o total de estabelecimentos com avicultura em 2015, etapas importantes da cadeia produtiva.

Na Argentina a cadeia produtiva avícola se estrutura através da integração de diferentes etapas em que a coordenação é realizada pela empresa integradora, nesse sentido, Pontelli (2013) disserta:

A produção avícola local é estruturada a partir da integração de diferentes elos da cadeia, onde a coordenação da produção é realizada pela a empresa industrial. Esta internaliza a produção de ração, ovos férteis, pintinhos, abate e distribuição, enquanto a engorda é realizada principalmente por agricultores vinculados por contratos. Isso é consequência do investimento significativo necessário para instalar galpões de engorda, o que se traduz em altos volumes de capital fixo. (Pontelli, 2013 p. 314)

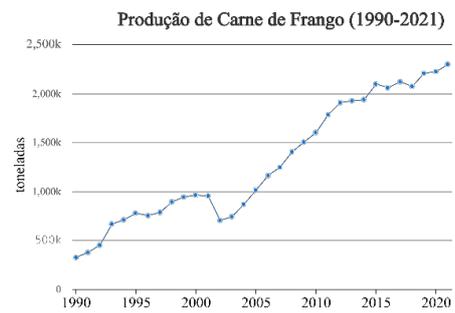
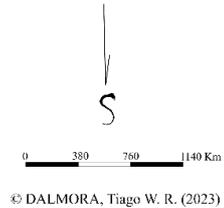
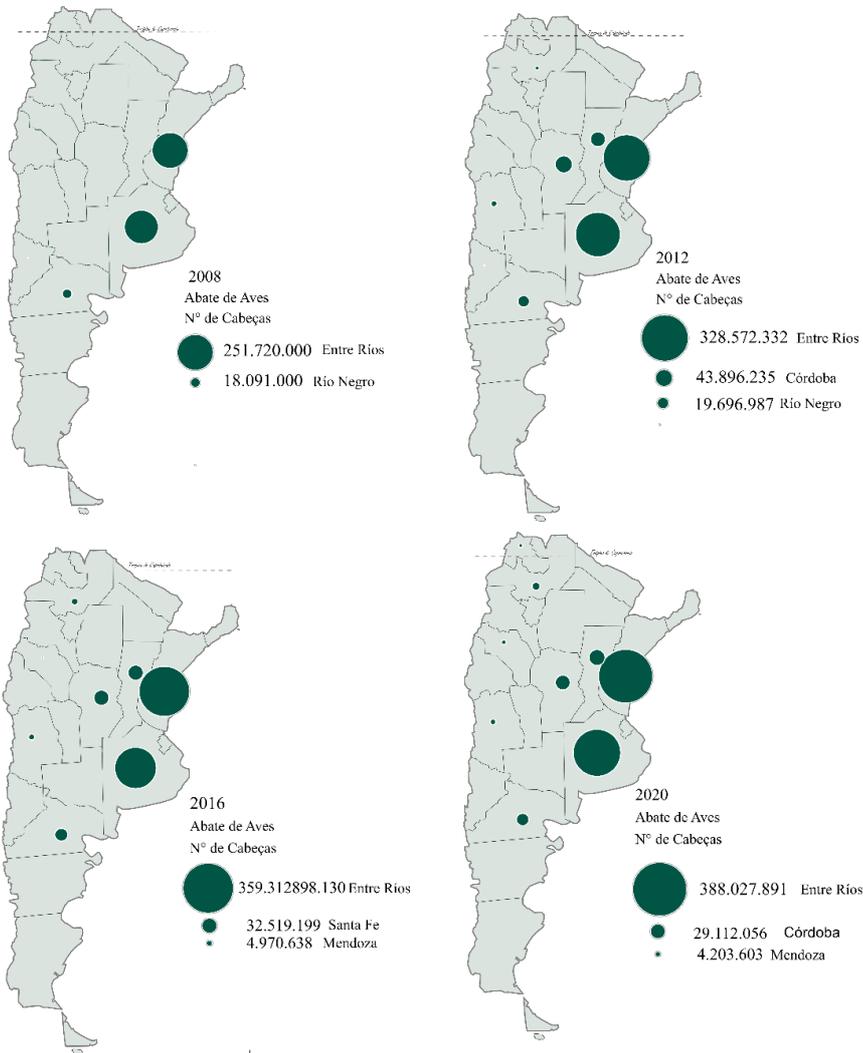
Com base no organograma apresentado na sequência, é possível observar as diferentes ligações entre as etapas da cadeia de produção aviar no país.

FIGURA 5 CADEIA PRODUTIVA AVÍCOLA ARGENTINA



Fonte: Argentina (2016) Adaptado por Dalmora (2024)

MAPA 16 ARGENTINA: ABATE NACIONAL DE AVES POR PROVÍNCIA (2008-2020)



fapesc
Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina

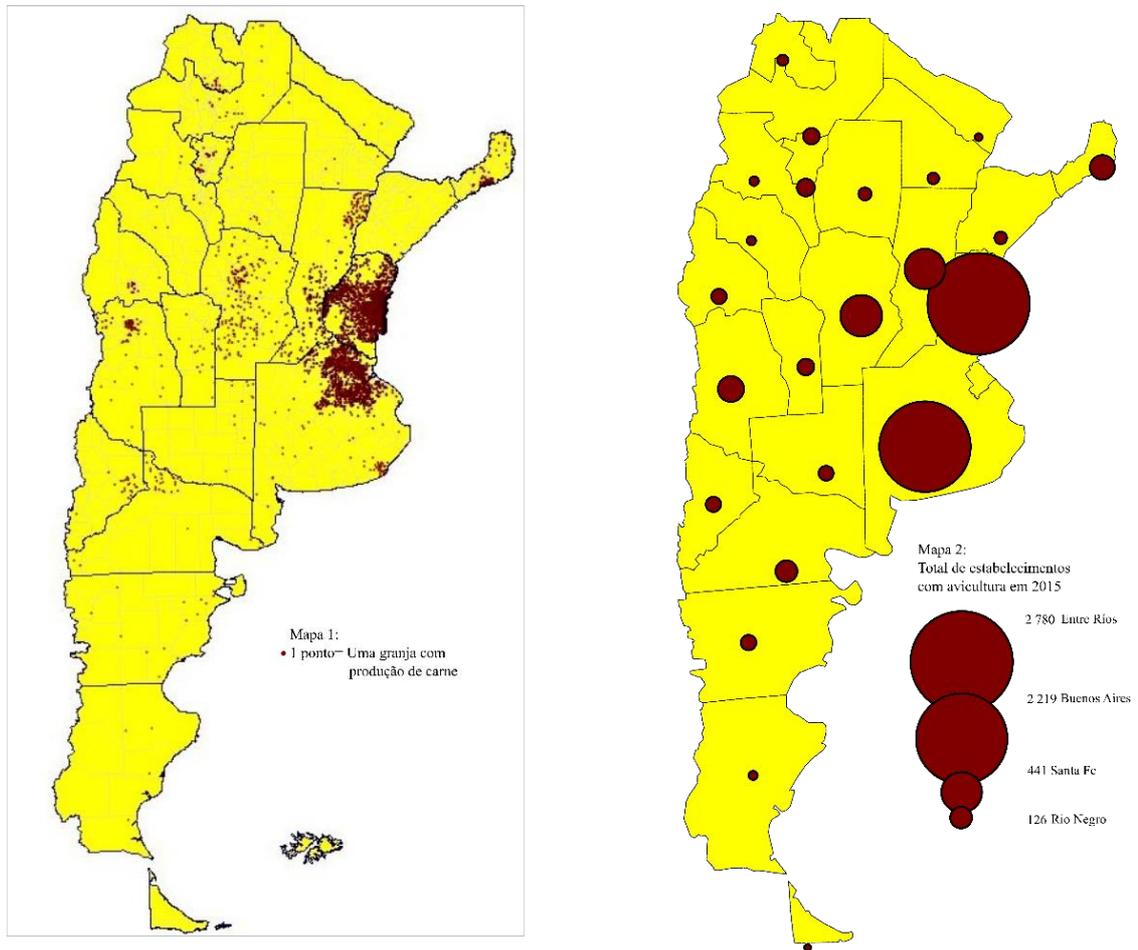
Mestrado em Geografia

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CUIÇABÁ e RECHOS

Fonte: Boletins Avícolas do Ministerio de Agricultura Ganaderia y Pesca de Argentina (2008-2021); Organização das Nações Unidas Para Alimentação e Agricultura FAOSTAT (2023).
Elaborado com Philcarto e Inkscape (2023)

Fonte: Elaborado por Dalmora (2023)

MAPA 17 ARGENTINA: DISTRIBUIÇÃO DE GRANJAS E ESTABELECIMENTOS AVÍCOLAS, 2015



fapesc
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
GOV. DO RIO GRANDE DO SUL
Mestrado em Geografia

Fonte: Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria SENASA (2015)
https://www.senasa.gov.ar/prensa/DNSA/Control_Gestion_y_Programas_Especiales/Indicadores_ganaderos/6_Indicadores_Avicolas/Avicolas.html
Mapa 1. Edaptado de SENASA (2015) por Dalmora (2023)
Mapa 2. Elaborado por Dalmora (2023)

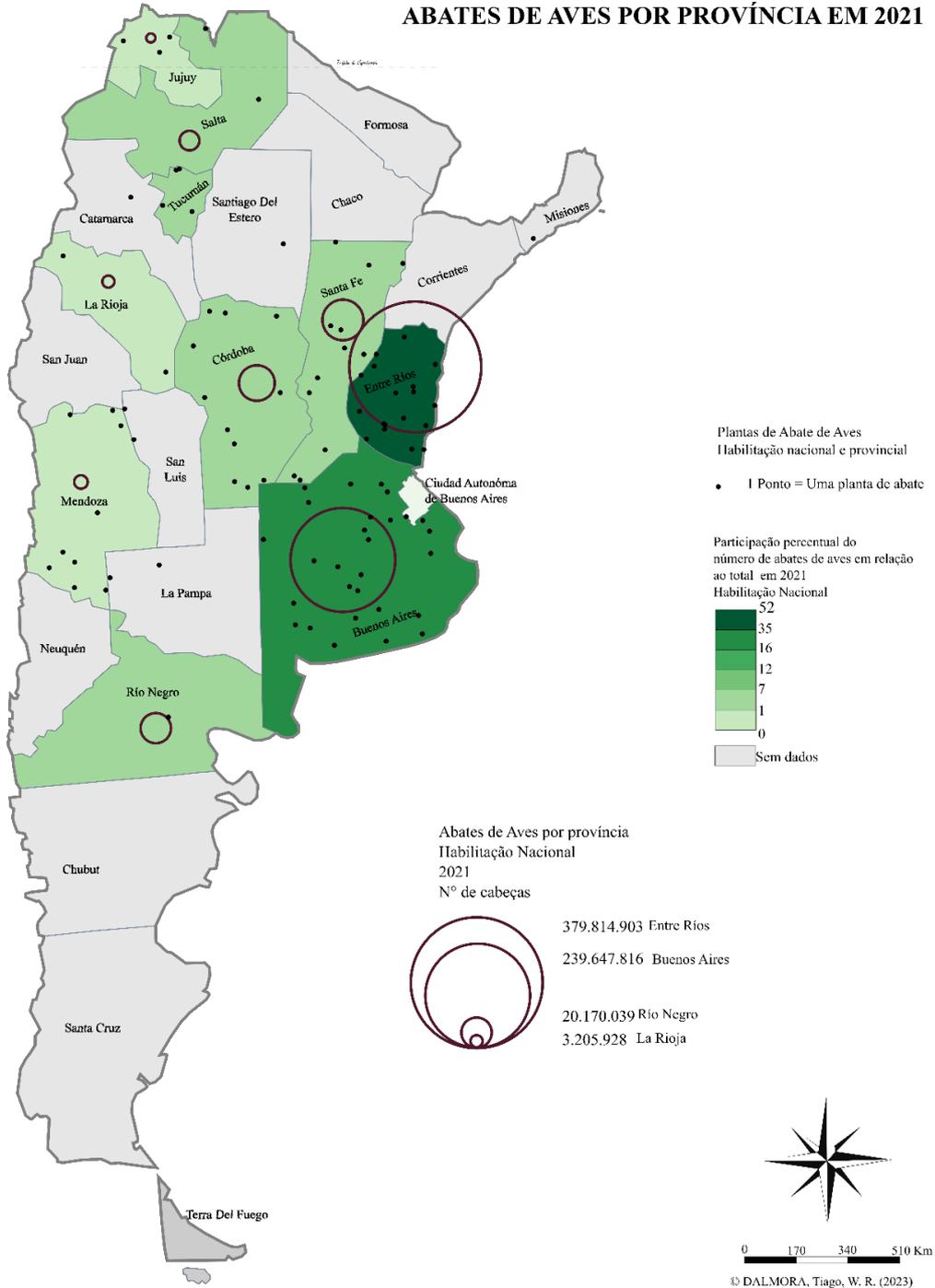
Fonte: Senasa (2015) elaborado/adaptado por Dalmora (2023)

Desse modo, segundo Palacios (2003, p. 7) e o mapa anterior, na província de Buenos Aires ocorre a especialização na produção de carne e ovos, concentrando-se principalmente na parte norte da província (Luján, Pilar, Escobar, Capilla del Señor, San Antonio de Areco, Capitán Sarmiento, Mercedes, San Andrés de Giles, Arrecifes, Salto, principalmente). Em Entre Ríos, concentra-se nas zonas próximas ao rio Uruguai nos departamentos de Uruguay, Colón, Gualeguay, Gualeguaychú e Tala.

Ademais, através do mapa a seguir, além de ser possível mensurar a representação percentual de cada província nos abates nacionais e o número de abates provinciais, pode-se observar a concentração das plantas de abates no país.

MAPA 18 ARGENTINA: PLANTAS DE ABATE DE AVES E ABATE DE AVES POR PROVÍNCIA EM 2021

ARGENTINA: PLANTAS DE ABATE DE AVES E ABATES DE AVES POR PROVÍNCIA EM 2021



Fonte: Boletim Avícola do Ministerio de Agricultura, Ganaderia y Pesca de Argentina (2021)
Elaborado com: Philcarto e Inkscape (2023)

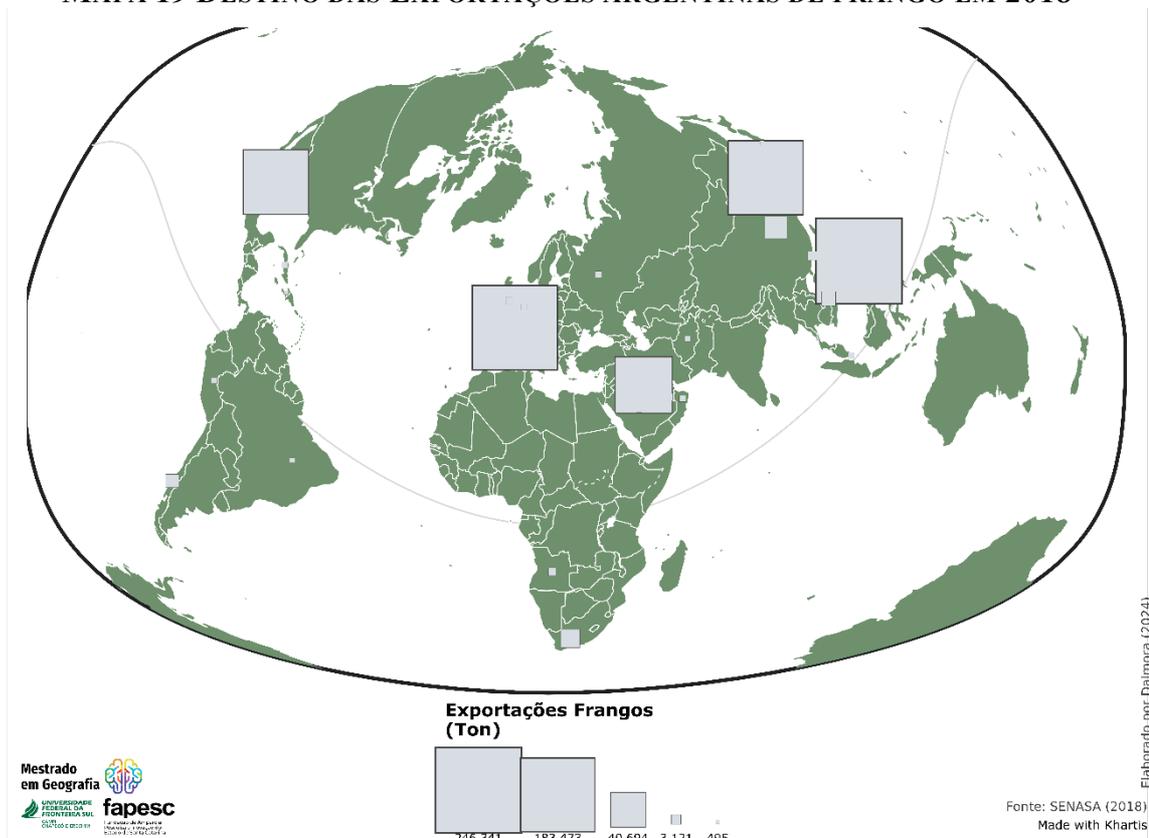
Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Dessa forma, é possível perceber como as unidades federativas de maior produção de aves do país abrigam também a maior parte das plantas de abate do país. Segundo dados do MAGYP (2023), em 2021, Buenos Aires possuía 32 plantas de abate de aves com habilitação nacional ou provincial, seguido por Entre Ríos, que apresenta 17 plantas, Mendoza e Santa Fé com 12 plantas e Córdoba com 10 plantas.

No caso argentino, o país é o 9º maior produtor e 11º maior exportador (EMBRAPA, 2023). Segundo dados do *Ministerio de Agricultura Ganaderia y Pesca* (ARGENTINA, 2021) em 2020 os destinos das exportações argentinas foram, China (aproximadamente 37% das exportações avícolas do país), África do Sul (9%), Vietnã (8%), Chile (4%) e Arábia Saudita (4%).

Com base em dados do SENASA, é possível realizar a espacialização dessas exportações com dados disponibilizados de 2018, a partir do mapa a seguir, é possível observar os principais destinos das exportações argentinas.

MAPA 19 DESTINO DAS EXPORTAÇÕES ARGENTINAS DE FRANGO EM 2018



Fonte: Elaborado pelo autor (2024)

Dentre os maiores agentes econômicos que compõem o setor na Argentina, pode-se citar, dentre outros, segundo o *Centro de Empresas Procesadoras Avícolas* (CEPA, 2023), os grupos: Granja Tres Arroyos (GTA, 2023) e a Las Camelias S.A.

A Granja Tres Arroyos, configura-se como a maior empresa do setor avícola argentino fundada na década de 1960 como uma empresa familiar, a empresa vai se constituir como um exemplo de empresa integrada verticalmente que abarca todas as etapas da cadeia de produtiva (Palacios, 2003, p. 47 e 48).

Segundo o Grupo Granja Tres Arroyos GTA (2023), a corporação apresenta unidades de: Plantas de aves Avós e Pais, plantas de incubação, Fábricas de Ração (*Molinos*) e oito plantas de abate, sendo duas unidades em Entre Ríos, uma em Córdoba, quatro em Buenos Aires e uma unidade no Uruguai, com base no mapa a seguir, é possível observar o padrão de distribuição das plantas de abate da empresa, percebe-se como ela concentra unidades nas regiões produtivas do país.

É importante ressaltar que, no ano de 2019 a Granja Tres Arroyos também adquiriu as unidades da AVEX, pertencente à BRF (GTA, 2023). ¹A Empresa de capital brasileiro, iniciou seu processo de internacionalização através da aquisição de unidades da Avex e Danica na Argentina no ano de 2011, tornando-se a maior processadora de carne de frango do país até 2018, ano de crises para a empresa. (Coletti, Franculino e Mota, 2016, p. 10; BRF, 2018; Hidalgo, 2019; Avinews, 2018; Auonline, 2018,).

Segundo a Empresa BRF (2018),

A venda da Avex para a Granja Tres Arroyos S.A. e a Fribel S.A inclui três fábricas: Rio Cuarto, com capacidade para abater 160 mil de aves por dia; Llavallol e Villa Mercedes, as quais, juntas, processam mais de 10 mil toneladas mensais de produtos, tais como, margarinas, molhos, azeite e ingredientes para panificação, sob as marcas Dánica, Manty, Delicia, D'fiesta, entre outras. O valor total da venda foi de US\$ 50 milhões. [...] A Avex é líder absoluta na Argentina no mercado de margarinas e exporta cortes de frango congelado para mais de 40 países. Também faz maionese e molhos, tais como, mostarda e ketchup. O portfólio da empresa, que emprega cerca de 800 pessoas e está no mercado argentino desde 1950, inclui marcas líderes como Dánica, Manty, Delicia, D'Festa e Sierra Sur. Possui três unidades fabris localizadas em Rio Cuarto, Llavallol e Villa Mercedes.

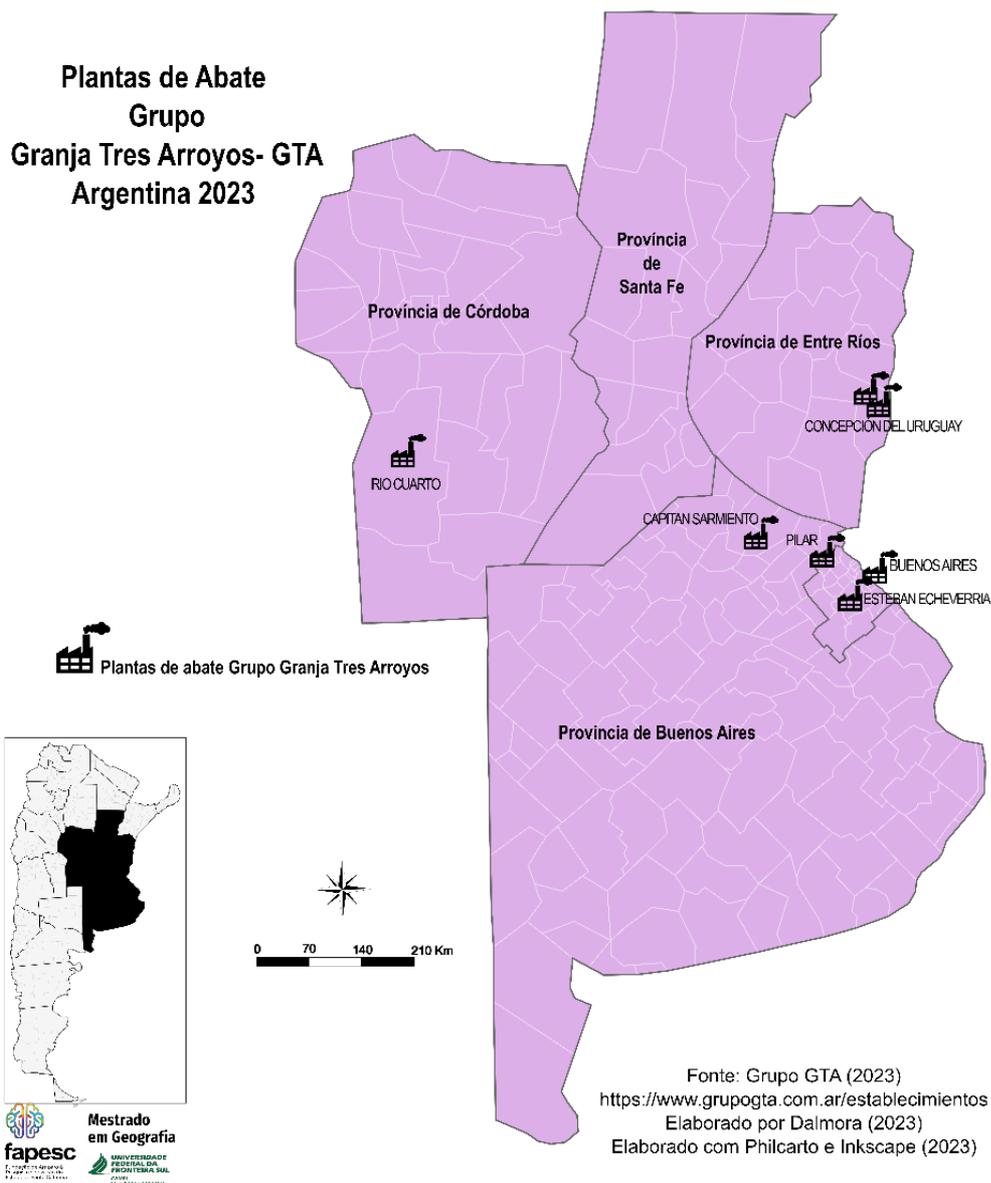
Outra empresa que o Grupo GTA adquire no ano de 2018, foi a então empresa Cresta Roja, uma das maiores processadoras de aves do país até o ano de sua quebra. Segundo o jornal *Info Alimentación* (2018), a companhia alimentícia Grupo Tres Arroyos assumiu o controle de operações das unidades da Cresta Roja. A corporação explica que em 2018, o Grupo GTA

¹ O processo de atuação da corporação brasileira BRF S.A. através da AVEX em território argentino é explicado no capítulo seguinte.

passou a realizar a integração da avícola Cresta Roja (Wade) localizada na província de Buenos Aires (GTA, 2023).

Assim como já citado, o mapa a seguir apresenta a localização das unidades industriais de abate do Grupo Granja Tres Arroyos em 2023.

MAPA 20 REGIÃO PAMPEANA/CENTRAL DA ARGENTINA: PLANTAS DE ABATE GRANJA TRES ARROYOS 2023



Fonte: Elaborado pelo autor (2023)

Outro grande agente econômico multinacional brasileiro que teve expressiva atuação na Argentina foi a JBS, que também apresentava expressivo abate de bovinos no país. De acordo

com Coletti, Franculino e Mota (2016), a JBS iniciou seu processo de internacionalização em 2005 através da compra do frigorífico Swift Armour Argentina.

Segundo o *website* da Minerva Foods (2023), em 2017, a empresa adquiriu cinco frigoríficos de bovinos, na Argentina. O mesmo é confirmado por Laporta (2017) do jornal G1, e pelo Gazeta do Povo (2017). Segundo a JBS (2023), atualmente a empresa mantém na Argentina escritórios comerciais e unidades de processamento de couros.

Na atualidade, outra importante corporação argentina é a Avícola Las Camélias. A empresa configura-se como um grupo familiar que surgiu na província de Entre Ríos na década de 1930, atualmente apresenta uma força laboral de aproximadamente 2500 postos de trabalhos diretos e indiretos, com um abate de aproximadamente 60 milhões de cabeças de aves por ano (Las Camélias, 2023; Origlia, 2022).

Segundo Origlia (2022) a empresa apresenta um expressivo número de plantas industriais em Entre Ríos, a jornalista explica:

A empresa conta com quatro plantas (incubação, Alimentos balanceados, PPA [Plantas de Processamento Avícola] San José, PPA San Justo; 13 centros de distribuição próprios no país; alojam 1,250 milhões de frangos por semana; processam e distribuem 6000 toneladas de alimento balanceado por semana. No total de 2500 provedores e 3200 clientes (Origlia, 2022, n.p, tradução nossa).

Com base nesses pressupostos, percebe-se como as principais províncias produtoras na Argentina abrigam, como consequência, unidades industriais de processamento avícola, plantas de abate, centros de distribuição, plantas de incubação, fábricas de ração, das maiores representantes do setor. Segundo Mc Loughlin (2013, p. 15, tradução nossa), “A indústria avícola está conformada cada dia por menos indústrias, mas mais integradas, que competem com produtos relativamente similares por mercados também similares”. Isso ficou evidente nos processos de fusões e principalmente aquisições explicadas acima.

Assim, reconhecendo a expressiva produção na região Pampeana/central argentina, especialmente Entre Ríos, como sendo os maiores produtores e apresentando expressiva especialização regional produtiva avícola, a próxima subseção procura debater, quais as dinâmicas que ocorrem nesses territórios especializados, sobretudo em Entre Ríos, a província produtora. Além disso, se procura entender como se deu a introdução da Avicultura em Córdoba, região onde houve a atuação da empresa BRF no país.

2.3.2 Região Produtora Avícola de Entre Ríos

A província de Entre Ríos constitui-se como a principal região produtora de carne avícola do país, em 2021, de acordo com dados do MAGYP (2021), o abate realizado na província correspondeu a metade do abate nacional, cerca de 51,2 %. A região apresenta características socioespaciais que garantem o desenvolvimento do complexo avícola e elevada densidade de objetos técnicos voltados ao setor.

Em relação ao mercado externo, de acordo com o periódico *Cadena Avícola* (2021), a avicultura entrerriana, em 2020, abrigava cerca de 54% das granjas avícolas do país e representava mais de 60% das exportações de carne de aves do país. Ainda segundo dados do Governo de Entre Ríos (Entre Ríos, 2020, p. 10), no ano de 2020, a exportação de aves configurou-se como principal produto exportado da província, considerando o valor, aproximadamente 35% da participação do total de U\$S gerados.

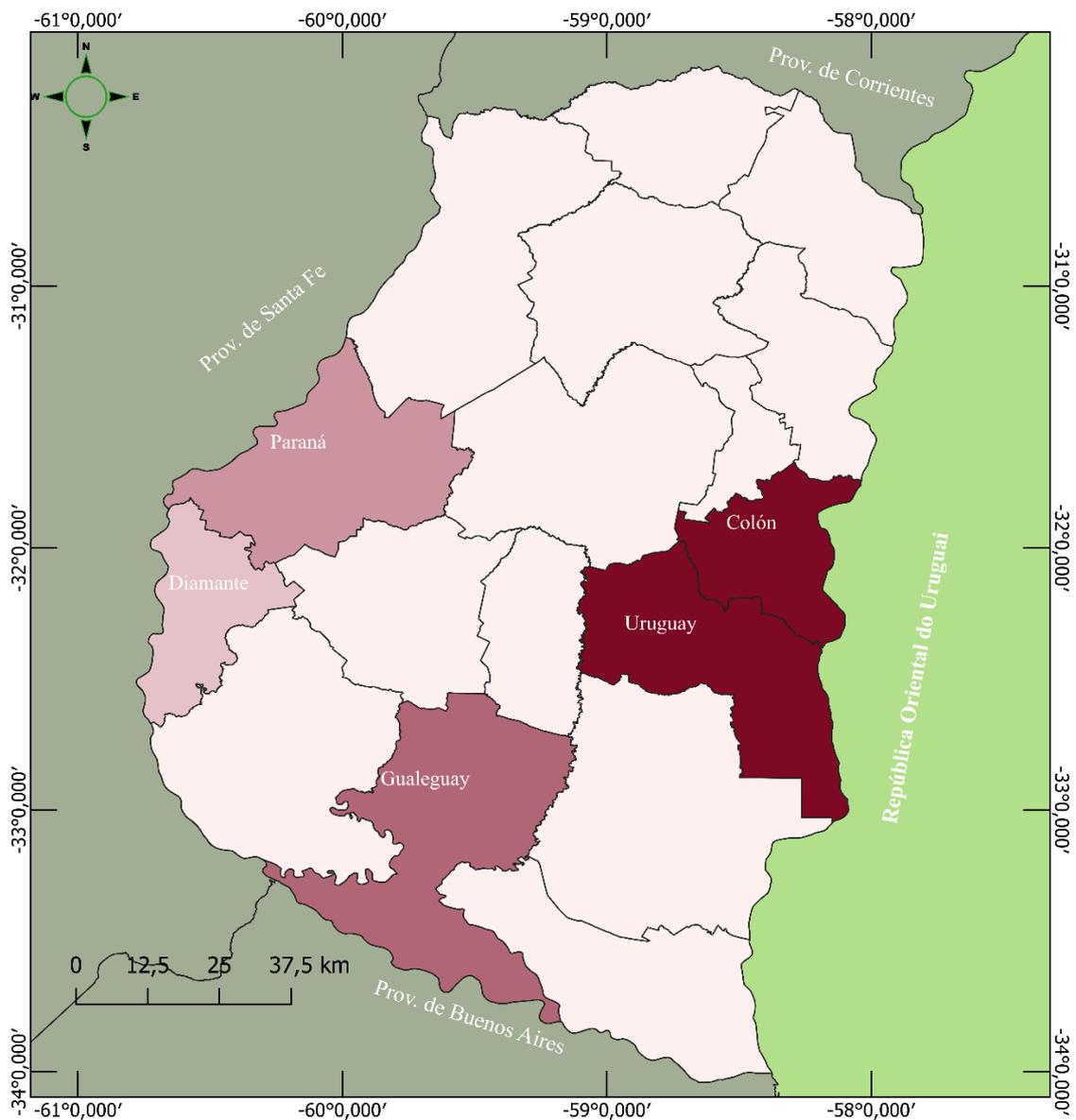
O circuito produtivo regional avícola entrerriano engloba uma soma de unidades de produção, distribuição e consumo interligadas a uma atividade centralizadora. Dessa forma, o circuito produtivo é marcado por várias etapas de uma vasta cadeia de produção que envolvem plantas de reprodução de avós e pais, plantas de incubação, fábricas de ração, engorda dos animais, abate, processamento alimentício, transporte de aves vivas e abatidas e a comercialização (Dominguez, 2007, p. 16)

Para Dominguez (2007) a produção em Entre Ríos pode ser dividida em três Zonas de produção, “tradicional, intermediária e não tradicional”. A “zona tradicional” corresponde aos departamentos de Concepción del Uruguay, Colón, Gualeguaychú, Rosario del Tala, Chajari e Villaguay, reunindo a maior parte dos abates e produtores de frango da província, constituindo-se assim o núcleo central da atividade avícola. O departamento de Gualeguay e de Victoria, no sul da província, caracteriza a zona intermediária. (Dominguez, 2007, p. 19 e 20)

Por fim, a “Zona não Tradicional” corresponde aos Departamentos de Paraná e Diamante, este subespaço é marcado por apresentar explorações de abate de aves mais recentes e número de abates menor em comparação aos demais departamentos da província, além disso, na “Zona não Tradicional” ocorre a presença de frigoríficos de fora da província (Dominguez, 2007, p. 19 e 20).

Com base nos dados do Informe Avícola Provincial de 2020 (Entre Ríos, 2020, p. 5), o abate de frangos, assim como o número de granjas, concentra-se em quatro departamentos. Em 2020, Uruguay foi o departamento de maior produção (32,4%), seguido por Colón, Gualeguay, Paraná e Diamante, como pode ser observado no mapa seguinte.

MAPA 21 PROVÍNCIA DE ENTRE RÍOS ARGENTINA: PORCENTAGEM DE ABATE ANUAL DE FRANGOS POR DEPARTAMENTO EM 2020



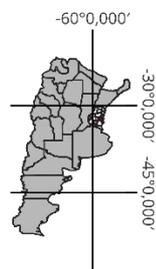
Mestrado em Geografia



Legenda

Percentual de abate por departamento 2020	Cor
0 - 5,4	Lightest Pink
5,4 - 10,8	Light Pink
10,8 - 16,2	Medium Pink
16,2 - 21,6	Dark Pink
21,6 - 27	Dark Red
27 - 32,4	Darkest Red

Fonte: Informe del Sector Avicola 2020, Gobierno de Entre Ríos (2020)
 Autor: Tiago Wilian Rocha Dalmora



Fonte: Elaborado por Dalmora (2023)

A província apresenta também um elevado número de granjas produtoras de aves, com produção destinada para produção de carne, ovos, incubação, recria e outras coisas, o que pode ser mensurado através da tabela a seguir. Dentre os departamentos com maior quantidade de granjas para produção de carne, se destaca os de Uruguay e Colón, que abrigam aproximadamente 800 e 400 granjas respectivamente no ano de 2018 (Entre Ríos, 2019, p.5).

TABELA 4 NÚMERO DE GRANJAS AVÍCOLAS EM ENTRE RÍOS- 2018
Número de Granjas Avícolas - 2018

Granjas por atividade	Quantidade
Produção de Carne	2382
Produção Ovos	199
Produção Carne e Ovos	26
Planta de Incubação - Frangos	2
Planta de Incubação - Poedeiras	2
Recria - Pais Pesados	26
Recria - Poedeiras	14
Recria Reprodução e Incubação (Avós Pesados)	2
Recria Reprodução e Incubação (Pais pesados)	2
Recria e Reprodução (Ovos)	96
Recria e Reprodução (Avós pesados)	2
Recria e Reprodução (Pais Leves)	1
Recria e Reprodução (Pais pesados)	18
Reprodução (Pais Leves)	2
Reprodução (Pais pesados)	68
Reprodução e Incubação (Pais pesados)	2
TOTAL DE GRANJAS	2645

Fonte: Entre Ríos (2019) Dirección De Ganadería Y Pesca, Informe Avícola de 2019

Fonte: Entre Ríos (2019) Adaptada por Dalmora (2023)

Segundo Dominguez (2007), em Entre Ríos a produção de aves se dá em três formas principais de organização de granjas: Granjas de tipo familiar pouco capitalizadas, granjas familiares capitalizadas e granjas de tipo empresarial.

A primeira forma de organização, com granjas de tipo familiar pouco capitalizadas, apresenta características como minifúndios especializados na produção de frango, “Geralmente localizadas nas zonas tradicionais, produtores com poucos hectares de terra e capital, e com baixa rentabilidade, e por tanto com problemas de inversão em equipamentos e instalações”

(Dominguez, 2007, p. 17). Essa forma de organização concentra-se principalmente nas zonas tradicionais de produção circundando as margens do rio Uruguai.

As granjas de forma familiar capitalizadas, localizam-se principalmente nas zonas que não são tradicionais, granjas que “[...] empregam mão de obra familiar não remunerada, que acessoriamente para algumas atividades empregam mão de obra assalariada, que possuem boas instalações e equipamentos” (Dominguez, 2007, p. 18). Já as granjas de tipo empresarial, representam a menor parcela das granjas da província, mas apresentam um elevado nível de tecnologia, com mão de obra empregada de forma assalariada, apresentando uma boa rentabilidade. (Dominguez, 2007, p. 18).

É importante destacar como a produção avícola realizada na zona tradicional de produção de aves se assenta em um “saber fazer” associado à formação socioespacial presente na região (Dominguez, 2007).

Tais granjas de produtores, apresentam-se ligadas a um processo de integração vertical no qual os frigoríficos põem-se como uma das peças centrais do circuito produtivo. Na atualidade segundo o Governo de Entre Ríos (Entre Ríos, 2023), há na província a atuação de oito frigoríficos, com produção de frangos inteiros, sendo elas:

QUADRO 4 FRIGORÍFICOS AVÍCOLAS DE ENTRE RÍOS EM 2023

Frigoríficos avícolas, Entre Ríos -2023

<i>Nome Frigorífico</i>	<i>Localidade</i>
<i>GRANJA TRES ARROYOS (GTA)</i>	CONCEPCIÓN DEL URUGUAY
<i>PLANTA PROCESADORA DE AVES (GTA)</i>	SAN JOSE (DPTO. COLON)
<i>COMPLEJO ALIM. S.A. FAENA Y COCIDOS (GTA)</i>	GENERAL RACEDO
<i>BONNIN HNOS</i>	COLON
<i>FEPASA CEDAL</i>	CONCEPCIÓN DEL URUGUAY
<i>FAENAR S.R.L.</i>	VIALE
<i>INDAVISA</i>	HERNANDARIAS
<i>LAS CAMELIAS</i>	SAN JOSE (DPTO. COLON)

Fonte: [Encuentre las empresas y productos que ofrece la provincia de Entre Ríos | DGCI \(productosentrerrianos.gob.ar\)](https://www.productosentrerrianos.gob.ar/)

Fonte: Elaborado Pelo Autor (2023)

Dominguez (2007, p. 22) ressalta como ocorre um processo de dependência dos granjeiros com os frigoríficos, principalmente nas partes do território de maior especialização regional como a Zona tradicional de produção de aves, o autor disserta sobre:

No caso da zona tradicional, a dependência que têm com os frigoríficos é maior, dada as escassas alternativas com as quais contam, atentando para as limitações de extensão de terra, tendo apenas uma possibilidade para incrementar seus ganhos, [...]. Além disso, enfrentam condições nulas de negociação com o setor dominante da cadeia, pois em toda a área da província, o setor dos produtos primários não dispõe de nenhum tipo de estrutura coletiva ou sindical (Dominguez, 2007, p. 22, Tradução nossa)

Além disso, o uso do território por esse número reduzido de corporações pode acarretar na geração de dependência dos produtores rurais em relação a esses agentes econômicos. Na província de Entre Ríos, sobretudo nas zonas tradicionais de produção avícola, “marcada pelo minifúndio e uma alta especialização, com escassa pluralidade de atividades e incidência de trabalho assalariado” (Dominguez, 2007, p. 23, tradução nossa), é perceptível a dependência dos granjeiros em relação aos frigoríficos.

Segundo Dominguez (2007, p. 22), A dependência dos granjeiros com os frigoríficos nessas zonas tradicionalmente produtoras de frango é maior que nas demais, devido à escassez de alternativas econômicas, causadas pela especialização produtiva e limitações de extensão de terra, além disso, a força laboral nessas províncias é excepcionalmente familiar e apresenta nulas condições de organização e negociação com o setor dominante.

Ademais, é quase nula a possibilidade de troca de contrato de integração entre os frigoríficos da província. Nos poucos casos em que ocorre a troca, os valores pagos aos granjeiros não mudam substancialmente de uma empresa a outra, sendo como recompensa apenas melhores condições de trabalho e rentabilidade dos plantéis de produção. (Dominguez, 2007, p. 23).

Ainda Dominguez (2007) refere-se a política de cerceamento que os frigoríficos fazem impossibilitando a organização coletiva dos produtores. Segundo o autor:

A política dos frigoríficos é que os produtores não tenham nenhum tipo de agremiação, cada uma das ações que têm sido empreendidas nesse sentido tem recebido a ameaça dos frigoríficos, que pode ir desde expressar rejeição, até políticas mais intimidatórias, como a ampliação do período entre cada criação ou a impossibilidade de continuar sendo integrado ao frigorífico. O que, somado aos acordos existentes entre eles, impossibilitaria sua incorporação em outro (Dominguez, 2007, p. 23-24, tradução nossa).

Desse modo, com base em Dominguez (2007), é perceptível como os produtores das regiões com alta especialização produtiva em Entre Ríos, principal província produtora de frango do país, demonstram debilidades frente ao alto nível de dependência dos produtores em relação às corporações, perceptível em depoimento de produtor dado a Dominguez (2007, p. 24): “*nosotros somos criadores de pollo mientras el frigorífico así lo quiera*”.

É importante destacar como a avicultura no país ocorre em outras regiões também, como o caso da província de Buenos Aires, explicada anteriormente, e em regiões que tradicionalmente não se apresentam como centros dinâmicos de produção de aves, mas que através da atuação de corporações passa a produzir e altera a lógica territorial já estabelecida, como o caso da província de Córdoba.

2.3.3 Outras Regiões Produtoras avícolas na Argentina: o caso de Córdoba

Córdoba, enquanto uma província localizada na região centro-pampeana da Argentina, sempre esteve, em seu desenvolvimento, ligada à produção agropecuária, isso se mostra presente quando observamos, por exemplo, a produção de grãos no país. (INDEC, 2021; INCAP, 2022; Defelippe, 1959; Silveira, 2003).

Nesse contexto, a região em torno da cidade de Río Cuarto, localizada na parte sul da província, configura-se como a maior área produtora de soja e milho da província. Essa característica para Vagnola, Ricotto e Harriague (2012), fez com que a cidade e região desenvolvessem seu potencial no abrigo e crescimento de agroindústrias relacionadas à produção agrícola como suporte para alimentação animal, como o caso das aves.

Segundo dados do censo agropecuário em 2018, Río Cuarto foi um dos principais produtores de aves da província, quantitativamente o departamento abrigava um estoque de aproximadamente 3,3 milhões de cabeças de aves para abate, 37 mil poedeiras, além disso foi a província com maiores índices de produção avícola tradicional (não comercial) com cerca de 140 mil aves (INDEC, 2018, *cuadro* 5.11.5)

Dessa forma, ao analisar a avicultura Cordobesa, percebe-se como a atividade esteve concentrada em partes da província, sobretudo nas regiões de Río Cuarto. Segundo Vagnola, Ricotto e Harriague (2012, p. 8. tradução nossa), “o departamento de Río Cuarto tem a maior produção total e per capita, que chega a processar aproximadamente 1,60 toneladas de carne de frango por habitantes, o que o transforma na região mais importante da cadeia aviar na Provincia de Córdoba.”.

A autora ainda destaca como o desenvolvimento da avicultura em Río Cuarto foi influenciado pelo uso do território realizado por parte de grandes empresas instaladas na região, como o caso da avícola AVEX, aproveitando-se da disponibilidade de milho na região (Vagnola, Ricotto e Harriague, 2012, p. 8). Em termos quantitativos, a autora ainda disserta sobre como a instalação do complexo agroalimentar AVEX em 2007 além de realizar a agregação de valor na cadeia de grãos, também ocasionou o real desenvolvimento da avicultura no departamento, que anteriormente acontecia de forma marginal na região (Vagnola, Ricotto

e Harriague, 2012, p. 8). Assim, a autora mensura o crescimento atribuído a instalação da corporação:

Neste sentido, [...] em 2002, houve uma produção de frangos nos departamentos de Río Cuarto e Juárez Celman na ordem de 300.000 cabeças anuais, enquanto em 2009, a oferta de cabeças de frango foi de 12.864.000 cabeças. No departamento de Juárez Celman a produção avícola era quase inexistente, pois não existia nenhum tipo de estabelecimento agrícola com galpões com as instalações mínimas necessárias para a produção de frangos. Enquanto isso, no departamento de Río Cuarto foram pesquisados 14 estabelecimentos com armazéns. Contudo, o salto quantitativo da bacia produtiva observado entre 2002 e 2009 é muito significativo (Vagnola, Ricotto e Harriague, 2012, p. 9, tradução nossa).

A instalação da corporação, representou também um grande impacto no emprego regional e representou um peso muito forte na parcela de emprego formal do setor industrial na cidade de Río Cuarto. Além do emprego direto, o círculo de cooperação que se desenvolveu com a corporação resultou em uma parcela expressiva de empregos indiretos (Vagnola, Ricotto e Harriague, 2012).

Dessa forma, infere-se que o desenrolar do circuito produtivo avícola Cordobes, principalmente a produção em Río Cuarto, torna-se uma atividade importante a partir da instalação de agentes econômicos que organizam o território regional. Em 2005, instala-se a Globoaves S.A. (produtora de ovos) e, em 2007 a AVEX S. A. (produtora de carne) (Vagnola, Ricotto e Harriague, 2012).

No ano de 2011, ocorre a compra da AVEX pelo grupo de capital brasileiro BRF S.A., que adquire as plantas da empresa argentina na província de Buenos Aires e atua no país até 2018, processo esse explicado no último capítulo deste trabalho.

3 OLIGOPÓLIOS TERRITORIAIS AVÍCOLAS NO BRASIL E ARGENTINA: TRANSNACIONAIS, USO DO TERRITÓRIO E VULNERABILIDADES TERRITORIAIS

“Nesse mundo globalizado, a competitividade, o consumo, a confusão dos espíritos constituem baluartes do presente estado das coisas. A competitividade comanda nossas formas de ação. O consumo comanda nossas formas de inação. E a confusão dos espíritos impede o nosso entendimento do mundo, do país, do lugar, da sociedade e de cada um de nós mesmos” (Milton Santos, 2010, p.46).

Como já visto durante o período globalizado atual, sobretudo após a década de 1980, intensifica-se o processo de reestruturação agropecuária. Para Elias (2006, p. 2), esse processo de reestruturação produtiva acabou por privilegiar certas áreas, produtos e parcelas sociais, segundo a autora, isso resulta em intensos impactos socioespaciais que causaram, entre outras coisas, na elevação da concentração de terra e na oligopolização dos setores agropecuários.

Esses subespaços dos territórios nacionais configuram regiões com elevada especialização regional produtiva, configurando o que Elias (2011, p.153) chamou de “Regiões Produtivas Agrícolas (RPAs)” e o que Castillo e Frederico (2012) chamaram de “regiões competitivas agrícolas”.

Segundo Elias (2011, p 153), essas regiões configuram-se como “novos arranjos territoriais produtivos agrícolas”, tornando-se assim territórios das grandes corporações e redes agroindustriais, em que nelas há, “[...] partes dos circuitos espaciais da produção e círculos de cooperação de importantes commodities agrícolas, evidenciando a dinâmica territorial do agronegócio.

As mencionadas regiões são frações do espaço total das redes agroindustriais globalizadas, cada vez mais abertas às influências exógenas e aos novos signos do período atual. Existem porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de coesão organizacional baseada em racionalidades de origens distantes, mas que se tornam o fundamento da existência e da definição desses subespaços. Diante disso, a RPA é resultado do impacto das forças externas/modernizantes e a capacidade de suas virtualidades, lugar funcional das redes agroindustriais globalizadas. Como objeto e sujeito da economia globalizada, é um espaço que nada mais tem de autônomo, não se fechando sobre si mesmo, de forma independente do restante do mundo, com o qual interage permanentemente para a renovação tecnológica, para a complementação da produção e, em última instância, para a acumulação ampliada do capital do agronegócio. (Elias, 2011, p. 156).

Isso pode ser relacionado ao pensamento de Milton Santos (2017, p. 269), quando o autor disserta acerca das redes. O Autor aborda como no atual período, cada vez mais as redes produtivas, de comércio, informação e transporte se dão de forma global. Complementarmente,

o autor entende que, através das análises das redes é possível a identificação de três níveis de solidariedade: mundial, dos Estados e o local (Santos, 2017, p. 270).

O mundo aparece como primeira totalidade, empiricizado por intermédio das redes. É a grande novidade do nosso tempo, essa produção de uma totalidade não apenas concreta, mas, também, empírica. A segunda totalidade é o território, um país e um Estado - uma formação socioespacial -, totalidade resultante de um contrato e limitada por fronteiras. O lugar é a terceira totalidade, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças a ocorrência, na contiguidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa. As redes são um veículo de um movimento dialético que, de uma parte, ao Mundo opõe o território e o lugar; e, de outra parte, confronta o lugar ao território tomado como um todo (Santos, 2017, p. 270)

Além disso, as redes remetem a questão de poder, uma vez que a DIT confere a certos agentes um maior destaque à organização do espaço. Santos (2017) citando Martin Lu (1984), ressalta como esse papel desempenhado por esses agentes, é responsável “pela intensificação das especializações, por novas divisões espaciais do trabalho, maior intensidade do capital, circulação mais ativa de mercadorias, mensagens, valores e pessoas, maior assimetria nas relações entre os atores” (Santos, 2017, p. 270-271)

Uma das consequências resultantes desse processo de formação de regiões competitivas, enquanto “lugar funcional das redes agroindustriais globalizadas” (Elias, (2011, p.156), é o crescente processo de “*instabilidades do território*” (Santos e Silveira, 2016, p. 298), ocasiona eventos e situações de vulnerabilidades nos respectivos territórios.

Desse modo, o presente capítulo desta dissertação objetiva compreender os processos resultantes das redes e usos corporativos que empresas do setor avícola empregam, resultando na constituição de regiões competitivas e na vulnerabilidade territorial. Assim o texto é organizado de forma que, primeiro, se procura entender como ocorre os processos de usos corporativos do território, por parte das redes agroindustriais, e como esses geram processos de oligopolização e vulnerabilidade territorial.

Em seguida, analisar a atuação da empresa BRF S/A, buscando entender suas dinâmicas territoriais e expansão de suas topologias regionais de atuação. Por fim, realizar três estudos de caso e analisar situações de vulnerabilidade territorial, causados por eventos geográficos ligados ao uso corporativo do território no Oeste Catarinense (SC – Brasil), Campo Verde e Região Centro-oeste (MT – Brasil) e Río Cuarto (Córdoba – Argentina).

3.1 USO DO TERRITÓRIO, OLIGOPOLIZAÇÃO E AS VULNERABILIDADES TERRITORIAIS

Segundo Milton Santos (1998), herdamos uma concepção de território enquanto um conceito puro e intocado, que, para Silveira (2011), pode ser concebido como o “nome político do espaço de um país”, porém é importante entender que o território é mais que a “[...]superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, [...] é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre os quais ele influi” (Santos, 2010, p. 96).

Dessa forma, de acordo com Santos (1998), não é o território em si que deve ser tomado como objeto de estudo social e sim a ideia de “território usado”, composto por objetos e ações. Essa categoria de análise “[...] aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território” (Santos e Silveira, 2016, p. 20) daí a importância teórica.

Para Silveira (2011), o território precisa ser considerado em diferentes ângulos, “[...] em suas divisões jurídico-políticas, heranças históricas e atuais conteúdos econômicos, financeiros, culturais, fiscais e normativos, que dão conteúdo a suas regiões” (Silveira, 2011, p.1), sendo compreendido assim, como um quadro dinâmico, material e imaterial da vida social. Assim a autora cita o território usado compreendido em suas palavras como a “base material mais a vida que anima” (Silveira 2011).

O território revela as ações passadas, já congeladas nos objetos e normas, e as ações presentes, aquelas que estão a caminho de se realizar, capazes de conferir sentido ao que preexiste. As bases materiais e imateriais historicamente estabelecidas são apenas condições. Seu verdadeiro significado advém das ações sobre elas realizadas. O território usado é, por isso, movimento permanente. Assim entendido, o território é objeto de novas perguntas: como, onde, por quem, por quê, para quê o território é usado. E aí os atores aparecem, em permanente cooperação e conflito, mediados pelos objetos e revelando diferente poder no uso do território (Silveira, 2011, p. 1).

Além disso, é necessária a realização de uma periodização, pois esse uso do território difere em períodos históricos (Santos e Silveira, 2016, p. 20). Dessa forma, Silveira (2011) explica que, “Cada período produz suas forças de concentração e dispersão, resultado da utilização combinada de condições técnicas e políticas, que não podem ser confundidas com as de momentos pretéritos e que redefinem os limites” (SILVEIRA, 2011, p. 2).

Dessa forma, no atual período, é possível verificar um uso corporativo do território, no qual o território, perpassado por diferentes redes, passa a ser usado com o objetivo de extração de mais-valia. Khalil (2010) entende:

Neste ponto, podemos então afirmar que em nossa época o espírito do capitalismo se universaliza como modo de racionalização do espaço geográfico. E, nesse sentido falar em uso corporativo do território é a categoria adequada para expor a normatividade interna da forma hegemônica de ordenamento dos sistemas de objetos e de justificação da conduta das ações (corporativas), ou seja, forma hegemônica de compartilhar o espaço no capitalismo contemporâneo (Khalil, 2010, p. 478).

No atual período, também, se exige uma crescente fluidez do território, dado o processo de globalização e a necessidade crescente de circulação de ideias, produtos ou dinheiro, interessante aos agentes econômicos hegemônicos (Santos, 2017). Assim, criam-se lugares especializados e que favorecem essa fluidez desejada, nesses lugares há a presença de diferentes objetos técnicos, (oleodutos, canais, rodovias, ferrovias, aeroportos, portos, etc.) que dão suporte aos fluxos desses agentes econômicos (Santos, 2017, p. 274).

Tal uso corporativo do território resulta em processos de especialização regional produtiva, que ocasionam distintos impactos socioespaciais. De acordo com Henrique Faria dos Santos (2022), o modelo de produção agrícola especializado, resulta em quadros de vulnerabilidade territorial, para o autor:

O modelo especializado e competitivo de produção agrícola moderna tem ocasionado uma série de implicações socioespaciais nas suas regiões produtivas, dentre as quais destacam-se a drástica redução da diversidade econômica no campo (e também nas pequenas cidades) e a forte alienação e dependência desses lugares aos mercados recorrentemente instáveis das commodities, evidenciando um quadro crescente de vulnerabilidade territorial (Santos, 2022, p. 245)

Atualmente, com o processo de globalização e a formulação das unicidades técnicas e da mais valia universal, os locais estão mais interconectados e interdependentes, isso faz com que eventos que anteriormente ocorriam isoladamente — como fechamento e abertura de empresas, inserção de novas culturas agrícolas, embargos e novos acordos econômicos e outros — agora reflitam em diferentes regiões e lugares, criando novas situações geográficas que exigem adaptação e flexibilidade dos espaços (Santos, 2022, p. 304).

Para o autor, o enrijecimento dos territórios ocasionado pelos processos de especialização produtiva, deixa os territórios vulneráveis e amplia sua instabilidade. Outrossim, no processo de globalização que amplia a constituição de especializações regionais produtivas, em que há forte uso corporativo do território, possibilitado pela ação estatal, busca-se a combinação de densidades normativas que asseguram situações de oligopólio (Silveira, 2010, p. 79).

Ademais, segundo Silveira (2011), a produção concentrada em um número reduzido de agentes econômicos atuando em rede, resulta no controle das etapas a montante das cadeias produtivas, ocasionando em oligopólios territoriais. Silveira (2011) destaca:

Nas mãos de um punhado de agentes, a produção realizada a partir das variáveis modernas domina, a montante, a estrutura de fornecedores locais e, a jusante, a estrutura dos distribuidores e compradores, concentrando ainda mais a apropriação da mais-valia a partir da imposição de quantidades, qualidades e preços. São verdadeiros oligopsônios e oligopólios territoriais (Silveira, 2011, p.7).

Assim, em consonância com essa perspectiva e com o que Lima (2015) compreende, o oligopólio territorial pode ser entendido como o processo em que o ordenamento territorial de certas regiões é condicionado por um conjunto reduzido de agentes econômicos hegemônicos. Tal processo resulta em diferentes impactos socioespaciais. E mais, segundo Oliveira (2012, p.10), “A monopolização do território é desenvolvido pelas empresas de comercialização e/ou processamento industrial da produção agropecuária, que sem produzir no campo, controlam através de mecanismos de subordinação, camponeses e capitalistas produtores do campo”.

Esse processo, de consolidação de verdadeiros oligopólios territoriais, resulta em consequências socioespaciais, conforme afirma Elias (2006, p. 11), que compreende que, no Brasil, “[...] a territorialização do capital e a oligopolização do espaço agrícola têm promovido profundos impactos socioespaciais, quer no campo quer nas cidades”. No caso do setor avícola brasileiro, é perceptível o controle setorial por um certo número de agentes econômicos, como é o caso das empresas BRF e JBS.

3.2 Redes Agroindústrias do Frango no Brasil e Argentina: As dinâmicas territoriais e topologias empresariais

Com o processo de globalização e concomitante mundialização da economia integrou-se o capital em escala global, nesses termos a ordem de comando passa a ser produzir nos locais do planeta com maiores possibilidades rentáveis, através do mandatário de oligopólios internacionais, também chamados de empresas multinacionais. (Oliveira, 2012, p. 3). Segundo Oliveira (2012, p. 3) as empresas multinacionais, são a expressão do atual período, nos vocábulos do autor:

As multinacionais são, portanto, a expressão mais avançada de um capitalismo que, a partir da crise interimperialista, moldou novas formas de organização interna e de relações de trabalho, que por sua vez, permitiram superar as contradições geradas pela disputa de mercados e fontes de matérias-primas entre as empresas nacionais. O domínio e expansão das empresas multinacionais, dessa forma, envolvem, simultaneamente, três processos relacionados: necessidade de movimentos

internacionais de capitais, produção capitalista internacional e existência de ações de governos a nível internacional. (Oliveira, 2012, p. 3)

É importante ressaltar como a mundialização produziu novos alicerces para as relações entre as empresas e o Estado. Oliveira entende que, “a partir desse processo, os Estados nacionais permitiram que as empresas passassem a ser as novas organizações de controle da economia mundial.” (Oliveira, 2012, p. 5). Nesse compasso, a agricultura passa a ser estruturada através de três pilares: bolsas de valores, produção de *commodities* e monopólios globais.

A constituição de oligopólios e monopólios mundiais, que possibilitou o controle da produção de *commodities*, tem em suas bases constituintes empresas multinacionais, tais corporações formaram-se através do processo global de investimentos diretos pelas fusões, associações, filiais, etc. (Oliveira, 2012).

As empresas mundiais nasceram, pois, tanto de empresas estrangeiras como das nacionais que possuindo o controle monopolista da produção galgam o patamar mundial associando-se majoritariamente com empresas nacionais concorrentes. Essas empresas articulam-se através de dois processos monopolistas territoriais no comando da produção agropecuária mundial: a territorialização dos monopólios e a monopolização dos territórios (Oliveira, 2012, p. 7)

No setor de carnes, mais especificamente de carne de frango, consolidou-se a formação de empresas multinacionais e a constituição de oligopólios que atuam em rede, como o caso da empresa BRF S. A.. Assim como Motter (2020) assinala, compreendemos que a rede agroindustrial constitui-se a base organizacional para que os agentes que usam o território consigam realizar a gestão de territórios cada vez mais dispersos espacialmente. Desse modo,

[...] entendemos a rede agroindustrial como a base organizacional através da qual diferentes atores – em diferentes escalas e de diferentes setores, econômicos ou não – atuam para o desenvolvimento de atividades econômicas produtivas geograficamente dispersas. Em regiões marcadas pela existência de mais de uma corporação do mesmo setor, as redes de cada empresa são superpostas, e os agentes que nela atuam, ora competem, ora cooperam para o desenvolvimento da atividade (Motter, 2020, p. 95)

Ao analisar o setor avícola brasileiro e as principais regiões produtivas do país, pode-se perceber a presença de unidades produtivas principalmente dos maiores agentes econômicos. Ademais, segundo reportagem do Repórter Brasil (2016), os maiores agentes econômicos do setor no país são as empresas JBS S. A. e BRF S. A. que abatiam no período aproximadamente 50 % do abate nacional e exportavam aproximadamente 70% do frango exportado pelo país.

Segundo Scherma, Ripplinger e Dalmora (2021, p. 204), o processo de oligopolização já ocorria no início da década de 2000 mas se intensifica ao decorrer do decênio. Em 2000 o abate ocorria concentrado entre os 10 maiores produtores que produziam cerca de 49,4% da produção, já em 2014 a concentração dava-se sobretudo entre as três maiores firmas –BRF, JBS e Aurora– que juntas abatiam cerca de 56 % da produção. Tanto o Reporter Brasil (2016) quanto os autores indicam que o domínio exercido por essas firmas em solo brasileiro ocorreu por meio de um intenso processo de concentração econômica iniciado na década de 2000 sob grande tutela do Estado.

No caso argentino, nota-se com base nas questões citadas em seções anteriores o papel desempenhado pelo grupo Granja Tres Arroyos (GTA), empresa responsável pela maior parte dos abates do país. Segundo reportagem de Razzetti (2022), A GTA configura-se como a líder da produção de aves do país, produzindo sozinha, aproximadamente 20% da produção a nível nacional, além disso a firma representa cerca de 40% das exportações argentinas. É importante recordar, como já citado em capítulos anteriores, que nos últimos anos a empresa passa a exercer uma série de fusões e aquisições, como a aquisição da AVEX, pertencente ao grupo brasileiro BRF entre 2018 e 2019, e a Cresta Roja em 2018¹. Ambas empresas passaram por eventos de crises econômicas.

Segundo Busch (2018, p. 117), os processos de fusões e aquisições entre os grupos econômicos é a marca do circuito superior no atual período da globalização, que resulta em situações de oligopólio em que os grupos globais frequentemente realizam compra e vendas de empresas.

Ainda de acordo com a autora:

Em meio a essa circulação de capital e empresas, a posse das marcas consolidadas representa um atributo exclusivo das empresas globais do circuito superior, diferenciando-as das empresas ancoradas na formação espacial [...] Além de estarem excluídas das transações de marcas consolidadas, as empresas do circuito superior com base na formação sócio-espacial, que demonstram certo grau de dinamismo, compram mais do que vendem, exceto em situações de falência. Essa fixação aos locais e sedes de produção está relacionada à importância que o investimento em infraestrutura assume para empresas dessa natureza e magnitude (Busch, 2018, p. 118, tradução nossa)

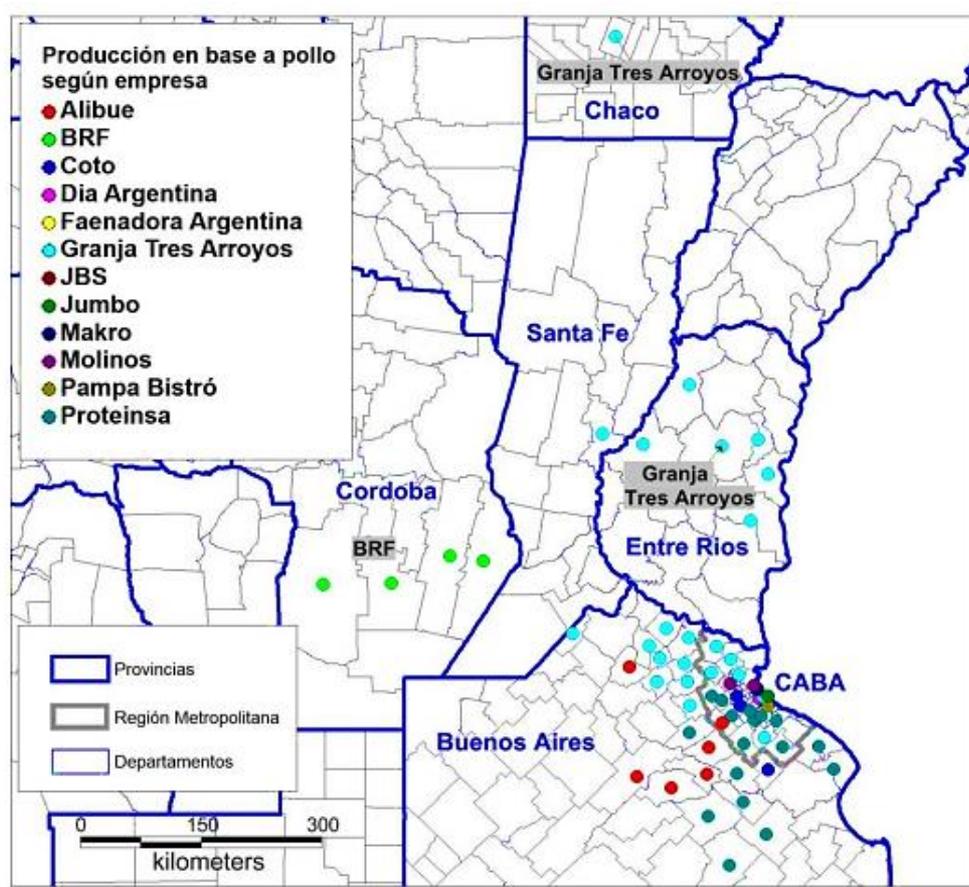
Percebe-se, com base nas observações de Busch (2018), que as empresas ancoradas na formação socioespacial se baseiam, na maior parte dos casos, na “aquisição de infraestrutura construída degradada, instalações em desuso ou em processo de falência” (Busch, 2018, p. 119,

¹ Acerca do processo de venda da subsidiária AVEX pode ser melhor compreendido através do item 3.3.3, apresentado na sequência da dissertação.

tradução nossa). Como exemplo, observamos a atuação da GTA no território argentino, a empresa realiza a compra de unidades de empresas em processo de quebra da AVEX e Cresta Roja, como pode-se compreender no capítulo anterior.

No mapa¹ a seguir, é possível observar a localização onde cada empresa atuava em 2017, na realização e comercialização de alimentos à base de frango na Argentina, através dele é possível analisar o padrão espacial de distribuição e a identificação das topologias empresariais do setor.

MAPA 22 TOPOLOGIA DAS EMPRESAS DE ELABORAÇÃO DE ALIMENTOS DE RÁPIDA PREPARAÇÃO A BASE DE FRANGO EM 2017



Fonte: Elaborado por Busch (2018) Adaptado por Dalmora (2024)

Percebe-se também, através do mapa, como a província de Córdoba em 2017, ocorria a atuação apenas da corporação BRF (através da atuação da empresa AVEX), evidenciando assim

¹ “En el mapa [...] podemos visualizar las jurisdicciones sub-provinciales donde cada una de las empresas realizan y comercializan alimentos de rápida preparación en base a pollo. Dada la densidad de objetos en la organización territorial de la producción avícola, hemos definido mostrar, en estos dos mapas, la existencia de sedes de las empresas a escala sub-provincial. De este modo cada punto en el mapa puede indicar, como sucede en la mayoría de los casos, la existencia de más de una sede en el partido o departamento” (Busch, 2018, p. 89)

o processo de monopolização territorial durante o período que lá esteve. Dessa forma considerando que a empresa BRF S.A. se caracteriza como um dos principais representantes de redes agroindustriais em cadeia global, as subseções apresentadas em sequência procuram compreender o processo de expansão espaço-temporal da corporação, bem como analisar três estudos de caso procurando compreender os diferentes usos dos territórios bem como as fragilidades resultantes.

3.2.1 Processo de expansão espaço-temporal da BRF no Brasil e Argentina

Para compreender o processo de constituição da empresa BRF como uma das maiores corporações do ramo alimentício da atualidade, é preciso entender os processos de fusão e aquisição que a constituíram. A corporação é resultado da fusão de duas importantes empresas brasileiras, a Sadia e a Perdigão, ocorrido no ano de 2009 formando até então a Brasil Foods S.A, mais tarde BRF S. A. (Ripplinger, 2019; Singer, 2017; Dalla Costa e Souza-Santos, 2009; BRF, 2009)

Ambas empresas, Sadia e Perdigão, são firmas que surgiram na primeira metade do século XX no Oeste Catarinense, de acordo com Dalla Costa e Souza-Santos (2009, p. 166).

A Sadia foi fundada por Attilio Fontana em 7 de junho de 1944, na cidade de Concórdia, a partir da aquisição de um frigorífico em dificuldades denominado S. A. Indústria e Comércio Concórdia, posteriormente renomeado como Sadia, nome composto a partir das iniciais SA de "Sociedade Anônima" e das três últimas letras da palavra "ConcórDIA" e que virou marca registrada em 1947, tendo as famílias Fontana e Furlan à sua frente. A Perdigão foi fundada pelas famílias Brandalise e Ponzoni em 1934, na cidade de Videira, como Ponzoni, Brandalise e Cia, e permaneceu sob a administração da família Brandalise até setembro de 1994, quando o seu controle acionário foi vendido para um consórcio de fundos de pensão brasileiros.

O processo de desenvolvimento agroindustrial na região ocorreu em áreas de pequena produção mercantil. Primeiro, na exploração e produção de banha de porco e, segundo, ampliando os mercados regionais e nacionais, levando aos empreendimentos nos setores de aves e sojas, que desembocaram na constituição de grandes agroindústrias multinacionais (Espíndola, 2002, p. 243 e 244).

É significativo reconhecer como o desenvolvimento dessas agroindústrias, logo do também da Sadia e Perdigão, teve grande impulso do poder estatal como propulsor desse crescimento. De acordo com Pertile (2008, p. 288), foram diferentes as formas de atuação do Estado:

A especialização na produção animal (primeiro suínos e depois aves) e a expansão dos frigoríficos (que se tornaram grandes empresas) contaram com a colaboração generosa do Estado em diversos momentos ao longo desse processo de reestruturação produtiva regional. Nesse sentido, o Estado foi e tem sido um grande propulsor/viabilizador das condições gerais de produção, em alguns municípios em especial. Já as agroindústrias, atuantes na maioria dos municípios da região e presentes com unidades industriais em dezenas desses, têm se apropriado de forma direta e/ou indireta e continuamente dessas condições disponibilizadas para o uso coletivo. É importante ainda considerar que as empresas também foram favorecidas, tanto por ações estatais com liberação de recursos financeiros, quanto por via político-partidária, assumindo cargos públicos (Pertile, 2008, p. 288)

Desse modo, é importante entender que o oligopólio territorial instituído na atualidade, representado pela atuação dessas grandes corporações, é conformado através de uma série de fatores que levaram a constituição de gigantes empresas do setor avícola na região. Um dos processos elencados é o de fusão e aquisições ocorridas.

A oligopolização do setor é o resultado de uma década de operações de fusões e aquisições como parte das estratégias empresariais de salto de escala e aproveitamento de oportunidades, por meio de fusões ou ainda aquisições de médias empresas regionais. Essas operações de aquisição, em muitos casos, se deram diante de problemas financeiros e de abastecimento de insumos, enfrentados por médias empresas, especialmente do aumento do preço do milho e a sua escassez, e, por último, a disponibilidade de crédito público (especialmente via BNDES) para que conglomerados como o JBS, por exemplo, realizassem essas operações de aquisição. E, por fim, a operação de fusão entre Sadia e Perdigão, formando a maior corporação do setor - a Brasil Foods (BRF) -, ocorreu como alternativa diante das enormes perdas financeiras desta primeira em suas operações com moedas estrangeiras na eclosão da crise financeira internacional de 2008. (Scherma, Ripplinger e Dalmora, 2021, p. 206).

Um desses processos de fusão foi o que deu origem à corporação BRF. Para Singer (2017) e Ripplinger (2019), as negociações entre Perdigão e Sadia, para que ocorresse a união das duas empresas, iniciou-se na década de 1990, mas efetiva-se apenas em 2009.

Segundo Singer (2017), em 2008 a Sadia passava por uma queda drástica em seu valor de mercado, ocasionado por problemas internos e pela crise internacional daquele ano. Esses eventos prejudiciais à empresa leva a questão da fusão com a Perdigão como uma das alternativas adequadas.

No ano seguinte, em 2009, foi anunciada a mudança da razão social de perdigão para Brasil Foods e o processo de associação com a Sadia, que ainda necessitava de aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (CADE)¹ (BRF, 2009). Tal aprovação realizada pelo CADE em 2011, foi argumentada devido à fusão ocorrer por duas das maiores corporações

¹ O CADE (2024) é, “é uma autarquia federal, vinculada ao Ministério da Justiça [...]. tem como missão zelar pela livre concorrência no mercado, sendo a entidade responsável, no âmbito do Poder Executivo, não só por investigar e decidir [...], sobre a matéria concorrencial, como também fomentar e disseminar a cultura da livre concorrência.”

do ramo e “[...] temendo o princípio da não concorrência e a possibilidade de inflação devido ao domínio do mercado” (Singer, 2017, p. 29). Findado o processo de fusão das duas empresas, a corporação se torna uma das três maiores corporações do ramo alimentício no país, Dalla Costa (2017) em 2009.

Com a fusão entre a Perdigão e a Sadia, surgiu a BRF Brasil Foods, maior exportadora mundial de aves e a maior empresa global de proteínas em valor de mercado, além de ser uma das principais captadoras de leite e processadora de lácteos do Brasil [...]. Companhia de escala internacional sediada em Itajaí (SC), possuía 60 unidades industriais no Brasil e outras três no exterior (Argentina, Inglaterra e Holanda), exportava seus produtos para mais de 110 países e detinha um portfólio superior a 3.000 itens, distribuídos entre os segmentos de carnes, lácteos, margarinas, massas, pratos congelados, vegetais congelados, entre outros. Sua logística de distribuição contava com 36 centros de distribuição, abrangendo todo o território nacional, além de países da Europa, Ásia, África, Emirados Árabes, entre outros (Dalla Costa, 2017, p. 30).

Atualmente, a BRF S.A. constitui-se como sendo a segunda maior empresa processadora de aves do Brasil e a terceira maior do planeta, atrás apenas das empresas JBS e TysonFoods (MIRA, 2023). Como explicado acima, a empresa inicia através de duas corporações oriundas do oeste de Santa Catarina na região Sul do Brasil.

Ao analisarmos a topologia da corporação com base na distribuição das unidades de abate e processamento de aves, bem como a localização dos planteis produtivos na atualidade, percebe-se que a empresa distribui-se por quase toda região centro-sul do Brasil, com unidades de granjas em oito estados da federação: Rio Grande do Sul (1654 granjas), Santa Catarina (2519 granjas), Paraná (1562 granjas), São Paulo (196 granjas), Minas Gerais (148 granjas), Goiás (311 granjas), Mato Grosso do Sul (106 granjas) e Mato Grosso (195 granjas) (BRF, 2024).

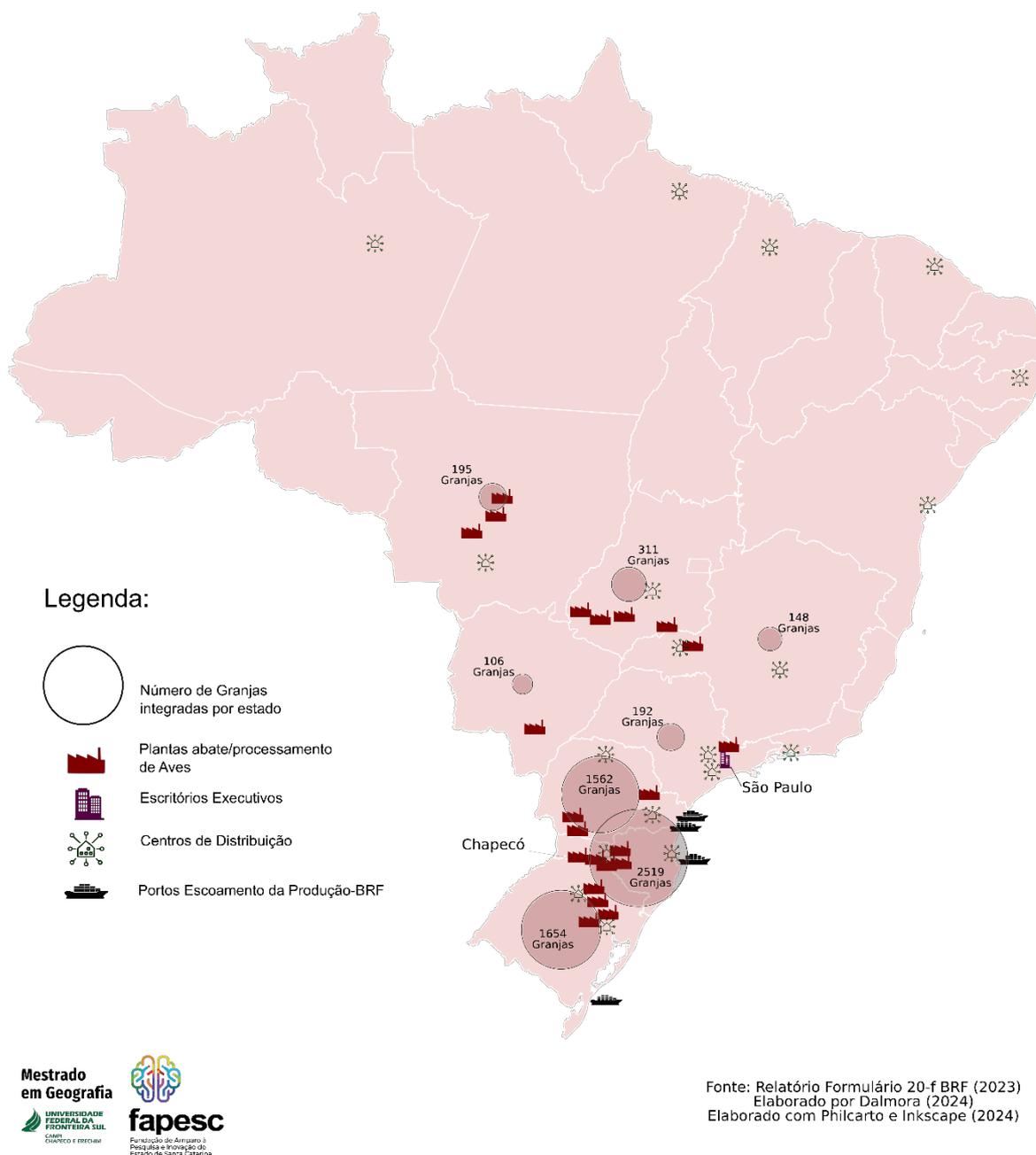
Atualmente a empresa possui:

No Brasil, em 31 de dezembro de 2023, operávamos 38 unidades de produção, que compreendem no total 31 fábricas de abate e produtos industrializados, três fábricas de processamento de margarina (uma das quais processa exclusivamente margarina), três fábricas de esmagamento de soja, quatro fábricas de farinha de ração animal e quatro fábricas de pet food, todas localizadas próximas aos nossos fornecedores de matéria-prima ou aos principais centros consumidores. Possuímos um avançado sistema logístico em nosso mercado interno, com 53 centros de distribuição e pontos de trânsito, sendo cinco de nossa propriedade e 48 arrendados de terceiros, todos atendendo supermercados, lojas de varejo, atacadistas, restaurantes e outros clientes. (BRF, 2023, p. 102).

Dessas unidades, ao filtrar apenas as com processamento de aves, em 2023, são vinte e duas plantas no Brasil e três na Turquia. Com base no mapa a seguir, é possível observar a

distribuição das unidades de abate da corporação, bem como observar os principais escritórios executivos da empresa no Brasil.

MAPA 23 BRASIL: ÁREA DE ATUAÇÃO DA CORPORÇÃO BRF S.A.
 Área de Atuação da Corporação BRF S.A. em 2023



Fonte: Elaborado pelo Autor (2024)

Com base no mapa, é possível observar a distribuição das unidades produtivas de abate de aves pelo Brasil, pertencentes à corporação BRF S.A., bem como o escritório executivo da empresa, localizado na cidade de São Paulo, SP (principal centro econômico e financeiro do

país) (BRF, 2023). Percebe-se como as unidades de abate e granjas integradas da empresa, distribuem-se, pela região Centro-Sul do país, sobretudo na Região Sul, o mesmo ocorre em relação ao escoamento da produção para o mercado internacional, segundo a BRF (2023, p. 92) os principais portos pelos quais ocorre a exportação de seus produtos são: Itajaí (SC), Navegantes (SC), Itapoá (SC), Rio Grande (RS) e Paranaguá (PR)

O sul do Brasil configura-se como o ponto inicial da rede que a corporação constrói em seu desenvolvimento espaço-temporal. Segundo (Ripplinger, 2019), o processamento de carnes, grãos e derivados lácteos localiza-se no Oeste catarinense, segundo a autora:

Com grande influência no mercado nacional e internacional de abate e processamento de carnes, grãos e derivados lácteos localiza-se no Oeste Catarinense, berço de grandes empresas como já citadas anteriormente, onde a economia baseia-se principalmente nas agroindústrias, uma das maiores fontes geradoras de empregos. As unidades desta região também estão mais voltadas para a exportação do que para o mercado interno e são direcionadas majoritariamente ao porto de Itajaí (SC), assim como a outros grandes portos nacionais. (Ripplinger, 2019, p.20).

Neste ponto, é importante lembrar que no início dos anos 2000, ocorreu um expressivo aumento das plantas de abate nas regiões produtoras e demais subespaços do território brasileiro, como a região Centro-Oeste. O aumento no centro-oeste brasileiro está associado também às vantagens territoriais presentes, como “[...] a presença consolidada do agronegócio de grãos, sobretudo, nos estados do Mato Grosso e de Goiás, que permite menores custos na produção de ração para pintainhos.” (Gemelli, 2014, p. 4).

Acompanhado desse processo, a corporação BRF S. A. expande suas áreas de atuação para a região. Segundo Ripplinger (2019):

Um dos principais campos de expansão da empresa foi para regiões do centro oeste brasileiro, onde estão as maiores áreas de plantação de milho um dos principais insumos necessários para o desenvolvimento das atividades de produção de carne. Com grande notoriedade nacional, as principais áreas de produção estão próximas a BR-163 no território mato-grossense, com destaque para o município de Lucas do Rio Verde, onde a BRF possui a maior unidade de abate e produtos semiacabados do Brasil. (Ripplinger, 2019, p. 20)

A destarte, para Ripplinger (2019), a expansão para os estados da região Centro-oeste do Brasil deu-se com o objetivo de ampliar as áreas de atuação, aproveitando-se dos planteis de grãos disponíveis e não abandonado a produção já consolidada na região Sul do país. A autora ainda destaca que, devido à distância dos grandes centros consumidores e portos de escoamento, a produção e unidades da corporação precisaram ser alocadas próximas às vias de escoamento, como a rodovia BR-163 (Ripplinger, 2019, p. 21).

O processo de internacionalização da corporação intensifica-se em 2012, através da “[...] construção de uma fábrica em Abu Dhabi, concluída em 2013; a consolidação das aquisições na Argentina, com a incorporação de três companhias; a compra da distribuidora Federal Foods no Oriente Médio; e o início das operações de distribuição na China [...]” (Dalla Costa, 2017, p. 31). Em solo argentino, a BRF S.A. adquiriu três empresas do ramo alimentício de três setores, sendo uma delas a AVEX grande empresa do setor avícola no país (BRF, 2011).

De acordo com a BRF, em outubro de 2011, ocorreu a aquisição de uma das maiores representantes avícolas da Argentina, a corporação AVEX (BRF, 2011). Ainda segundo a corporação, neste momento a empresa atuava em quatro unidades na província de Córdoba (Río Cuarto – abatedouro de aves –; Juárez – fábrica de ração animal –; General Deheza – Incubatório –; Río Cuarto – abate de suínos) (BRF, 2011, p. 2011).

Segundo o periódico LaVoz (2011), a operação que incluiu, além da AVEX, o Grupo Dánica, aproximou-se dos 150 milhões de dólares. Ademais, de acordo com o periódico, a AVEX constituía-se como um dos principais produtores e exportadores de frangos do país e o processo de aquisição se deu como estratégia da BRF de ampliar sua atuação junto ao Mercosul.

De acordo com as análises de Ripplinger (2019), nesse período, a corporação presenciou uma grande ampliação de seus territórios de atuação. No entanto, segundo a corporação, já em seu relatório integrado de 2013, a atuação em território argentino já não se mostrava muito favorável, como pode ser observado no trecho seguinte:

Temos nove unidades de produção na Argentina, e vemos o crescimento de nosso negócio neste país como um componente importante da nossa estratégia na América do Sul. No último trimestre de 2011, adquirimos duas empresas argentinas, a Avex e a Flora Dánica, demonstrando nosso comprometimento de expansão na Argentina. Em junho de 2012 como parte de nossa transação com a Marfrig, adquirimos 90,05% da Quickfood, uma processadora e embaladora de carnes líder na Argentina especialmente no mercado de hambúrgueres com a marca Paty. Estimamos que nossas operações integradas no mercado argentino representem mais de R\$1,0 bilhão em vendas por ano. **Porém, a execução de nossa estratégia na Argentina está sujeita a significativos riscos políticos e econômicos.** As condições políticas e econômicas têm sido voláteis naquele país por mais de uma década. Uma crise econômica, em 2001-2002, resultou em turbulências políticas e sociais assim como inadimplência da dívida soberana e significativa desvalorização da moeda com subsequente inflação. Após um período de crescimento e recuperação nos anos seguintes, a Argentina sofreu um declínio econômico em 2009, em parte devido às condições globais. Incerteza econômica, inflação e outros fatores poderiam levar a salários reais mais baixos, juntamente com consumo reduzido e desemprego, o que poderiam causar um efeito adverso sobre a demanda por nossos produtos. Além disso, as políticas do governo argentino podem afetar adversamente nossa capacidade de obter retornos sobre nosso investimento na Argentina. Por exemplo, o governo impôs restrições sobre a conversão da moeda argentina em moedas estrangeiras e sobre a remessa de lucros sobre os investimentos estrangeiros na Argentina. Em Abril de 2012, o governo argentino promoveu a efetiva nacionalização da YPF S.A, a principal companhia energética da Argentina, o que levou a uma queda substancial nos preços

dos títulos argentinos, e a uma grande preocupação entre os investidores internacionais. **A intervenção do governo argentino, as reações dos investidores e a incerteza econômica na Argentina poderiam afetar negativamente a lucratividade das nossas operações e a nossa capacidade de executar nossa estratégia naquele país** (BRF, 2013, p. 20, grifo nosso).

Para Ripplinger (2019), a BRF S. A., desde sua formação enfrentava crises, mas a partir da então “Operação Carne Fraca” em 2017 e de embargos na exportação ocorridos entre 2017 e 2018, a empresa presencia uma queda drásticas em suas ações, saindo de uma cotação de R\$ 30,98 em 22/02/2018 para R\$ 22,88 em 30/07/2018 (Ripplinger, 2019, p. 42).¹

Tais eventos resultaram na necessidade de reestruturação da empresa, que culminou em distintas atitudes, dentre elas o encerramento de atividades em unidades e a venda de plantas industriais, como a venda da AVEX em dezembro de 2018 ao grupo Granja Tres Arroyos “[...]com base em um enterprise value de US\$50 milhões” (BRF, 2018, p. 36).

Neste período, a corporação realizou outros contratos de vendas, como ativos internacionais na Tailândia e Europa, e nacionais, como a unidade de Campo Verde, no estado de Goiás (BRF, 2018; Portal do Agronegócio, 2018).

Tais eventos, ligados a embargos econômicos, resultados de operações como a “Carne Fraca”, além da deslocalização dos planteis de produção devido à seletividade espacial, podem deixar os municípios ou regiões especializadas em situação de vulnerabilidade.

Diante disso, nas subseções concluintes deste trabalho procura-se realizar três estudos de caso que buscam entender eventos relacionados à corporação BRF. Tais estudos de caso objetivam compreender como os territórios usados pela empresa, após eventos de crise de diferentes ordens, se mostram vulneráveis.

Ressalta-se, que recentemente entre 2023 e 2024 a corporação Marfrig Global Foods S.A., adquiriu partes significativas das ações da BRF S.A., tornando-se acionista majoritário da empresa (Forbes, 2023; CADE, 2023; Rocha, 2024). Segundo reportagem da Forbes (2023) “a Marfrig informou que passou a deter 50,06% do total das ações de emissão da BRF e declarou ainda que a aquisição visa incrementar sua participação acionária na BRF, e não alterar a atual composição do controle ou estrutura administrativa atual”. Além disso, segundo Rocha (2024) a Marfrig usará a marca Sadia como estratégia de expansão global no mercado bovino.

¹ Para compreender melhor os efeitos das diferentes fases da operação carne fraca orienta-se a leitura do texto de Ripplinger (2019) “DINÂMICA LOCACIONAL DA INDÚSTRIA: Estudo de caso de uma agroindústria catarinense”.

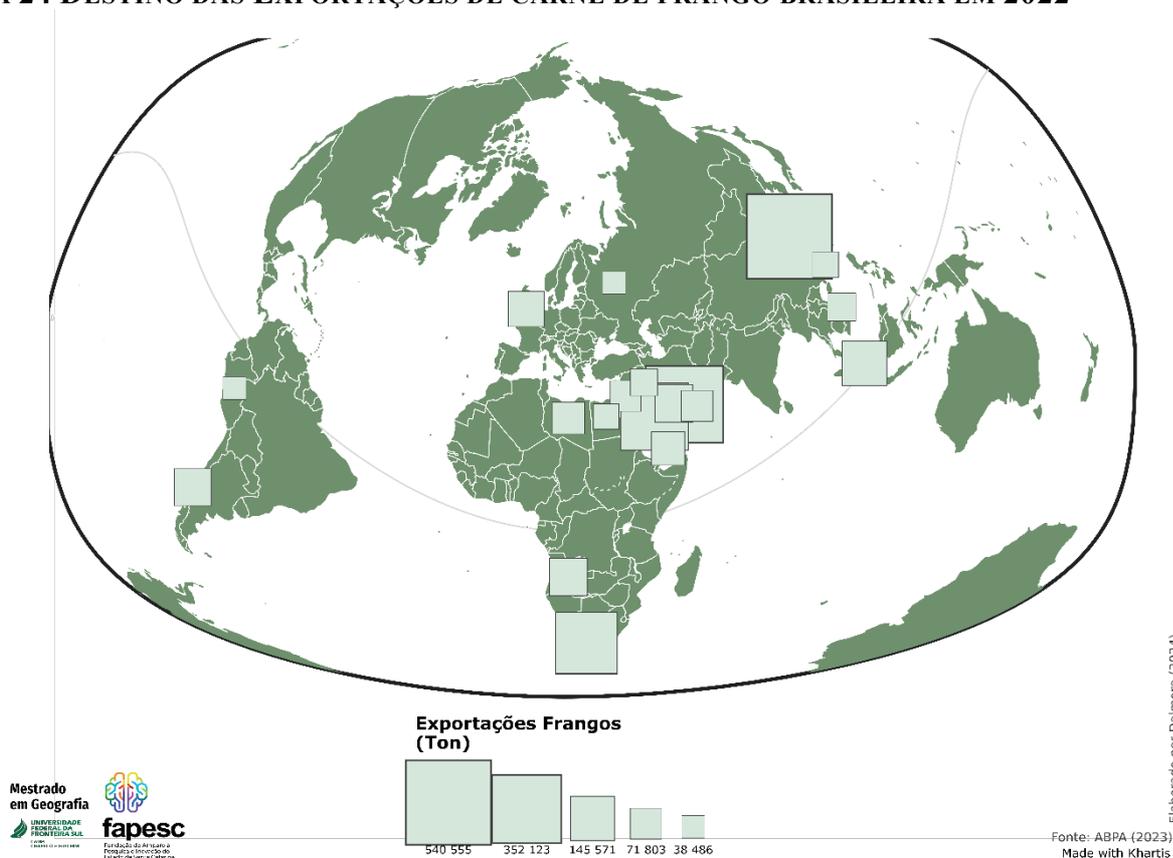
3.3 AS VULNERABILIDADES DAS REGIÕES AVÍCOLAS: O CASO DE CAMPO VERDE, RÍO CUARTO E DA REGIÃO OESTE DE SC

Tem-se como objetivo deste capítulo entender o papel desempenhado pelas redes agropecuárias avícolas no uso do território, para, assim, identificar as prováveis vulnerabilidades desses subespaços. Dessa forma, nesta parte da dissertação, procura-se compreender as dinâmicas territoriais e o processo de expansão da corporação BRF S. A., que atua em rede. Nessa perspectiva, também realizar três estudos de caso e analisar situações de vulnerabilidade territorial causadas por eventos geográficos ligados ao uso corporativo do território, no Oeste Catarinense (SC – Brasil), Campo Verde, MT e Região Centro-oeste (Brasil) e Río Cuarto (Córdoba – Argentina).

3.3.1 Dependência do Mercado Externo e a Avicultura de Santa Catarina: Estudo de Caso sobre o Impacto do Fechamento Temporário das Unidades da BRF no Oeste Catarinense e a Vulnerabilidade Local

Ao analisar-se a origem das exportações brasileiras, os estados do Paraná e de Santa Catarina destacam-se como os principais fornecedores de carne de frango para exportação. Segundo a ABPA (2023, p. 62 e 63), em 2022, o Paraná foi responsável por 40% das exportações de carne de frango do país, seguido por Santa Catarina (21,8%), Rio Grande do Sul (16,23%), São Paulo (5,91%), Goiás (4,19%), Mato Grosso do Sul (3,74%) e Mato Grosso (1,98%). Os principais destinos das exportações brasileiras são: China (11,6% part.), Emirados Árabes Unidos (9,55% part.), Japão (9,02% part.), e Arábia Saudita (7,30% part.), como pode ser observado através do mapa a seguir.

MAPA 24 DESTINO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE DE FRANGO BRASILEIRA EM 2022



Fonte: Elaborado pelo Autor (2023)

Ao preocupar-se com a participação que a exportação de carne de aves representa nos subspaços especializados, tem-se uma grande participação do setor na balança comercial dessas regiões. Segundo o DataViva (2023), em 2022, as exportações de carne de frango representaram, nas balanças comerciais das regiões, o seguinte cenário: Oeste Catarinense (13%)¹, Sudoeste Paranaense (66%) e Oeste Paranaense (52,1%).

Com isso, percebe-se como o papel desempenhado pelas exportações de carne de frango nas regiões especializadas dos dois países, é um tanto presente. Tal percentual participativo do setor nas balanças comerciais das regiões levariam a vulnerabilidades? Com base nos eventos apresentados a seguir, é possível realizar tal reflexão.

Segundo Motter (2020), que realiza um estudo do processo de especialização regional produtiva do circuito de carnes no oeste de Santa Catarina, a balança comercial exhibe, em grande medida, uma das fragilidades da região. Segundo a autora,

¹ Verificar quadro 2, pois uma parte bastante expressiva das exportações são contabilizadas na mesorregião do Vale do Itajaí, pela localização do porto de Itajaí, principal porta de exportação do estado de Santa Catarina.

Em grande medida, a diferença entre os produtos exportados e importados demonstram potencialidades e fragilidades da região. Como potencial, apresenta produtos competitivos no mercado internacional, em geral produtos de baixo valor agregado, que comercializados em volumes muito significativos (como é próprio das commodities), permitem assim uma balança superavitária. Ao mesmo tempo, a região torna-se dependente de outros produtos com maior valor agregado e com maior tecnologia, exemplificados por máquinas, metais e produtos químicos (Motter, 2020, p. 183).

Além da dependência de insumos produtivos e demais produtos de maior valor agregado, alguns eventos ocorridos marcam como a região se torna vulnerável a situações como de embargos econômicos ou crises setoriais. Como exemplo, cita-se o ocorrido em 2017, durante os desfechos da “Operação Carne Fraca”¹ que impacta de forma precisa o setor de carne na mesorregião Oeste Catarinense.

Como já introduzido, segundo Scherma, Ripplinger e Dalmora (2021), os reflexos resultantes da “operação Carne fraca” e em 2018 também da então “greve dos caminhoneiros”, ocasionou em impactos diretos nas famílias residentes em regiões produtivas do setor avícola no sul do Brasil. Entre os impactos que os autores listam está, por exemplo, a perda na produção de uma parcela significativa de integrados, devido à falta de entrega de alimento dos animais em produção nas propriedades integradas e, ao mesmo tempo, pela impossibilidade de escoamento da produção de frangos no tamanho adequado de abate.

De acordo com os autores ainda no mesmo período, os impactos tanto das operações da Polícia Federal causam que,

Em junho, a BRF anuncia férias coletivas em diversas unidades fabris de Santa Catarina e Rio Grande do Sul por haver grande estoque de produtos. Não obstante, após essas férias coletivas, a unidade produtiva de Chapecó (SC) entra em estado de lay-off; novamente produtores são afetados, pois o alojamento de animais foi suspenso, os funcionários dessa unidade também foram impactados, visto que alguns foram demitidos e outros tiveram seus salários reduzidos durante o período em que ficaram em lay-off (Scherma, Ripplinger e Dalmora, 2021, p. 217)

A questão aqui posta em relação a vulnerabilidade em torno da dependência do mercado externo é expressa também nos embargos de exportação que o país recebe, decorrentes de eventos como os citados acima ou ainda como o curto evento ocorrido em 2023 de embargo econômico japonês sobre as exportações brasileiras.

Segundo a ABPA (2023, p. 66), as exportações de carne de frango para o Japão corresponderam a aproximadamente 9,02% das exportações nacionais, sendo o terceiro principal comprador do produto brasileiro. Segundo Bischoff (2023), o Japão suspendeu as importações de carne de frango catarinense, de forma temporária após identificação de um caso

¹ A fim de aprofundamento nos eventos e consequências ocorridas durante a operação, orienta-se a leitura do trabalho de Ripplinger (2019), <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3139/1/RIPPLINGER.pdf>

de “Influenza Aviária de Alta patogenicidade (H5N1)” em uma ave de quintal no município de Maracajá, no sul do estado.

O evento fez com que os agentes do setor local realizassem uma série de ações a fim de reverter o embargo. Segundo a repórter Ailla Maçaneiro (2023), como solução temporária, o setor articulou ações para que os impactos fossem absorvidos por outras unidades frigoríficas, buscando atenuar os efeitos negativos, além de promover reuniões entre o Ministério da Agricultura (MAPA), a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) e representantes japoneses.

Dessa forma, tal evento se mostrou curto e suas consequências foram minimizadas, a partir de relações e retirada do embargo econômico após 28 dias. Segundo a repórter Caroline Borges (2023), após 28 dias de análise em relação ao caso de gripe aviária o embargo foi suspenso pelo governo do Japão, Embora os impactos tenham sido reduzidos, o evento demonstra como o território se torna vulnerável a problemas oriundos dessa dependência em relação ao mercado externo.

A vulnerabilidade é impressa no território através das consequências dadas pela especialização regional e a partir de eventos que ocorrem nos lugares, como por exemplo os eventos oriundos da crise econômica na corporação BRF em 2018 (G1 Santa Catarina, 2018b).

Segundo o G1 Santa Catarina (2018c), em 2018, a União Europeia (UE) realiza um embargo econômico suspendendo as importações de carne avícola brasileira, segundo a UE, devido a deficiências nos controles sanitários em torno da bactéria salmonela, resultando no fechamento temporário de cerca de 20 frigoríficos no país, três, pertencentes a BRF localizados no Oeste Catarinense (Cidades de Concórdia, Capinzal e Chapecó). Mas de acordo com a BRF em nota ao G1 Santa Catarina (2018d), a empresa compreende que a suspensão foi "pautada em motivações políticas e de proteção de seu mercado local" (BRF, 2018, apud G1 Santa Catarina, 2018d)

De toda forma, o evento resulta em uma série de consequências nos territórios locais. Nos frigoríficos, como estratégia para minimizar os problemas a BRF anunciou férias coletivas de aproximadamente 3 mil trabalhadores da linha de abate de aves na unidade de Capinzal, por 30 dias (G1 Santa Catarina, 2018d). Entre os avicultores, o evento também impactou de forma negativa.

De acordo com reportagem do G1 Santa Catarina (2018c), as consequências foram sentidas no campo também, sobretudo na vida dos avicultores integrados. Segundo a reportagem, um exemplo ocorrido foi na cidade de Cordilheira Alta SC, localizada aproximadamente 15 Km de Chapecó.

A problemáticas giram em torno do processo de investimento realizado pelo avicultor, que buscando atender o mercado externo, contraiu empréstimos de R\$ 2 milhões sob 10 anos de pagamento, que com o embargo econômico, resulta no cotidiano do produtor rural, como pode-se observar no relato a seguir:

"Faz uns três anos que optei por trabalhar com isso e investi alto, atendendo aos pedidos da empresa que exige isso e até o mercado de fora né, que também exige isso aí, a gente investiu pra atender esse mercado", diz o avicultor[...] "Eu estava encaminhando um financiamento para colocar energia solar, mas resolvi segurar com tudo isso, né, porque dá um certo medo né... investimento alto. A melhor opção agora é segurar um pouco", afirma. (G1 Santa Catarina, 2018c).

Outro avicultor que sofreu os impactos foi V.S.¹, neste caso, o criador de aves foi informado pelo frigorífico, do atraso para entrega do último lote produzido². Segundo relato do avicultor ao periódico:

"Antes o intervalo estava de 12 a 15 dias, agora o técnico falou de 25 a 30 dias, agora que vai demorar para entrar o próximo lote [...] prejuízo na certa né, demorar mais para ganhar, entregar o lote, e demora mais para receber né. E as contas vêm né, vão vir, o que tu tem que pagar ninguém espera né... E aí como é que vai ficar?", questiona. (G1 Santa Catarina, 2018c)

Em 2018 também, como consequências de crises consecutivas desde a "Operação Carne Fraca", a corporação BRF diminuiu seu ritmo produtivo na unidade de Chapecó SC, cortando cerca de 350 empregos diretos nas linhas produtivas de abate de Perus e declarando férias coletivas, *Layoff* de até 5 meses para as linhas de abate de frangos³ (G1 Santa Catarina, 2018e).

Funcionários da BRF de Chapecó aceitaram a suspensão temporária dos trabalhos remunerada, o chamado *lay-off*⁴. A proposta foi avaliada e aprovada em assembleia dos trabalhadores na terça-feira (10). Conforme a empresa, a medida pode durar até cinco meses e entra em vigor a partir de 29 de agosto. Ainda segundo a empresa, a decisão engloba 1,4 mil colaboradores das linhas e áreas ligadas ao abate e processamento de frangos. No período, os trabalhadores receberão 80% do valor do salário (G1 Santa Catarina, 2018e).

Outras consequências se refletem entre os produtores avícolas, como o caso de um aviário com capacidade de armazenar 15 mil frangos, que ficou paralisado por cerca de 5 meses⁵, segundo a avicultora, ela mantinha-se na propriedade por não conseguir trabalhar na cidade devido à idade, nos dizeres da proprietária, "Nós vamos continuar porque a gente já está

¹ Optou-se em abreviar o nome do avicultor.

² Reportagem data do dia 24/04/2018.

³ Reportagem data do dia 28/06/2018

⁴ É importante compreender que durante o período de *Layoff* o pagamento dos funcionários foi realizado pelo Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) do Ministério do trabalho (G1 Santa Catarina, 2019).

⁵ Reportagem data do dia 21/10/2018.

acostumado, já estamos meio de idade pra ir pra cidade, ne? É complicado¹” (Globo Rural, 2018, transcrição nossa). Com base nas figuras a seguir, é possível observar o aviário da produtora rural paralisado.

FIGURA 6 ESTRUTURAS PRODUTIVAS (AVIÁRIOS) PARALISADAS OESTE CATARINENSE – 2018



Fonte: Globo Rural (2018)

Além desse impacto direto nos empregados e avicultores da cidade, ocorreu efeito negativo nas economias das cidades pequenas da região, pois uma boa parte da população trabalhava no frigorífico em Chapecó.

Em cidades pequenas, as demissões em massa prejudicaram até outras atividades econômicas. De Ametista do Sul, município de 8 mil habitantes, saíam oito ônibus com trabalhadores para a agroindústria em Chapecó. Agora, sem passageiros, não há mais serviço de transporte. Sem fonte de renda fixa, o consumo da população também caiu e prejudicou o comércio (Globo Rural, 2018).

O processo ocorrido em 2018 de férias coletivas durou aproximadamente 6 meses, com retorno das atividades de forma integral apenas em 2019 (G1 Santa Catarina, 2019). Eventos como o explicado acima, relacionam-se com o avanço do meio técnico-científico-informacional, em que a agricultura passa a ser operacionalizada por uma racionalidade externa, dada sua referência global (Santos, 2010). Dessa forma, o subitem a seguir objetiva realizar uma breve análise de campo, procurando entender o processo de constituição de uma agricultura científica globalizada, no setor avícola, no Oeste de Santa Catarina.

3.3.1.1 Agricultura Globalizada e a Avicultura no Oeste de SC: Um Estudo de Campo sobre a Modernização dos Produtores e a Vulnerabilidade Diante do Mercado Externo

¹ A entrevista pode ser acessada através dos links: <https://globoplay.globo.com/v/7103702/> e <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2018/10/21/parada-de-frigorifico-gera-prejuizos-no-oeste-de-sc.ghtml>

Segundo Frederico (2013, p. 4), após 1990, a agricultura brasileira passa a viver um novo período, marcado pela emergência de uma agricultura científica globalizada. Para o autor, tal período da produção agrícola,

Em suma, [...] se caracteriza e se diferencia do padrão agrícola anterior pelos seguintes eventos de ordem técnica e política: i) a menor atuação direta do Estado na produção, concentrando-se nos investimentos em infraestruturas de circulação, pesquisa e regulação (via agências reguladoras); ii) o predomínio das agroindústrias e *tradings* no financiamento, fornecimento de insumos e logística (Castillo, 2008a); iii) a maior demanda e centralidade do dinheiro (para custeio, investimento e comercialização) e da informação (produtiva e de mercado); iv) a exacerbação da especialização das regiões na produção de *commodities* agrícolas; v) a liberalização dos mercados e o conseqüente imperativo da exportação (para geração de *superávits* primários) e da circulação (mundialização do comércio); vi) o desenvolvimento de novos sistemas técnicos agrícolas com grande conteúdo em ciência e informação como a biotecnologia, a agricultura de precisão, o monitoramento de riscos climáticos e a criação de bancos de dados; vii) o aumento exponencial das quantidades produzidas com relação à superfície plantada (maior produtividade); viii) a continuidade da expansão da fronteira agrícola moderna e da concentração fundiária; ix) a volatilidade dos preços das *commodities* decorrente das especulações financeiras (Herreros, 2010); x) e a especialização funcional das cidades locais e intermediárias para atender principalmente ao nexo produtivo do campo[...] (Frederico, 2013, p. 4).

Santos (2010) ressalta que nesse período, pode-se falar em uma produção com referência planetária, que recebe influência de leis que imperam sob distintos aspectos econômicos, gerando, assim, uma crescente demanda por comércio, agora internacional. Nos locais onde ocorre essa prática agropecuária, é exigida uma série de objetos geográficos e bens científicos (sementes, genética, informática, fertilizantes, robótica, etc.) acompanhado da obediência desses elementos científicos.

Dessa forma, isso leva entre outras coisas, a uma “militarização do trabalho” no campo, em que as ordens partem de uma racionalidade externa que são impostas aos produtores locais, esses produtores ou acatam as decisões, ou são escanteados. Isso é explicado por Milton Santos (2010) quando o autor disserta:

Da-se, na realidade, também, uma certa militarização do trabalho, já que o critério do sucesso é a obediência às regras sugeridas pelas atividades hegemônicas, sem cuja utilização os agentes recalcitrantes acabam por ser deslocados. Se entendermos o território como um conjunto de equipamentos, de instituições, práticas e normas, que conjuntamente movem e são movidas pela sociedade, a agricultura científica, moderna e globalizada acaba por atribuir aos agricultores modernos a velha condição de servos da gleba. É atender a tais imperativos ou sair (Santos, 2010, p. 89)

Isso é observado no sistema de integração presente na avicultura brasileira. De acordo com reportagem¹ da Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP, 2023), é crescente

¹ A reportagem data do dia 26 de dezembro de 2023.

a exigência pela tecnificação dos aviários impostas pelo mercado externo e empresas integradoras. Segundo a reportagem da FAEP a modernização exigida é viável em grandes propriedades, mas, em aviários pequenos, amplia-se o custo de produção por ave, o que leva à venda dos instrumentos e até o abandono da atividade.

[...] com a exigência de mais tecnologia implantada nos aviários, modais cada vez maiores passaram a ser construídos para aumentar a capacidade de alojamento e diluir os custos – mas isso se aplica aos médios e grandes produtores. “Em um aviário pequeno, a implantação de tecnologia eleva muito o custo por ave, o que inviabiliza a produção. Chega num ponto que a reforma do aviário fica inviável. O produtor acaba apelando para a venda dos equipamentos e, eventualmente, se desliga da atividade” [...] (FAEP, 2023).

Na sequência, são apresentados, no quadro, três depoimentos reportados pela FAEP em relação à avicultura no Estado do Paraná, o primeiro referente a de um técnico do Departamento Técnico e Econômico DTE do sistema FAEP/SENAR-PR¹, o segundo, um avicultor do município de Chopinzinho – PR, que realiza constante modernização do campo e apresenta duas propriedades que alojam um número expressivo de animais 150 mil aves, e o terceiro, a um avicultor do mesmo município que explica como propriedades de pequeno porte estão abandonando a avicultura.

QUADRO 5 TRECHOS SELECIONADOS DE ENTREVISTA DADA AO FAEP PR

ENTREVISTADO	TRECHO REPORTAGEM COM DEPOIMENTO
TÉCNICO	“O que temos visto é a concentração da atividade na mão dos grandes, que conseguem ganhar em escala, que reduzem os custos, por sistemas de energia alternativa ou cultivo das próprias florestas, e que têm condições de acessar financiamentos em melhores condições. O pequeno já está apavorado. Não consegue pôr sistema fotovoltaico, está preso a financiamentos e a essa condição de baixa rentabilidade. A tendência é que a avicultura se torne uma atividade de grandes produtores”, avalia Mezzadri (FAEP, 2023, grifo nosso)
AVICULTOR 1	“Cada vez mais, o setor exige uma gestão apurada e tecnificada . Além da formação superior, eu fiz o Programa Empreendedor Rural [PER], tenho consultoria paga e estou antenado no mercado financeiro do setor” (FAEP, 2023, grifo nosso)
AVICULTOR 2	“[...]Com a defasagem na remuneração dos produtores ante a alta dos custos, os pequenos e/ou quem tem financiamento não conseguem reinvestir no negócio . Sem modernizar os aviários, os avicultores não atingem a eficiência

¹ O Sistema FAEP/SENAR – PR corresponde “à representatividade e o desenvolvimento do setor agropecuário em âmbito estadual, o Sistema FAEP é composto pela Federação da Agricultura do Estado do Paraná (FAEP), pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Paraná (SENAR-PR) e pelos sindicatos rurais (FAEP, 2023)

exigida. “Sem os investimentos, as granjas não oferecem as condições que as aves necessitam. A conversão alimentar é menor. Aí, o produtor recebe menos. **A indústria quer investimento constante, mas está impossível**”, afirma. [...] “Já tem revendedores especializados em comprar aviários de produtores que não conseguiram fazer os investimentos e estão abandonando a produção. Compram os equipamentos e revendem”, conta [...]¹. (FAEP, 2023, grifo nosso).

Fonte FAEP (2023)

Com base nos trechos apresentados, é possível observar as vulnerabilidades em torno dos avicultores de pequeno porte, que por não conseguirem se modernizar, também não conseguem se manter na atividade. Isso é visível também na avicultura catarinense, neste caso no oeste Catarinense.

Através de diferentes atividades de campo na região Oeste de Santa Catarina, pode-se observar toda uma paisagem criada para atender as demandas da especialização regional em torno da atividade dominante, o circuito de carnes no qual a avicultura desempenha papel importantíssimo. Além disso, o trabalho de campo possibilitou a observação de exemplos como o citado acima, no qual os avicultores tornam-se uma espécie de reféns do integrador.

Com base na realidade observada a campo, percebe-se como há uma crescente demanda pela tecnificação da produção avícola na região oeste de SC, isso é visível na paisagem regional e através dos inúmeros aviários modernizados presentes. Além disso, realizou-se um trabalho de campo junto a uma propriedade no oeste de Santa Catarina integrada à empresa BRF S. A.

A propriedade em questão, corresponde a uma área de aproximadamente 20 Ha, na qual se dedicam às atividades de subsistência e à avicultura, que é a principal fonte de renda desde 1999, quando foi integrada à Sadia e depois à BRF S.A.

A propriedade apresenta dois aviários que alojam, juntos, aproximadamente 30 mil frangos, segundo observações dos proprietários, os aviários apresentam-se em condições diferentes de tecnificação, um modernizado de acordo com as exigências da integradora, o qual foi financiado por um período de 10 anos, e outro mais antigo que constantemente solicita-se a modernização.

Segundo os avicultores, a empresa em questão, realiza a exigência de modernizar os aviários com certa frequência, e realizam uma série de ações a fim de oficializar tais modernizações. Um exemplo disso são as firmaturas de contratos e incentivos fiscais, esses incentivos são realizados pelo financiamento para melhorias das explorações, com pagamento de aproximadamente 0,70 centavos a mais por cada frango produzido, mas o valor em dinheiro

¹ Optou-se em ocultar o nome dos produtores avícolas e o técnico.

vai direto ao pagamento do financiamento no banco. Outro ponto a destacar é que, no período de pagamento do empréstimo, o produtor não pode trocar de empresa enquanto não quitar a dívida com a empresa (período de 10 anos).

Os insumos produtivos, como lenha e/ou energia elétrica, (com exceção da ração e animais), manutenções básicas na propriedade, são responsabilidade dos integrados. E atividades alternativas à avicultura são permitidas exceto a avicultura tradicional (galinhas caipiras) devido ao controle de zoonoses.

Na microrregião onde se localiza¹a propriedade, de acordo com os avicultores é, constante o abandono da atividade devido às questões acima apresentadas, em muitos casos relatados, ocorreu a saída dos integrados pelo motivo de não conseguirem adaptarem-se às modernizações exigidas, resultando na necessidade de abandonar a atividade.

Na sequência são apresentados, aviários e imagens da propriedade. A primeira imagem corresponde às instalações do aviário convencional, com construções de madeira, ventilação realizada por cortinas de lonas e ventiladores, aquecedor à base de lenha localizado no interior do aviário. A segunda imagem, apresenta o aviário que foi modernizado, com construções de alvenaria, climatizado e todo automatizado, neste caso não há a necessidade de abertura das laterais, pois a ventilação é realizada por *Inlets* (direcionadores de ar para o interior do aviário) e exaustores de ar.

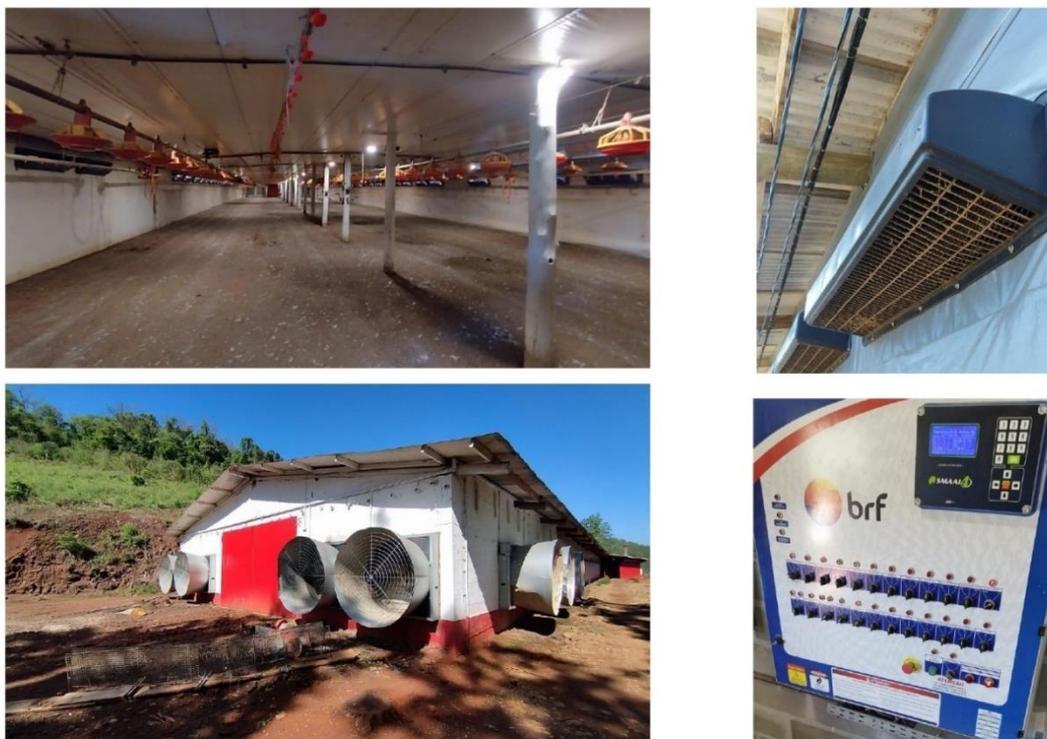
¹ Optou-se em ocultar o nome dos proprietários e localização (cidade) das explorações avícolas, a fim de evitar qualquer desconforto ou possíveis prejuízos aos produtores envolvidos.

FIGURA 7 INSTALAÇÕES DO AVIÁRIO CONVENCIONAL (NÃO MODERNIZADO)



Fonte: Acervo pessoal oriundo do trabalho de campo (2024)

FIGURA 8 INSTALAÇÕES DO AVIÁRIO MODERNIZADO



Fonte: Acervo pessoal oriundo do trabalho de campo (2024)

A BRF S. A. afirma que as melhorias objetivam o aprimoramento no processo de criação e bem estar dos animais, mas também, em atender a demandas de mercados globais¹. O mesmo é relatado pela Rádio Capinzal FM (2022), segundo reportagem, “O diretor de Agropecuária da BRF, Guilherme Brandt, ressalta que a BRF está empenhada na busca constante por inovações que permitam avanços contínuos na qualidade, bem-estar animal e produtividade”. Também pela Associação de criadores de Suínos da região Sul (ACSURS, 2021):

Com iniciativas na Região Sul, a BRF antecipa como serão as granjas de seus produtores integrados no futuro. Os aviários terão cada vez mais painéis para captação de energia solar – cuja instalação conta com financiamento do Banco do Brasil, graças a um convênio firmado com a BRF. Em Santa Catarina, por exemplo, dois produtores estão com as obras de instalação das placas quase concluídas e outros produtores em fase de avaliação.

Santos (2010, p. 45) revela que a modernização da agricultura no caso brasileiro expõe uma grande vulnerabilidade presente nas regiões produtivas, “face à modernização globalizadora”. Tal vulnerabilidade pode ser observada nas realidades presentes na região oeste de Santa Catarina, como as expressas acima, que estiveram associadas a um intenso uso corporativo do território.

3.3.2 Seletividade Espacial e Marginalização Territorial: O Caso da BRF em Campo Verde MT e a Questão ambiental na Região Centro-Oeste

Vulnerabilidades se mostram presentes em outras regiões competitivas avícolas do território brasileiro, sobretudo aquelas ligadas a eventos que causam desemprego e conseqüentemente, diretamente impactos negativos na população desses lugares. Segundo Roberto Lobato Corrêa (1992), as corporações, ao buscarem a gestão de seus territórios de atuação, realizam um conjunto de práticas espaciais para que essas regiões garantam condições de extração de mais-valia desses lugares.

¹ A reportagem data do dia 30/08/2021, e afirma: “Celebrado em 28 de agosto, o Dia da Avicultura é uma data especial para a BRF, uma das maiores companhias de alimentos do mundo. Neste dia, as homenagens da Companhia se direcionam aos seus mais de 10 mil produtores integrados, que tornam possível levar alimentos à mesa de milhares de pessoas em todo o mundo. Com uma cadeia ampla, que tem início justamente no campo, a BRF reforça os cuidados e as boas práticas a partir de iniciativas bem-sucedidas ao lado de entidades internacionais, como a Global G.A.P [...] Operar sob a certificação Global G.A.P. inclui uma ampla rastreabilidade de todas as etapas da cadeia, análise físico-química da água utilizada, um olhar com atenção ainda maior ao bem-estar das aves, auditorias sem agendamento prévio e **se adequar constantemente a atualização de regras internacionais**. [...] “A Global G.A.P é uma certificação internacional de boas práticas agropecuárias em toda a cadeia, com uma série de registros e controles na propriedade. Ela **exige** que até mesmo matrizes e ovos tenham registros especiais e cuidados específicos. Isto envolve biossegurança, questões ambientais, bem-estar animal, direito do trabalhador e rastreabilidade completa da cadeia de produção, entre outras ações”, explica Josiane Busatta, gerente de sustentabilidade e bem-estar animal da BRF.” (BRF, 2021, grifo nosso).

Uma das práticas espaciais refere-se a como tais empresas agem de forma seletiva no território, selecionando as regiões mais competitivas para sua instalação e atuação. Segundo o autor:

No processo de organização de seu espaço de atuação, que envolve várias localizações, a corporação age seletivamente. Decide sobre um determinado lugar segundo este apresenta atributos julgados de interesse por ela. A proximidade da matéria-prima, o acesso ao mercado consumidor final ou às fontes de energia, são atributos clássicos que não são desprezados pela grande corporação. A presença de um porto, de uma força de trabalho não qualificada e sindicalmente pouco ativa ou caracterizada por uma especialização, são outros atributos passíveis de consideração. Indústrias com produtos situados à montante e à jusante de sua produção, centros de pesquisa e desenvolvimento e vantagens fiscais ou de infraestrutura pronta, constituem também atributos que podem levar à localização de uma unidade vinculada a uma corporação (Corrêa, 1992. P. 36)

Além disso, nesse processo de gestão do território, tais corporações realizam constantemente mudanças locacionais, resultantes de reorganizações produtivas ou períodos de crise, no qual há um frequente movimento de abertura e fechamento de unidades de produção. Esse movimento ocasiona em duas situações ambíguas: a seleção de novas regiões – aquelas que apresentam um maior número de atrativos – e o abandono de lugares que anteriormente foram atrativos, resultando na “Marginalização espacial” dessas regiões. (Corrêa, 1992, p.39).

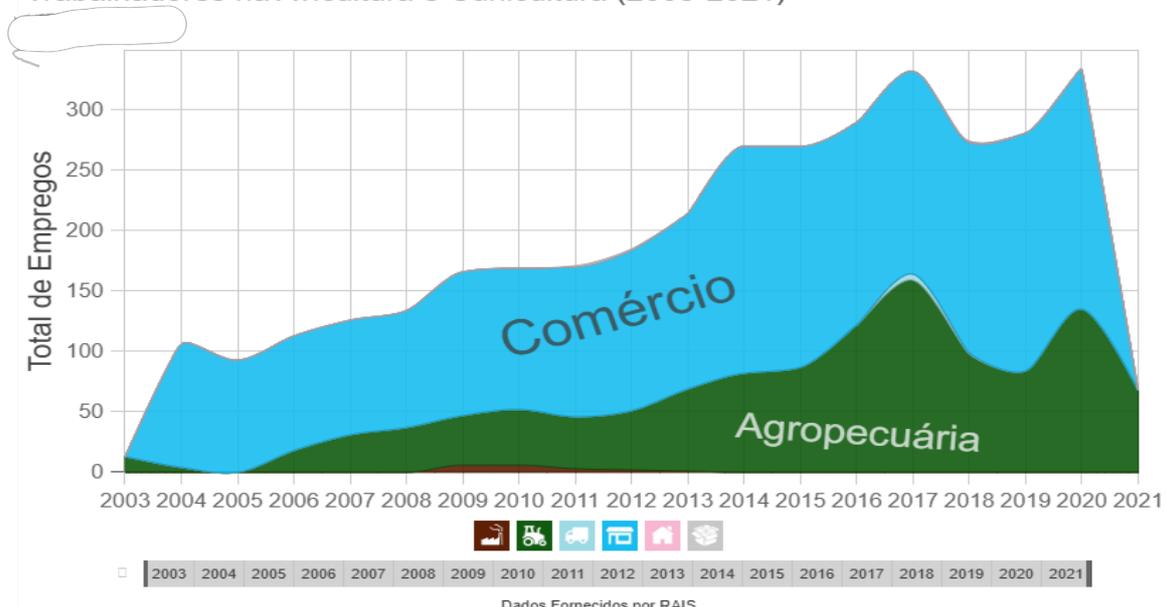
Essa marginalização espacial resulta em diversos impactos negativos, como por exemplo, no nível de emprego local e regional, na arrecadação de impostos e nas atividades que compunham o círculo de cooperação da região (Corrêa, 1992, p. 39). Tais efeitos são possíveis de analisar a partir de eventos ocorridos em diferentes regiões competitivas.

Como explicado nas seções anteriores, como estratégia de expansão de seus mercados, a empresa BRF, através de sua seletividade espacial e em busca de novos mercados e locais com sistemas de engenharia ou oferta de matéria prima, passou a atuar na região Centro-Oeste do Brasil. Um dos locais onde a BRF se instalou foi o município de Campo Verde, no Sudeste Mato-grossense, de 44 585 habitante em 2022 (IBGE cidades, 2023).

A título de exemplo, segundo dados do Dataviva (2024) no município de Campo Verde – MT, a criação de aves nos empregos da agropecuária cresceram de 2003 a 2018 como pode ser observado no gráfico a seguir.

GRÁFICO 3 SALDO EMPREGOS NAS ATIVIDADES ECONÔMICAS QUE EMPREGAM TRABALHADORES NA AVICULTURA E CUNICULTURA- CAMPO VERDE MT (2003-2021)¹

Atividades Econômicas em Campo Verde que empregam Trabalhadores na Avicultura e Cunicultura (2003-2021)



Fonte: DataVIVA (2024) Elaborado pelo autor (2024)

No ano de 2018 a empresa BRF S.A. encerrou as atividades no município devido a uma reorganização do escopo produtivo da empresa no local, mantendo seu foco nas atividades de armazenagem, manuseio e produção de grãos (Expresso MT, 2018). Segundo Falcão (2018), cerca de 600 pessoas trabalhavam direta ou indiretamente com a produção de aves no município, além disso, “[...] dos 76 avicultores do município, 51 trabalham exclusivamente com os aviários. Ou seja, não tem outra fonte de renda” (Falcão, 2018). Ademais a empresa,

Em Campo Verde a BRF emprega diretamente 130 funcionários, que – segundo a empresa – poderão ser realocados para as demais unidades do grupo no estado. Vale lembrar que esse remanejamento deve exigir a mudança de cidade do colaborador. O desemprego também ameaça os trabalhadores dos 280 aviários que atendem a empresa. Entre empregados diretos e indiretos, aproximadamente 500 pessoas ficaram com o futuro incerto diante da decisão da BRF (Canal Rural, 2018, n.p.)

Desse modo, com base nos dados obtidos através das análises de documentos jornalísticos citados acima e a seguir, nota-se como o encerramento da atividade resulta em uma série de problemas, principalmente entre os antigos avicultores, que encontraram grandes dificuldades desde o fechamento da empresa no município (Canal Rural, 2019). É importante entender que, para minimizar os problemas no cotidiano dos avicultores, a empresa propôs em junho de 2018, o

¹ O gráfico apresenta dados de avicultura e cunicultura devido ao tratamento dos dados da fonte Data viva (2024)

pagamento de indenizações por um período de seis meses, porém tais repasses são insuficientes segundo os atingidos pelo encerramento das atividades (Canal Rural, 2019).

Para Lima e Faccin (2019) que apontam uma vulnerabilidade presente no Mato Grosso do Sul, mas que relacionamos à produção no Mato Grosso e demais regiões do Centro-Oeste, destaca-se o risco ao endividamento dos integrados menos capitalizados, nesse sentido os autores escrevem,

No que se refere aos avicultores há um alto risco e tendência ao endividamento dos produtores menos capitalizados, que teriam que recorrer à linhas de financiamento estatal. Um conjunto de produtores integrados estava com financiamento empenhado no Banco do Brasil nos últimos quinze anos, em função da construção de seus atuais barracões e muito recentemente, esses financiamentos foram quitados. O novo patamar de endividamento, que fará a drenagem da renda ao sistema financeiro, provoca um sentimento de insegurança, visto que não há compromisso da empresa em continuar com a aquisição dos frangos, pois isso dependerá das condições de mercado. Assim, a atuação de estas empresas internacionalizadas que contam com investimentos do BNDES no setor avícola no centro-sul de Mato Grosso do Sul, pode gerar a futura concentração e centralização da produção de frangos, fazendo com que os produtores no início da cadeia se automatizem, aumentando suas escalas de produção, tornando-os mais capitalizados e podendo acarretar na diminuição dos avicultores integrados insatisfeitos com a nova lógica de atuação dessas empresas (Lima e Faccin, 2019, p. 209).

Esse aspecto da vulnerabilidade é percebido em depoimentos dados pelos produtores de aves ao Canal Rural (2019), nota-se que a corporação, buscando realizar e extrair renda do local onde estava instalada, concentra suas atividades na produção de maior geração de lucro e abandona a atividade que, até então, se mostrava importante. Esse abandono mostra como os processos de fechamento de empresas em regiões produtivas, com um grande contingente de agentes espaciais envolvidos (avicultores), fazem com que o território enfrente situações de ampliação do desemprego.

Segundo a reportagem do Canal Rural (2019, n.p., transcrição nossa),

o avicultor Ederson Rodrigues tinha uma renda mensal de R\$15 mil com a venda das aves antes da paralisação. Para garantir o sustento da família, ele migrou para a atividade leiteira. Porém, o produtor não sabe o que fazer com a estrutura montada para a avicultura. As duas granjas abrigavam mais de 40 mil aves e custaram cerca de R\$ 1 milhão. “Foram 12 anos trabalhando para chegar nisso. A hora em que achei que acabaria de pagar o financiamento, aconteceu isso”, lamenta.

Ainda, de acordo com o periódico, após negociações com representantes do setor no município, a corporação procurou o pagamento dos investimentos dos avicultores, mas mesmo assim, os avicultores ficaram sem a fonte de renda que haviam antes. Outro ponto, com base nas reportagens analisadas, refere-se a como os produtores integrados eram dependentes da corporação devido ao tempo de integração com a agroindústria, como pode ser observado através do trecho a seguir que demonstra o endividamento dos produtores.

o produtor é integrado da BRF há 22 anos por causa da parceria na pequena área de oito hectares construiu quatro barracões com capacidade para alojar 60 mil frangos dois deles foram financiados e só vão ser quitados em 2025 a parcela anual é de 4 mil reais o avicultor também investiu outros 15 mil reais na compra de um gerador para garantir aquecimento e refrigeração as aves há duas semanas ele recebeu o pagamento pela entrega de uma engorda e achou que tudo estava dentro da normalidade não esperava a notícia do fechamento da unidade (Canal Rural, 2018, n.p. Transcrição Nossa)¹

Nas imagens a seguir, é possível observar um exemplo de propriedade anteriormente integrada e após o fechamento do frigorífico deixou de produzir aves.

FIGURA 9 AVIÁRIOS PARALISADOS, CAMPO VERDE – 2019



Fonte: TV Real SBT (2019)

Além de eventos relacionados ao processo de marginalização espacial e seletividade de lugares mais rentáveis, as regiões produtivas especializadas estão sujeitas a uma série de impactos sobre o meio natural, dessa forma, a subseção a seguir procura levantar algumas indagações sobre como o uso corporativo do território nessas regiões acabam gerando impactos ambientais.

¹ Mais depoimentos de avicultores e funcionários desligados podem ser observados através das reportagens disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=ohRA355qaKE&t=64s> e <https://www.youtube.com/watch?v=vY-PMf4sdZM&t=41s>.

3.3.2.1 A avicultura e a Questão Ambiental na Região Centro-Oeste

Segundo Santos (2017, p. 252) “a dinâmica dos espaços da globalização supõe uma adaptação permanente das formas e das normas”. Esses novos objetos e normas, que se apresentam de diferentes envergaduras ocasionam em uma crescente crise ecológica.

A busca de mais-valia ao nível global faz com que a sede primeira do impulso produtivo [...] seja apátrida, extraterritorial, indiferente às realidades locais e também às realidades ambientais. Certamente por isso a chamada crise ambiental se produz nesse período histórico, em que o poder das forças desencadeadas num lugar ultrapassa a capacidade local de controlá-las, nas condições atuais de mundialidade e de suas repercussões nacionais (Santos, 2017, p. 253)

Dessa forma, questiona-se como a avicultura deve ser compreendida como um setor potencialmente causador de impactos ambientais? Pensando nessa questão e de como o país apresenta grande produção de aves, concentradas em regiões competitivas fortemente especializadas na produção, logo com grande densidade de objetos espaciais e demanda por recursos naturais, organiza-se esta seção do artigo.

Para tal discussão, toma-se como impacto ambiental a conceituação elaborada pelo Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA, 1986) na resolução N° 001, de de 23 de janeiro de 1986, que define impacto ambiental como “qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante das atividades humanas” (CONAMA, 1986) alterações essas que afetam, segundo o Conselho:

1. Saúde, segurança e o bem-estar da população;
2. Atividades sociais e econômicas;
3. Biota;
4. Condições estéticas e sanitárias do meio ambiente;
5. Qualidade dos recursos ambientais.

A partir disso, é possível considerar a avicultura como uma atividade causadora de impactos ambientais e conseqüentemente, passível de licenciamento ambiental (Palhares e Kunz, 2011, p. 13). Segundo Silveira e Vieira (2020) as atuais normas técnicas de produção, obriga que as unidades produtoras respeitem a legislação ambiental em vigor, orientando os produtores realizarem o adequado manejo dos resíduos emitidos pela atividade agropecuária, isso pois “A atividade pecuária de criação de aves é concentradora de resíduos, os quais se forem manejados inadequadamente permitirão a presença de alta carga poluidora de nutrientes para o meio ambiente” (Silveira e Vieira, 2020, p.35).

Dentre os potenciais impactos ambientais que os principais resíduos da avicultura – cama, poeira, odor, água de lavagem e carcaças de aves – pode causar no meio, destaca-se os sobress: Águas (superficiais e subterrâneas), solo, ar, clima, biodiversidade, condições sanitárias do rebanho, custo de produção da criação, condições de saúde da população, segurança dos alimentos e paisagem (Palhares e Kunz, 2011).

No quadro organizado com base em Palhares e Kunz (2011, p.28-31) e apresentado a seguir, pode-se observar de maneira descritiva como a atividade agropecuária impacta, sobretudo quando analisa-se os impactos sobre; Águas, Solo, Ar e Biodiversidade.

QUADRO 6 POTENCIAIS IMPACTOS AMBIENTAIS NEGATIVOS ORIUNDOS DA AVICULTURA

Potenciais impactos ambientais negativos causados pela produção de aves segundo Palhares e Kunz			
Impacto	Como Impacta	Consequências do Impacto	Impacto social e econômico
Águas superficiais e subterrâneas	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Consumo abusivo; ✓ Poluição/contaminação por elementos; ✓ Poluição/contaminação por micro-organismos; ✓ Alterações na biodiversidade plactônica e piscícola das águas superficiais. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Escassez hídrica e aumento da competitividade pelo recurso; ▪ Depreciação das condições físicas e químicas das águas; ▪ Águas caracterizadas como veículos de doenças humanas e animais; ▪ Perda da biodiversidade aquática 	<ul style="list-style-type: none"> • Alto impacto social: <ul style="list-style-type: none"> ○ Nas condições de saúde da população, ○ Nos usos múltiplos da água e na fauna e flora aquáticas. • Médio Impacto Social: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na geração de empregos na área de turismo rural. • Alto Impacto econômico: <ul style="list-style-type: none"> ○ No gasto com tratamento público/privado da águas para abastecimento e nos gastos com saúde pública e no tratamento de efluentes; - • Médio Impacto Econômico: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na utilização de regiões de produção para o turismo rural.
Solo	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Poluição/contaminação por elementos; ✓ Poluição/contaminação por micro-organismos; ✓ Alterações na biodiversidade do solo; ✓ Alterações na estrutura física do solo 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Perda da capacidade agrícola dos solos ▪ Depreciação do recurso natural como suporte para flora; ▪ Impedimento do uso do solo para agricultura e/ou aumento do custo de preparo do solo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Alto impacto social: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na disponibilidade de terras para o cultivo e fixação do homem no campo; • Alto impacto econômico: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na inviabilização dos solos para o plantio de culturas e geração de renda e divisa.
Ar	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Emissão de odores, gases (dióxido e monóxido de carbono, metano, gás sulfídrico, amônia, entre outros) e partículas de poeira 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Nos animais: queda dos índices zootécnicos, estresse, aumento da mortalidade e exposição dos animais a outras doenças; - ▪ Nos humanos, aumento da frequência respiratória, asfixia, irritabilidade das mucosas, membranas e olhos, náuseas, depressão do sistema nervoso e morte 	<ul style="list-style-type: none"> • Alto Impacto social: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na qualidade de vida da população; • Médio Impacto Social: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na geração de empregos na área de turismo rural; • Alto Impacto Econômico: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na rentabilidade das produções e gastos com saúde do indivíduo; • Médio Impacto Econômico: <ul style="list-style-type: none"> ○ Na utilização de regiões de produção para o turismo rural.
Biodiversidade	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Proporcionando condições ambientais adversas a biota devido a poluição e contaminação por resíduos animais. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Degradação e/ou perda da flora e fauna. 	<ul style="list-style-type: none"> • Alto Impacto Social: <ul style="list-style-type: none"> ○ Desconhecimento das características da biodiversidade nacional; - • Médio Impacto Social: <ul style="list-style-type: none"> ○ Desconhecimento das relações da cultura humana com a biodiversidade; • Alto Impacto econômico: <ul style="list-style-type: none"> ○ Impossibilidade de geração de novos produtos, medicamentos, etc
Fonte:	Tabela 1. De PALHARES e KUNZ, 2011, https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/57055/1/manejo-ambiental-na-avicultura.pdf		

Fonte: Palhares e Kunz (2011) Adaptado por Dalmora (2023)

Com base no quadro, é possível observar como a avicultura é potencialmente causadora de impactos ambientais negativos, caso ocorram o manejo errado de seus resíduos. Silveira e Vieira (2020, p. 39) compreendem que na implantação e operação de aviários, é de essencial importância observar os resíduos e procurar realizar o manejo correto, uma vez que “A falta de ações mitigatórias do empreendedor, referente aos resíduos resultantes das atividades do empreendimento poderão causar impactos ambientais negativos, prejudicando tanto o meio ambiente como a saúde pública.” (SILVEIRA e VIEIRA 2020, p. 39).

É importante salientar que, além dos potenciais impactos causados pela avicultura ocorrem também impactos causados pelo processamento industrial dos animais, como especifica, Kussano, Batalha e Miranda (2008) e Pinto, et.al. (2015).

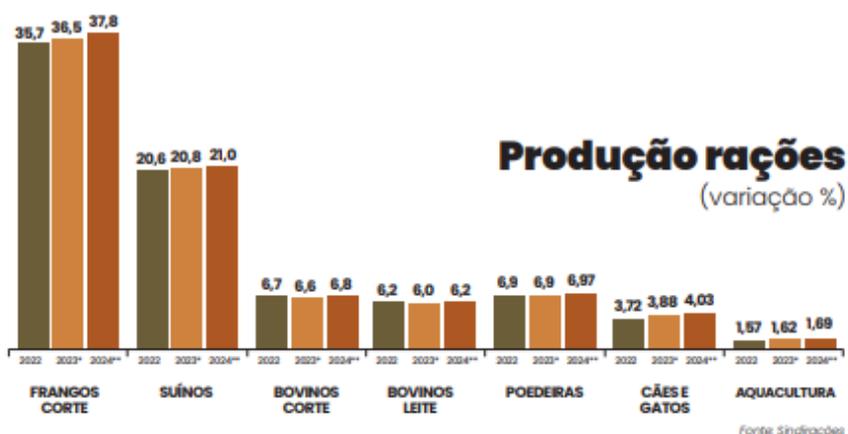
Todas as etapas do processamento industrial contribuem de alguma forma para a carga de resíduos potencialmente impactantes para o meio ambiente. Nesse caso, os resíduos são: sangue, vísceras, penas, carnes e tecidos gordurosos, perdas de processo, detergentes ativos e cáusticos, dentre outros. [...] Outro impacto importante do abate avícola diz respeito ao consumo de água, pois em diversas etapas do processo ela é utilizada. Os abatedouros avícolas são absolutamente dependentes de água e embora esta seja um recurso renovável, a oferta de recursos hídricos é limitada e depende da preservação ambiental e do uso sustentável para sua renovação. (Kusano, Batalha e Miranda, 2008, p. 5).

Da mesma forma, Pinto, *et.al.* (2015) escreve que tanto a criação e o processamento industrial de aves podem gerar contaminação ambiental, caso haja a disposição indevida de seus resíduos. “Todas as etapas do processamento industrial contribuem para a carga de resíduos possivelmente impactantes ao meio ambiente” (PINTO, et. al. 2015, p.3).

Embora a avicultura não ser a principal e direta causadora de desmatamento no Centro-Oeste do Brasil, ela relaciona-se através da cadeia de grãos presente na região, uma vez que a atividade se desenvolve na região devido a disponibilidade de matéria prima para ração dos animais, que segundo Alvaro (2020, p. 20), a produção de milho é um dos principais insumos para o desenvolvimento da avicultura.

Ao analisarmos os dados de produção de ração animal no Brasil, o principal tipo de alimentação animal produzida é a destinada a frangos de corte, segundo dados do Sindirações (2024), em 2022 foram produzidas 35,7 milhões de toneladas de ração, cujo principal ingrediente é o milho

GRÁFICO 4 PRODUÇÃO DE RAÇÃO ANIMAL NO BRASIL (TON)



Fonte: Sindirações (2024) Adaptado por Dalmora (2024)

Reconhecendo a demanda de milho em torno da produção de ração para aves, percebe-se, um expressivo aumento dos contingentes produtivos do cereal na região Centro-oeste do Brasil, bem como dos efetivos de aves. Associado a isso, observa-se através das imagens de satélite, uma contração expressiva nas áreas com cobertura florestal na região, à exceção das áreas de reservas indígenas como a do Parque Indígena do Xingu.

MAPA 25 CENTRO-OESTE DO BRASIL: CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO DE MILHO E IMAGENS DE SATÉLITE DA REGIÃO (1990-2020)

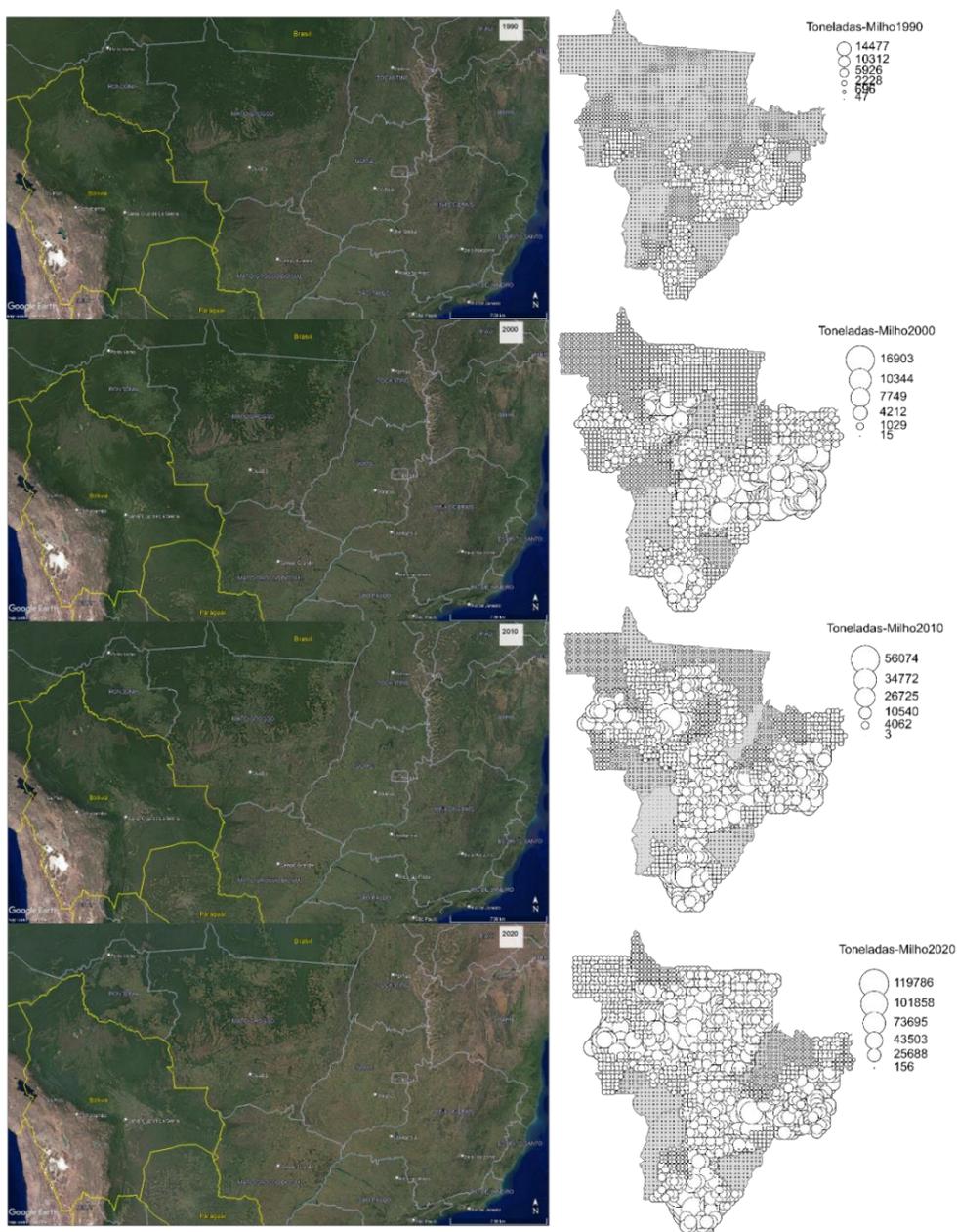
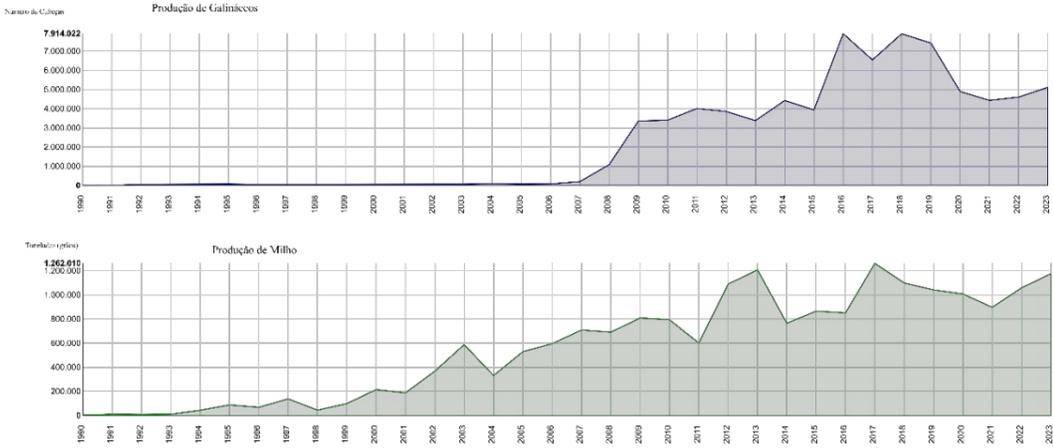


FIGURA 10 REGIÃO DE LUCAS DO RIO VERDE- MT E XINGU NO BRASIL: PRODUÇÃO E MILHO E GALINÁCEOS E IMAGENS DE SATÉLITE DE 1990 A 2020



Fonte bases KML: IBGE (2024) Anatel (2024);
Fonte dados Gráficos: IBGE-Sidra-
Pesquisa Pecuária Municipal (2024)
e Pesquisa Agrícola Municipal (2024)

Fonte: Elaborado pelo Autor (2024)

Com base nas figuras anteriores, é possível observar um padrão que resulta nas questões: a ampliação da produção de grãos, milho neste caso, resultou no aumento do desmatamento nos últimos 30 anos? E mais, a avicultura corrobora ao usar dessa produção como insumo para criação das aves? São perguntas que devido ao escopo deste trabalho não conseguimos responder, mas que suscitam reflexões importantes que podem enriquecer futuras pesquisas.

3.3.3 Seletividade Espacial e Marginalização Territorial: O Caso de Río Cuarto e o Impacto da Curta Estadia da BRF (AVEX) na Argentina

Como explicado no final do capítulo anterior, a província de Córdoba, na Argentina, não desponta entre as principais produtoras de frango na Argentina, mas a partir da introdução de empresas do setor na região a avicultura ganha destaque. Uma dessas empresas foi a avícola AVEX no ano de 2007 em Río Cuarto.

Río Cuarto é uma cidade localizada na porção Sul da província de Córdoba, a aproximadamente 220 km da capital da província e 601 km de Buenos Aires, sendo a segunda cidade mais populosa e importante da província, atrás apenas de Ciudad Córdoba. (UNRC, 2024). Em termos populacionais, de acordo com dados do Censo Argentino, a cidade compunha uma população de 279.923 habitantes em 2022, dessas, aproximadamente 143,7 mil pessoas representavam a População Economicamente Ativa (PEA).

Ao analisar a PEA de Río Cuarto temos o seguinte cenário: cerca de 134,6 mil pessoas de mais de 14 anos ocupadas e cerca de 9,1 mil pessoas em idade ativa desocupadas. Ao especificar a PEA por categoria ocupacional e ramo de atividade econômica agrupada, cerca de 8,1 mil pessoas ocupavam-se na Agricultura, pecuária, caça, silvicultura e pesca e aproximadamente 10 mil pessoas na indústria manufatureira (INDEC-CENSO, 2022).

Conforme pode ser observado através do mapa apresentado na página seguinte, o departamento de Río Cuarto concentra grande parte dos estoques de aves para o abate da província, correspondendo a cerca de 33% da produção provincial, nesses termos em 2018, foram produzidos aproximadamente: 3,3 milhões de cabeças de aves de abate (avicultura comercial); 37,7 mil cabeças de galinhas poedeiras (avicultura comercial) e 140 mil cabeças de aves sob avicultura tradicional (INDEC, 2018, Cuadro 5.11.4).

É importante também entender algumas especificidades do circuito produtivo da AVEX no local. De acordo com Vagnola, Ricotto e Harriague (2012), a instalação da planta frigorífica na cidade de Río Cuarto, ocasiona a estruturação de uma cadeia de valor com diferentes formas

de governança. Segundo Vagnola, Ricotto e Harriague (2012), o circuito de produção inicia com a produção de ovos férteis que eram produzidos e adquiridos de empresas do setor que são enviadas as plantas incubatórias, realizado em estabelecimento próprio a aproximadamente 70 km de distância do abatedouro. Após incubados, os pintainhos eram criados tanto por produtores integrados quanto em granjas próprias.

Essa característica da região de obter granjas próprias, se deu na época, devido às características das propriedades agrícolas da região, que não possuíam tradição na produção de frango levando a corporação a organizar-se em estruturas de exploração avícolas próprias.

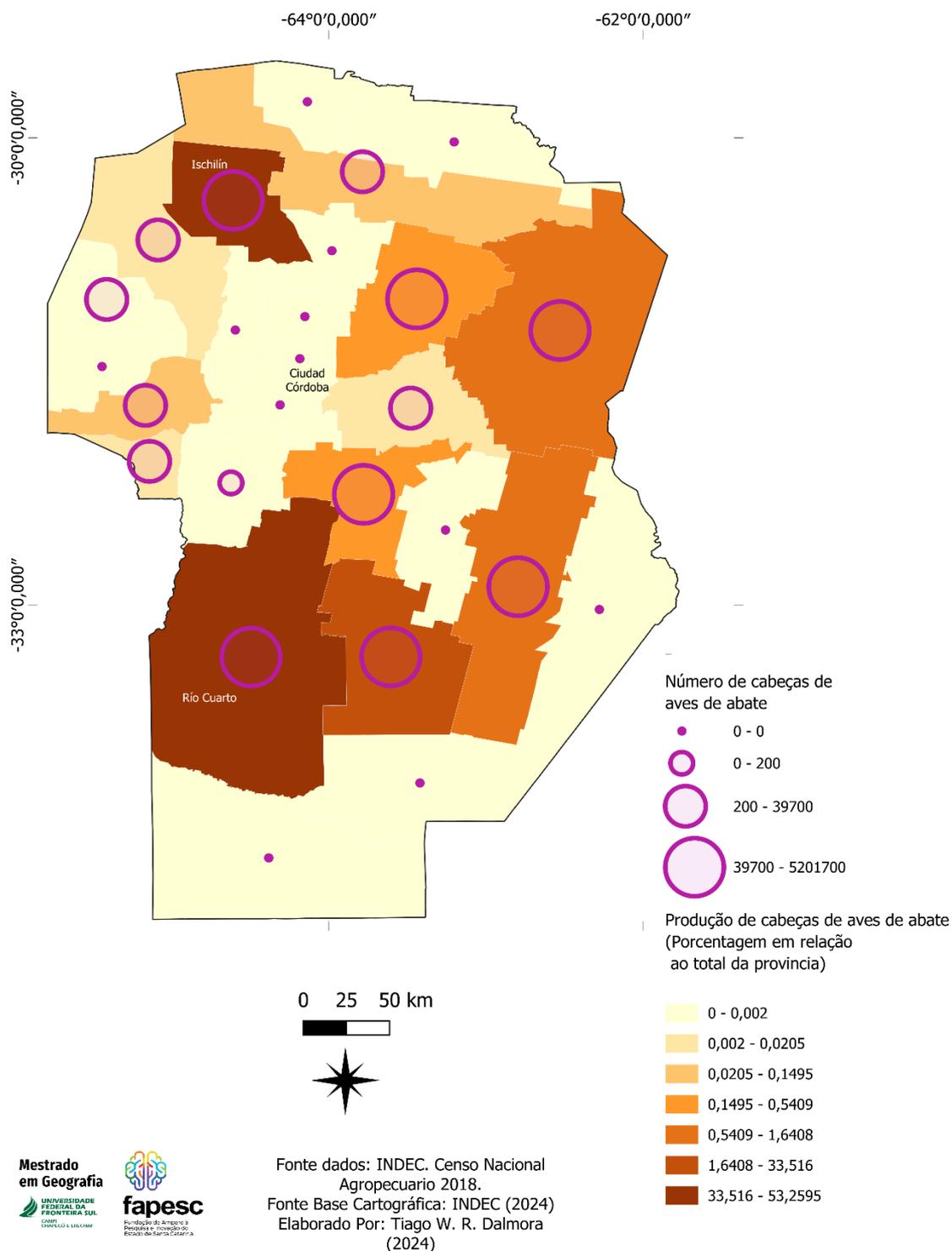
Dadas as características dos estabelecimentos agrícolas da zona (principalmente dedicados à agricultura extensiva), a falta de tradição na avicultura e a pouca experiência da região na implementação deste tipo de sistemas, a empresa enfrentou dificuldades em avançar nesta direção. Assim, enfrenta os problemas normais derivados da falta de conhecimento por parte do tecido produtivo local da atividade. Ao contrário do que acontece em províncias onde a atividade avícola é altamente desenvolvida, como Entre Ríos e Buenos Aires. Esta situação obrigou a empresa a ter explorações de engorda próprias e a procurar produtores interessados em fazer parte do sistema localizados a distâncias cada vez maiores da fábrica, com o consequente custo de frete que isso implica (Vagnola, Ricotto e Harriague, 2012, p. 18, tradução nossa).

Isso é explicado também por Busch (2018), que destaca como a falta de tradição avícola na região de Río Cuarto tornou-se um dos desafios da AVEX no início de suas instalações, segundo a autora, “a falta de tradição na produção de frango na zona de Río Cuarto, Córdoba, foi um dos desafios com o que se encontrou AVEX nos inícios de sua produção no ano de 2007” (Busch, 2018, p. 138).

Em relação à produção de ração e alimento para os animais, isso se dava em fábricas próprias que ficavam a aproximadamente 50 km de distância do frigorífico, como matéria prima se processava milho e farelo de soja, disponível na região. A AVEX se torna líder no mercado avícola na província até 2011, quando a BRF S.A. compra suas unidades atuando no país até 2018.

MAPA 26 PROVÍNCIA DE CÓRDOBA NA ARGENTINA: PRODUÇÃO DE AVES DE ABATE POR DEPARTAMENTO -2018

Córdoba: Produção de Aves de Abate por Departamento - 2018



Fonte: Elaborado pelo Autor (2024)

A entrada da BRF na Argentina iniciou-se com a aquisição das unidades da Avex e Danica em 2011, tornando-se a maior processadora de carne de frango do país em 2018. (Coletti, Franculino e Mota, 2016, p. 10; BRF, 2018; Hidalgo, 2019; Avinews, 2018; Auonline, 2018,). Esse processo de aquisição por uma corporação forânea, intensificou, de acordo com Busch (2018), o processo de internacionalização dos capitais participantes do circuito produtivo, gerando assim a expansão dos círculos de cooperação a nível global.

Se pensarmos que tais círculos de cooperação agora se dão em níveis globais, eventos e crises setoriais da empresa exteriores ao lugar podem refletir na realidade local, nesse sentido, em 2018, depois de eventos que ocasionaram crises internas na empresa e crises setoriais, a corporação de capital brasileiro encerra suas atividades no país vizinho, resultando em uma série de problemas, sobretudo na província de Córdoba, local onde havia suas instalações. (*La Ciudad*, 2017; AviNews, 2017; BRF, 2018).

Segundo a BRF (2018), no ano de 2018, a empresa vendeu as unidades da Avex para o grupo argentino Granja Tres Arroyos, enquanto plano de reestruturação operacional e financeira da corporação. Segundo a empresa:

A venda da Avex para a Granja Tres Arroyos S.A. e a Fribel S.A inclui três fábricas: Rio Cuarto, com capacidade para abater 160 mil de aves por dia; Llavallol e Villa Mercedes, as quais, juntas, processam mais de 10 mil toneladas mensais de produtos, tais como, margarinas, molhos, azeite e ingredientes para panificação, sob as marcas Dánica, Manty, Delicia, D 'fiesta, entre outras. O valor total da venda foi de US\$50 milhões (BRF, 2018).

Entre os impactos mais visíveis causados pelo processo de seletividade e marginalização espacial ocorridos durante a entrada e saída da empresa do território argentino estão os ligados à geração de desemprego nas regiões onde essa empresa atuava. Segundo Otero (2018), o processo de demissão em massa ocorreu a fim de facilitar a busca pela venda da unidade argentina, a partir da diminuição da estrutura da empresa¹. A saída da corporação causou uma série de demissões na Argentina, sobretudo em Río Cuarto (Córdoba):

No total serão 160 os trabalhadores desvinculados da empresa localizada na localidade cordobesa de Río Cuarto, mais outros 40 contratados que não obterão renovação sobre uma tabela de 500 pessoas. Mas aqui não se deteria o ajuste da BRF porque o Grupo de capitais brasileiros também busca vender o frigorífico Quickfood e por aqui continuariam os recortes. (Otero, 2018, n.p, tradução nossa).

Nesse sentido, segundo informações da reportagem de um jornal local, o processo de demissão não gerou apenas reflexos nos funcionários da empresa, mas também entre os

¹ O processo de início das demissões já é anterior a esse momento (Telediario, 2016)

integrados e no comércio local (Telediario, 2018). Além disso, com base na transcrição¹ do testemunho do Subsecretário de Desenvolvimento Econômico apresentado na sequência, é possível entender como o processo em que a produção, ligando-se a círculos de cooperação globais resulta na vulnerabilidade local.

Não são apenas os que chamariam **de empregados diretos** da empresa, mas todos aqueles que, pelo sistema de produção e comercialização da firma, são denominados "**integrados**", que também **ficam com dificuldades**. Sem dúvida, isso tem sido uma preocupação. De fato, tanto com o senhor prefeito quanto com os principais ministros da província, estivemos em reuniões com os proprietários da empresa e, ao menos, com os principais dirigentes ou gerentes da empresa em nível nacional. Garantiram, pelo menos, a continuidade da empresa, apesar desta situação de demissões, resultante, segundo o que eles manifestaram, da queda na produção. [pergunta do jornalista] As negociações estão esgotadas para evitar que 200 famílias percam sua principal fonte de renda, seu único sustento? **O que acontece**, Pablo, **é que essas são decisões de empresas muito grandes, multinacionais, que escapam**, inclusive, da decisão de muitos gerentes em nível local, ou seja, **da Argentina**, conforme manifestado por eles. O que se buscou foi, sem dúvida, influenciado por diversos motivos. Um, sem dúvida, está relacionado com as políticas em nível nacional, mas também há um esquema de comercialização em nível internacional. Segundo eles, os mercados, principalmente da Comunidade Econômica Europeia, caíram. Imagine que nos pareceu estranho que a empresa tenha investido 50 milhões de dólares há três anos e depois tomado essa decisão. Então, foi um conjunto de fatores próprios do mercado e decisões que, **sem dúvida, Esse tipo de empresa de nível internacional se importa muito pouco em tomar uma decisão dessas características**. [pergunta do jornalista] Essa situação vivida hoje por essa empresa pode se estender a outras indústrias? Está havendo muitos desligamentos no setor comercial em Río, certo? Sim, isso vem acontecendo. O que chamamos, em algum momento, de demissões "por gotejamento", ou seja, neste caso, se vê, pela quantidade de demissões em uma única empresa. Mas há um processo de demissões que, eu diria, ocorre de forma gradual em diversas atividades, **não apenas industriais, mas também comerciais**. (Telediario, 2018, tradução nossa, grifo nosso).

É destacado da transcrição alguns pontos, entre eles estão: primeiro a vulnerabilidade tanto dos funcionários diretos demitidos, mas também dos produtores integrados; segundo como o entrevistado identifica que a atuação da empresa relaciona-se a fluxos globais onde as decisões não partem do lugar, desconsiderando os possíveis problemas resultantes; por fim esse processo de demissão reflete nas demais atividades da cidade, como no setor comercial.

O anúncio de demissões, iniciadas já em 2016, resultou também em manifestações na cidade, conforme observa-se com reportagem de Telediario (2016, 2018). Os trabalhadores organizados juntamente com o Sindicato de La Carne de Río Cuarto, realizaram manifestações

¹ A reportagem data do dia 27/07/2018 e pode ser acessada via o link: https://www.youtube.com/watch?v=pKEdSj_UFX4 ou <https://www.telediariodigital.net/2018/07/la-crisis-de-avex-y-los-despidos-en-la-industria-el-municipio-apunto-a-la-nacion/>

que objetivavam achar soluções para as demissões, na sequência é apresentada a transcrição¹ de um depoimento de um manifestante.

Nós, do trabalho, víamos pessoas sendo demitidas, e elas já se apresentavam para trabalhar. O que queremos é que essas pessoas sejam realocadas em algum frigorífico, não que fiquem sem trabalho. Essa é a situação. Há o temor de que as demissões possam aumentar ainda mais. Não sabemos como o plano de luta continuará se isso persistir. Por isso, pelo menos queremos conversar com o sindicato e ver que solução eles podem nos oferecer. Como delegados, estamos representando mais de 60 pessoas, e precisamos cuidar das 500 que ainda estão dentro [da empresa]. Não sabemos como resolver isso, então queremos ver que as pessoas que foram ou estão sendo demitidas sejam realocadas em algum frigorífico (Telediário, 2016, tradução nossa).

Além do depoimento, imagens apresentadas na sequência, mostram a realização e a organização dos trabalhadores como resposta ao anúncio de desligamento de trabalhadores (imagens de 2016 e 2018). Na primeira figura, presente em reportagem de Longoni (2018), observa-se manifestações no que parece ser um refeitório da empresa, já nas imagens seguintes observa-se movimentações de manifestantes em via pública em diferentes momentos. Também, nota-se o papel desempenhado pelo sindicato.

Figura 11 Organização de trabalhadores contra demissão na Argentina 2018



Fonte: Longoni (2018)

¹ A reportagem data do dia 24/06/2016 e pode ser acessada através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=gqNdbIz4gSw>

FIGURA 12 MANIFESTAÇÕES CONTRA MOVIMENTO DE DEMISSÕES (2016 E 2018)

Fonte: Telediário (2016; 2018) Adaptado por Dalmora (2024)

Tais eventos evidenciam como processos que partem de uma lógica ancorada em um crescente mercado global, que buscam um uso corporativo do território e a extração de sua

mais-valia, impactam e conformam novas realidades, obrigando assim, à organização de novos acontecimentos.

Ademais, com base nas análises das reportagens acima apresentadas, pode-se inferir como a saída da corporação do país causou na região de Río Cuarto uma série de problemas relacionados ao evento, mostrando um intenso exemplo de vulnerabilidade que causou impactos no nível de emprego da região por um certo período. É importante lembrar que atualmente a empresa Granja Tres Arroyos adquiriu as unidades e atua na região.

Portanto, com base nos eventos estudados compreende-se como em ambos os países, eventos de abertura e fechamento de empresas são constantes e que uma vez instaladas tais corporações nessas regiões produtivas há um intenso processo de criação de dependência em torno dessas, que quando realizam processo de deslocalização resultam em impactos que evidenciam o grau de vulnerabilidade desses lugares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“As redes são formadas de pontos bem tratados, bem equipados no território, facilitando a vida das grandes empresas globais. Essas grandes empresas instalam-se nesses pontos. Isso pode ser visto facilmente, bastando olhar para o mapa de qualquer país, de qualquer continente. Elas tratam o território apenas como recurso, mas são muito pouco numerosas” (Milton Santos, 1997).

O processo de globalização dá-se na atualidade sob a égide de três faces, uma enquanto fábula, uma enquanto perversidade e uma possível globalização mais humana (Santos, 2010). Nesse processo, a globalização e o intenso uso corporativo do território, oriundo dessa perspectiva, resultam na reorganização de territórios cada vez mais amplos e ocasionam em quadros de especialização regional produtiva e vulnerabilidade territorial.

Assim, o presente trabalho possibilitou compreender como a atuação de redes transnacionais de produção avícola, atuam no ordenamento territorial e intensificam processos de especialização regional produtiva e vulnerabilidades territoriais no Brasil e Argentina, além do mais, no decorrer do trabalho foi possível compreender como na atualidade o processo de globalização passa a complexificar a organização da Divisão Internacional do Trabalho,

Nesse contexto a DIT, passa a apresentar características marcadas pela atuação de empresas multinacionais e pelos investimentos externos diretos, resultando em transformações na hierarquia instituída pela DIT e a emergência de novas relações de poder em que a dicotomia da periferia agrária e o centro industrial não se torna mais suficiente para explicar as novas dinâmicas.

No entanto, a América Latina mantém sua situação de periferia na Divisão do Trabalho global, frente a uma crescente financeirização que passa a condicionar a dominação financeira do centro à periferia. Esse processo de financeirização atinge também a agropecuária, onde reorganiza-se esses espaços agrícolas para produção de *commodities*. No caso da América Latina os países, sobretudo os sul-americanos, mostram-se muito vulneráveis e dependentes da exportação de *commodities*.

Um dos setores ligado às lógicas das *commodities* é a avicultura e países como o Brasil e a Argentina na ALC, apresentam-se entre os maiores produtores regionais e globais. Com o processo de globalização também se intensificou, através da atuação de grandes agentes multinacionais, o uso corporativo do território, e o condicionamento a configuração de especializações regionais produtivas e a conformação de regiões competitivas avícolas.

O objetivo do trabalho norteou-se nos seguintes pontos: I Identificar as regiões com maior densidade técnica e produtiva do setor avícola no Brasil e Argentina; II Reconhecer e compreender os papéis desempenhados pelas redes agroindustriais avícolas, assim como dos

principais agentes e processos envolvidos na estruturação das regiões especializadas na produção de frango, nos dois países; III Analisar a atuação de redes agroindustriais avícolas e investigar como o uso do território resultante dessas redes gera vulnerabilidades territoriais, especialmente após eventos geográficos que alteram as condições locais (Oeste de Santa Catarina, Campo Verde MT e Río Cuarto – Arg), compreendendo as implicações dessas vulnerabilidades para as regiões produtivas no Brasil e na Argentina; IV Mapear as principais regiões produtoras, bem como reunir e compor um banco de dados cartográfico sobre a temática nos dois países.

Dessa forma, pode-se inferir que a produção avícola na atualidade se dá sob a lógica das *commodities*, enquanto um meio para a agregação de valor nas cadeias de grãos e que a produção nos territórios, tanto argentino quanto brasileiro, se dá em regiões especializadas e competitivas, nas quais há um intenso uso corporativo do território por parte de empresas organizadas em rede e conformando oligopólios territoriais.

No caso brasileiro, as regiões que apresentam maior densidade técnico produtiva estão localizadas na porção centro-sul do território nacional. Especialmente em subespaços da região Sul do país, como Oeste Catarinense, Sudoeste e Oeste Paranaense, há a presença de grande quantidade de objetos técnicos voltados a atender o circuito espacial produtivo, bem como ocorre a atuação dos maiores agentes econômicos, BRF, JBS e AuroraCoop. Também na região Centro-Oeste, outra região com intenso uso corporativo do território.

A atuação desses agentes, sobretudo da BRF, no caso das análises realizadas por este trabalho, é organizada na forma de redes agroindustriais que passaram a atuar em solo argentino e condicionaram a organização territorial de regiões como a de Río Cuarto, em Córdoba, no país. Além dessa produção e dinâmicas presentes em Córdoba, a pesquisa possibilitou a identificação das principais regiões produtoras na Argentina sendo as províncias de Entre Ríos e Buenos Aires as principais.

No caso de Entre Ríos, a província configura-se como sendo a principal região produtora, com elevada densidade técnica e produtiva e abrigando as maiores corporações do setor no país na atualidade (GTA e Las Camélias).

A pesquisa possibilitou também a compreensão de como a atuação de redes agroindustriais avícolas e o uso dos territórios por parte desses grandes agentes multinacionais condicionaram as especializações regionais produtivas e geraram vulnerabilidades territoriais, sobretudo após eventos que alteram as condições locais.

Nesse contexto, realizou-se três estudos de caso que evidenciam essa fragilidade desses lugares a eventos geográficos. O primeiro estudo centrou-se na região Oeste de Santa Catarina,

Brasil, com a pesquisa pode-se analisar a vulnerabilidade das cidades da região contra embargos econômicos e a dependência do mercado externo, além disso, pesquisas de campo exemplificaram a vulnerabilidade setorial dos avicultores frente às demandas globais.

O segundo e terceiro estudos de caso centraram-se em eventos de abertura e fechamento de unidades produtivas, que resultaram na constituição de regiões competitivas e posterior marginalização territorial. A exemplo, primeiro se analisou eventos ocorridos no Centro Oeste do Brasil, em Campo Verde MT, onde o fechamento de unidades produtivas que impactou os avicultores e os trabalhadores da agroindústria.

O terceiro exemplo, referenciou a entrada e posterior saída de BRF (AVEX) da Argentina, em Río Cuarto - Córdoba, neste caso o fechamento das unidades da cidade, bem como eventos de crises setoriais resultaram no desemprego de um número expressivo de mão de obra do setor no local, ressalta-se que posteriormente, a GTA adquiriu as plantas.

Outra vulnerabilidade se deu em torno das questões ambientais e sua relação com a avicultura, dessa forma, pôde-se compreender como a avicultura é um potencial causadora de impactos ambientais, e dessa forma chegar ao questionamento introdutório: nas regiões competitivas avícolas, que apresentam expressivos efetivos de rebanhos, não há uma crescente vulnerabilidade ambiental?

Além disso, o trabalho teve como objetivo também a composição de um pequeno banco de dados cartográficos e a constituição de uma pequena coleção e mapas do setor dos dois países e que expressam o ordenamento territorial e a organização espacial da produção evidenciando onde, o que e quem organiza essa produção de *commodities* avícola no Brasil e na Argentina.

Propõe-se a ampliação do estudo, a fim de sanar as lacunas não realizadas por este trabalho, sobretudo para ampliação das questões em torno das especificidades da produção argentina na província de Córdoba (ARG), da compreensão dos fatores que levaram ao expressivo aumento na região do Sudoeste do Paraná (BR), em volta da necessidade de se ampliar as análises em torno da vulnerabilidade territorial, bem como na identificação das especificidades e do grau de resiliência desses lugares frente a eventos geográficos que causam problemas de diversas ordens. Ademais, é possível ampliar as análises do uso corporativo do território pelas agroindústrias, considerando que este estudo é de grande pertinência, pois examina as consequências e dinâmicas relacionadas à produção de alimentos, tratando-se de um tema de grande envergadura e debate.

5. REFERÊNCIAS

ACADEMIE D' AGRICULTURE DE FRANCE. **Production, consommation et échanges de viandes de volailles dans le monde**. 2024. AAF. Disponível em: <https://www.academie-agriculture.fr/>. Acesso em: 27 set. 2024

ALVES, Humberto Prates da Fonseca. Análise da vulnerabilidade socioambiental em Cubatão-SP por meio da integração de dados sociodemográficos e ambientais em escala intraurbana. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 30, p. 349-366, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/qK6HTC5fXKTKD9mhGRBGWWB/> Acesso em 10 jan. 2024

ALVARO, Delia Mariana Jaldo. **Cadena de carne avícola en Argentina**: una estimación de la magnitud y la distribución de las rentas generadas por políticas comerciales en el sector cerealero (2003-2015). 2020. 91 f. Tesis (Maestría) - Curso de Maestría En Economía Aplicada, Facultad de Ciencias Económicas, Pontificia Universidad Católica Argentina, Buenos Aires, 2020. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/handle/123456789/10375#:~:text=Sobre%20estas%20premisas,%20se%20constituye%20el%20objetivo%20de%20esta%20tesis,>. Acesso em: 05 ago. 2024.

APRENDER ESTATÍSTICA FÁCIL. **O que é: Gráfico de Treemap**. Disponível em: <https://estatisticafacil.org/glossario/o-que-e-grafico-de-treemap-entenda-sua-utilizacao/>. Acesso em: 12 dez. 2024.

ARGENTINA. Ministério de Economía. Secretaría de Ganadería Pecuária y Pesca. Ministerio de Economía. **ANUARIO AVICOLA 2022**: año xxvii n° 85. Buenos Aires, 2022. MAGYP. Disponível em: https://www.magyp.gob.ar/sitio/areas/aves/informes/boletines/_archivos//000001_Anuario%20Avicola%202022.pdf Acesso em 20 jun. 2023

ARGENTINA. Ministério de Economía. Secretaría de Ganadería Pecuária y Pesca. Ministerio de Economía. **ANUARIO AVICOLA 2021**: año xxvii n° 85. Buenos Aires, 2021. MAGYP. Disponível em: [000084_Nro_84_Anuario_Avicola_2021.pdf \(magyp.gob.ar\)](https://www.magyp.gob.ar/sitio/areas/aves/informes/boletines/_archivos//000084_Nro_84_Anuario_Avicola_2021.pdf) Acesso em 20 jun. 2023.

ARGENTINA. Ministério de Economía. Secretaría de Ganadería Pecuária y Pesca. Ministerio de Economía. **ANUARIO AVICOLA 2020**: Año XXV N° 83. Buenos Aires, 2022. MAGYP. Disponível em: [*000083_Nro_83_Anuario_Avicola_2020.pdf \(magyp.gob.ar\)](https://www.magyp.gob.ar/sitio/areas/aves/informes/boletines/_archivos//000083_Nro_83_Anuario_Avicola_2020.pdf) Acesso em 20 jun. 2023.

ARGENTINA. Ministério de Educación. **Mapoteca**. 2024 Disponível em <https://mapoteca.educ.ar/.files/index.html.1.27.html> Acesso em 03 out. 2024

ARGENTINA. Ministerio de Hacienda y Finanzas Públicas. Secretaría de Política Económica y Planificación del Desarrollo. **INFORMES DE CADENAS DE VALOR**: 2016. Buenos Aires, 2016.

ARRIGHI, Giovanni. **A Ilusão do Desenvolvimento**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. Recuperado e Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3934347/mod_resource/content/2/Arrighi%20Ilusao%20do%20desenvolvimento001.pdf. Acesso em: 15 mai. 2023.

ARROYO, Mónica. América Latina na aurora do século XXI: por uma busca de consensos ativos. **Ciência Geográfica**, v. 19, n. 1, p. 16-23, 2015. Disponível em: https://agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXIX_1/agb_xix1_versao_internet/Revista_AG_B_dez2015-02.pdf Acesso em 18 abr. 2023.

ARROYO, Mónica. A vulnerabilidade dos territórios nacionais latino-americanos: o papel das finanças. In: Amalia Inés Geraiges de Lemos, María Laura Silveira, Mônica Arroyo (org.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires, Ed. Clacso, 2006.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMAL. **Relatório Anual: 2023**. São Paulo: Abpa, 2023. ABPA. Disponível em: <https://abpa-br.org/wp-content/uploads/2023/04/Relatorio-Anual-2023.pdf> . Acesso em: 25 out. 2023.

ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DE SUÍNOS DO RIO GRANDE DO SUL. **Empresas: brf** realiza iniciativas para modernizar aviários na região sul. BRF realiza iniciativas para modernizar aviários na Região Sul. 2021. ACSURS. Disponível em: <https://acsurs.com.br/noticia/empresas-brf-realiza-iniciativas-para-modernizar-aviarios-na-regiao-sul/>. Acesso em: 27 set. 2024.

AUONLINE. **CRISE NA BRF | BRF anuncia que irá vender unidades fora do Brasil e demitir 5% dos funcionários no país**: a empresa pretende levantar r\$ 5 bilhões até o fim do ano, vendendo fábricas na argentina, tailândia e europa. **Auonline**. [S.L.], p. 1-2. 30 jun. 2018. Disponível em: <https://auonline.com.br/2018/06/36143.html> . Acesso em: 27 nov. 2023

AVINEWS. **Argentina: situação crítica afeta a indústria avícola**. **Avinews**. [Sl], p. 0-1. 13 jul. 2017. Disponível em: <https://avinews.com/pt-br/argentina-critica-situacao-afeta-industria-avicola/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

AVINEWS. **BRF vende a argentina Avex para a Tres Arroyos**. **Avinews**. Sl, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://avinews.com/pt-br/brf-vende-argentina-avex-tres-arroyos/> . Acesso em: 27 nov. 2023.

AVISITE. **JBS e BRF lideram a produção mundial de frango em número de cabeças abatidas**. 2022. Disponível em: <https://www.avisite.com.br/jbs-e-brf-lideram-a-producao-mundial-de-frango/#gsc.tab=0> . Acesso em: 25 out. 2023.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **Matriz de Dados do Crédito Rural**: quantidade e valor dos contratos de investimento por produto e município. Quantidade e Valor dos Contratos de Investimento por Produto e Município. 2023. BCB. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/estabilidadefinanceira/reportmicrrural?path=conteudo%2FMDCR%2FReports%2FqvcInvestimentoProdutoMunicipio.rdl&nome=Quantidade%20e%20Valor%20dos%20Contratos%20de%20Investimento%20por%20Produto%20e%20Munic%C3%ADpio&exibeparametros=true&botoesExportar=true> . Acesso em: 16 nov. 2023

BECKER, Berta; EGLER, Cláudio A. G. **Brasil: uma potência regional na economia-mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BELUSSO, Diane; HESPANHOL, Antonio Nivaldo. A evolução da avicultura industrial brasileira e seus efeitos territoriais. **Revista Percurso**, v. 2, n. 1, p. 25-51, 2010. Disponível em: <https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/nivaldo/Publica%E7%F5es-nivaldo/2010/AVICULTURA-2010.pdf> Acesso em: 08 nov. 2023.

BISCHOFF, Wesley. **Japão suspende importação de aves de Santa Catarina**: suspensão acontece após foco de gripe aviária altamente patogênica ser identificado em propriedade de maracajá. governo disse que enviará delegação a tóquio para discutir o caso. Suspensão acontece após foco de gripe aviária altamente patogênica ser identificado em propriedade de Maracajá. Governo disse que enviará delegação a Tóquio para discutir o caso. 2023. G1 Santa Catarina. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/07/17/japao-suspende-importacao-de-aves-de-santa-catarina.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BORGES, Caroline. Japão, maior importador de carne frango de SC, retira embargo de importação do produto: suspensão temporária do produto foi feita em 17 de julho após confirmação de caso de gripe aviária de alta patogenicidade. comércio com o país asiático rendeu us\$ 310,8 milhões em 2022. Suspensão temporária do produto foi feita em 17 de julho após confirmação de caso de gripe aviária de alta patogenicidade. Comércio com o país asiático rendeu US\$ 310,8 milhões em 2022.2023. **G1 Santa Catarina**. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2023/08/18/japao-retira-embargo-de-importacao-da-carne-de-frango-de-sc.ghtml>. Acesso em: 13 mar. 2024

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ConstituicaoCompilado.htm. Acesso em: 19 out. 2024.

BRF. **ASSOCIAÇÃO ENTRE BRASIL FOODS E SADIA CRIARÁ UM GIGANTE GLOBAL**. 2009. BRF. Disponível em: <https://imprensa.brf-global.com/pt/noticias/associacao-entre-brasil-foods-e-sadia-criara-um-gigante-global/>. Acesso em: 05 set. 2024.

BRF. **DIA DA AVICULTURA: BRF REFORÇA BOAS PRÁTICAS NO CAMPO**: companhia tem na região sul do brasil a maior parte de seus 10 mil integrados, que atuam com certificações internacionais, como a global g.a.p, que valorizam o bem-estar animal. **Brf Sala de Imprensa**. [S.L.], p. 1-1. 30 ago. 2021. Disponível em: <https://imprensa.brf-global.com/pt/noticias/dia-da-avicultura-brf-reforca-boas-praticas-no-campo/imprimir/#:~:text=A%20BRF%20est%C3%A1%20retomando%20a%20produ%C3%A7%C3%A3o%20e%20abate%20de%20perus>. Acesso em: 28 set. 2024.

BRF. **Notícias**: brf vende avex na argentina e conclui operações financeiras no brasil. BRF VENDE AVEX NA ARGENTINA E CONCLUI OPERAÇÕES FINANCEIRAS NO BRASIL. 2018. BRF S.A. Disponível em: <https://imprensa.brf-global.com/pt/noticias/brf-vende-avex-na-argentina-e-conclui-operacoes-financeiras-no-brasil/> . Acesso em: 27 nov. 2023.

BRF SA. **RELATÓRIO ANUAL NOS TERMOS DA SEÇÃO 13 OU 15(d) DA LEI DA BOLSA DE VALORES DE 1934 Para o exercício social encerrado em 31 de dezembro de 2011**. São Paulo: BRF, 2011. Disponível em: <https://ri.brf-global.com/informacoes-financeiras/relatorios-anuais/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRF SA. RELATÓRIO ANUAL NOS TERMOS DA SEÇÃO 13 OU 15(d) DA LEI DA BOLSA DE VALORES DE 1934 Para o exercício social encerrado em 31 de dezembro de 2013. São Paulo: Brf, 2013. Disponível em: <https://ri.brf-global.com/informacoes-financeiras/relatorios-aneais/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRF SA. RELATÓRIO ANUAL NOS TERMOS DA SEÇÃO 13 OU 15(d) DA LEI DA BOLSA DE VALORES DE 1934 Para o exercício social encerrado em 31 de dezembro de 2018. São Paulo: Brf, 2018. Disponível em: <https://ri.brf-global.com/informacoes-financeiras/relatorios-aneais/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BRF SA. RELATÓRIO ANUAL NOS TERMOS DA SEÇÃO 13 OU 15(d) DA LEI DA BOLSA DE VALORES DE 1934 Para o exercício social encerrado em 31 de dezembro de 2023. São Paulo: Brf, 2023. Disponível em: <https://ri.brf-global.com/informacoes-financeiras/relatorios-aneais/>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BÜHLER, Eve Anne; GUIBERT, Martine; OLIVEIRA, Valter Lúcio de. **Agriculturas empresariais e espaços rurais na globalização: abordagens a partir da América do Sul.** Editora da UFRGS, 2016.

BUSCH, Silvia Inés. **Modernización en el circuito productivo de alimentos y aceleración contemporánea en la Región Metropolitana de Buenos Aires.** 2018. 205 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doctorado En Geografía, Facultad de Filosofías y Letras, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2018. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/83188>. Acesso em: 24 fev. 2024.

BUSCH, Silvia Inés. Modernizaciones en los circuitos de la economía urbana en alimentos y factores de localización productiva. In: **I Jornadas Platenses de Geografía 17 al 19 de octubre de 2018 La Plata, Argentina.** Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Geografía, 2018. Disponível em: <https://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/library?a=d&c=eventos&d=Jev11247>. Acesso em 24 fev. 2024.

CONSELHO ADMINISTRATIVO DE DEFESA ECONÔMICA, Brasil. **Cade aprova venda de ações da BRF para a Marfrig.** Conselho Administrativo de Defesa Econômica. Disponível em: <https://www.gov.br/cade/pt-br/assuntos/noticias/cade-aprova-venda-de-acoes-da-brf-para-a-marfrig>. Acesso em: 1 nov. 2024.

CADENA AVÍCOLA. **Entre Ríos concentra un 54% de las granjas avícolas del país.** 2021. 31 agosto 2021. Disponível em: <https://cadenaavicola.com/entre-rios-concentra-un-54-de-las-granjas-avicolas-del-pais/#:~:text=La%20avicultura%20enterrriana%20tiene%20m%C3%A1s%20de%206.500%20galpones,por%20ciento%20de%20las%20exportaciones%20de%20carne%20aviar..> Acesso em: 26 fev. 2024.

CAETANO, Guilherme. Com déficit de R\$ 1,2 bilhão, BRF deixa de atuar na Argentina. **Suno Notícias.** [S.l.], p. 0-1. 14 jan. 2019. Disponível em: <https://www.suno.com.br/noticias/deficit-brf-deixa-atuar-argentina/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Dinâmica regional e globalização: espaços competitivos agrícolas no território brasileiro. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 9, n. 18, p. 17-26, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2736/273620670003.pdf>. Acesso em 25. Set. 2023

CASTILLO, Ricardo; FREDERICO, Samuel. Espaço geográfico, produção e movimento: uma reflexão sobre o conceito de circuito espacial produtivo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, p. 461-474, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sn/a/fG9sSJcJXRMygQBpFjCTzTH/?lang=pt> . Acesso em: 18 jan. 2024.

CANAL RURAL. **Avicultura: 280 granjas vão fechar as portas em Campo Verde**. [S.L.] 14 JUN. 2018. Disponível em: https://blogs.canalrural.com.br/canalruralmatogrosso/2018/06/14/avicultura-280-granjas-vaofechar-as-portas-em-campo-verde/#:~:text=No%20dia%2013.06%2C%20a%20ACAV%20%28Associa%C3%A7%C3%A3o%20Campoverdense%20de_est%C3%A3o%20nos%20avi%C3%A1rios%2C%20sem%20novos%20alojamentos%20de%20pintinhos Acesso em: 18 mar. 2024.

CANAL RURAL. **BRF encerra atividade de avicultura em Campo Verde (MT)**. Canal Rural. [s.l]. 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ohRA355qaKE&t=64s>. Acesso em 20 mar. 2024.

CANAL RURAL. **Um ano após fechamento de unidade da BRF, avicultores sofrem em MT**. [S. l.]. [n.p.]. 22 fev. 2019. Disponível em: <https://www.canalrural.com.br/aves-e-suinos/brf-avicultores-sofrem-em-mt/>. Acesso em: 20 mar. 2024

CANEVER, Mario Duarte; TALAMINI, Dirceu João Duarte; CAMPOS, Antonio Carvalho; SANTOS FILHO, Jonas Irineu dos. **A cadeia produtiva do frango de corte no Brasil e na Argentina**. Concórdia: Embrapa, 1997. 150 p. EMBRAPA. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/433669/1/doc45.pdf> . Acesso em: 23 out. 2023

CAPOANE, Viviane. Expansão da fronteira agrícola no estado de Mato Grosso entre os anos de 1988 e 2018. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 44, p. 73-98, 2022.

CARRASCAL, Ivette Tatiana Castilla; CARVALHO, Denilson Agostinho de.; NHASLAMBÉ, Luis Carlos Mida. Efeitos da Financeirização do Sistema Agroalimentar na América Latina. In: **9 Encontro da Associação Brasileira de Relações Internacionais**. Belo Horizonte. PUC. Pontifícia Universidade Católica de Minas gerais, Belo Horizonte, 2023.

CASTRO, Jose Roberto. As commodities e seu impacto na economia do Brasil. **NEXO JORNAL**.2016. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/explicado/2016/03/31/as-commodities-e-seu-impacto-na-economia-do-brasil>. Acesso em: 04 jul. 2024.

CENTRO DE EMPRESAS PROCESADORAS AVICOLAS. **Empresas exportadoras**. 2023. CEPA. Disponível em: <https://aviculturaargentina.com.ar/empresas-exportadoras/> . Acesso em: 27 nov. 2023.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

COLETTI, Gabriel Furlan; FRANÇULINO, Kleber Alves da Silva; MOTA, Mariana Gonçalves. A internacionalização das empresas frigoríficas brasileiras. **Blucher Engineering Proceedings**, v. 3, n. 4, p. 59-73, 2016. Disponível em: [*A-INTERNACIONALIZACAO-DAS-EMPRESAS-FRIGORIFICAS-BRASILEIRAS.pdf \(researchgate.net\)](#) Acesso em 27 nov. 2023.

CONSELHO NACIONAL DO MEIO AMBIENTE. IBAMA. **Resolução 1 de 23 de janeiro de 1986**: estabelece as definições as responsabilidades os critérios básicos e as diretrizes gerais para o uso e implementação da avaliação do impacto ambiental como um dos instrumentos da política nacional do meio ambiente. Estabelece as definições as responsabilidades os critérios básicos e as diretrizes gerais para o uso e implementação da avaliação do impacto ambiental como um dos instrumentos da política nacional do meio ambiente. 1986. CONAMA. Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=90724> . Acesso em: 24 abr. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Anuário do Instituto de Geociências**, v. 15, p. 35-41, 1992. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/aigeo/article/view/5934> Acesso em: 25 Set. 2023

COSTA, Sergio (cord.). **A saga da avicultura brasileira**: como o brasil se tornou o maior exportador mundial de carne de frango. São Paulo: Ubabef, 2011. ABPA. Disponível em: a saga da avicultura brasileira: como o brasil se tornou o maior exportador mundial de carne de frango. Acesso em: 23 out. 2023.

CRESWELL, John; CLARK, Vicki Plano. **Pesquisa de Métodos Mistos**. 2. ed. Porto Alegre: Penso, 2013. Tradução de Magda França Lopes.

CUNHA, Livia Domiciano; ARRUIZZO, Roberta Carvalho. O circuito espacial da produção de carne e grãos em Mato Grosso do Sul: espacializações e agentes principais. In: BERNARDES, Júlia Adão *et al* (org.). **O setor carne-grãos no Centro-Oeste**: circuitos produtivos dinâmicas territoriais e contradições. Rio de Janeiro: Lamparina, 2021. Cap. 2. p. 37-62

DALLA COSTA, Armando. Multinacionais brasileiras: possibilidades e desafios. In: **Anais do XII Congresso Brasileiro de História Econômica & 13ª Conferência Internacional de História de Empresas**. Niterói: ABPHE/Universidade Federal Fluminense. 2017.

DALLA COSTA, Armando João; SOUZA-SANTOS, ER de. Brasil Foods: a fusão entre Perdigão e Sadia. **Economia & Tecnologia**, v. 5, n. 17, p. 165-176, 2009.

DALMORA, Tiago Wilian Rocha. **PRODUÇÃO AGROALIMENTAR AVÍCOLA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO**: especialização e vulnerabilidades. 2021. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/6204/1/DALMORA.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2024.

DALMORA, Tiago Wilian Rocha. SCHERMA, Ricardo Alberto. Especialização regional e a Densidade do Ramo Avícola no Oeste Catarinense: Uma Breve Contextualização. In: **VII Seminário do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFPEL**. Pelotas. 2019. Anais do VII Seminário do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFPEL .Pelotas UFFS. 2020.

DALMORA, Tiago Wilian Rocha. SCHERMA, Ricardo Alberto. Especialização regional e produção agroalimentar: o Circuito espacial produtivo avícola no território brasileiro. In: JORNADA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA DA UFFS. v.1. n.9. Cerro Largo. 2019. Anais da Jornada de Iniciação Científica e tecnológica da UFFS. Cerro Largo. UFFS. 2019. Disponível em: <https://portaleventos.uffs.edu.br/index.php/JORNADA/article/view/1151> Acesso em 25 fev. 2024.

DALMORA, Tiago Wilian Rocha. SCHERMA, Ricardo Alberto. PRODUÇÃO AVÍCOLA NO SUL DO BRASIL: UM TERRITÓRIO ESPECIALIZADO E VULNERÁVEL. In: **XX Encontro Nacional de Geógrafos**. São Paulo. 2022. Anais do Encontro Nacional de Geógrafos. São Paulo. USP. AGB. 2022. Disponível em: [DALMORA E SCHERMA 2022 ENG PRODUÇÃO AVÍCOLA NO SUL DO BRASIL \(2\).pdf](#). Acesso em 24 fev. 2024.

DATAVIVA. Universidade Federal da Minas Gerais. **DATA VIVA**. 2023. CEDEPLAR UFMG. Disponível em: https://www.dataviva.info/pt/location/5/opportunities?menu=product-space-scatter&url=scatter%2Fsecex%2F5%2Fall%2Fall%2Fhs%2F%3Fca_scope%3Dwld_rca%26color%3Dcolor%26controls%3Dtrue%26depth%3Dhs_2%26year%3D2022%26y%3Dpci%26x%3Ddistance%26size%3Dexport_val. Acesso em: 25 out. 2023.

DEFELIPPE, Bruno. **Geografía económica Argentina**. 1. ed. Buenos Aires:Ediciones Losange. 1959.

DOMINGUEZ, Nestor. El complejo avícola entrerriano y las relaciones en su interior. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios-RBGN**, v. 9, n. 25, p. 13-25, 2007. Disponível em: [Redalyc.El Complejo Avícola Entrerriano y las Relaciones en su Interior](#). Acesso em: 29 nov. 2023.

DUARTE, Paulo Araújo. Conceituação de cartografia temática. **Geosul**, v. 6, n. 11, p. 133-138, 1991.

DURAND, Marie-Françoise; COPINSCHI, Philippe; MARTIN, Benoît; PLACIDI, Delphine. **Atlas da Mundialização**: compreender o espaço mundial contemporâneo. São Paulo: Saraiva, 2009. Tradução de Carlos Roberto Milani.

DURAND, Nileiza. Empresa Jagua Frangos confirma retomada das atividades do frigorífico em Ipuacu. **Foca na Notícia**. [S.L.], p. 0-1. 20 jun. 2018. Disponível em: <https://focanoticia.com.br/2018/06/20/empresa-jagua-frangos-confirma-retomada-das-atividades-frigorifico-em-ipuacu/>. Acesso em: 14 mar. 2024.

ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista brasileira de estudos urbanos e regionais**, v. 13, n. 2, 2011.

ELIAS, Denise. Globalização e fragmentação do espaço agrícola do Brasil. **Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**, v. 10, 2006. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/1211>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ENTRE RÍOS. Dirección General De Estadística Y Censos Ministerio De Economía Hacienda Y Finanzas Provincia De Entre Ríos (Entre Ríos). **INFORME DEL SECTOR AVÍCOLA: provincia de entre ríos 2019**. Paraná: Gobierno de Entre Ríos, 2019. Disponível em: <https://www.entrerios.gov.ar/minpro/userfiles/files/DIRECCION%20GRAL%20GANADERIA/AVICULTURA/INFORME%20AV%C3%8DCOLA%202019.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2023

ENTRE RÍOS. Dirección General De Estadística Y Censos Ministerio De Economía Hacienda Y Finanzas Provincia De Entre Ríos (Entre Ríos). **INFORME DEL SECTOR AVÍCOLA: provincia de entre ríos 2020**. Paraná: Gobierno de Entre Ríos, 2020. Disponível em <https://www.entrerios.gov.ar/dgec/sector-avicola/>. Acesso em: 05 dez. 2023.

ENTRE RÍOS. GOBIERNO DE ENTRE RÍOS. **Buscador de Empresas: empresas pollo**. Empresas Pollo. 2023. Disponível em: <http://productosenterrerianos.gob.ar/industria/inicio/buscador> Acesso em: 12 dez. 2023.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA. **Resíduos da Produção: aves**. Aves. 2021. EMBRAPA AVES. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/criacoes/frango-de-corte/producao/meio-ambiente/residuos-da-producao>. Acesso em: 24 abr. 2023

ESPÍNDOLA, Carlos José. A cadeia produtiva de frango de corte na América do Sul: considerações preliminares. **12º Encontro de Geógrafos da América Latina**, v. 3, 2009. Disponível em: <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Geografiasocioeconomica/Geografiaeconomica/76.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ESPINDOLA, Carlos José. **As agroindústrias de carne do Sul do Brasil**. 2002. 274 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

ESPÍNDOLA, Carlos José; BASTOS, José Messias. Reestruturação agroindustrial e comercial no Brasil. **Cadernos Geográficos. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis**, 2005. Disponível em: [Cadernos-Geográficos-UFSC-Nº-09-Reestruturacao-Agroindustrial-e-Comercial-no-Brasil.-Março-2005.pdf](https://www.ufsc.br/revistas/Geograficos/UFSC-Nº-09-Reestruturacao-Agroindustrial-e-Comercial-no-Brasil.-Março-2005.pdf). Acesso em 24 out. 2023.

EXPRESSO MT. **BRF anuncia encerramento de produção de aves em Campo Verde (MT)**. Lucas do Rio Verde. [n.p]. 25 jun. 2018. Disponível em: <https://www.expressomt.com.br/noticia/brf-anuncia-encerramento-de-producao-de-aves-em-campo-verde-mt/2066589>. Acesso em: 20 mar. 2024.

FALCÃO, Marcio. **BRF anuncia encerramento de produção de aves em Campo Verde (MT) e avicultores se preocupam.** [s.l.]. 14 jun. 2018. G1 Mato Grosso. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/brf-anuncia-encerramento-de-producao-de-aves-em-campo-verde-mt-e-avicultores-se-preocupam.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2024

FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA DO ESTADO DO PARANÁ. **Prosperidade da avicultura não chega ao produtor.** Faep. [S.L.], p. 1-1. 26 dez. 2023. Disponível em: <https://www.sistemafaep.org.br/prosperidade-da-avicultura-nao-chega-ao-produtor/>. Acesso em: 27 out. 2024.

FORBES. **Marfrig alcança participação superior a 50% na BRF.** Forbes Brasil. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesagro/2023/12/marfrig-alcanca-participacao-superior-a-50-na-brf/>. Acesso em: 3 out. 2024.

FERNÁNDEZ, Victor Ramiro; MORETTI, Luciano. Un nuevo sistema mundo desde el Sur Global: gran convergencia y desplazamiento geográfico acelerado. **Geopolítica(S). Revista de Estudios Sobre Espacio y Poder**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 313-344, 26 out. 2020. Universidad Complutense de Madrid (UCM). <http://dx.doi.org/10.5209/geop.69203>. Disponível em: <https://revistas.ucm.es/index.php/GEOP/article/view/69203> . Acesso em: 20 jun. 2024.

FREDERICO, Samuel. Agricultura científica globalizada e fronteira agrícola moderna no Brasil. **Confins. Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 17, 2013. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/8153> Acesso em: 18 jan. 2024.

FREDERICO, Samuel. Imperativo das exportações e especialização agrícola do território brasileiro: das regiões competitivas à necessidade de regiões cooperativas. **Geografia**, v. 37, n. 1, p. 5-18, 2012. Disponível em: [IMPERATIVO DAS EXPORTAÇÕES E ESPECIALIZAÇÃO AGRÍCOLA DO TERRITÓRIO BRASILEIRO: DAS REGIÕES COMPETITIVAS À NECESSIDADE DE REGIÕES COOPERATIVAS | GEOGRAFIA \(unesp.br\)](https://unesp.br/revista-geografia/2012/1/5-18). Acesso em 21 ago. 2023.

FURTADO, Celso. **A Economia Latino Americana: formação histórica e problemas contemporâneos.** 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

FURTADO, Celso. **Raízes do Subdesenvolvimento.** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

G1 SANTA CATARINA. **Avicultores de SC temem prejuízos altos com problemas para exportar frango para União Europeia.** G1 Santa Catarina. Florianópolis, p. 1-1. 24 abr. 2018c. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/campo-e-negocios/noticia/avicultores-de-sc-temem-prejuizos-altos-com-problemas-para-exportar-frango-para-uniao-europeia.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

G1 SANTA CATARINA. **BRF anuncia ajustes na unidade de Chapecó; sindicato diz que 350 funcionários serão demitidos.** G1 Santa Catarina. Florianópolis, p. 1-1. 28 jun. 2018e. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/brf-anuncia-ajustes-na-unidade-de-chapeco-sindicato-diz-que-350-funcionarios-serao-demitidos.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

G1 SANTA CATARINA. **BRF retoma linha de produção de frango com 1,1 mil funcionários em Chapecó. G1 Santa Catarina.** Florianópolis, p. 1-1. 14 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2019/01/14/brf-retoma-linha-de-producao-de-frango-com-11-mil-funcionarios-em-chapeco.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2024.

G1 SANTA CATARINA. **Frigorífico anuncia fechamento em Ipuacu e demite mais de 600 funcionários. G1.** Florianópolis, p. 0-1. 11 jun. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/campo-e-negocios/noticia/frigorifico-anuncia-fechamento-em-ipuacu-e-demite-mais-de-600-funcionarios.ghtml>. Acesso em: 14 mar. 2024

G1 SANTA CATARINA. **JBS anuncia encerramento de abate de aves na unidade de Morro Grande, SC.** 2017a. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/jbs-anuncia-fechamento-de-unidade-de-morro-grande-sc.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2024

G1 SANTA CATARINA. **JBS fecha unidade em Morro Grande e ao menos 740 devem ser demitidos.** 2017b. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/jbs-fecha-unidade-em-morro-grande-e-ao-menos-740-devem-ser-demitidos.ghtml>. Acesso em: 12 mar. 2024

G1 SANTA CATARINA. **SC tem 3 frigoríficos proibidos de exportar frango para a UE. G1 Santa Catarina.** Florianópolis, p. 1-1. 19 abr. 2018d. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/campo-e-negocios/noticia/sc-tem-3-frigorificos-proibidos-de-exportar-frango-para-a-ue.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

G1 SANTA CATARINA. **Funcionários da BRF de Chapecó aceitam acordo de lay-off e podem ficar parados até janeiro de 2019. G1 Santa Catarina.** Florianópolis, p. 1-1. 11 jul. 2018f. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/campo-e-negocios/noticia/funcionarios-da-brf-de-chapeco-aceitam-acordo-de-lay-off-e-podem-ficar-parados-ate-janeiro-de-2019.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

GALEANO, Eduardo. **As Veias Abertas da América Latina.** Porto Alegre: L&Pm, 2011.

GAZETA DO POVO. **Aquisição Minerva compra nove frigoríficos da JBS por quase R\$ 1 bilhão:** uma das maiores empresas de produção de carne da América do Sul adquiriu nove frigoríficos da JBS, localizados em três países. **Gazeta do Povo.** S.l. 06 jun. 2017. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/agronegocio/pecuaria/minerva-compra-nove-frigorificos-da-jbs-por-quase-r1-bilhao-14695m3soduco3jwvtfhsobv7/>. Acesso em: 27 nov. 2023

GLOBO RURAL. **Parada de frigorífico gera prejuízos no Oeste de SC. Globo Rural.** [S.L], p. 1-1. 21 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2018/10/21/parada-de-frigorifico-gera-prejuizos-no-oeste-de-sc.ghtml>. Acesso em: 21 set. 2024.

GEMELLI, Diane Daniela. NOVOS TERRITÓRIOS DE ACUMULAÇÃO DO CAPITAL AVÍCOLA: as marcas territoriais para o trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA, 7., 2014, Vitória. **Anais VII Congresso Brasileiro de Geografia.** Vitória:

Agb, 2014. p. 1-12. Disponível em:

https://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1404143317_ARQUIVO_tbocbg-Novosterritoriosdeacumulacaodocapitalavicola.pdf. Acesso em: 09 set. 2024.

GEORGE, Pierre. **Panorama do Mundo Atual**. 3. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970. 254 p. Tradução de Pedro de Alcântara Figueira

GIRARDI, Eduardo Paulon. A construção de uma cartografia geográfica crítica. **Revista Geográfica de América Central**, v. 2, n. 47E, 2011.

GTA. GRANJA TRÊS ARROYOS. **Establecimientos**. 2023. GTA. Disponível em: <https://www.grupogta.com.ar/marcas/wade>. Acesso em: 23 nov. 2023

GROWTH LAB. Harvard. **THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY: country profiles. COUNTRY PROFILES**. 2023. Harvard. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu/>. Acesso em: 20 ago. 2023

HARVEY, David. **17 Contradições e o Fim do Capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016. 297 p. Tradução de Rogério Bettoni.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014. 382 p.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: História e Implicações**. São Paulo: Edição Loyola, 2005.

HIDALGO, Erika. Atualização: brasileiras brf e sadia vendem avícola argentina avex por usd 45 milhões. **Lexlatin**. [s.l.] 13 fev. 2019. Disponível em: <https://br.lexlatin.com/noticias/brasilenas-brf-y-sadia-venden-aavex-45-millones>. Acesso em: 27 nov. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cadastro Central de Empresas: tabela 6450 - unidades locais, pessoal ocupado total e assalariado, salários e outras remunerações, por seção, divisão, grupo e classe da classificação de atividades (cnae 2.0). Tabela 6450 - Unidades locais, pessoal ocupado total e assalariado, salários e outras remunerações, por seção, divisão, grupo e classe da classificação de atividades (CNAE 2.0). 2023a. IBGE. Disponível em: [Tabela 6450: Unidades locais, pessoal ocupado total e assalariado, salários e outras remunerações, por seção, divisão, grupo e classe da classificação de atividades \(CNAE 2.0\) \(ibge.gov.br\)](#). Acesso em: 15 jun. 2023

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Divisão político-administrativa e regional**. 2024. IBGE EDUCA. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/territorio/18310-divisao-politico-administrativa-e-regional.html#:~:text=O%20Brasil%20est%C3%A1%20dividido%20em%20cinco%20Grandes%20Regi%C3%B5es:%20Norte,%20Nordeste,>. Acesso em: 03 out. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Pecuária Municipal: tabela 3939 efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho. Tabela 3939 Efetivo dos

rebanhos, por tipo de rebanho. 2023b. IBGE. Disponível em: [Tabela 3939: Efetivo dos rebanhos, por tipo de rebanho \(ibge.gov.br\)](#). Acesso em: 10 maio 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Trimestral do Abate de Animais: tabela 1094 - número de informantes, quantidade e peso total das carcaças dos frangos abatidos, no mês e no trimestre, por tipo de inspeção. Tabela 1094 - Número de informantes, Quantidade e Peso total das carcaças dos frangos abatidos, no mês e no trimestre, por tipo de inspeção. 2023c. IBGE. Disponível em: [Tabela 1094: Número de informantes, Quantidade e Peso total das carcaças dos frangos abatidos, no mês e no trimestre, por tipo de inspeção \(ibge.gov.br\)](#). Acesso em: 10 jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Produção de Ovos de Galinha: o que é. O que é. 2023d. IBGE. Disponível em: [Tabela 915: Número de informantes, Número de galinhas poedeiras e Quantidade de ovos produzidos, no mês e no trimestre \(ibge.gov.br\)](#). Acesso em: 24 jun. 2023

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS Y CENSOS. **Cuadros Estadísticos**. 2022. INDEC. Disponível em: <https://www.indec.gov.ar/indec/web/Nivel4-Tema-3-8-89>. Acesso em: 25 out. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICAS Y CENSOS. **Censo Nacional de Población, Hogares y Viviendas**. 2022. INDEC CENSO. Disponível em: https://censo.gob.ar/index.php/datos_definitivos_cordoba/. Acesso em: 18 out. 2024.

INSTITUTO GEOGRÁFICO NACIONAL. **ANIDA**. Atlas Nacional Interativo de Argentina. 2019 disponível em: <https://anida.ign.gob.ar> Acesso em 03 Out. 2024

INFOALIMENTACIÓN. **Granja Tres Arroyos oficializó la compra de Cresta Roja**: la compañía alimenticia granja tres arroyos asumió el control operativo de la malograda cresta roja y se abocará a la industrialización de la marca que antes dependía de proteínsa sa.. **Infoalimentación: Noticias del sector de industrias de la Alimentación**. 23 mar. 2018. Disponível em: <https://infoalimentacion.com.ar/2018/03/23/granja-tres-arroyos-cresta-roja/> . Acesso em: 27 nov. 2023

ITEN, Dorian Orfeo. **Commodity dependence in Latin America**: an empirical analysis. 2021. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2021. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/31428> . Acesso em: 23 ago. 2023.

JBS SA. **Localização e Áreas de Atuação**. 2023. JBS Relações com Investidores. Disponível em: <https://ri.jbs.com.br/a-jbs/localizacao-e-areas-de-atuacao/> . Acesso em: 26 nov. 2023.

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. **Sociedade & Natureza**, v. 22, p. 475-485, 2010.

KUSSANO, Marilin Ribeiro; BATALHA, Mário Otávio; MIRANDA, Paulo Sérgio Mendonça. OS DESAFIOS DE ADEQUAÇÃO À QUESTÃO AMBIENTAL: DIAGNÓSTICO, LIMITAÇÕES E POSSIBILIDADES DE UM FRIGORÍFICO AVÍCOLA. *In: XXVIII ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO A INTEGRAÇÃO DE CADEIAS PRODUTIVAS COM A ABORDAGEM DA*

MANUFATURA SUSTENTÁVEL., 28., 2008, Rio de Janeiro. ENGEPE. Rio de Janeiro. , 2008. Disponível em: https://abepro.org.br/biblioteca/enegep2008_tn_sto_079_550_11843.pdf . Acesso em: 25 abr. 2023.

LA CIUDAD. **SE AGUDIZA LA CRISIS EN EL SECTOR AVÍCOLA**. *La Ciudad*. [S.l], p. 0-1. 08 jul. 2017. Disponível em: <https://laciudadrevista.com/se-recordo-el-dia-de-la-independencia-nacional/>. Acesso em: 20 mar. 2024

LAPORTA, Taís. JBS vende para a Minerva negócios na Argentina, Paraguai e Uruguai: operação foi fechada por us\$ 300 milhões. esta é a primeira venda de ativos da empresa desde escândalos de corrupção envolvendo o governo. **G1**. Sl, 06 jun. 2017. Economia, Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/jbs-vende-negocios-na-argentina-paraguai-e-uruguai.ghtml> . Acesso em: 27 nov. 2023.

LAS CAMELIAS. **Nuestra Gente**. 2023. Disponível em: <https://www.lascamelias.com.ar/nuestra-gente/> . Acesso em: 28 nov. 2023.

LAZZARI, Martinho Roberto. Avicultura de corte no Brasil: uma comparação entre as Regiões Sul e Centro-Oeste. **Indicadores Econômicos FEE**, v. 31, n. 4, p. 259-290, 2004. Disponível em: [Avicultura de corte no Brasil: uma comparação entre as Regiões Sul e Centro-Oeste | Lazzari | Indicadores Econômicos FEE \(planejamento.rs.gov.br\)](http://planejamento.rs.gov.br/Avicultura-de-corte-no-Brasil-uma-comparacao-entre-as-Regioes-Sul-e-Centro-Oeste-Lazzari-Indicadores-Economicos-FEE). Acesso em: 08 nov. 2023.

LAVOZ. **La avícola cordobesa Avex pasó a manos del grupo brasileño BRF**. *Lavoz*. Córdoba, 04 out. 2011. p. 1-1. Disponível em: <https://www.lavoz.com.ar/noticias/negocios/avicola-cordobesa-avex-paso-manos-grupo-brasileno-brf/>. Acesso em: 15 set. 2024.

Lê NOTÍCIAS. **Jaguá Frangos irá assumir frigorífico que seria fechado em Ipuacu**. *Lê Notícias*. Chapecó, p. 0-1. 21 jun. 2018. Disponível em: <https://www.lenoticias.com.br/noticia/3775/jagua-frangos-ira-assumir-frigorifico-que-seria-fechado-em-ipuacu>. Acesso em: 14 mar. 2024.

LIMA, Fábio de; FACCIN, Ana Carolina Torelli Marquezini. O processo de reestruturação da avicultura no Mato Grosso do Sul: a relação entre as empresas JBS e BRF e os produtores integrados. **Geosul**, v. 34, n. 71, p. 197-212, 2019. Disponível em: [O processo de reestruturação da avicultura no Mato Grosso do Sul: a relação entre as empresas JBS e BRF e os produtores integrados | Geosul \(ufsc.br\)](http://ufsc.br/O-processo-de-reestruturação-da-avicultura-no-Mato-Grosso-do-Sul-a-relação-entre-as-empresas-JBS-e-BRF-e-os-produtores-integrados) Acesso em: 10 nov. 2023.

LONGONI, Matias. La salida de BRF de la Argentina se produce del peor modo: con decenas de despidos. **Bichos de Campo**. [S.l.], p. 0-1. 20 jul. 2018. Disponível em: <https://bichosdecampo.com/la-salida-de-brf-de-la-argentina-se-produce-del-peor-modo-con-decenas-de-despidos/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

MARTINELLI, Marcelo. **Mapas da geografia e cartografia temática**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

MAÇANEIRO, Ailla. **Gripe aviária: quais os impactos do embargo do Japão para Santa Catarina**: país asiático é o maior cliente do frango catarinense; em 2022, japoneses

importaram do estado us\$ 310,8 milhões em carne, ovos e subprodutos de aves. País asiático é o maior cliente do frango catarinense; em 2022, japoneses importaram do estado US\$ 310,8 milhões em carne, ovos e subprodutos de aves. 2023. AFNEWS. Disponível em: <https://afnews.com.br/gripe-aviaria-quais-os-impactos-do-embargo-do-japao-para-santa-catarina/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. 2024. Michaelis UOL. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vulner%C3%A1vel/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

MIZUSAKI, Márcia Yukari. **Território e reestruturação produtiva na avicultura**. Dourados: Editora UFGD, 2009. Disponível em: <https://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/EDITORA/catalogo/territorio-e-reestruturacao-productiva-na-avicultura-mizusaki-marcia-yukari.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2023

MC LOUGHLIN, Diego. **Diagnostico de la cadena carnica avicola en Argentina**. 2013. 39 f. TCC (Graduação) - Curso de Agronomía. Facultad de Agronomía y Veterinaria, Universidad Nacional de Rio Cuarto, Rio Cuarto, 2013. Disponível em: <https://repodigital.unrc.edu.ar/xmlui/handle/123456789/73698>. Acesso em: 28 nov. 2023

MINERVA FOODS SA. **Linha do Tempo**: 2017. 2017. 2023. Minerva. Disponível em: https://minervafoods.com/a-empresa/#timeline-block_6384aa56e15b0. Acesso em: 27 nov. 2023

MOTTER, Crislaine. **O AGRONEGÓCIO DE CARNES DE AVES E SUÍNOS E A ESPECIALIZAÇÃO REGIONAL DO OESTE CATARINENSE**. 2020. 235 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/29981/1/AgronegocioCarnesAves.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2024

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. A mundialização da agricultura brasileira. **In: XII Colóquio Internacional de Geocrítica**, Bogotá, 2012.

OLIVEIRA, Edmar da Silva; BIAZOTO, Carlos Donizete dos Santos. Avaliação dos impactos ambientais causados pelos aviários no município de Assis Chateaubriand, no oeste do estado do Paraná, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, v. 8, n. 2, p. 45, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7395434> Acesso em: 30 abr. 2023

ORIGLIA, Gabriela. Empezó con 12 gallinas, es una de las que más exporta y su cuarta generación invierte US\$27 millones: la avícola las camelias, firma que nació en entre ríos, exporta el 30% de su producción y apuesta a mejoras para un producto en crecimiento, según expresó pablo marsó, que integra la familia que la conduce. **La Nacion**. S.L. 2 abr. 2022. Disponível em: <https://www.lanacion.com.ar/economia/campo/empezo-con-12-gallinas-es-una-de-las-que-mas-exporta-y-su-cuarta-generacion-invierte-us27-millones-nid09022022/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

OTERO, Yanina. BRF: despedidos masivos para acelerar venta de frigorífico avícola Avex. **Ámbito**. [S.L], p. 0-1. 20 jul. 2018. Disponível em: <https://www.ambito.com/edicion->

impresa/brf-despidos-masivos-acelerar-venta-frigorifico-avicola-avex-n4028085. Acesso em: 20 mar. 2024.

PACHECO NETO, Gelso et al. Avaliação dos impactos ambientais de atividade avicultora em Pinhal da Serra, Rio Grande do Sul, Brasil. **Revista Brasileira de Gestão Ambiental e Sustentabilidade**, v. 5, n. 9, p. 41-48, 2017. Disponível em: <http://revista.ecogestaobrasil.net/v5n9/v05n09a03a.html> Acesso em 30 abr. 2023

PALACIOS, Estela Paula. **El complejo agroindustrial avícola argentino**. 2003. Tese de Doutorado. Universidad Nacional de La Plata. Disponível em: <https://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/1783>. Acesso em 10 jan.2024

PALHARES, Julio Cesar Palcale; KUNZ, Airton (org.). **Manejo Ambiental na Avicultura**. Concórdia: Embrapa, 2011. EMBRAPA. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/handle/doc/920466?locale=es>. Acesso em: 20 abr. 2023.

PEIXOTO, Jean Carlo Badan. **Avaliação dos aspectos e impactos ambientais de um aviário de postura na cidade de Roncador–Paraná**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em: <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/6796>. Acesso em 30 abr. 2023

PERTILE, Noeli. **FORMAÇÃO DO ESPAÇO AGROINDUSTRIAL EM SANTA CATARINA**: o processo de produção de carnes no oeste catarinense. 2008. 322 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/91823/259514.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 05 set. 2024.

PINTO, LAURA ADRIANE DE MORAES et al. Aspectos ambientais do abate de aves: uma revisão. **Uningá Review**, v. 22, n. 3, 2015. Disponível em: <https://revista.uninga.br/uningareviews/article/view/1629/1240> Acesso em: 25 abr. 2023

POCHMANN, Marcio. Economia global e a nova Divisão Internacional do Trabalho. **Campinas: IE/Unicamp**, 2000. Recuperado de: <https://doczz.com.br/doc/691854/economia-global-e-a-nova-divis%C3%A3o-internacional-do-trabalho->. Acesso em: 27 abr. 2023.

PONTELLI, Carolina. La cadena cárnica en Argentina: sectores porcino y avícola. In: STUMPO, Giovanni; RIVAS, Diego (comp.). **La industria argentina frente a los nuevos desafíos y oportunidades del siglo XXI**. Santiago: Cepal, 2013. p. 295-343

PORTAL AGRONEGÓCIO. **BRF anuncia encerramento de produção de aves em Campo Verde (MT)**. **Portal Agronegócio**. [S.L.], p. 1-1. 25 jun. 2018. Disponível em: <https://www.portaldoagronegocio.com.br/gestao-rural/analise-de-mercado/noticias/brf-anuncia-encerramento-de-producao-de-aves-em-campo-verde-mt-173062>. Acesso em: 15 set. 2024.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. **A globalização da natureza e a natureza da globalização**. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017. 461 p.

SANDRONI, Paulo (org.). **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Círculo do Livro, 1999.

RÁDIO CAPINZAL. **Integrados da BRF utilizam tecnologia para ter produção mais eficiente. Rádio Capinzal**. Capinzal, p. 1-1. 13 maio 2022. Disponível em: <https://www.capinzalfm.com.br/noticia/integrados-da-brf-utilizam-tecnologia-para-ter-producao-mais-eficiente>. Acesso em: 27 set. 2024.

RAZZETTI, Nicolas. La mayor avícola argentina, Granja Tres Arroyos, vendió 34% de sus acciones al gigante del rubro alimenticio Tyson Foods **Bichos de Campo**. [SI], 25 nov. 2022. Disponível em: <https://bichosdecampo.com/la-mayor-avicola-argentina-granja-tres-arroyos-vendio-34-de-sus-acciones-al-gigante-del-rubro-alimenticio-tyson-food/>. Acesso em: 24 fev. 2024.

REPÓRTER BRASIL. **A indústria do frango no Brasil**. São Paulo, 2016. Disponível em: https://reporterbrasil.org.br/wp-content/uploads/2017/09/Monitor2_PT.pdf. Acesso em 15 fev. 2024

RIPPLINGER, Fabiane. COOPERATIVISMO NO SUL DO BRASIL: influências do circuito espacial produtivo de carne-grãos. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS BRASIL PERIFERIA A GEOGRAFIA PARA RESISTIR E A AGB PARA CONSTRUIR, 20., 2022, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Agb, 2022. p. 01-11. Disponível em: <https://www.eng2022.agb.org.br/site/anais?AREA=13>. Acesso em: 10 nov. 2023.

RIPPLINGER, Fabiane. **DINÂMICA LOCACIONAL DA INDÚSTRIA**: estudo de caso de uma agroindústria catarinense. 2019. 64 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3139/1/RIPPLINGER.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2024.

ROCHA, Alda do Amaral. **Marfrig usará Sadia, da BRF, como sua marca de expansão global**. Globo Rural. Disponível em: <https://globo rural.globo.com/negocios/noticia/2024/10/marfrig-usara-sadia-da-brf-como-sua-marca-de-expansao-global.ghtml>. Acesso em: 25 out. 2024.

SANTOS, Henrique Faria dos; CASTILLO, Ricardo. Vulnerabilidade territorial do agronegócio globalizado no Brasil: crise do setor sucroenergético e implicações locais. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 24, n. 3, p. 508-532, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/166602/165994> Acesso em: 18 jan. 2024

SANTOS, Milton. Da política dos Estados à política das empresas. **Cadernos da Escola do Legislativo**, v. 3, n. 6, p. 9–23–9–23, 1997.

SANTOS, Henrique Faria dos. **Especialização Regional Produtiva E Vulnerabilidade Territorial No Agronegócio Globalizado**: implicações locais da expansão e crise do setor sucroenergético no Brasil. 2022. 465 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/1243865>. Acesso em: 09 set. 2024.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: técnica e tempo razão e emoção. 4. ed. 9. reimpr. São Paulo: Edusp, 2017. 384 p.

SANTOS, Milton. **Da Totalidade do Lugar**. 1. ed. 3. reimpr. São Paulo: Edusp, 2014c, 176p.

SANTOS, Milton. Espaço e Método. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2014a.

SANTOS, Milton. Et Al. O papel ativo da geografia: um manifesto. **Encontro Nacional de Geógrafos**, Florianópolis, 2000. Recuperado de https://miltonsantos.com.br/site/wp-content/uploads/2011/08/O-papel-ativo-da-geografia-um-manifesto_MiltonSantos-outras_julho2000.pdf. Acesso em 13 mar. 2023.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014b.

SANTOS, Milton. O Retorno do Território. In: SANTOS, Milton; SOUZA, Maria Adélia de; SILVEIRA, Maria Laura (org.). **Território**: globalização e fragmentação. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1998. Cap. 1. p. 15-20.

SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização**: do pensamento único à consciência universal. 19. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século xxi. 19. ed. São Paulo: Record, 2016. 475 p.

SANTOS, Milton. **Técnica Espaço Tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SATC. **O impacto social e econômico do fechamento da JBS em Morro Grande**. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0V7DalEqJGk>. Acesso em: 13 mar. 2024.

SCC SBT. **Avicultores de Morro Grande acumulam prejuízos após fechamento da JBS**. 2017. SBT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8JdBEPj8Mhk>. Acesso em: 13 mar. 2024

SCHERMA, Ricardo Alberto; RIPPLINGER, Fabiane; DALMORA, Tiago Wilian Rocha. Produção Avícola e uso do Território Brasileiro: dinâmica crises e vulnerabilidades territoriais. In: BERNARDES, Júlia Adão; MONTEIRO, Daniel Macedo Lopes Vasques; PEIXINHO, Dimas Moraes; MONTEIRO, Jorge Luiz Gomes; ARACRI, Luís Angelo dos Santos; ARRUZZO, Roberta Carvalho (org.). **O circuito Carne Grãos no Centro-Oeste**: circuitos produtivos dinâmicas territoriais e contradições. Rio de Janeiro: Lamparina, 2021. Cap. 9. p. 201-223.

SCHMIDT, Nádia Solange; SILVA, Christian Luiz da. Pesquisa e desenvolvimento na cadeia produtiva de frangos de corte no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 56, n. 3, p. 467-482, 2018.

SENASA. Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria. Ministerio de Economía. Secretaría de Agricultura Ganadería y Pescasenasa. **Industria**: avícola. 2023. SENASA. Disponível em: <http://www.senasa.gob.ar/cadena-animal/aves/industria>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SENASA. Servicio Nacional de Sanidad y Calidad Agroalimentaria. Ministerio de Economía. Secretaría de Agricultura Ganadería y Pescasenasa. **Informes e Estadísticas** 2023. SENASA. Disponível em: [Informes y estadísticas | SENASA](#) Acesso em: 21 jun. 2023.

SILVEIRA, Daniela da Cunha; VIEIRA, Flávia Monaco. Caracterização da geração de resíduos da produção de frangos de corte. **Naturae**, v. 2, n. 1, p. 34-39, 2020. Disponível em: <https://www.sapientiae.com.br/index.php/naturae/article/view/CBPC2674-6441.2020.001.0004> acesso em: 25 abr. 2023.

SILVEIRA, María Laura. **Argentina**: território e globalização. 1. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SILVEIRA, María Laura. Los territorios corporativos de la globalización. **Geograficando**, v. 3, n. 3, 2007. Disponível em: <http://sedici.unlp.edu.ar/handle/10915/13941> Acesso em 9 mar. 2023.

SILVEIRA, Maria Laura. O território em pedaços. **ComCiência**, n. 133, p. 0-0, 2011. Disponível em: http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000900007&lng=en&nrm=iso&tlng=es Acesso em: 10 mar. 2023.

SILVEIRA, María Laura. Por uma Teoria do Espaço Latino-americano. In: Amalia Inés Geraiges de Lemos, María Laura Silveira, Mônica Arroyo (org.). **Questões territoriais na América Latina**. Buenos Aires, Ed. Clacso, 2006.

SILVEIRA, Maria Laura. Região e globalização: pensando um esquema de análise. **Redes. Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 15, n. 1, p. 74-88, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5520/552056847004.pdf> Acesso em: 10. mar. 2023.

SILVEIRA, María Laura. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Ciência Geográfica**. v. 15. 2011. Disponível em: <https://ri.conicet.gov.ar/handle/11336/193695>. Acesso em: 25 set. 2023.

SINDICATO NACIONAL DA INDÚSTRIA DE RAÇÃO ANIMAL. **Boletim Setorial**: maio 2024. maio 2024. 2024. Sindirações. Disponível em: <https://sindiracoes.org.br/boletim-informativo-do-setor/#>. Acesso em: 19 out. 2024.

SINGER, Renan Cezar. **A GOVERNANÇA NAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR**: o caso da Brasil Foods. 2017. 72 f. TCC (Graduação) - Curso de Curso de Relações Internacionais, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/184963/Monografia%20do%20Renan.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 25 ago. 2024.

SMITH, Neil. **Desarrollo desigual. Naturaleza, capital y la producción del espacio.** Traficantes de Sueños. Madrid. 2020. 279p. Disponível em: <https://traficantes.net/libros/desarrollo-desigual>.

TELEDIARIO DIGITAL. **La crisis de Avex y la mirada de trabajadores brasileños que llegaron a la empresa.** 2018. Reportagem em Vídeo 2, 12 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZFn5pPINaeE>. Acesso em: 18 out. 2024.

TELEDIARIO DIGITAL. **La crisis de Avex y los despidos en la industria: Críticas del municipio a la Nación.** 2018. Reportagem em Vídeo 2, 14 min. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pKEdSj_UFX4 . Acesso em: 19 out. 2024.

TELEDIARIO DIGITAL. **Por despidos masivos, fuerte protesta de trabajadores de la ex Avex.** 2016. Reportagem em Vídeo 2, 12 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gqNdbIz4gSw>. Acesso em: 18 out. 2024.

TELEDIARIO. **La crisis de Avex y los despidos en la industria: Críticas del municipio a la Nación. Telediário.** Río Cuarto, p. 0-1. 17 jul. 2018. Disponível em: <https://www.telediariodigital.net/2018/07/la-tesis-de-avex-y-los-despidos-en-la-industria-el-municipio-apunto-a-la-nacion/> Acesso em: 18 out. 2024.

TVREAL SBT. Campo Verde: Tv Real, 2019. (4 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vY-PMf4sdZM&t=41s> Acesso em: 26 set. 2024.

UNIVERSIDAD NACIONAL DE RÍO CUARTO. **Datos Útiles de Río Cuarto.** 2024. UNRC. Disponível em: <https://www.unrc.edu.ar/unrc/unisoc/rioiv.php>. Acesso em: 18 out. 2024.

UNITED NATIONS CONFERENCE ON TRADE AND DEVELOPMENT (org.). **COMMODITY DEPENDENCE: a twenty-year perspective.** Genebra: ONU, 2021. UNCTAD. Disponível em: unctad.org/system/files/official-document/ditccom2021d2_en.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

VAGNOLA, Adriana; RICOTTO, Lorena; HARRIAGUE, María Marcela. La gobernanza y otras características de la cadena aviar en la región de Río Cuarto. In: **XIX Jornadas de Intercambio de Conocimientos Científicos y Técnicos. Facultad de Ciencias Económicas. Universidad Nacional de Río Cuarto.** UNCR. Río Cuarto. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Harriague/publication/277320009_La_gobernanza_y_otras_caracteristicas_de_la_cadena_aviar_en_la_region_de_Rio_Cuarto/links/55677a0c08aeab77721ea985/La-gobernanza-y-otras-caracteristicas-de-la-cadena-aviar-en-la-region-de-Rio-Cuarto.pdf. Acesso em 02 set. 2024

VIEIRA, Daniel Cordeiro. **A TERRITORIALIZAÇÃO DA JBS NO BRASIL E NA ARGENTINA E SEU IMPACTO INTERNACIONAL.** 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe, Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/1f2aa31a-b9ad-42af-95d5-4d596d81c7fc/content>. Acesso em: 25 nov. 2023.

ZILLI, Julcemar Bruno; SOUSA, D. P.; BARROS, G. S. C. Produção de frango de corte: uma comparação sócio-econômica dos avicultores da região sul e da região centro-oeste do Brasil. **Passo Fundo**, 2005. Disponível em: [*01-2005 - julcemar.pmd \(researchgate.net\)](#) Acesso em: 08 nov. 2023.